

3 1761 07043165 5

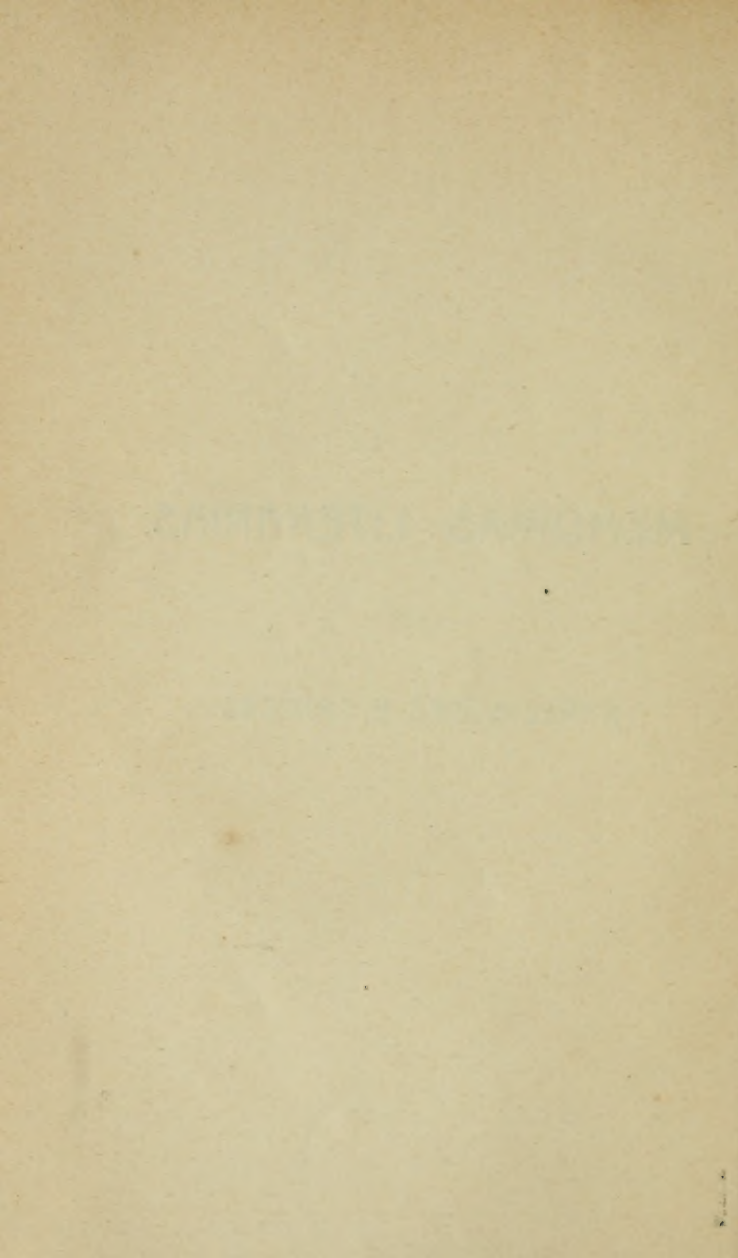


Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

4/20

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

APRECIÇÕES E CRÍTICAS



Memórias Literárias

APRECIACÕES E CRÍTICAS

POR

David Correia

SANCHES DE FRIAS



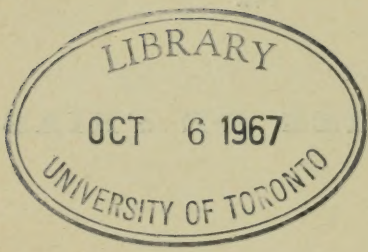
LISBÔA-1907

COMPÓSTO E IMPRESSO NA TYP. DA EMPRÊSA LITERÁRIA E TYPOGRAPHICA

RUA DE D. PEDRO, 184 — PÔRTO

UNIVERSITY OF TORONTO

LIBRARY



PQ
9051
S3

AO

Gremio Literário Português

DO PARÁ

DEDICA

O ex-presidente e sócio graduado

Visconde de Sanches de Frias.

As nossas memórias



E bem nos lembramos, Alexandre Herculano asseverou, num dos seus livros, que no meio de uma nação decadente, mäs rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma especie de magistratura moral, é uma especie de sacerdócio.

— Exercitem-no — clamava êle — os que podem e sabem, porque não o fazêr é um crime...

Ora, na tradição, propriamente dita, figuram as lêtras, como elemento primacial, e consequentemente os nomes dos que as praticaram com proficuidade.

Recordar êsses nomes, a que muitas vêzes faltaram desastradamente incentivos creadôres e a publicidade necessária, é cumprir a recomendação do nosso historiadôr, é satisfazêr portanto um acto de patriotismo, embora, como em alguns pontos dêste livro, se não trate de sumidades, incensadas pelo rumôr das turbas, quase sempre injustas, levianas ou ignaras.

As figuras da nossa galeria, á exceção de uma,

fôram tôdas do nosso conhecimento, próximo ou remoto, directo ou espiritual, demorado ou passageiro; e dahi vem, com o império, que sôbre o nosso temperamento exercem determinadas recordações, a razão capital de coligirmos escritos, alguns dos quaes andavam dispersos em publicações alheias.

Quando outro valôr se lhes não attribua, ficar-lhes-á o de expôr aos olhos dos entendidos e dos amigos das boas lêtras muitas peças não divulgadas e numerosas notícias não sabidas.

Sobram-nos já testemunhos de gente douta nêsse ponto essencial.

Isso nos basta, porque o aplauso dos que sabem é a moeda única, a que podem aspirar os que, devota e desinteressadamente, moirejam em escrita portugêsa.

E por fim, quando outras razões não imperassem, a publicação dêste livro, seria, mais uma vêz, a confirmação do lema seguinte de nosso uso:

— A investigação e o registo do passado representam um culto, devido á memória dos que fôram, ao mêsmo tempo, laboriosos, inteligentes e bons.

E dêste lema não aberraremos nunca.

Lisbôa.

Largo do Intendente
abril de 1807.

SANCHES DE FRIAS.



Candido de Figueiredo

A esta figura primacial cabe o primeiro lugar, a cabeceira do rol, por sêr o único ente vivo da galeria de mortos, aqui representada.

Os períodos, que lhe desenharem o vulto, cedem ao impulso fortíssimo de uma ação espontânea, fria e calma, livre dos preconceitos da amizade, isenta por inteiro das seduções de uma devota simpatia.

Não podem apresentar o homem tal qual o estimamos; pintar o escritôr com tôdos os attributos, que lhe engrandecem o nome; nem descrevêr o funcionário público, segundo a nota dos seus serviços, porque em períodos fugitivos não cabe a tela completa dessa magnífica trindade; nem as acanhadas proporções de umas notas passageiras e superficiaes, que alargadas necessitariam de um livro, pretendem mais do que esboçar, a traço leve, o perfil de Candido de Figueiredo.

Pois temos pena de que assim seja, mäs descansamos inteiramente num amanhã mais ou menos

longo, em que melhor ensêjo e a pujança de mão superior á nossa hão-de necessariamente penetrar com desassombro nos recantos modestíssimos de um re-traiamento injustificavel, arrancando de lá completa, espelhada e firme a personagem, que desejávamos apresentar a descoberto.

Emquanto isso não acontece, á falta de melhor, vamos nós esboçando recordações, que de outra coisa não trata êste livro, para elucidação alheia e para a intimidade do nosso uso, com a despretenção libérrima, que nos caracteriza em absoluto.

*

* * *

Começamos por um levíssimo toque biográfico.

Antonio Candido de Figueiredo nasceu a 19 de setembro de 1846, em Lobão, aldeia do districto de Vizeu.

No seminário desta cidade, onde foi educado, recebeu êle o primeiro batismo de amor ás lètras, ainda em vêrdes anos, colaborando em várias fôlhas periódicas de Vizeu e Coimbra.

As pomposas tendências de uma imaginação irrequieta, que subia constantemente ás alturas poéticas de um ceu constelado de estrêlas fascinantes, uns sonhos de risonha inexperiência, a atração, que o impelia para a convivência social, e por cima de tudo uma índole franca, aberta aos melhores intuitos progressivos da instrução — bem cedo lhe fizeram conhecêr que não tinha vocação alguma para o estudo eclesiástico, a que o destinavam.

A impaciência dos mestres porém, quando êle deu pela absoluta negação para o sacerdócio, já lhe havia lançado pêias, fazendo-lhe recebêr a primeira ordem sacra!

Esta circunstância foi origem de graves contra-

tempos e até amarguras, que lhe ensombraram por alguns anos a sua vida pública e particular, embaraçando-o extraordinariamente até que, depois de porfiados esforços e larguíssimos dispêndios nas chancelarias de Portugal e Roma, o pontífice Leão XIII houve por bem dispensá-lo dêsse impedimento, pãra podêr casar catolicamente, como casou.

A feição literária era a principal característica do môço estudante.

Ao sair do seminário, tinha concluido os *Quadros Cambiantes*, o seu primeiro livro de versos, uma estreia brilhante, que, no corrêr dos tempos, obtêve duas edições, publicando-se a última com largas apreciações críticas de Castilho, Mendes Leal, Pinheiro Chagas e outros, em 1874, quando concluia em Coimbra a sua formatura em direito.

Até essa data porêem havia já dado á estampa vários livros e panfletos em prosa e verso — *Um anjo mártir*, poema lírico; os *Pirilampos*, prosas várias; a *Generalização da história do direito romano*; o *Tasso*, poema dramático, em sete cantos, baseado em factos do século XVI; as *Parietárias*, coleção de poesias, dada como brindê aos assinantes do *Diario de Notícias*; a *Liberdade da indústria*, nas suas relações com a economia política e com a história da civilização; o *Município e a descentralização*, análise académica, a propósito da reforma administrativa, aventada por Rodrigues de Sampaio; a *Morte de Yaginadatta*, episódio traduzido em verso do poema sanscrito o *Ramayana*; e grande cópia de artigos dispersos nas fôlhas diárias.

*

* * *

Algumas dessas publicações, tão variadas no fundo e na forma, denunciando fortes aptidões de inteligên-

cia e arte, valêram-lhe o sêr eleito sócio da Academia Real das Sciências, ainda durante o seu curso de estudante, em 3 de fevereiro de 1874, facto talvez único nos anaes daquela corporação.

Um peregrino espírito de mulher, D. Mariana Angélica de Andrade, a saudosíssima poetisa dos *Murmúrios do Sado*, em data anteriôr a essa eleição, por uma estranha e notavel coincidência, em carta escrita pâra alem do Atlântico ao autôr dêste livro, a propósito do movimento literário de então, dizia com a rara perceção do seu culto entendimento:

— Não sei se tem lido alguma coisa, ou ouviu falar de um dos mais arrojados talentos da geração moderna, Candido de Figueiredo, um rapaz inteligentíssimo, que ainda cursa os bancos da universidade. Recomendo-lhe os livros desta florescente individualidade, que promete larga sasão de óptimos fructos.»

A futura espôsa de Candido de Figueiredo, que nessa época não sentia por êle mais que os raptos da sua admiração, não se enganava, como brevemente lh'o provou a eleição da Academia Real das Sciências.

Releve-nos o douto acadêmico a explanação desta longinqua particularidade, ignorada por êle, uma partícula de incenso lançada agora na turibulação, que a sua saudade costumou sempre tributar á memória illustre daquella desditosa senhõra, que tão sua foi.

Ao recordar-lhe a morte prematura, escreveu êle:

.....

... as minhas illusões, a minha crença,
os sonhos do meu lar
desvanecia-os uma dôr imensa,
e desapareciam
como uma nuvem, que se esvai no ar.

.....

Dias depois na minha solidão
 eu ajoelhava aos pés da sua imagem,
 mais reverente que o fiel do Islão.
 que, após larga viagem,
 entorna á flux o seu piedoso pranto,
 e expande o coração
 na santa kaaba do profeta santo.

Isto, que o poeta suspirava, ao celebrar o primeiro aniversário tumular da sua poetisa do *Sado*, pertence á composição, com que fecham as *Nictagínias*, seu penúltimo livro de versos.

A nossa homenagem, pois, a turibulação de quem, de mais a mais, infausta e doridamente, já enfermou do mèsmo mal, não lhe pode sêr molesta.

*

* *

Candido de Figueiredo entrou na vida pública em 1875, um ano depois da sua formatura, abrindo escritório de advogado, de parceria com os doutôres Julio de Vilhena e Pereira Lima e sendo nomeado inspectôr das escolas no districto de Coimbra.

Em 1877, foi despachado conservadôr do registo predial, em Fronteira, donde o transferiram pãra Alcácer, em cuja localidade exerceu tambem o cargo de presidente da câmara.

Em 1881, nomearam-no secretário directôr geral da secretaria da Bula da Cruzada; em 1882, professor do liceu de Lisbôa; mais tarde, por concurso, segundo official da secretaria da Justiça.

Ainda, em 1893, foi governador civil de Villa Real, de cuja administração escreveu um opúsculo, intitulado *O govêrno civil de Vila Real*.

Presentemente, e, diremos, bem tardiamente, é chefe da primeira repartição do ministerio da Justiça.

Como funcionário público foi sempre o primeiro

entre os primeiros, na rigorosa execução dos seus devêres.

Nunca nos esqueceremos de que, há anos, procurando-o, na repartição dessa época, á hora de maior trabalho e frequência, era êle a única pessoa, que lá se encontrava. O próprio porteiro desertara do respectivo lugar!

Pois, apesar da assiduidade exemplar e largos serviços, apesar das suas lêtras e probidade, nunca foi bafejado pela aragem da fortuna, ou da empenhoca indígena; levou anos longos a sêr preterido na gradação, que lhe competia; a vêr galopar nas alturas da política os audazes, a quem sobram ousadias em vêz de modéstia e probidade, trêtas em vêz de lêtras.

As lêtras, no nosso país, ainda são pâra muitíssima gente de alto coturno simples *manhas*, como as denominavam antigos fidalgos e governantes, que assinavam de cruz, em prol das suas pessoas e destinos adjacentes.

Naquilo, que não dá pão, nem chorudas benesses, lá tem sido Candido de Figueiredo um pouco mais favorecido da sorte: fêz parte da comissão fundadôra da Sociedade de Geografia de Lisbôa; e é, além de sócio da Academia das Ciências, professôr correspondente da Academia de Jurisprudência, de Madrid; membro titular da Sociedade Asiática, de París; do congresso dos orientalistas, de Londres; do Instituto, de Coimbra; comendadôr da Ordem Humanitária da Cruz Branca, de Itália; membro do consêlho superiôr de Instrução Pública; e recentemente do Gremio Literário Português, do Pará; do Centro de Ciências, Artes e Lêtras, de Campinas, Brasil; e acima disso, e extremamente honrôso, sócio da Real Academia de Espanha, onde foi propôsto pelo conhecido diplomata e homem de lêtras Valera, pelo naturalista Mir e pelo filólogo Cartázer.

Mais adiante nos occuparemos desta honrosíssima eleição.

Outras corporações de sciências e lêtras têm proclamado o nome de Candido de Figueiredo.

Sirvam de exemplo a Academia Montreal de Toulouse, que num concurso poético lhe concedeu as *palmas de ouro*, e o último Congresso Jurídico do Rio de Janeiro, que o distinguiu com uma medalha de honra.

Apesar disso tudo, não nos vá esquecer, em materia de títulos honoríficos, que, sendo talvez o sócio correspondente mais antigo da Academia Real das Sciências, não logrou alcançar até hõje, apesar da sua elevada estatura literária, em volta da qual circulam quarenta e tantas publicações, onde se comprehendem trabalhos monumentaes lexicográficos e filológicos; não alcançou até hõje, dizíamos, a nomeação de sócio effectivo, honra seja feita á camaradagem académica, que lhe avalia o mérito!

Mostrando a nossa estranhêza a alguém, que tem alta ingerência no assunto, foi-nos respondido:

— Que quer? O Candido nada pede!

Esta resposta sintetiza o estado psicológico de uma grande parte da alta sociedade portugêsa, a mandatária, a governante, a que influe em honrarias e proventos.

A lamúria e o empenho substituem a capacidade.

Uma entidade, reconhecidamente valorosa, mäs excessivamente modesta, que não rastêja deante dos potentados janízaros de qualquer porte; que não pede, nem berra, nem grita; que não despedaça carteiras no parlamento; que não préga discursos flamejantes e ameaçadõres, nem escreve artigos incendiários — pode apodrecêr, á mingua de pão ganho e honras merecidas, que ninguem se lembra dela, como se faz mister nêste país de declamadõres pataratas e de patriotas liliputianos a arrebentar de basófia, má língua e manhas.

Alem da empenhoca e do compadrio, que tanto grelam e medram em terras portuguezas, a Academia Real das Sciências, segundo o conceito de Camillo, só floresce em goivos sepulcraes, orando pelos sócios idos.

Oiçâmol-o, em poucos períodos: ¹

— Não se cuide que eu, com o selvagismo de um minhôto em literatura, pretendo molestar os hereditários joanêtes da Academia. Nego. Os meus joanêtes de sócio correspondente acham-se tambem comprometidos.

« Considero a Academia Real uma arca de sapiência humanal, de reserva pàra a catástrofe de um dilúvio de ignorâncias eminentes. Respeito-a como um banco das nossas riquêzas espirituaes, banco sem transações, com acionistas tòdos de prenda, dando-se ares de estar sempre em liquidação; màs não líquida.

« Se não vive muito ao sol ardente, que refunde o velho mundo, tem a vitalidade sombria do obituário. Quando um sócio vae continuar na vida eterna o somno das suas sessões, os confrades vivos gemem-lhe o elogio fúnebre, uma néuia em períodos redondos, *ore rotundo*, na prosa da fundação do estabelecimento.

« Em seguida, recolhem-se a brunir velhos adjetivos e a escovar algumas metáforas de fivelas e rabicho, pàra a necrología de um futuro confrade môrto.»

Candido de Figueiredo pode contar, pois, com as honrarias do alem-túmulo acadêmico.

*

* *

De 1874, ano da sua formatura em diante, os escritos do nosso poeta sucederam-se uns aos outros,

¹ O General Carlos Ribeiro, pg. 15.

numa longa serie, onde entram — *O Poema da miséria*, cânticos e trenos, de cujas páginas fôram injustamente esvurmados por certa crítica uns intuitos, que nunca tève; *Homens e lêtras*, galeria de poetas contemporâneos; o *Manual dos jurados*; o poemêto as *Creanças*; a tradução da *Moral pâra tôdos*, de Franck; os *Companheiros de Vasco da Gama*, romance historico de Alvaro Perez; as *Duas Viúvas*, comédia de Malefille, representada no Gimnásio; e em 1883 as *Nictagínias*, coleção de versos, onde ao santo amôr da família se abraçam, em grinaldas virentes, as flôres de um estilo comovente e castiço sôbre doiraduras de um brilho imarcessivel, apêsar das *Nictagínias*, modestas e retraídas, só vicejarem depois do sol pôsto.

Essas flôres pouco vulgares pinta-as o autôr, com extraordinária verdade e melancolia nas palavras, que antecedem o livro, e terminam assim:

— Viçaram suavemente nas sombras, mais ou menos densas, de uma existêcia escassamente alumiada pelos sorrisos da fortuna e rudemente batida de temporaes e lutas.»

Apesar disso, engrinaldam versos como os desta *Visão*:

Ao longe, muito ao longe, em provindoiras eras,
meu espírito errante, e scismadôr e só,
como Hervey perscrutando ossadas e quiméras,
perscrutava o passado, a sombra, o nada, o pó.

Necrópole deserta, imenso cemitério,
eis o que, em tórno e alem, o espírito abrangeu;
exibia-se um drama, original, funéreo,
ossadas por teatro, e personagens — eu!

E o espírito, curvado em tétricas voragens,
interrogava o nada, a esfinge funeral,
evocava, em tropel, fantásticas imagens;
e um eco me disse: — Aqui foi Portugal.» —

E ainda perguntei: — De tanto lustre e glória,
do viver e pensar de tantas gerações,
nada posso vêr? nada conserva a história?
— Sim — respondeu o eco — o livro de Camões. » —

*

* *

O jornalismo, como as lètras, deve á musculatura intellectual de Candido de Figueiredo um ramo notavel da sua pasmosa actividade.

Durante a colaboração em fôlhas periódicas, publicou os romances — *Último abencerragem* de Chateaubriand; a *Pomba*, de Alexandre Dumas; os *Dois tamanquinhos*, divulgado há tempos em volume por Corazzi; o *Ramo de lilaz* e o *Bebé* de Ouida; e uns capítulos da *India Antiga*, os quaes fôram traduzidos e comentados por Blanc, da academia de Gand.

Em Coimbra, redigiu a *Fôlha*, de colaboração com João Penha, Gonçalves Crêspo, Simões Dias e Guerra Junqueiro: fundou com Mota Fêliz a *Gazeta da Beira*; redigiu o *Cenáculo*, de Lisbôa, o *Jornal da Noite*, na parte literária e noticiosa, a convite de Teixeira de Vasconcellos: colaborou na *Correspondência de Portugal*; dirigiu o *Diario de Portugal*; fundou a *Capital*, onde pela primeira vêz o tivêmos por colega, e fêz parte da redação do *Glôbo*, onde egualmente nos desvanecemos com a sua camaradagem, leal como poucas e apreciavel como nenhuma; redigiu o *Português*, onde, depois de têr floreteado o seu talento em crónicas semanaes de largo fôlego, se converteu no *Caturra Junior*, tão celebrado por suas lições filológicas; e hõje, e actualmente, trabalha no *Diário de Noticias*, onde, alem da critica do movimento literário, em porfiadas notas, esperadas e lidas com avidêz, delicadamente, sòb forma levíssima, a rir, continúa, com extraordinária erudição, como verdadeiro mestre da lingua, a fustigar não só a algarvia do jornalismo moderno, como

as barbaridades dos francêlhos e das gentes muito amantes de coisas estrangeiras, e que por isso não sabem o que falam e escrevem; e ainda dos inovadôres de uma linguagem abstrusa e campanuda, os insurrectos, que pretendem celebrizar-se á custa de um estilo, onde introduzem vocábulos de sua invenção exclusiva, que não são do nosso idioma, nem pâra lá caminham.

Quanto á imprensa, podemos afoitamente certificar que o nome de Candido de Figueiredo figura em tódos os principaes periódicos literários do nosso tempo, dentro do país; e fóra dêste, especialmente na obra monumental do conde italiano Angelo de Gubernatis, não muito conhecida entre nós e denominada *Dictionaire international des ecrivains du jour*; e mais honrosamente ainda no *Libro dell'amore*, trabalho colossal em cinco volumes do poliglota fenomenal e grande poeta veneziano Marco Canini, que conseguiu reunir nêsse riquíssimo repositório literário, trasladando-as a italiano, poesias escriptas em 140 linguas e dialectos, antigos e modernos, vivos e mortos, dêside o provençal e o basco até o tártaro e japonês; dêside o tupí e o patagão até o sanscrito, bengala e azteca.

Êsses escritos, que são cânticos universaes de tódos os actos e sentimentos, que se relacionam com o amôr, traduzidos verso a verso, literalmente, em tódos os gêneros de metificação e rima, com uma correcção admiravel, com uma erudição linguística e um trabalho de investigação e paciência pasmosos — representam um assombro pâra tódos, que sabem que é, muitíssimas vêzes, mais difficil fazêr-se uma bôa tradução em verso do que escrevêr um excelente original.

E ao falar nisto, e como demonstração muito valiosa e agradavel do que afirmamos, não nos furtaremos á tentação de trazêr pâra aqui uma amostra, que diz respeito ao poeta das *Nictagíneas*

Trata-se de algumas das estrofes, consagradas por Candido á esposa, insertas nessa coleção de versos, a que já nos referimos; e publicadas integralmente no *Libro dell'amore*.

Damol-as intercaladas com a metódica e fidelíssima interpretação de Canini.

Venho do mar... Escuta-me! sou náufrago
que vem cumprir um voto, e descansar.
E' sagrado o meu voto; se é sagrado!
Têr fé mal sabe quem não há lutado
com as tormentas em revôlto mar.

*Vengo dal mar: m'ascolta... Sono un naufrago
che vuol compiere un voto e riposar.
Oh! come sacro è il voto ch'ho formato!
Mal tiene fede chi non ha lottato
con le procelle di sconvolto mar.*

.....

Algumas vêzes, um fugaz relâmpago
rompia a custo a cerração fatal;
e a voz distante de ignorada ondina
penetrava no seio da neblina
quase impondo silencio ao vendaval.

*Talora il tenebroso aere un fuggevole
lampo fendeva a malapenna e in sen
della nebbia la voce penetrava
di sconosciuta ondina: impor sembrava
alla procella che venisse men.*

E' que em teu seio virginal, castíssimo
ecoara do náufrago a oração;
e quando, extenuado, semi-môrto,
alancei o sereno e amigo pôrto,
meu olhar não buscou os ceus em vão.

*Nel tuo petto castissimo de vergine
la preghiera del naufrago trovó
un eco, e allor chestanco, mezzo morto,
il tranquillo raggiunsi amico porto,
l'occhio mio il cielo invano non cercó.*

Cumpro o meu voto ; e, como ofrenda humílma
tôdo o meu sêr deponho em teu altar.
Pertengo-te ! e os joêlhos dobrar quero
junto a teus pés, no santuário austero,
no templo augusto, que se chama — o lar.

*Compiendo il voto, l'essermio, qual umile
offerta, ecco depongo sul tuo altar
e chinare i ginocchi ora à tuoi piedi
me nell'augusto santuario vedi,
che tetto conjugal suolsi chiamar.*

Deliciôso ! pois não é ?

Traductôr e traduzido são dignos um do outro.
Canini é, ao mêsmo tempo, um prodigiôso filólogo e
um magnífico poeta.

Alem dos trabalhos de Marco Canini, temos que
mencionar as traduções, em alemão, do doutôr Storck,
e em sueco, do doutôr Göran Björkman, distincto lu-
sófilo, lente da universidade de Upsal.

*

* *

A instrução pública e a pedagogia devem a Can-
dido de Figueiredo uma avultada coleção de livros e
opúsculos, em grande parte dos quaes se atendeu es-
crupulosamente ás exigências dos programas officiaes,
como, o que mais importa, á índole das matérias e á
perceção gradual dos entendimentos juvenis, a que são
destinados, condição essencial, que falta a grande nú-
mero dos nossos compêndios, por vêzes, mistifórios in-
digestos, a pedir tesoura e lima.

Citaremos — *História de Portugal*, cuja oferenda
pública tivêmos a honra de merecêr, na sua 4.^a edição,
História Universal, *Geografia antiga*, *Geografia mo-
derna*, *Prolegómenos da história de Portugal*, *Dicio-
nário de latitudes*, *Manual dos direitos e devêres*, *Cos-
mografia*, *Corografia Portuguêsa*, *Rudimentos da*

direito Civil, publico e administrativo, Economia politica, Recapitulação da historia das literaturas, Notícia histórica dos antigos povos do Oriente, Rudimentos de Literatura, Prosas modernas, Antologia Poética, Episódios e figuras célebres da história de Portugal.

Em administração e polémica, devemos mencionar — *Tosquia de um gramático, O golpe de misericórdia*, continuação do mêsmo assunto; *O consêlho Superior de instrução pública*, relatórios; *Bula da Cruzada*, relatório official; *As escolas ruraes, a Má língua de um bacharel em mística*, com o pseudónimo de Lourenço de Braga; e *Usufruto e fideicomisso*, estudo jurídico.

*

* *

Chegado a êste ponto, melhor nos parece, espaçando breves considerações e comentários, que nos ocorrem, continuar chronologicamente a lista compendiosa da grande obra de Candido de Figueiredo, cujas faculdades intellectuaes e de trabalho são um fenómeno raro, em corporatura, que nada tem de agigantada e fenomenal, especialmente porque nas suas obrigações officiaes e imprescindiveis não há largos ócios, nem horas feriadas.

Arrolemos, pois :

Lições práticas da língua portugûesa, 1.º volume, 1891, reunião das cartas ao *Portugûês* escritas pelo *Caturra Junior*, início da obra monumental filológica de Cândido; de que se publicaram o 2.º volume, em 1893; e o 3.º em 1900, em repetidas edições.

Lisbôa no ano três mil, 1892, sátira enorme sôbre os costumes da actualidade; o que êstes serão no citado ano. Pelo que pertence á pornografia scénica, os teatros, ao rompêr dos aplausos, apagarão as luzes, embrulhando-se espectadores e artistas do sexo femi-

nino com os do sexo contrário, no furôr dos entusiasmos!

O *Bacharel Ramires*, 1894, episódio romântico, seguido de mais seis contos, e inserto na coleção da livraria Perêira.

O *lirro de Job*, 1894, monumento da poesia hebraica, difficilima e única tradução em versos portugêses.

Amôres de um marinheiro, narrativa histórico-romântica, 1.º prêmio no concurso aberto pelo *Diário de Notícias*, por ocasião do centenário da India.

Chrisântemos, 1896, poesias líricas, brinde do *Diário de Notícias*.

Nôvo Dicionário da língua portugêsa, 1899, 2 grossos volumes em fôlio, com acrescentamento de trinta mil vocábulos não recolhidos e grande cópia de aações ainda não mencionadas.

Fisiologia da mulher, 1900, obra afamada e característica, traduzida do italiano de Mantegazza.

Arminho, 1900, conto, oferecido, em 1 de janeiro, aos amigos do autôr, como brinde de boas festas.

Vencêr ou morrêr, 1901, drama, em 5 actos, de Henrique Sienkiewicz, autôr do *Quo Vadis*, tradução do italiano.

Os estrangeirismos, 1902, resenha e comentário de centenas de vocábulos e locuções estranhas á língua portugêsa.

O problema do casamento, 1903, nova obra magistral de Mantegazza, tradução do original com expressa autorização do autôr.

Manual da sciência da linguagem, 1903, traduzido de Jiácomo de Gregório, professôr da universidade de Palermo.

O que se não deve dixêr, 1903, bosquêjos e notas de filologia portugêsa.

Vamiré, 1905, romance curiosíssimo e típico dos tempos primitivos, traduzido de Rosny.

Problemas da linguagem, 1905, complemento crítico e exegético das lições práticas da língua portuguesa e de outras obras.

Falar e escrever, 1906, novos estudos práticos da língua, em dois volumes.

Figuras literárias, 1906, último livro, reunião de esôritos vários biográfico-críticos, onde se comprehendem perfis e medalhões nacionaes e estrangeiros.

*

* *

Indicada sucintamente a naturêza dêsses livros, bem desejavamos redigir alguma coisa mais, ultrapassando as raias de uma simples ementa bibliográfica, exercendo crítica, e fazendo confrontos e citações.

Na impossibilidade de o fazer, porque essa tarefa exigiria um livro, limitar-nos-emos a ligeiras notas de impressão e a fugitivas transcrições poéticas, destinadas a quem não conheça inteiramente a obra completa de Candido de Figueiredo.

Comecemos por arrancar uma página dos *Chrisântemos*, essas flôres doiradas, como lhes confere o nome, exemplares brilhantes, que, ao fim do verão, apesar da falta de aroma, constituem os mais ricos ornamentos dos jardins modernos:

OUTRO MAR...

Deram-me por destêrro a larga pradaria,
onde floreja o amôr, e onde palpita o gôso;
e, ao lado do prazêr, do fausto e da alegria,
achei-me triste e só, Tântalo desditôso.

Corri o continente, a vêr se encontraria
região, em que eu não visse alheio amôr ditôso:
cheguei á beira-mar, más... — pérfida ironia!
o mar beijava a rocha, ébrio, febril, nervôso.

Ergui a vista ao alto ; e, no docel flamante,
que abrigava do mar o tálamo gigante,
a viração tecia os cantos nupciais...

Senti fugir-me a vista ; andei um passo avante ;
era o pontal da rocha ! e, como a Safo amante,
afundei-me no mar dos loucos ideais.

ROSA BRANCA

Tenho uma rosa branca na lapela,
e tu, ao vêr a rosa,
dizes, sorrindo : — E' bela !
E eu, ao vêr-te sorrir, digo : — E's formosa !
Ambos temos razão :
porque a rosa, que eu trago na lapela
não é mais branca, nem é mais formosa
do que tu, flôr singela,
que me enchêste de amôr o coração,
ungindo-me de essência preciosa...

Discordamos num ponto : — Em teu conceito
a flôr, que eu trago ao peito,
seria a flôr das flôres, um primôr,
se não tivesse espinhos... um defeito !
E eu, minha rosa branca, meu amôr,
amo-te tôda e tanto, que não minto,
dizendo que, feliz e sem temôr,
irei colar os lábios, se quizeres,
sôbre os espinhos, que entrevêjo e sinto,
sôbre os espinhos, com que tu me feres !

Os primeiros versos, como arrôjo de imaginação dolente, como grito de uma alma alanceada, e os segundos, como deliciôso madrigal, são verdadeiros môdêlos.

Mal empregada musa em andar hôle foragida, ela, que podia constantemente desatar-se em exuberâncias de fecunda e risonha primavera, sempre nova, sempre viril, sempre creadôra !

Em tôda a obra versificada de Candido de Figuei-

redo, e especialmente nos *Chrisântemos*, poderemos cognominá-lo o poeta do amor.

Os próprios queixumes, que podiam descair por vêzes na melancolia tristonha e sombria dos trenos, elevam-se ás vagas e indefinidas regiões do ideal, onde os silfos vaporosos de umas aspirações sonhadas, mäs incorpóreas, irrealizáveis, como oiro, adejam, peneiram-se e resplandecem, envolvendo o persistente sonhadôr numa atmosfera de bem-estar inspirativo, que transmite ao leitôr uma grande parte das impressões do poeta.

Sem a aspiração do vago, sem o colorido bruxuleante do sonho, os *Chrisântemos* não teriam a variedade de tintas tão admiradas na planta, que, com sêr tão variada, participa de uma só naturêza.

Vejamos, por exemplo, a pag. 15 a entrada *Na Floresta*:

« Sonhei — e tão pouco dura
o prazêr que um sonho empresta —
sonhei que, ás horas da sésta,
vagávamos á ventura,
numa enredada floresta.

..... , , , ,

E nêsses dôces instantes
as aves luxuriantes
modulavam, com ternura,
os himnos dos seus amôres
nos meandros da espessura ».

E o caso é que, bem a dentro da floresta, o sonhar, mais de apeteçêr que a crua incerteza da realidade, acompanha-nos, envolve-nos, subjuga-nos.

Candido de Figueiredo, nas palavras preambulares dos seus versos, virando-se pâra o poente, chama-lhes *despedidas de verão*, modesta e impropriamente.

Chamemos-lhe nós, com mais justêza, os admiradôres do grande mestre da nossa língua, cuja frase brincada e cuidadosamente brunida é por vêzes um

primôr e um dôce encanto; apellidosmo-los de *sempre vivas*, que só lhes quadra este nome.

Em almas privilegiadas é inato o affecto imorreidoiro.

Quem tanto exalta o sentimento por excelência, o amôr, e o canta e o diviniza, ardentemente, não se despede... deseja e aspira sempre; e, agarrado ao seu lema sacrosanto, fal-o tremular constantemente nas tendas dos numerosos crentes.

O próprio poeta nos diz que é, e deve sêr assim, quando pede uma legenda á sua musa inspiradôra:

—Repoisa nesta urna o coração gelado
do escravo mais fiel, do trovadôr plangente,
que amou até á morte e nunca foi amado.

Que nunca foi amado, dil-o êle, não o cremos nós.
A sua queixa vem de que o amôr eterno é insaciavel.

Nas almas, onde êle viceja sempre vivo, a própria desventura não mata as esperanças, atira-as ao espaço amedrontadas, mäs não as dissolve, nem as aniquila;

«E, ao debandar das pobres avesinhas,
as minhas esperanças maltratadas
fugiram pelo espaço, amedrontadas,
como um bando de tristes andorinhas.

Sim, fugiram, mäs não morrêram.

A primavera do poeta dos *Chrisântemos* só acabará com êle.

Dil-o claramente a própria subtilêza irônica dos versos característicos da *Correspondência*:

«Não mais te ofenderás de uma suposta injúria,
ou de uma acusação, que eu não tivera em mente,
e, em vez de acusações, de queixas e lamúria,
terás canções de amôr, e amôr principalmente ».

Afirma-o o delicadíssimo e notavel madrigal do

último charuto, cuja nuvemzinha de tenue fumo ofendeu os olhos da musa do poeta :

« Doeu-me tanto a lágrima arrancada
por um futil charuto impertinente,
que o arrojé á estrada,
pâra que tôda a gente
esmague o vil, que desastradamente
te fêz chorar, ó minha dôce amada.

Assevera-o o dramático, rendilhado e originalíssimo poemêto da *Autópsia*, que tôdo êle, como as composições de carácter diverso, tresanda, na essência e no fundo, ao filtro incorruptível do amôr.

Os *Chrisântemos* pôis, temol-os nós, como tôda a gente, que puder sentir, por *sempre-vivas* da mais fina espécie e do melhor, mais vistôso e doirado colorido.

Que se convertam em esperanças de nova colheita é o voto dos poetas e das mulheres, a quem o autôr os consagrou, porque versos como os seus só devem ser lidos por poetas e sentidos por mulheres, bem entendido, que saibam sêr mulheres.

*

* *

Folheemos por último *O Livro de Job*, e quedemo-nos no lugar, em que o desventurado se refere ás origens do seu sabêr :

Mês a sabedoria, mês a sciência
onde é que ela se esconde?
A luz da intelligência
onde está ela? onde?

O preço dela o homem não conhece,
nem ela entre delicias aparece

O abismo diz consigo :
 — Meu seio não a tem. »
 E o mar brada também :
 — Aqui dentro não é o seu abrigo. »

Não há prata, que a valha, nem por ouro
 a poderão comprar ;
 nem ouro, nem cristal, nem um tesoiro
 a podem igualar ;
 tudo o que há de maior e de mais alto
 nada a ela se pode comparar :

nem as mais vivas côres indianas,
 nem a pedra sardónica preciosa,
 nem topásios de terras libianas,
 nem safiras, nem tinta radiosa.

Donde a sabedoria, pois, provem ?
 e onde é que a intelligência tem logar ?
 Dentre os viventes não a viu ninguem,
 nem as aves a podem avistar.

Os homens, hõje, mortos e perdidos
 só puderam dizêr que a fama dela
 chegou a seus ouvidos.

Em Deus porém inteira se revela,
 Elle conhece e vê onde ela está,
 porque vê tôdo o mundo e tudo quanto
 debaixo do céu há.

Foi quem ao vento e ás águas deu medida
 na proporção devida.

E, quando ás chuvas sua lei ditava,
 e o caminho ás tormentas assinava,
 foi então que o Senhõr a investigou,
 a viu, e a revelou.

E disse ao homem : — O temõr de Deus
 é a sabedoria ;
 e intelligência tem o que desvia
 do mal os passos seus. »

Pela amostra se podem calcular as dificuldades,
 com que lutou o tradutõr, ao servir-se do têxto da

Vulgata de S. Jeronimo, dada a lume e comentada por Du-Hamel, de mistura com outras interpretações autorizadas, pàra reduzir a castiços e sonoros versos portuguezes, embaraçados, de mais a mais, por grande quantidade de rimas, o *Livro de Job*.

Só um verdadeiro poeta e bom filólogo conseguiria convertèr num dos seus melhores productos intellectuaes essa preciosa relíquia da poesia hebraica.

*

* *

Obrigado pelo espaço, que nos vae faltando, a passar adiante, cabe-nos mencionar agora a obra do lexicógrafo e do filólogo; o que faremos tambem de fugida, porque ella está vulgarizada, bemdita e aceita por tôdos os que estudam e lêem, livres dos pruridos da invêja e dos predicados da murmuração malévola.

São alto monumento levantado á nossa língua os oito volumes, que comprehendem as *Lições Práticas*, *Os estrangeirismos*, *O que se não deve dizèr*, *Problemas da linguagem e Falar e escrever*.

Tôdos êsses livros, se não fòram conveniências de editòres e receio de que um título genérico fizesse julgar que êles se não poderiam adquirir separadamente, deviam contèr uma só denominação, porque tôdos, embora os materiaes se possam destacar uns dos outros, são verdadeiras *Lições Práticas* da língua portugueza, cujo título único lhes compete.

O largo ensinamento, que proporcionam; a propaganda da sua doutrina em época, na qual presumidos, sábios de quotiliquê e as enxurradas de uma imprensa bárbara ameaçam desmoronar os alicerces da língua; as questiúnculas estereis, a que têm dado aso; e as discussões estereis e fecundas, que, dentro e fóra da fronteira, se têm derimido — repre-

sentam elevado pedestal de glória pãra o seu autôr, cujo triunfo é indiscutivel e assinalado.

E nem tanto era preciso pãra que a Candido de Figueiredo, ao falar-se de benefícios á língua portugue sa, se conferissem as honras do Capitólio.

Bastavam-lhe os dois volumes do *Nôvo Dicionário*, em cuja elaboração de 7 anos juntou aos 65:000 vocábulos registados mais 30:000 que desperdiçados não faziam parte do erário lexicográfico; bastaria até sab r-se que pãra uma segunda edição já o aut r recolheu mais de 14:000!

S  isto, descontada embora a colaboração de alguns devotos, representa um trabalho hercúleo pãra quem não vive positivamente das l tras, tendo que forragear o pão de cada dia em labôres de naturêza diferente.

Se fama e glória fartassem alguém, largos cabe-daes contaria, a estas horas, o aut r do livro.

As repartições do Brasil, onde taes obras são úteis, requisitaram largamente o *Nôvo Dicionário*.

O senad r Rui Barbosa, eminente letrado e homem douto daquêle país, quando no senado brasileiro se discutiu a reforma do codigo civil, nos 2 volumes infolio, que publicou em 1903, como réplica  s def zas da redação do projecto da câmara dos deputados, depois de declarar que Candido « sobreexcede, sem confronto possivel, quanto   cópia de palavras, aos seus mais próximos antecess res » cita dez nas de vêzes o *Nôvo Dicionário*, muitas delas pãra estribar conceitos seus.

E por último, pãra não alongarm s provas, a Real Academia de Espanha, que não   pródiga na distribuição de honrarias, abriu as suas portas a Candido de Figueiredo, após a publicação da sua obra lexicográfica.

O filólogo Cart zer, um dos proponentes, ao comunicar-lhe a eleição de sócio, dizia-lhe categoricamente que pãra isso concorreu, com especialidade, a simples

introdução do *Nôro Dicionário*, a qual, em verdade, é uma dissertação filológica de primeira plana.

Como contraste frisante, ou antes, como agradecimento pátrio, a Academia das Sciências de Lisbôa, de que Candido é o mais antigo membro correspondente, como já notámos, após o aparecimento da sua grande obra, preteria-o deploravelmente, não dava pela sua existência, em março de 1900, admitindo nas vagas existentes nada menos de sete socios effectivos!!

Isto é o menos certamente. O mais, a verdadeira pena é que, no meio de tudo isto, sejam quaes fôrem as honrarias pessoaes, as riquêzas, acrescentadas ao erário da língua por Candido de Figueiredo, e as ingratidões recebidas, pena é que a musa dêste se encontre chorosa e erradia, por montes e vales, deplorando a transfiguração do inspirado poeta em nobilitado filólogo.

Justos queixumes os da malfadada musa!

*

* *

Ao terminar, não nos olvidaremos de juntar aos títulos nobiliários do escritôr os dotes de maior valia que concorrem no homem, ornamentos distinctos, que assentam no pedestal finíssimo de um carácter ilibado, submetido a longas e duras provas, mäs sempre prestigiôso no seio da família e na convivência de subordinados, colegas e amigos.

O *mens sana in corpore sano* de antiga nomeada desmente-se por inteiro naquella organização fenomenal.

Referindo-nos á musculatura intelectual de Candido de Figueiredo, não vão pensar os que o não conhecem que ela tem por alicerces a robustêz de uma grande saude e a fôrça de um côrpo atlético ou medianamente agigantado.

Ao contrário, raras vêzes se devem têr visto espírito e coração em còrpo tão franzino e debil, que precisa, pàra não vergar, de um regimen certo, escripto, invariavel.

Pois bem, vão observal-o, batam-lhe á porta, espreitem-no no seu labôr constante, noite e dia, domingos e dias santos, em que se não encontram diversões; e hão-de notar que as horas pàra èle são diferentes das horas de tòdos nós, miraculosamente preenchidas por uma actividade de pasmar, onde não há ócios nem intervalos fortificantes, que não sejam os extremos votados á família, que se apoia, em absoluto, na riquêza da sua intelligência e na fôrça do seu braço.

Espreitemos :

A seguir ao levantamento e ablução matinaes, na moradia de Pedrouços, algumas horas gastas á mêsa do trabalho literário: após o almôço, entrada no comboio pàra as funcções da repartição official, de que é chefe exemplar; cumpridas estas, regresso a casa e nova labutação até ao jantar, que já se realiza de luz acêsa; terminado o repasto de uma dieta quase absoluta, ligeiro descanso; nova saída pàra o comboio em direção ao *Diário de Notícias*, onde a sua demora é longa; e finalmente, regresso a Pedrouços pàra o sono imprescindivel, precedido ainda, quando a tornada se faz a certas horas, de trabalho ás vêzes inadiavel.

E por êste labôr ininterrupto, em que se não contam largas palestras, nem saraus, nem teatros, se adivinha a razão, por que se lhe não conhecem faltas nos seus devêres officiaes, a que andam ligados muita dedicação e largos serviços; por que pontual e convenientemente os seus artigos não escasseam, ás horas precisas; a correspondência bisemanal pàra a secção literária do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro; a circunstanciada crónica quinzenal pàra outro jornal

brasileiro o *Estado de S. Paulo*; o material continuado para o *Dicionário Prático Ilustrado*, espécie de pequeno Larousse, destinado a Portugal e Brasil e contratado por uma empresa de Paris; e ainda e finalmente os costumados trabalhos para as suas publicações em livro!

*

* *

Pelo pouco, que ahí fica dito, por devêr, amôr á verdade e á justiça, sobre o poeta, escritor e filólogo, ácerca do funcionário público e sobre o homem — vê-se que os seus méritos de sciência e lètras; o seu talento fecundo; os seus serviços de prosador vernaculíssimo e humanista distincto, a sua vasta sementeira pelos desbaratados meandros da nossa língua, uma larga quadra de professorado público; o desempenho cabal e consciencioso do seu cargo, onde tem gasto o melhor tempo da sua vida, num período de trinta e tantos anos; as provações de uma lida constante, as virtudes da sua alma de eleição e a modesta feição do seu carácter ilibado — ainda lhe não gran-gearam a segurança do seu futuro, e nem ao menos o lugar, a que têm direito, onde se pavoneam reputações farpalhudas, que por ahí assoalham as superficialidades de renomes, falhos de merecimentos escorreitos, mäs cercados dos confortos, que a fortuna empresta aos apadrinhados e aos atrevidos.

Num país, onde os conselheiros formigam, em prodigiôso enxame, nem ao menos uma carta de consêlho bateu ainda á porta de Candido de Figueiredo.

Muito perde quem não berra, nem forjica votos na politiquice nacional!

Muito podem os émulos e a maldade humana!



João Pereira da Costa Lima

I

Não era um bohémio, como lhe ouvimos chamar, uma vêz.

Uma parte da Europa denomina dèste modo o simples habitante da Bohémia, e a outra, a occidental, querè significar o cigano, êsse producto errante de uma raça infecta, como lhe chamariam os antigos, casta embusteira, rapinante, dissoluta e nómada; nós, porém, os portuguezes, damos-lhe uma apropriação mais lata, pôsto que um tanto infundada e arbitrária.

O bohémio para nós é o indivíduo ralaço, falto de palavra e de meios, artista sem arte, eseritór sem lètras, vadio de profissão, umas vêzes; noutras, o estroina propriamente dito, indolente, folgasão, vagabundo, fazendo da noite dia, á mèza do jôgo ou do botequim, no alcoice, na taberna ou na rua; rico numa semana, esfomeado e lazeirento, na outra, dormindo indiferentemente num palácio ou numa estre-

baria: eivado de preguiça e dívidas, avêssô ao trabalho e ao senso comum.

As exceções a esta regra são pouco de notar.

Costa Lima não foi portanto um bohémio.

Êste representa uma vulgaridade, facil de encontrar: onde houver excesso de leviandade, má creação, falta de trabalho e de brios, ou simplesmente uma doidice, um desequilibrio inato, não será difficultôso encontrar um bohémio.

Costa Lima, com os seus instinctos primitivos de delicado artista, com uma fôrça espiritual, que pairava por vèzes nas regiões do sônho, com a subjectividade característica de um irrequieto, que se mergulha no vácuo das aspirações indefinidas, desejando muito, conseguindo muito, aspirando a mais e requerendo mais e melhor; hõje insaciavel, amanhã farto e aborrido, cheio de desêjos e anciedade num dia pelo que desdenhara na véspera — êste homem de extraordinárias aptidões, que podiam dar, cultas e metodizadas, uma notabilidade, formam um sêr especial e notavelmente contraditório.

Mixto de leviandade e honra, de argúcia e probidade, cérebro exaltado e creadôr, organização inconstante, irrequieta, desambiciosa e ao mêsmo tempo trabalhadora e inventiva, êsse homem foi um voluvel descomunal de um espírito indomavel e de uma anormalidade rara.

Levou tôda a sua vida a estimar e a desejar o que não tinha; e só estava bem onde não estava.

O dom da ubiquidade não chegaria a satisfazê-lo, se lhe viesse ao enalço.

E, caso extraordinario! êste voluvel descomunal não era o ente enfasiado, de testa franzida e maneiras abruptas, que caracterizam os saciados, ou os descontentes, que nunca chegam á meta do seu constante desejar.

Alma limpa e bôa, cabeça leve, desanuviada, Costa

Lima lutava com os insucessos e as mudanças, de ânimo alegre, sem que os factos e o tempo lhe alterassem a complexidade do seu carácter.

Ria, trabalhava, sofria, mudava de posição, gemia e folgava, acto contínuo, de um momento pãra o outro, conforme o caso ou o motivo.

Não antecipemos porêem certos toques colorantes do esbôço, que pretendemos delinear.

Embora estas memórias não tenham propriamente a feição biográfica, ocasiões haverá, como esta, em que a personalidade literária não poderá ser bem entendida sem essa feição. O homem e o artista, completos ou não, conservam sempre uma linha inquebrantavel de união.

A creança denunciou o homem, e êste comprehendeu, concretou o artista.

D'ahi a necessidade do apontamento biográfico.

II

João Pereira da Costa Lima, filho de Manuel Pereira da Costa, official reformado, e de D. Florinda Amelia de Lima, nasceu na villa da Feira, a 13 de maio de 1836.

Dissémos que a creança denunciara o homem, e vamos proval-o rapidamente, ao corrêr da penna, referindo-nos a alguns dos factos culminantes da sua meninice.

Aos 9 annos, o pequeno João era um afamado diabrête. Ninhos de pássaros, muros de quintaes e cêrcas e os restos muralhaados do castello godo tinham nêle um atrevido escaladôr; cabêças de companheiros desavindos, arcaboijos de porcos, cães e gatos um terrivel contendôr, a pau e pedra.

Com grave desgosto da família, desertava de casa

e da escola, frequentemente, mudando de sítio e de divertimentos.

O pae castigava-o a miude, até que de uma vêz o Joãosito, pàra se furtar às consequências de uma estroinice da véspera, cujos ecos haviam chegado a casa pela noite, desapareceu na manhã seguinte pàra sítio desconhecido.

A mãe, que em vão o mandara procurar, às horas do almôço e jantar, amofinara-se, vendo que o dia estava a findar, e que o marido saíra desesperado á cata do filho.

A' bôca da noite, entravam ambos no tugúrio conjugal, o diabrête suspenso pelas orêlhas roxeadas na pressão dos dêdos paternos, e o dono da casa esbafo-rido e cansado pela caminhada, que dera até ao castelo, onde o rapazito cabritava doidamente, atirando comsigo aos escombros, e esfarrapando-se nas muralhas, em perseguição dos pardaes e das borbolêtas, tão suas imitadas e sócias.

Corriam os tempos, mäs o *Joanico da Florinda*, como lhe chamava o pôvo, que nem sempre se comprazia com os brinquêdos turbulentos do rapazote, não ganhava emenda.

O pae, que começava a desesperar da salvação do filho, a que não bastavam privações e castigos, exco-gitava uma tremenda lição, que lhe servisse de verdadeiro êscarmento.

Depois de muito pensar, dirigiu-se á forja de um ferreiro, estabelecido nos arrabaldes, planeou com êle o que quer que foi; e, voltado a casa, depois de uma conversa rápida com a espôsa, chamou o tunante á sua presença, e ordenou-lhe que se vestisse, e o acompanhasse.

D'ahi a pouco, os dois davam entrada na dene-grida forja, que ao pequeno pareceu o antro fabulôso de Vulcano, de que lhe falava o seu manual; e o honrado oficial parava diante do ferreiro maior, que

pelo fusco da cara, onde luziam olhos debruados da côr do ferro rubro, se assemelhava ao próprio Vulcano, e falava iracundo assim:

— Aqui tem êste sujeito, que vem aprendêr o officio, já que outro lhe não serve. Não lhe dê largas nem oisio, e não o deixe sair, sem recebêr ordem minha. Se êle tentar fugir, atire-lhe ás pernas com um ferro em braza, de modo que uma bôa escaldadela lhe faça moderar os ímpetos de grande mariola, que é.

E Manuel da Costa, dando ao côrpo fingidos movimentos de grande iracúndia, saiu trovejante de ameaças.

Joãosito, que, havia dias, completara 10 annos, ficou por momentos estarecido, e lacrimejou, quando lhe marcaram o primeiro serviço, o inicio dos aprendizes, dar ao fole, um maldito instrumento, que ás vêzes lhe bufava pó do carvão e faiscas de lume pàra a cara e mãos, que iam ficar negras, calejadas e entumecidas.

Decorridos alguns dias de rude aprendizagem, que nada suavizava e que pouco tinha de atraente no passado e na cama, o irrequieto rapaz seismava insistentemente no modo como havia de cometêr uma nova garotada, que o livrasse de semelhante vida.

E nisto pensava êle certamente, quando uma tarde lhe vieram aos ouvidos os sons fascinantes de duas violas e uma rabeça, enfeitados com as cantigas de uns cegos ambulantes, que tinham parado á porta exterior da forja, pàra que lhes dessem esmola.

A meio da inesperada música, que se arrastava numa melopêa desafinadamente dolorosa, uma idêa súbita irrompeu o cérebro do Joãosito. Tivera um acertado e brilhante pensamento; aquella ideia era a sua salvação, que o futuro a Deus pertencia.

Quando calculou que o grupo dos pedintes iria estrada em fóra, longe daquela maldita e negra cova de ferreiros, pediu licença pàra uma necessária saída

ao quinchôso, e saltando de socaleco em socaleco, ligeiro como os passaritos, que êle costumava perseguir, deitou-se a corrèr em demanda da desconhecida caravana.

Bem depressa lhe avistou as figuras: um cego realmente cego, outro que o não era, um côxo fingido, o indispensavel burro bagageiro e um rapazola zanaga e atoleimado, ageitadôr dos taleigos e víveres, tangedôr da alimária e aflautado tiple da companhia.

Quando Joãosito se acercou daquela gente, e lhe falou, a sua voz tremia de fadiga e comoção; o que não privou de engendrar a historiêta, que ia decidir da sua negra vida.

Era um orfão sem pae nem mãe: o seu encanto seria corrèr terras, e vêr mundo: não tinha emprêgo, nem parentes, que lh'o procurassem: vinha ali offercêr-se para que o levassem, que êle não queria, nem desejava outra vida.

— E sabes tu cantar, rapaz? — perguntou o pseudo-aleijado, gostando de vêr o ar de espertêza do ladino garôto.

— Sei, sei, sim senhôr. Canto o fado e...

— Parece-me bom arranjo o diabo do fedelho — comunicou o côxo ao cego.

— Pôis que venha — respondeu êste.

E d'ahi a instantes o endiabrado Joanico da Florinda dava dois pinchos de contente, recebia uma sacola ao hombro, e lá seguia a nova orientação da sua azougada cabeça no curioso mister de môço de cego.

Pelo caminho ensaiou-se um fadô, que êle cantou na povoação mais próxima, a contento de pedintes e ouvintes.

O resto da tarde e o dia seguinte, passada a noite num palheiro das cercanias, fôram empregues na visita aos lugares mais arredados, voltando o bando a aproximar-se da vila da Feira, que deixaria de manhã para seguir caminho opôsto.

Ao passar por um casal das vizinhanças, já o luar inundava a paisagem, que era formosa e rumorejante pelo tráfego das colheitas em época estival, como era a de então.

Numa eira próxima, tumultuava uma pouca de gente, que se acocorava á roda de um montão de espigas de milho pàra uma descamisada, que pelo gargalhar de rapazes e raparigas prometia decorrêr alegre.

— E se nós fôssemos alí tocar e cantar um bocado? — aventou o cego.

— E p'ra que? — tartamudeou o côxo, que, fingido em tudo, sentia embaraços na lingua pelo vinho ingerido numa tasca, onde fôra a título de comprar cigarros.

— P'ra que, heim? Podíamos ganhar a ceia, e dormir regalados na palha da eira.

— Lá isso é verdade — acrescentou o tiple zanaga, cubiçoso de se divertir, e aliviar da caminhada.

— Isto é muito bôa gente — concluiu o Joãosito com vivacidade, agradando-lhe não entrar na vila, onde podia sêr reconhecido.

Amarrado o burro ao cercado do quinchoso, em lugar onde pudesse sêr visto, lá caminharam os pedintes muito afaveis e cumprimentadôres a oferecêr os seus serviços pessoaes e artísticos, que fôram aceitos, com grande gáudio da rapaziada presente.

Joãosito, parecendo-lhe vêr gente conhecida, por cautela, tomou lugar á retaguarda do bando, que, logo á entrada e a pedido geral, se preparara pàra dizêr do seu officio.

Iam começar pelo nôvo fado.

— Chega-te p'ra *decente*, rapaz! — ordenou o côxo ao trânsfuga, virando-se pàra traz, e impelindo-o por um braço.

O creançola não gostou da ordem, nem do aperto, mäs encheu-se de coragem, andou pàra a frente,

carregou o chapéu pãra os olhos, a vêr se encobria o ròsto, e *bolou* larga cantiga, com tòdo o desembaraço.

Pobre dèle! Joãosito punha, e repunha, màs Deus dispunha.

A certa altura, as filhas do dono da eira, depois de mirar o rapaz, benzendo-se com ambas as mãos, cochicharam com o pae; e êste, fazendo pala da mão direita, abismou-se por sua vêz, exclamando:

— Olhem quem êle é... Valha-te Barzabú! Olhem quem êle é... o Joanico da Florinda!

E agarrou-o pela jaleca.

A assemblêa desfêz-se em risadas, màs o honrado lavradôr, gesticulando indignado, ameaçava os pedintes de os ir denunciar ao regedôr, como desencaminhadôres de creanças pãra o seu officio de ralaços e mandriões.

Os acusados requereram misericórdia, contando o caso como fôra; e Joãosito, que já sentia nas orêlhas a costumada pressão das mãos paternas, dava um empuxão, a vêr se conseguia furtar-se á violênciã da scena.

O lavradôr porê m, que se prevenira contra as artimanhas do velhaquête, segurava-o bem, e d'ahi a instantes ia entregal-o aos paes, a quem, valha a verdade, pediu indulgênciã e conformidade.

— Que remêdio! — clamou Manuel da Costa, meneando a cabêça, verdadeiramente descoroçoado.

E no dia seguinte reenviava o filho á escola, onde o mestre, secundando as iras do pae, lhe applicou uma bôa duzia de palmatoadas, menos mal merecidas.

Se ao menos o endiabrado rapaz dêsse pãra as lêttras!

Baldada tentativa! João era inteligente, màs a vida airada, quer dizêr, a constante mudança de situação constituía uma prenda inata, que a naturêza lhe impuzera.

Por último recurso, um ano mais tarde, o nosso

pequeno heroe, que já criara lenda de endemoninhado, dava entrada, como marçano, numa mercearia do Pôrto.

Alí sim; longe da família e da terra natal, naquella escola de ferrenhos e apertados horisontes, onde os desgravatados tafues do comércio usavam jaquêta de briche e tamancos, alí, a emenda devia sêr rápida e certa.

Pàra amansar díscolos incorrigiveis, e pàra amaci- ar o pèllo a valdevinos, não havia como o encebado balcão e as mais untuosidades de uma bôa mercearia.

O caso foi que, d'ahi a poucos mêzes, o gordonchudo merceeiro dizia mal da sua vida, porque o rapaz não tinha préstimo pàra coisa nenhuma: não acordava ás horas do serviço, tosquenejava durante o dia, entornava a talha das azeitônas, besuntava a cara dos companheiros com manteiga, e procurava divertir-se em vêz de trabalhar.

Um diabo, que não podia têr bom fim! Por sua parte, o João resolvêra nova mudança, e, fiado na proteção gazalhadôra da mãe, que o havia de livrar da maior durêza de castigo, abandonou uma bela manhã o balcão da mercearia, sem dizer adeus a uinguem.

Despreocupado que ia, no intuito de matar saudades da família, não deu pela sua falta absoluta de dinheiro, e só se lembrou, á entrada da ponte, de que não tinha os cinco réis da passagem.

E ahi está como, pela miséria de cinco réis, se obscurecia o ideal de um esperançoso mancêbo de 12 anos!

Desventurado João! A malucar na sua vida, foi sentar-se á borda do caminho sôbre o relveiro.

Èle nada sabia de destinos, se não uma voz secreta lhe diria que, assim como ao menino e ao borracho Deus lhes põe a mão por baixo, o acaso é tido como protectôr encartado dos estroinas.

D'alí a instantes, uma mulher, com uma cêsta de roupa á cabeça, caminhava ponte fora, defrontava-se com êle, e, depois de o observar detidamente, exclamava cariciante:

— Olhem o Joãosinho! Então que diabrura temos nós agora?

Era uma antiga serventuária dos paes, uma bôa alma, que já lhe conhecia as manhas, e que lhe depunha nas mãos os 5 réis salvadôres.

Pâra ganhar o tempo perdido, o rapaz deitou-se a corrêr até que se viu fora dos limites da cidade.

A jornada porêrn seria longa, a noite viria surprehendê-lo em caminho; o suor escorria-lhe da testa e as pernas requeriam descanso.

Atirou consigo pâra uma alfombra de relva, á beira da estrada, e têve muita inveja dos caminheiros, que conduziam animaes de carga, indo comodamente montados ou estendidos sôbre os carros.

Depois de algum tempo, pensou que podia pedir condução ao primeiro carro, que journadeasse pâra as bandas do seu destino.

A êste tempo, passavam, em sentido contrário, uns burriqueiros, vendedôres ambulantes e expositôres de feiras, aos quaes chamam tendeiros.

Iam a conversar, e atentaram no rapaz, que os ficou seguindo com a vista, deitado sôbre a relva, cotovêlos fincados no chão e cabeça apoiada entre as mãos, na posição, que tantas vêzes usara nos tempos, ditosos tempos! em que armava aos pássaros.

Um dos homens, já a consideravel distância, depois de gesticular muito, mexeu e remexeu os bolsos das calças e do colête, parecendo ao Joãosito que nêsses momentos alguma coisa caíra na estrada, sem que o sujeito dêsse por isso.

Era uma coisa branca... lusidia... algum botão dos alamares da jaquêta, sem dúvida.

E o rapaz não se mexeu, importando-se pouco

com o caso, até que os homens desapareceram na linha extrema do horisonte.

Então voltou a pensar no assunto, e, impellido por uma certa curiosidade, levantou-se, e correu pãra o sítio, onde lhe parecêra que o objecto caíra.

Impelia-o a Providência dos desmiolados, o acaso, que vinha em seu auxílio, e que podia fornecêr uma bôa página a um romance, em que se ia tornando a sua vida aventureira.

João, ao encontrar muito bem pôsto na estrada e apenas salpicado de poeira um bonito cruzado nôvo... um pinto, não podia, com razão, acreditar em tamanha fortuna.

Deu quatro cambalhotas de gáudio, e meteu pernas ao caminho, depois de assentar na aplicação de tão elevada riquêza, que êle mirava e remirava, como que pãra acreditar bem no que via.

Atraz dêle, começaram a tilintar os guizos de um macho, guiado por almocreve, que cantarolava, caminhando a passo cadenciado, e levando a comprida rédea lançada, como é costume, quando o animal é manso, sôbre o hombro direito.

O macho seguia-o, como se fôra um cão.

— Olé, rapazola! *Indas* que eu mal *progunte* p'ra onde é que vaes?

— P'ra villa da Feira. E vocemecê?

— Eu tambem.

— Ora então muito bem, — respondeu João contentíssimo, propondo-se pãra ser conduzido no macho.

— Isso agora! Estás doido, *home*? Não vês como o macho vae cansado? Sempre me saiste um *stúrdio*!

O rapaz alegou que tinha dinheiro, com que pagar, puxou do pinto, passou-o ás mãos do almocreve, que se convenceu, e enterneceu logo.

D'ahi a instantes, o Joãosito escarranchava-se sôbre a carga do macho, e assim, no tempo devido, dava entrada na terra natal.

A mãe, com quem se avistou primeiro, comunicou ao marido que o rapaz viera doente, em razão do trabalho pesado da mercearia portuense, cujo dono aconselhara a viagem; e que era preciso portanto dar-lhe algum tempo de folga, e cuidar-lhe da saúde.

O pobre pae, bem ou mal, deu-se por convencido, especialmente por desejar que o filho se aperfeiçoasse na escrita e contas.

Uma doença porêm, e esta séria e fatal, destruiu, passado algum tempo, aquêlê principal arrimo da família: D. Florinda de Lima enviuvava, e, pelas suas circunstâncias e por consêlho de parentes e amigos, era obrigada a separar-se do filho, como tanta gente, destinado a ir procurar fortuna em regiões estranhas.

III

Em país, onde se ajuizasse, governativa e patrioticamente, dos males da emigração, seria crime o mandar creanças pâra climas tropicaes, entes ainda imprestaveis pâra o amanho da vida, pârias, que, quando se não perdem ou não definham, precisam, chegados á idade viril, de voltar ao seu país a reconstruir a saúde arruinada, justamente na época, em que podiam começar a ganhar o pão, com proveito pâra si e pâra os outros.

A negregada e amolecida orientação pública portugûesa, no entanto, vae cuidando sempre que a opulência de um emigrante pode substituir a ruina de milhares, e deixa dizimar populações agrícolas, onde só há mulheres, velhos e creanças, que são depois engolidos pela mêsmã voragem, que lhes levou os paes.

E sabe alguém o que é o emigrante ao abandonar a sua terra, atirado a bordo de um navio, ás vêzes como simples carga, o que sente, o que pensa e o que precisa fazêr, chegado ao solo estranho?

Costa Lima nol-o dirá, mais tarde, compulsando a sua experiência e recordações.

Aos 13 anos de idade, em 1849, seguia êle mar em fóra, recomendado a uma casa comercial do Rio de Janeiro, a qual lhe deu *arrumação*, como lá se diz.

O rapaz, tão irrequieto como fogôso, não mudou muito com a nova situação: garotada, que lhe ficasse a geito, não era despresada; torneira, que êle pudesse abrir, agua, que conseguisse toldar, ruma de fazendas, que sorrateiramente pudesse precipitar na rua, ao passar, não ficavam sem a intervenção do seu braço.

Empregou-se, portanto, desempregou-se, uma e bastas vêzes, garotou, cresceu e trabalhou, passando-se por fim a Pernambuco, ahi com 18 anos, e, pela inconstância do seu temperamento, no andar do tempo, seguindo pãra as províncias do norte, por onde se entretêve uns dez anos nos diferentes misteres de caixeiro, agente de indústrias, caçadôr, hoteleiro, alugadôr de fatos de máscaras, corretôr de negócios, fotógrafo e até gerente de uma emprêza funerária, a que êle se referia, sempre com muitíssima graça, chamando-se êle próprio *gato pingado*.

Êste último cargo exerceu-o êle na Parahiba, não chegando a prefazêr quatro annos em qualquer das províncias, em que desembarcou — Pernambuco, Parahiba, Ceará, Maranhão e Pará, como nunca se demorou tempo egual em occupação nenhuma da sua vida!

E disso se vangloriava êle nas suas conversas, como corolário da versatilidade invencível do seu espírito.

Sem bôa aprendizagem escolar, pouco versado em leituras úteis, desconhecêdor de determinados livros e autôres, Costa Lima tinha fraquíssimos conhecimentos literários.

Entretanto começava a poetar, e a sentir pelo teatro uma profunda inclinação, aproveitando tôdas as récitas de curiosos, em que pudesse tomar parte, sem

prejuizo de umas aventurosas caçadas, pelos matos dentro, no que se tornara destro e apaixonado.

No seu album de familia, incompleto como quase tôdas as suas coisas, encontrámos três poesias, publicadas em jornaes d'essa época, composições de fraco merecimento, como estrêas, que deviam sêr.

A primeira é datada de S. Luiz do Maranhão, em 25 de setembro de 1862, intitula-se *Maldição*, significada num queixume amoroso, e compõe-se de cinco quadras, de que destacamos a terceira :

Amava-te tanto que até em meus sonhos,
Mui bela eu te via a meu lado sorrir;
Agora, acordado, mal posso encarar-te,
E quero p'ra sempre medroso fugir.

A segunda, marcada com a data de 24 de outubro seguinte e o título *Não creio*, tem entre seis estrofes esta quadra :

Não creio nas galas, que os ricos inventam,
Se nelas ostentam vaidosos preceitos;
Bemdigo os andrajos, que nunca infamados
Se viram, calcados, ao crime sujeitos.

A terceira, escrita no Ceará, a 10 de março de ano imediato, 1863, no album de uma senhõra, e em número egual de quadras, termina assim :

Perdõa, senhõra, se fui arrojado,
Tentando nêste album meu nome traçar,
Perdõa-me, sim, que por Deus eu te juro
Não mais outra fõlha de negro manchar.

Da metrificacão uniforme se deduz a simpatia, que o autôr dedicava ao musicalíssimo verso de arte maior, em verdade preferivel ao seu vizinho, o prosaico alexandrino, e muito usado na época.

Costa Lima, por último, dera preferênciam ao cultivo da fotografia; e, com o primeiro pecúlio, que

juntou, fêz uma viagem á Europa, com o fim especial de ir, como foi, a Paris estudar essa especialidade.

De volta desta cidade, tencionava o fogôso man-cêbo visitar sua mãe, de quem nunca se esquecêra, e a terra, que lhe fôra bêrço.

Os recursos porêm iam em debandada, e êle, quando deu por si, só têve tempo de ir tomar ao Havre um vapôr do Brasil, e regressar ao Maranhão, onde fundou o seu primeiro estabelecimento fotogrâfico.

Organizadôr de mil projectos, emprêsas e fantasias, enamorado e saudôso da sua primeira viagem europêa, logo que arranjou dinheiro, realizou nôvo passeio, a que se seguiram outros, sempre que a moeda abundava.

De tôdas as vêzes, quando o nosso viajante aportava de nôvo ás praias de alem-mar, certo era que o dinheiro escasseara, e tanto, que até de uma vêz essa falta lhe serviu de verdadeiro reclamo.

Fôra o caso que êle, ao recebêr a bordo do navio, que o conduzira, alguns amigos e afeiçoados, que lhe louvavam a bôa aparência de saude, metendo as mãos nos bolsos, onde só restava uma moeda de cinco tostões, exclamara, erguendo ao ar êsse fraco resto de maior quantia :

— De côrpo não vamos mal ; agora de dinheiro . . . é o que vocês estão a vêr . . . uma pobrêza franciscana. E vejam lá . . . não se esqueçam de mim.

Não foi preciso mais. No dia seguinte, a fotografia enchia-se de freguêzes, que precisavam, e não precisavam de retratos, e o dono da casa, muito popular e credôr de fundas simpatias, realizava um excelente négócio, e não podia dar vasão a tôdo o trabalho, que acorrêra.

Na viagem de 1863, visitou êle, pela primeira vêz, a terra natal, e gosou bastante com a recordação das scenas da sua creanceice.

Costa Lima, apesar das suas rapaziadas, vida libérrima, volubilidade característica e mais predicados, era, e foi sempre, muito cortêz e delicado com as mulheres.

Admirando com olhos de vêr e cobiçar as raparigaças carnudas e sadías da sua terra, dedicou a uma delas mais simpatia, e, sempre que a encontrava, dirigia-lhe amabilidades e carícias, muito ao de leve, cortêzmente.

A cachopa porêem dava pouca corda; quando muito, quedava-se a derriçar o avental com os dentes, mäs não tugia nem mugia.

Lima queixou-se do caso, muito espantadò, mäs viu que a pessòa, com quem falara, lhe ria nas bochêchas.

— Você não tem geito nenhum. Isso não se faz assim. Se quizer cativar o agrado da moçõila...

— Por simples curiosidade, mero estudo...

— Seja pelo que fôr. Quando ela estiver á sua beira, fale-lhe, e toque-lhe á moda da terra.

— Tocar-lhe eu...

— Sim, sim. Palavra puxa palavra... uma palmada nas costas... uma cotovelada... um empurrão...

— Amôr aos bofetões pelo que vejo...

— Pois que mais? E adeusinho, que se faz tarde.

— E o caso foi — contava Costa Lima, com o costumado chiste — que eu não precisei de mais lições. Numa tarde encontrei a rapariga num olival deserto; falei-lhe galhofeira e lorpamente, e fui-me chegando pâra ela, que descansava as mãos nos quadrís roliços, tendo os braços em arco; em seguida a uma graça, assentei-lhe valente palmada nas costas, concluindo:

— Ah! *sõra Marq'uinhas!* que eu ando derretido por êsses olhos, que parecem repõlhos.

E zás! um empurrão!

— Ora o dianho do *sôr Janzinho* sempre tem coisas !

« E riu muito, avançando e recuando, como que a pedir mais. Não me fiz rogado ; e, falando e rindo também, applicava-lhe um forte beliscão a um braço, e recebia em troca um murro amovavel, que me ia deitando a terra. D'ahi a instantes rebolcávamo-nos os dois sôbre a relva do olivêdo, sovando-nos reciprocamente, com grande força e afabilidade. »

A recordação desta e de outras scenas campestinas serviu mais tarde pâra a urdidura de uma comedia original, de que a seu tempo nos occuparemos.

IV

Do Maranhão passou Costa Lima a estabelecêr a sua casa fotogrâfica no Pará, onde mais a popularizou, escrevendo versos, tomando parte em saraus, festejos e récitas, e onde permaneceu mais tempo.

Por esta época escreveu êle a sua primeira peça teatral, *As Pupilas do Escravo*, drama em três actos, inspirado nos costumes e destino dos prêtos, que êle estudou e observou de perto, sendo óptimo imitadôr dos seus modos e linguagem.

Desta vêz, por séria enfermidade, voltava novamente a Portugal, em 1865, aos 29 annos de idade, e ia hospedar-se em Bemfica, na casa de seu tio o commerciante Almeida Lima, onde têve por enfermeira cuidadosa e amovavel sua prima D. Adelaide, que pouco depois se tornava sua espôsa.

Se não fôra a circumstância da doença, que o obrigou a estudar, minuto a minuto, dia a dia, as qualidades daquela bôa senhora, Costa Lima, que não se demorava nunca em observações duradouras sôbre coisas e pessôas, com o seu espirito instavel, talvez não chegasse a matrimoniar-se em tempo nenhum.

Os que lhe conheciam o carácter inconstante na forma, mäs honrado e laboriôso no fundo, julgaram que o casamento seria pàra êle a estabilidade e a quietação futuras.

Pelo decorrêr dêstes apontamentos, veremos se o conheciam bem os que presumiam conhecêl-o.

Acompanhado de sua mulher, em 1866, voltava ao Pará, onde reabria o seu estabelecimento fotogràfico, correndo-lhe próspera a fortuna, quanto a dinheiro, mäs muito adversa no que respeitava á saude da espôsa, cuja compleição era refractària ao nôvo clima.

Esta poderosa razão obrigou-o, no ano seguinte, a trespassar a sua casa a Felipe Fidanza, seu compatriota e fotógrafo, que foi um excelente artista na mêmisa localidade, e a regressar a Lisbôa, onde, pàra bem dizêr, contado o tempo da meninice e o da larga peregrinação e residência em terra alheia, ia começar a terceira época da sua vida.

Apesar de tudo, como já temos indicado, Costa Lima possuía bôa dose de probidade e certas qualidades affectivas, alem da habilidade tenaz pàra angariar os meios de vida, predicados, que o tornavam distincto do bohémio, cuja aliança repele.

O sentimentalismo não era o seu menor predicado.

Abramos o seu album nas páginas, onde se encontram os versos incompletos da sua poesia *O Colono*, e ahi o reconheceremos como protagonista, que peregrinou, e sofreu.

A pobre mãe entrega ao pequeno emigrante a trouxa de roupa, que êste leva pàra o navio, essa estranha máchina, que ha-de expatrial-o.

.....
 Foi numa manhã de inverno
 Fria, ventosa, gelada,
 A bordo era tudo inferno
 Nos preparos da jornada :

No convez, em cada canto,
Não se via um rôsto enxuto:
Eram torrentes de pranto,
Pranto de um dia de luto.

Pelas enxárcias os ventos
Soltavam tristes zunidos,
Como orchestra de lamentos,
Num concôrto de gemidos;
E' que nessa hora suprêma
D'um adeus, á despedida,
Não há lábio, que não trema,
Nem lágrima reprimida.

Minha mãe, silenciosa,
Contra o peito me estreitava;
Naquela alma dolorosa
Nenhuma angústia faltava,
Do pranto bebia as fezes
Num transporte longo e mudo...
E' que a mudêz, muitas vêzes,
Nada diz, dizendo tudo.

Quando a voz do comandante
Retroou pelos espaços:
— Larga! Larga! — ai! nêsse instante,
Sentindo-a fugir dos braços,
Como um cão, que alem, da margem,
Num batel vae vendo o dono
Sumir-se, ao sôpro da aragem,
E alí fica ao abandono,

Ganindo, uivando, convulso
De dôr, de pena, de mágua,
Como a querêr num impulso
Atirar-se ao cima da agua;
— assim eu, no mêsmo ancêio,
Vendo-a sumir-se na bruma,
Senti as fibras do seio
Retalharem-se, uma a uma.

Que ri do vosso rir, e chora, quando
Aflicta, a dôce mãe, vos vê chorando!
Vós, que nem mêsmo uma hora separados
Vos vistes pela ausencia! Ah! hemfadados!
Quem nunca se viu longe... bem distante
Da patria, da família, ou de uma amante,
Não sabe o que é sofrêr na mocidade
Dez anos de martírio e de saudade!

Nós pela nossa parte, ao preconizar a verdade dêste quadro, bem experimentado por nós, diremos que só a ausência e a saudade podem fornecêr semelhantes tintas.

Costa Lima sentiu dolorosamente o que escreveu, indicando-nos a época dêsse incompleto escrito, sem o pensar e sem o querêr talvêz.

Afirmando que ninguem dentro da pátria pode sabêr o que são

Dez annos de martírio e de saudade;

e tendo ido para o Brasil aos 14, mostra-nos claramente que escreveu êsses versos, em 1860, aos 24 annos de idade, ou pelo menos quo os tracejou, apurando-os mais tarde, visto que as amostras precedentes são de 1863 e de si muito insignificantes.

Algum tempo depois de chegar a Lisbôa, em meiado de 1867, Costa Lima adquiriu por trespasse a afamada *Fotografia Silveira*, o célebre moedeiro falso, que a estabelecêra na rua do Thesouro Velho e no lugar, que hõje ocupa o teatro D. Amelia.

Se êsse estabelecimento deu ao nôvo possuidôr não pequenos incómodos pelas repetidas buscas, a que a polícia procedeu, em razão da casa têr pertencido ao notavel falsificadôr, tambem lhe serviu, no andar do tempo, pâra título de popularidade e glória.

Convertetu-se, em horas vagas e ás noites, em centro de reunião e ensaio de alguns artistas e especial-

mente de curiosos dramáticos, que celebraram frequentes espectáculos e vários festêjos no velho teatro do Aljube e na sociedade da rua do Alecrim, chamada do *Carapau*, porque a sua instalação primitiva fôra feita numa casa da Ribeira Nova, fronteiraça do mercado de peixe.

O crisma burlêsco nasceu de se dizêr, ao designar a sociedade, que se ia pàra o Carapau; e tão forte se tornou que foi companheiro da sociedade dramática pàra a rua do Alecrim e pàra a casa, onde se vê hõje a *Arcada de Londres*.

A tal respeito e pàra sinal da importância e duração desta sociedade, bom será notar que a picarêsca denominação resistiu ao tempo e ao próprio têrmo da agremiação, pois que, ainda ha pouco ao gremio progressista, que lá funcionou, se chamava o *Centro do Carapau*.

Costa Lima, como é de vêr, em sua casa e fora dela, constituiu-se a alma do movimento teatral particular, como actôr e autôr.

Escreveu a *Espadelada* e o *Othelo tocadôr de realajo*, e refundiu o seu drama *Os Pupilos do Escravo*, peças que passaram ao theatro Gimnasio, onde êle, a pedido da emprêsa, foi desempenhar as personagens principaes de tôdas elas, porque ninguem possuia qualidades imitativas eguaes ás suas.

Na *Espadelada* resumia costumes ovarinos que observara na sua própria terra, não lhe esquecendo de acentuar bem o característico namôro aos empuxões.

Quando o rapagão do Thomaz se queixa á velha Terêza de que a sua *Jaquina*, a sua conversada, o vae trocar por um *casaca* da cidade, entre o mais, que viu, afirma:

— Êle estava-*le* a fazêr gaifônas, assim, no queixo, e ela a fingir que *nan* qu'ria, e êle a teimar, e ela a deixar-se ir, e a pôr-se ós murros a êle! A... aquê-

les murros eram *munto* meus! Se êle os quer que vá lá p'ra *cedade*, que *nan* falta quem *los* dê.

As habilitações e o estudo local, de que o autôr dispunha, davam-lhe portanto uma feição, que ninguém podia disputar-lhe.

Nos *Pupilos do Escravo*, a larga convivência com os prêtos do Brasil, dos quaes imitava com a máxima correção os modos, as cantigas e a linguagem, assegurava-lhe um êxito ainda melhor.

No *Othelo tocadôr de realêjo* finalmente, a circunstância de ter sido escrito p'ra uma paródia ao trabalho do trágico Rossi, que em vésperas de partida, fôra ao Gimnasio admirar e elogiar Costa Lima, a acentuação correctã, com que êste imitava o italiano, fizeram que o autôr servisse de mestre, como actôr, aos artistas representadôres, que se lhe seguiram.

Há numerosas famílias e companheiros seus, que ainda hõje se lembram com saudade dessa época brilhante.

*

* * *

Em 1871, três anos e meio depois de estabelecido, em razão do seu temperamento e por ventura dos recentes processos photographicos, que entraram em luta com os seus, engendrou Costa Lima nôvo projecto de vida; o que sempre lhe foi facil.

Conferenciou com Procópio e Lambertini, que scenografavam de sociedade, disse-lhes o que pretendia, e contratou com êles a pintura de um extensíssimo pano de fundo, que se desenrolasse lentamente á vista do espectadôr, durante certa representação, e apresentasse a tôda a altura da caixa o comprido e formôso panorama de Lisbôa, desde a barra até ao extremo de Santa Apolónia.

Feito isto muito a seu contento, muniu-se das pe-

ças dramáticas já mencionadas, juntou-lhes a imitação em 1 acto *Orestes e Pilades*, que compozera anteriôrmente, escreveu a bordo do vapôr, em que entrou, uma nova comedia, em 1 acto, *A Vindima*, e dirigiu-se com tôda essa bagagem artística e literária ao Rio de Janeiro.

Organizada uma companhia ambulante, de que era o primeiro actôr e o chefe, começou a expôr o seu reportório e o panorama, que despertou um alegre alvôrço entre a colônia portugûesa, entusiasmada por vêr representar comédias de costumes nacionaes, ao mêsmo tempo que se desenrolava e ela via, saudosa e palpitante de comoção, o magnifico panorama da capital do seu país.

Não era preciso mais. A lembrança de Costa Lima alcançava um prémio avultado de grandes aplausos e óptimos lucros; e êle mandava a tôda a pressá encomendar a Procópio e Lambertini um panorama idêntico do Pôrto.

A chegada dêste nôvo pano aumentou os lucros do feliz empresário, que, por uma notavel coincidência, se encontrava nos mêsmos intuitos de exploração artística com o tragico Rossi, que foi vêr e cumprimentar.

O famôso artista, recordando-se da paródia, que vira em Lisbôa, feita á sua personalidade com tamanha correcção, mostrou desêjos de a tornar a presenciar.

Costa Lima, admiradôr convicto do afamado italiano, esmerou-se no desempenho, que deu ao tocadôr de realêjo do seu *Othelo*, pronunciando os trêchos da lingua de Dante com o acionado e a modulação da voz de Rossi, que em testemunho do seu aprêço e gratidão lhe ofereceu o retrato, cuja dedicatória tem a data de 27 de junho de 1871.

Não colecionando nunca as lembranças dos seus triunfos, e importando-se até muito pouco com elas,

o autôr da comedia *Othelo* ligou sempre manifesta importância ao retrato de Rossi.

Resolvido, depois disso, a transferir-se para o norte do Brasil, percorrendo o litoral, Costa Lima passou da capital ao Rio Grande e a outras localidades do sul, onde continuou a ganhar grôso dinheiro.

Conseguido o seu desiderato, esperava êle e com toda a razão alcançar uma riquêza; antigos padecimentos porêm, em que avultava uma afeção de bexiga, obrigaram-no a desfazêr-se do material da sua emprêsa, vendendo-o ao actôr portuguez, há muito falecido no Rio de Janeiro, Vicente Rodrigues, que seguiu o itinerário traçado pelo seu antecessôr até ao Pará, onde o tracejadôr destas linhas chegou a assistir á exhibição das comédias e panoramas, que em verdade produziam em almas bem portuguezas o vivo ágridôce das saudades e as exaltações do patriotismo, que só os exilados podem e sabem sentir.

Mal diríamos nós então, que, ainda por um sentimento de apêgo ás coisas pátrias, havíamos de sêr o cronista dos objectos e do autôr dêsses espectáculos!

*

* *

Depois da demora de um ano e tanto, Costa Lima voltava novamente a Lisbôa, em 1872, trazido pela enfermidade, e empregava em inscripções hespanholas o avultado pecúlio, que afortunadamente adquirira.

Nova fatalidade no entanto lhe vinha ao encontro, e tal impressão lhe causou que uma grande parte dos seus cabelos branquearam, de um dia para outro, segundo o seu testemunho.

Os acontecimentos políticos de Hespanha fizeram baixar o seu papel a um preço arrastado, que representava enorme prejuizo, e meteu pavôr.

Costa Lima, sem ânimo para esperar, como mandava a boa razão, assustou-se em demasia, e no ano seguinte vendia ao desbarato todos os valores hespanhoes, que possuia.

Este revez foi o maior e mais sério de toda a sua vida. Costa Lima, pela primeira vez, pensou maduramente no seu futuro e no da esposa, embora desta não tivesse descendência, que estipendiar, e temeu por ambos.

Esta preocupação havia de acompanhá-lo, como acompanhou sempre.

Precisa se tornava uma volta immediata ao trabalho, e portanto elle, readquiridas, numa grande parte, as feições peculiares do seu carácter, empregava-se como gerente do café da *Europa*, o antigo *Hespanhol*, do Rocio, então pertencente ao pae de Matos Moreira, de quem já era presadôr e amigo, como não podia deixar de sêr, visto que a convivência dèste, na sua qualidade de traductôr, editôr e autôr de comedias e literatices várias, lhe seria proveitosa e agradável.

Continuando a obedecêr á instabilidade da sua naturêza, á sua tendência para coisas teatraes e ás muitas solicitações de amigos e admiradôres, voltou a tomar parte em espectáculos de curiosos, em casas particulares, no teatro Taborda, em varias peças, e anos depois no do Principe Real, desempenhando o difficilimo papel do velho Gaspar nos *Sinos de Corneville*.

Não nos antecipemos porém.

Continuando tambem e sempre a seguir a feição principal do seu temperamento, de gerente do botequim passou a escuritário ajudante do fiscal Serrinha, no hospital de S. José, donde se transferiu para o Pôrto, no emprêgo de pagadôr do caminho de ferro do Minho e Douro.

Restam-nos dessa época três poesias suas — *Fado*,

inédito de onze quadras, escrito no seu album, em 1875; *Paz e Progresso*, impressa em avulsos e distribuida no teatro de S. João, onde êle foi recital-a, na presença de el-rei D. Luiz, que acabava de assistir á inauguração do dito caminho de ferro, em 17 de maio dêsse ano; e *Emfim*, versos congratulatórios por têr acabado a guerra civil de Hespanha, dados á luz num jornal portuense, em 10 de março de 1876, uns e outros apensos ao sobredito album.

A primeira composição, o *Fado*, é ligeira como o título indica, mäs redunda em nenia ou simples queixume pessoal e não em cantata erótica, que se casa aos sons da gemebunda guitarra.

E' como segue a quadra mais de estimar:

Hôje, debil como a palma,
 Que sacode o vento irado,
 Nas últimas cordas da alma
 Quero saudar o passado.

A segunda *Paz e Progresso*, não tem espontaneidade; é uma poesia de ocasião, um objecto de encomenda. A estrofe seguinte constitue a melhor das suas cinco décimas:

Paz! ó paz! bemdita sejas!
 Bemdita, lúcida estrêla,
 Pomba, que nos ceus adejas,
 Quando vae finda a procela;
 Bandeira, que no Calvário
 Se arvorou; branco sudário
 De puro sangue manchado,
 Legado santo, eloquente,
 Dêsse mártir inocente,
 Que na cruz morreu cravado.

O terceiro escrito, consagrado á Hespanha, sim: é meditado, vigoroso e sentido; compõe-se de onze

décimas, de que destacamos três, pesando-nos que o espaço nos não dê maiores ensanchas.

.....

São irmãos os combatentes,
 No mêsmo ventre gerados
 Da mãe pátria! Dissidentes,
 Cegos, loucos, desesp'rados,
 Vão lançar-se na voragem,
 Dando exemplos de carnagem,
 Como esfaimadas panteras!
 Na pelêja enraivecidos,
 Quem dirá, pelos rugidos,
 Se homens são ou brutaes feras?!

E a glória? De quem a glória?
 Do matadôr... ou do môrto?
 Como, ó Christo, é irrisória
 A tradução do teu Hôrto!
 Como os homens em delírio,
 Escarnecem do martírio,
 Que sofrêste em seu proveito!
 Com que pálido cinismo
 Vão profundando êsse abismo,
 Que os ha-de sorvêr no leito!

Falando dos padres, que animavam a guerra de Hespanha com a palavra e o exemplo:

.....

Junto ao trabuco execrando,
 Pende-lhe ao lado um rosário!
 E... vão matando. . e prégando
 O verbo... a lei do calvário!
 Ó padres! com que direito
 Metralhaes o debil peito
 Da pátria, que jáz exangue,
 Em nome de Deus? Mentira!
 Quem com sangue redimira...
 Não quer dos homens o sangue.

Êstes versos não são de uma cabeça airada, nem de um coração levemente pervertido, comø podem sêr

os do bohémio. A alma do autôr, aberta a tôdos os sentimentos generosos, não tomava parte nas volubilidades do seu carâcter.

V

Na segunda metade de 1876, saía Costa Lima da capital do Douro, pàra vir exercêr em Lisbôa o elevado cargo de directôr do Asylo de D. Maria Pia, de que pediu exoneração, antes de findar um ano, por não concordar com desperdícios e pontos de administração, que pretendeu corrigir e melhorar.

Na intenção de crear melhor carreira, dedicando-se ao comércio de logista, partiu em seguida pàra Paris, onde fêz um sortimento de quinquilharias e objectos de bom gôsto pàra brindes e fins diversos, e veio estabelecêr-se na rua do Côrpo Santo.

Em pouco tempo, transferiu esta loja, e foi montar, na rua do Ouro, outra do mêsmo gêneros, denominada *Casa das Variedades*, que igualmente trespassou, decorridos mêses, seguindo novamente pàra o estrangeiro. Ocorreu isto em 1879, do que nos dão testemunho certo uns versos do seu album, datados de Antuerpia, em junho dêsse ano.

Intitulam-se: *Recordações da minha terra*, e, como taes, são um esbôço retrospectivo de alguns quadros da sua meninice.

Eu vejo-te, ó minha terra,
P'lo prisma da minha infância,
Num vale, encostada á serra,
Tôda frescura e fragrancia,

Onde o sôl, como em gracejo,
Ao vêr-te tão bela, em maio,
Lá do ceu te manda um beijo
E uma flôr em cada raio.

.....

Como paga dêste anceio
Só te peço, ó chão da Feira,
Sete palmos do teu seio,
Na minha hora derradeira.

E ahí está o indivíduo, que a tôdos abismava com a inconstância do seu labutar e com as exterioridades do seu genio folgasão, a gemêr melancólicas lembranças da terra natal, no torvelinho de uma das mais formosas cidades europêas, onde o negócio, a que ia, e as diversões locaes lhe deviam ocupar o tempo e a imaginação!

Admiravel organização a dêste incongruente em tantíssimos pontos da sua vida!

Desembarcado o sortimento, com que se tornou a Lisbôa, veio Costa Lima estabelecêr-se, ainda uma vêz, na mêsmã rua do Ouro, primeiro quarteirão, ao vir do Rocio, numa loja, a que pôz o nome de *Casa de Berlim*, onde se demorou por três annos.

Em principios de 1883, já êle, liquidada essa casa, tratava de voltar á vida de fotógrafo, apropriando o único andar do prédio baixo da rua do Arco Bandeira, n.º 136, esquina da travessa da Assumpção, pâra instalação do nôvo mister, a que ia dedicar-se, tencionando aproveitar máquinãs e objectivas, que guardara da fotografia *Silveira*, mãs que pouco diziam com o progresso e aperfeiçoamentos dos aparelhos modernos.

A absoluta economia era de há muito a sua norma de procedêr, embora as frequentes alienações dos seus estabelecimentos só lhe tivessem acarretado os prejuizos da instabilidade, pois sempre com êles lucrara mais ou menos.

Pouco tempo se demorou ahí porê m, negociando os arranjos e obras, que fizera, com o fotógrafo Goes, que ainda hõje lá conserva a sua conhecida galeria.

Foi nessa casa, que pela primeira vêz nos encontramos com o Lima, que, pelas suas maneiras apri-

moradas, apesar de nos têr tirado um mau retrato, destinado á 1.^a edição das nossas *Horas Perdidas*, onde figura gravado, nos cativou dèsde logo.

Em tòdo êsse ano descançou, e poetou, escrevendo, exceção feita dos versos, que citámos, do *Colono*, a melhor de tòdas as poesias avulsas, *Um conto á lareira*, a 4 de setembro, recitada por êle, anos depois, no teatro da Trindade, e publicada em seguida pela livraria Tavares Cardoso.

Foi por uma dessas noites,
Em que a neve cae a flocos;
Á chamma viva dos tocos
Resinosos, da lareira,

Ao derredor conchegados,
Moços sentados em sêpos,
Velhos em bancos sentados,
Casa de antigo morgado,

Solar de velha nobrêza,
Onde o pão é de quem quer
E quem quer se senta á mêza,
Que ouvi a seguinte história
Por bôca muito estimada.
Tenho-a aqui bem na memória,
Como hôle mesmo contada.

E assim correm, num andamento de xácara medieval, 305 versos, formando um folhêto de 16 páginas, em que a lenda se ocupa de um fidalgo, que enlouquecêra, ao ouvir no hospital, onde enfermava a amante ludibriada, as queixas e maldições, que ella votou nas vascas da morte.

O conto é narrado ao próprio filho do algôz, o fidalguinho, que não sabia que a alma penada do pae gemia, a certas horas, junto de um cruzeiro, que então se envolvia em mórbida claridade; e a narradôra é uma velha aldeã, que termina assim:

Se, quando por lá passar,
Vir a luz e ouvir um ai,
Não se esqueça de rezar,
Que êsse louço era seu pae.

E visto que se não trata sómente de um panegírico, cuja feição exclusiva não é de boa crítica, nem se adapta ao nosso modo de vêr, acentuaremos que há senões gramaticaes e de construção, encontrados aqui e alí, em tôda a obra de Costa Lima. Cotados porém pela superficialidade dos seus dotes literários, mais lhe fazem realçar a inventiva e o mérito, e são de pequena monta, se se considerar que a absorção do seu espírito não podia sofrer demasiada tensão, nem prolongar-se pelo contínuo movimento, que as suas faculdades requeriam.

Do citado mês e ano de 1883, encontra-se ainda no album uma curiosa poesia, que vamos transcrevêr, porque é um original e verdadeiro apólogo de excelente quilate, denominado pelo autôr :

PRÓLOGO DE UM LIVRO

(Se eu chegar a escrever um livro)

Um dia um cedro frondoso
Ia soberbo, imponente,
Levado pela corrente
De um ribeiro caudaloso.

Um raminho de oliveira,
Tranzido de susto e mágua,
Ia ao lado, á tona d'água,
Seguindo a mesma carreira.

— Onde vaes, ó pobresito?
— Pergunta o cedro arrogante
Ao ramo, que, a cada instante,
Vae temendo algum conflicto.

— Vou! — diz êsté, sem orgúlho —
 Á mercê de Deus e á sorte.
 — Tu vaes, louco! achar a morte
 No areal, por entre o entulho;

« Em quanto que eu, sôbre a relva,
 Serei, onde fôr levado,
 Pelo pòvo transplantado
 Como gigante da selva! »

.....

Más... perde o cedro no jôgo,
 Pois, tendo á praia arribado,
 Foi feito em lenha a machado,
 E consumido no fôgo.

O raminho, da agua á tona,
 Têve as horas tão felizes,
 Que aportou, lançou raizes,
 Medrou, e... deu azeitôna.

Apesar de sêr bem feito êste apólogo, conceituôso e belo, o autôr não cumpriu a promessa, que a si fizera, porque o livro, que posteriôrmemente escrevêra, e de que ao diante nos ocuparemos, levou prólogo diferente, quando os versos, que acabamos de citar, na figuração do sentido, lhe quadravam á maravilha.

Ia-nos escapando do mêz anteriôr outro manuscrito, com que o poeta castigou um façanhudo padre, que em altos berros pedia o restabelecimento da inquisição.

Não podemos tambem deixar de o transcrevêr, como testemunho, que é, dos sentimentos religiosos do autôr e do modo como tratava assuntos diversos, obedecendo sempre a um impulso de rectidão e justiça.

Que fé posso eu têr, diz, ó padre! que esperança
 No Deus do teu sermão, um Deus tôdo vingança,
 Severo, injusto, mau, um Deus de crueldade:
 Num Deus, que não perdôa á fraca humanidade?
 Como hei-de eu, ámanhã, pedir o teu consêlho,
 Se tu, bronco levita, insultas o Evangelho,

Prégando que é de sangue, injusta e só veneno
 A lei do redemptôr, do sábio Nazareno?
 Quem foi que te ensinou que Deus, pâra grandêza,
 Precisa um côrpo assado em lenha sempre acêsa?
 Pôis é crível que Tu, na cruz morrendo exangue
 Pâra os homens salvar, queiras de homem o sangue?
 Ó Christo, ó Redemptôr? Não creio, não? não creio!
 No fundo da minha alma.. aqui, dentro do seio.
 Palpita um não sei quê .. que me diz: — Crê! espera!
 « Alem... a eternidade, alem... uma outra era. »
 E se eu fôr justo e bom, lá... na hora derradeira,
 Terá minha alma o ceu, sem ir... pela fogueira.

Esta repulsa justa e enérgica equivale a uma profissão de fé concisa e clara, duas qualidades inherentes á fulguração de uma ideia bem inspirada.

*

* *

Os predicados, que Costa Lima possuia, em larga dose, como homem de sociedade, não constituem a nota menos recomendavel do seu perfil biográfico. Um passeio ao campo, uns anos, uma reunião familiar, uma teatrada, um festêjo e uma função qualquer tinham nêle um elemento de ordem superior: pedreirava, se era preciso, servia de aderecista, carpinteirava, corria, barafustava, vendo tudo, prevendo tudo, desfazendo-se em anedotas, em pilhéria e expedientes de tôdo o género.

A sua figura meã, leve e expedita era obrigada em tôdos os festins de amigos e afeiçoados e ainda de simples conhecidos; encheria um volume a narrativa dos acontecimentos, scenas e episódios de sua invenção.

Lembra-nos de uma vêz, em nossa casa e noite de entrudo, que se tinha projectado uma brincadeira qualquer, de que não nos recordamos, pâra regalo das pessoas, que concorrêsem. Nada foi preciso po-

rêm. Costa Lima preencheu um programa completo, desfiando, por último, um fiel e magnifico rosario de cantigas características dos indígenas do Brasil, representando, vestido e caracterizado, um típico monólogo galêgo, cantado ao piano, e pedindo-nos finalmente que pronunciássemos uma arenga ou uma recitação qualquer, que êle se encarregaria da gesticulação.

Escondendo-se por detraz de nós, recuados os nossos braços pãra as costas e substituidos pelos dêle, produziu um correcto acionado, em que entravam a limpêza do suor com o nosso lenço, o retorcêr do bigode, o ageitar da pèra, o puxamento do colête, o abotoar do casaco e outras minudencias, que provocaram gargalhadas e admiração.

Quere dizer, Costa Lima fizera de uma insignificância muito conhecida, uma novidade e uma coisa de arte.

A propriedade do Beato, denominada a *Quintinha*, pertencente a Matos Moreira, foi outr'ora um gremio de larga e festiva convivência, onde á numerosa cohorte dos seus parentes se aliavam várias famílias das suas relações, havendo, aos domingos especialmente, espectáculos, saraus dansantes, palestras e outras diversões ao ar livre e pela quinta fóra. Num destes festêjos, chegou Costa Lima, já quando homens, senhôras e creanças estavam reunidos numa promiscuidade pitorêsa, encostados uns ás portas do terraço contíguo ao jardim, outros sentados junto dos alegrêtes, êstes conversando e rindo e aquêles movendo-se em várias direções, num círculo radiôso, a que dava a nota musical a filarmónica de cavalaria 4, propositadamente contratada.

Não se assentara ainda no momento inicial da diversão projectada.

Olhares diversos incidiram sôbre Costa Lima, quando êste, depois dos cumprimentos, a meia voz, perguntava simplesmente ao pintôr Mello Junior.

— Então que há de nôvo ?

— De nôvo? Ah! sim. Uma fatalidade pessoal.

— Heim? Uma fatalidade?

— Sim, homem. Morreu-me o... o canário.

— Coitado! Deus lhe fale na alma! — balbuciou o Lima, comicamente consternado, e elevando os olhos ao ceu — E que fêz você?

— Tenho-o no bôlso do sobretudo.

— Sim? Ó grande homem, dê cá um abraço!

Costa Lima não quis ouvir mais, esfregou as mãos de contente, travou do braço do Mello, e entrou num quarto próximo.

D'ahi a pouco, estava o cadáver do passarito amortalhado, metido em caixão aberto, engrinaldado de flôres, pôsto numas andas, que quatro homens deviam conduzir; e o quarto armado em camara ardente.

Depois disto, o Lima saiu ao jardim, que mediu cabisbaixo e a passos lentos, com ar trágico, subiu a um poial, e bateu palmas. Tôda a gente se convenceu dèsde logo que êle ia exhibir uma das suas graças, e fêz-se um absoluto silêncio.

O oradôr, engasgado da comoção e friccionando a glote com a ponta dos dèdos, e tregeitando muito, começou por dizêr que assim como caía uma nódoa no pano mais alvo, no esplendôr d'aquela festa, como raio olímpico, estrondeara um desgôsto; contou a morte infausta de um célebre cantôr, por quem a arte estava de luto; fêz-lhe a apologia, e narrou-lhe a morte angustiosa, limpando o suor e as lágrimas; convidou tôda aquela distincta assembléa pâra acompanhar o entêrro de tão ilustríssima personagem, a que se dariam as honras de um culto, embora êle, o peregrino cantôr, fôsse pagão de origem.

A' vista da câmara ardente e dos *gatos pingados*, conductôres do esquife, generalizou-se uma estrondosa gargalhada, e o préstito começou a organizar-se sôb as ordens da panegirista, que envergara uma sarapi-lheira em ar de dalmática, e empunhava o hissope,

uma piassava ou brocha de pedreiro, cujo baldé, um alcatruz, Mello Junior conduzia como caldeirinha.

A música tomou lugar á frente, desempenhando uma marcha fúnebre, nada mais nem menos que a do Chopin; era seguida pelos pendões e êstes pelo esquite, cercado de carpideiras, pelos celebrantes e por duas longas filas de convidados de ambos os sexos e de tôdas as edades empunhando brandões, que fornecera o próximo canavial; e lá marchou aquêlê luzido acompanhamento, quinta fóra, até ao sítio sepulcral, onde, á beira da cova, houve as necessárias ceremonias, respõsos e discursos, com pasmo da vizinhança longinqua, que se debruçava das janelas, varandas e muros, não comprehendendo nada do que via.

Pâra amostra basta o que fica dito, por onde se pode ajuizar das faculdades creadoras e repentistas dêsse homem, que começámos a apreciar devidamente nas lendárias palestras do escritório de Matos Moreira, especie de areópago, onde se escrevêram e planejaram muitas literatices, onde soaram, atravez de muitos anos, berratas de controvérsia e conversas multiformes de vários homens afamados, dêsde Camillo Castello Branco, Teixeira de Vasconcellos e outros até muitos indivíduos de mérito e sabêr; os quaes rarearam e fugiram, uns pâra o rude amanho da vida e tantos! pâra o sorvedoiro da morte.

Cabe-nos tambem o nosso quinhão de saudades de um certo tempo, alí decorrido, e em especial daquêlê, em que o espirito de Costa Lima florejava ainda, fomentando horas de alegre, risonho e inofensivo pasatempo.

VI

Uma noite, estavamos em comêço de 1885, esperou-nos êlê á porta do estabelecimento do Moreira, e, apartando-se compõsco até ao meio do Rocio, disse-nos

que ia fazêr-nos uma comunicação: e, a passear e a falar, foi-nos recitando os versos de uma sátira formidável, que nos espantou.

— Isso é seu? — perguntámos abruptamente.

— E' — respondeu-nos com certa timidêz. — E como a coisa promete ir muito longe, queria ouvir a sua opinião, a vêr se dêvo continuar. Pretendo dar uma sova rimada nêstes patifes, os ruminantes bípedes do país, já que não posso dar-lhes com um pau; e vae d'ahi...

E continuou a dizêr versos de uma larga feitura e acentuação especial, um contraste perfeito do pouco, que dêle conhecíamos, rimas cáusticas e mordazes, que d'ahi a dias lhe fazíamos repetir a outrem, que lh'as louvou, como nós lh'as tínhamos louvado e encarecido.

Ao sabêr que se tratava de um poêma, os amigos de Costa Lima, conhecendo-lhe a tibiêza e a volubildade, se lhe impuzeram no ânimo, cabendo-nos, e d'isso nos honramos e prezamos, uma grande parte do encorajamento, que êle têve pâra levar a bom fim a obra principal do seu engenho.

D'ahi a mêzes, em edição luxuosa, muito salpicada de boas e numerosas ilustrações de Bordallo Pinheiro, era publicada pela livraria Tavares Cardoso *A LUSA BAMBOCHATA poema triste em verso alegre — por JOANICO MILA*, semi-pseudónimo, em que Costa Lima, ao assinar o seu livro, como alma, que tantas vêzes se virava pâra as reminiscências da meninice, se recordou, prestando-lhe homenagem, da terra do seu nascimento, inscrevendo alí o nome, que lá lhe deram na infância, e ocultando-se ao mêsmo tempo no anagrama do seu último apelido.

Bem dissera êle noutra parte:

Como paga dêste anceio,
Só te peço, ó chão da Feira,
Sete palmos do teu seio,
Na minha hora d'erradeira.

Ao assinar-se o simples *Joanico*, o Joanico da Florinda, consagrava êle as glórias da sua obra capital, se algumas auferisse, aos saudosos lugares do seu bêrço.

— Ora, como diabo é que você deu por isso? — disse-nos um dia. — E olhe que foi o único, que me adivinhou o pensamento, creia.

E disfarçou, mudando o rumo á conversa.

Vejâmos agora o poêma.

Compõe-se êste de 7 cantos muito eivados de títulos e subtítulos, divisões e subdivisões, que lhe mesclam o conjuncto, afeiando-lh'o, e prejudicando-lh'o, á primeira vista.

Na distribuição dos materiaes pois o autôr fêz obra só por si, e deu impropriamente o carácter de uma coleção de composições soltas ao que é rigorosamente um poêma, dividido em cantos.

Dedicado a todos os *Filoxeras políticos da Parvónia*, descreve êle uma sátira violenta, em que o autôr se converteu em Cabrião atlético do estadista Fontes.

Antonio, o *caro*, é o protagonista, cercado sempre de três entidades nefastas, o *Voto*, o *Empenho* e a *Propina*, bases do seu podêr. Metistófeles e o autôr elevam-se aos ares num balão, e de lá observam o estado do país.

Reunindo Antonio os seus satélites e outras muitas entidades, ocorre uma grande orgia, a bordo da nau do Estado, um infernal pendemónium, a que o velho e esfarrapado Portugal não é chamado a assistir.

Antonio enche demasiadamente o bandulho, sente náuseas, visões, remorsos, e adoecer, tendo por último um sonho, onde se desenrola a situação de tôdos os negócios públicos, açambarcados pela trindade *Empenho*, *Propina* e *Voto* e figurantes anexos.

Continuando a sonhar, Antonio é prêso pelo pôvo, e metido entre os faquistas do Limoeiro; assusta-se

por isso, e pede ao directôr larga *rusga*, que o tranquilize; põe-se depois a fazêr reflexões sentado na tripeça do falido país, e desfaz-se em recriminações tardias.

Marca-se o dia do julgamento, e é levado ao tribunal entre janizaros, que lhe mofam do podêr, do scetro e da corôa de papelão. E' interrogado largamente; e as testemunhas contrárias, que são a Agricultura, a Escola, a Industria e um veterano do Min-dêlo, tecem-lhe fulminantes acusações, a que se opõe a defêza composta dos *ruminantes* do Estado, onde especialmente figura a sobredita trindade, ou trempe como o autôr diz melhor.

Propostos os quesitos, o júri absolve o acusado, que o presidente do tribunal exhorta, aconselhando-o a que se arrependa dos seus pecados.

Segue-se a justiça do pôvo, que não concorda com a sentença. A' saída da audiência, uma turba-multa carnavalêsca, com o José Augusto a sermonar á frente, pega no Antonio, leva-o em charola, e condena-o ao castigo de um cento de injeções de sulfurêto de carbono, deitados os calções abaixo, e a sofrêr a tiragem dos dentes postiços pâra que o tesouro fique aliviado.

Ao parecêr-lhe que sente o esguicho sermgatório nas regiões abdominaes, Antonio acorda do tremendo pesadêlo, e dá parabens á fortuna, que continúa próspera.

Tal é o assunto do poêma, tão curiôso como vasto, tão variado como engenhôso, pois que, concretando muitos pontos de administração pública, põe um toque frisante e vehemente nas chagas e vícios principaes, que a tôdos nos afligem, atacando o ponto principal da nossa ruina a política eleitoral e partidária, a que se pode chamar uma agremiação de conventículos.

Tève o autôr o fôlego imprescindivel pâra tão larga caminhada? não fraquejou nas diversas subidas?

Fraquejou bastante; o que não é de estranhar, atentas a naturêza da sua compleição e a larguêza do primeiro livro, que escrevia em verso de variada textura.

Entretanto encontram-se alí frases de uma propriedade insubstituível, páginas de incontestável valôr e muitos versos, que Xavier de Novaes e até o próprio Bocage, em ajuste de contas com os seus adversários, não se dignariam de assinar.

Costa Lima, demais a mais, fôï sincero na sua indignação de bom patriota; e disso previne o leitôr, ao erguêr-se o pano do scenário, que vae expôr-lhe:

Não faço exploração de escândalos funestos,
 Nem fôgo de guerrilha aos homens bons e honestos.
 Não venho furibundo, em verso escandecente,
 Os peitos inflamar de um pòvo paciente.

.....

Politico não sou. Que Deus seja louvado!
 Não tenho por industria officio tão gabado,
 Que, á parte o que se preza, é bom pàra quem sonha
 Na glória do intestino, ao prêço da vergonha.

.....

Vejâmos algo pàra dentro desta portada, uma amostra, que venha corroborar as nossas asserções.

Falando de Antonio, diz o primeiro canto, que é muito provavel que

A pátria agradecida erga ao grande galfarro,
 Uma estatua de gêsso em pedestal de barro,
 E em letra garrafal, bem gòrdo, èste letreiro:
 — Os filhos da Parvónia ao mestre financeiro,
 Moderno exploradôr, de argúcia papafina,
 Que poz o pae na espinha e os manos á divina.

A sedução pelo dinheiro, a deusa corrutôra dos patifes, é ássim pintada:

Não vês aquella dama, em trajas insolentes,
 Seguida, logo atraz, de imensos pretendentes.
 A bolsa sempre aberta, a mão sempre estendida,
 Portuguêsa a valêr, frêscã, bela, garrida,
 Com lábios cõr de rosa e a voz pura, argentina,
 Sonora do metal... vês? chama-se a PROPINA!
 Propina, a bela dama, a fada seductõra
 Rainha da belõza, a deusa encantadõra!
 Quando meiga e sorrindo, em alguem põe a vista,
 Adeus, justiça e lei! não há quem lhe resista!

Passêmos ao *Empenho*:

Agora mais alem... Vês um homem sisudo,
 Vestido com decência, um tanto barrigudo,
 De fita á tiracól, comendas a brilhar,
 Direito como um fuso, ou taco de bilhar,
 Falar pausadamente á súcia, que o rodeia,
 Mexendo no berloque apenso da cadeia,
 Com ar aristocrata e *pose* de empreitada,
 Sorrindo por disfarce ao som de uma pitada?
 Chama-se o D. EMPENHO, o tipo verdadeiro
 De quem já fõi ministró e agora é conselheiro.

 Propina *mais* empenho *equal* a coisa feita:
 Não há neste torrão ninguem que o não respeite;
 Do luso machinismo *Éle* é mola, *Ela* azeite.

Vejâmos o melhor membro da trindade augusta,
 que acompanha o velho Portugal:

Passemos ao terceiro, aquêle outro burguez
 De um tôdo espertalhão, que junto dêle vês.
 Oh! êsse... é mais! é tudo! é grande potentado
 Que faz de um badameco um par, um deputado:
 E quando está de veia agarra um boticário
 E fal-o, sem c'rimonia, um alto funcionário.
 Amigo do vadio e protectõr da pândega
 Faz do Estado uma creche e um asilo da alfândega.
 Faz tudo quanto quer, quer tudo quanto faz;
 Na fúria do querer, crê tu que êle é capaz,
 Sem licença da carta ou permissão de alguem,
 Da pasta dar da guerra ao Jaime de Belem.

Pois êsse... meu amigo, êsse .. chama-se o Voto,
 Que tem sido e será peor que um terremoto.
 Por onde quer que passa arraza, e faz calíça...
 De casas? Não... da lei, da honra e da justiça.

A orgia a bordo da nau do Estado consta do se-
 gundo canto, o melhor e mais opulento do poêma.
 Alguns versos:

Lá dentro a mêsa posta, em roda a Bambochata,
 Dando vivas ao *pôrto* e aos petiscos do Mata.
 São parte do festim, que abrange tôda a sala,
 Antonio, tôda a côrte e a trempe em grande gala.
 Antonio, á cabeceira, as honras faz da mêsa,
 Em frente da Propina e ao centro da nobrêza.
 O Voto e o D. Empenho ocupam dos dôis lados
 Lugares de etiquêta, aos *trunfos* consagrados.

A festa é deslumbrante e o luxo de espantar,
 Não visto nos festins de Nero ou Balthazar.
 Os bronzes, os cristaes, veludos e alcatifas
 Metêram num chinelo Alhambras e Califas.

.....

Não falta alí ninguem. Nenhum representante
 Da fauna parasita e classe ruminante
 Deixou de compar'cer. Nos brôdios das finanças
 São provas ao concurso os dentes mais as panças.

Nunca a bordo da nau se viu tanto *Bazôrra*
 Nunca tanto glutão comendo á tripa fôrra.
 Algum já na poltrona impando se recosta,
 Repleto como um ôdre, a cara descompоста,
 O olhar incerto e vago, a beíça gordurenta
 E a calça a rebentar, deitando pela venta
 Brumosas espiraes do alcoólica fumaça,
 Como d'um alambique, ao destilar cachaça.

E assim por diante, vae a musa brejeira do poeta,
 como que brandindo o gládio da vindicta, ululando
 épicamente, tropejando e espargindo torrentes de ri-
 dículo sôbre as figuras, que desenha.

E por aqui ficaremos nas citações, porque nos

não sobra espaço. e porque o livro corre impresso e á mercê de tôda a gente.

O jornalismo pouco se occupou da obra.

Não admira a quem conhece a defeituosa engrenagem dêsse vehículo da notoriedade pública.

Uma grande parte da imprensa, assoldadada a interesses pessoaes e partidários, têve mêdo de desgostar os patrões; e outra, vendo na assinatura do autôr um pseudónimo desconhecido, e não tendo que adular um amigalhaço ou um nome festejado, não fêz caso da publicação; uma não logrou tempo pàra lêr, e est'outra não soube digerir o que leu.

E' o costume; não havia que estranhar. Entretanto o autôr, que num adiantado período da sua vida, revelava tão fortemente a especialidade do seu estro, até alí mal prevista, recebia aplausos de muita gente, e era particularmente felicitado nos serões do Rocio.

*

* *

Numa das noites de reunião, Matos Moreira communicou-nos que fôra incumbido por Francisco Palha de propôr contracto a Costa Lima pàra que êste fôsse desempenhar no teatro da Trindade o difficil papel de Gaspar nos *Sinos de Corneville*, de que Palha desejava fazêr larga repetição.

Estava ainda na frêscia lembrança de tôdos a maneira correcta e brilhante como o actôr Ribeiro, recentemente falecido executava tão escabrôso papel.

Entretanto o habilíssimo ôlho do empresario da *Trindade*, que anos antes fôra de propósito ao Principe Real admirar a aptidão natural de Costa Lima, nas duas récitas de curiosos, onde se representara aquella peça, não achava, entre tantos actôres do género, quem pudesse egualar o amadôr, que mandara convidar.

Êste factô é o aferidôr certo dos méritos teatraes de Costa Lima, porque o Gaspar da operêta nas scênas do castelo, é um papel altamente dramático e de singular difficuldade.

Confessando-se cansado pâra taes cometimentos, no que os seus amigos concordaram, sem lh'o dizêr, Costa Lima comtudo, sempre com os olhos no futuro, e não tendo de há muito arranjado modo de vida, aceitou o partido, que lhe ofertavam, com o ordenado de 50\$000 réis mensaes. Era a primeira vèz, que tal acontecia, porque no decorrêr de tôda a sua vida, tendo representado em teatros públicos e em associações particulares, mais do que qualquer actôr de profissão, nunca aceitara escritura ou contracto em parte nenhuma, dizendo, segundo o seu temperamento, que queria sempre estar apto a acordar de manhã num polo, e a transferir-se á noite pâra o outro, se bem lhe aprouvesse.

Era esta a sua afirmação.

Um tanto receiosos do êxito, nós e outros amigos fomos á Trindade assistir á estrêa, como era natural, e tivémos a satisfação de o vêr trabalhar excelentemente na parte falada, e de tomar quinhão nos aplausos geraes, com que fôï premiado.

Era um rejuvenescimento.

Não ficou isso sem um cómico episódio, que d'ahi por diante nos serviu de gracêjo trocista contra Costa Lima nos tiroteios amigaveis dos serões do Rocio, e que precisamos apontar pâra intelligência completa de uma correspondência, que há de a seu tempo seguir-se.

Quando o Gaspar, afflicto e desalentado, vem cair numa cadeira, depois da scêna torturante do dinheiro, vimos que Costa Lima se desconcertara um pouco, circumvagando a vista pelo tablado, como que á procura de qualquer coisa. E insistia e tornava a olhar, numa attitude, que não era do papel, até que, na occasião, em que os camponêzes o cercaram, já socegado,

pôde abaixar-se rapidamente, e apanhar do chão o que quer que era... nada mais nem menos do que... um dente postiço, que lhe caíra no calôr da peroração.

Costa Lima, nas primeiras palestras, tève que suportar uma forte saraivada de dichotes, com que era atacado, ameaçando punir-nos a dente, se a campanha proseguisse, e rindo muito comnôscos.

Do que êle, havia tempos se não ria muito era de um certo modo de salivar, com que numa noite alguém se lembrou de lhe desconcertar uma berrata política, em que êle, sem sêr político, no seu direito de patriota, apreciava o Fontes, chamando ruminantes insaciáveis a tôdos os que postejavam, e enguliam as receitas dos contribuintes.

D'ahi por diante, quando algum de nós queria desorientar o Lima, em qualquer arenga mais comprida, ou simplesmente desafiar-lhe as *iras*, puxava do lenço, e pigarrava com certo estridôr.

Era remedio eficaz. O oradôr enterrava os dêdos na tabaqueira do dono da casa, embrulhava um cigarro com certa voluptuosidade, e reagia em frase apimentada, que era o que se pretendia.

Nós pertencíamos ao número dos que mais se deliciavam com as arrancadas, imitações e fructos do graciôso espírito do irrequieto e bondôso Costa Lima; e êste correspondia-nos, tendo por nós uma amabilíssima deferência, que muito prezávamos. No regresso annual a Lisbôa, de volta do nosso tugúrio da Beira increpáva-nos êle sempre de que nós esquecíamos, de que nunca lhe tínhamos mandado duas simples linhas: e, no ano seguinte de 1886, fazia-nos comprometêr em sentido contrário.

— Escreve-me? — insistiu.

— Está dito, com uma condição.

— Venha ela: diga.

— De que a sua resposta será em verso.

— Aceito, comtanto que o meu bom amigo dê o exemplo. E não me diga que não.

Não havia resistir a instâncias, que eram uma finêza, e representavam affecto.

Retirando-nos, nêsse ano, muito mais cêdo, por motivo de obras, a 22 de abril, escreviamos-lhe, como se vae vêr.

No final da correspondência, comprehenderá o leitôr, e nós dirêmos a razão, por que inserimos aqui a seguinte

CARTA

Meu amigo, Costa Lima,

senhôr de crítica acerba,
varão, a quem falha um dente,
mês que, apesar dessa falha,
rumina, como a outra gente,
os ordenados do Palha,¹
sem lhe prestar um serviço
que de alguma coisa valha,
— eis-me aqui ao vosso lado,
em espírito, risonho,
e até saudôso e apressado.

A vós, clamadôr potente
dos nossos belos serões,²
mordaz, severo, exigente,
crítico dos mais pimpões,
a quem ocorrem aos centos
as palavras galhofeiras,
a quem, oh! caso inaudito!
uma simples *cuspidela*³

¹ Alusão á pequena época, em que, depois de têr desempenhado o papel do velho Gaspar nos *Sinos de Cornéville*, recebia ordenado, sem sêr chamado a trabalhar.

² Passados no escritório de Matos Moreira.

³ Lima contrariava-se sempre que algum dos ouvintes cuspiu intencionalmente, quando êle falava, como fica dito.

faz perdêr as estribeiras;
 — eu cá, do alto do Parnaso,
 ao meu Pégaso agarrado...
 peço perdão... — eu desta encosta,
 em pleno seio da Beira,
 no meu garrano montado,
 vos envio o meu saudar,
 como áquele, a quem costume
 de vêz em quando tosar,
 sem que por isso vos deixe
 de muito querêr e amar.

Ai, méus serões do Rocio!
 ai, fúrias de Costa Lima!
 como esta alma vos estima!
 que saudades vos envio!

O' varão de azêda veia,
 estou a vêr-vos co'os dêdos
 sôbre tabaqueira alheia,
 cortado o discurso a meio,
 á procura de um cigarro;
 depois a batêr em cheio,
 homem grandiloquo e forte,
 nas costas dos *ruminantes*,¹
 uma récuá de tratantes,
 e até no latim do Sousa,
 como quem diz — *estão verdes*.
 Ouvindo-vos ninguem ousa
 falar, tugar ou mugir.
 Se eu emudêço de pasmo
 no furôr do entusiasmo,
 e começo por babar-me,
 e acabo por cuspir,
 lá se interrompe o discurso!
 e vós, com a mão na calva,
 grave e fulo como um urso,
 soltaes fera e negra praga,
 como se andasseis aos tómbos,
 com os *guerreiros* de Braga!²

¹ Qualificativo, que o Lima dava aos roedôres do di-
 nheiro do Estado.

² Alusão a uma desordem qualquer, de que os jor-
 naes deram larga noticia.

Perdoae, varão illustre,
que eu não vos quero dar coça;
os meus ataques de asía
não são ataques de troça;
bem o diz esta saudade,
que eu vos mando viridente,
cá da minha soledade
dôce e meiga confidente.

Ai, mêus serões do Moreira!
ai, fúrias do Costa Lima!
como esta alma vos estima
cá nas charnechas da Beira!

Se o cantôr da *Bambochata* ¹
queria que eu, recordando
os tempos da meninice,
e a voz á brisa soltando,
lhe mandasse um terno idílio
d'estas campinas floridas,
onde o rouxinol modula
as cantigas escolhidas
no seu vasto reportório
de tão velha tradição,
previno-o que descêr deve
das alturas da ilusão,
do cume dessa esperança,
pôis, em pedras atascado,
passo a vida envôlto em barro
e em tábuas empoleirado,
cantando trenos á bolsa,
que me vae ficar esguia,
chata como um pé de meia,
delgada como uma enguia. ²

Ai fúrias do Costa Lima!
ai, meus serões do Rocio!
como esta alma vos estima!
que saudades vos envio!

¹ *Lusa Bambochata*, poema satírico já descrito.

² Tratava da edificação de um prédio.

Porjmais que eu queira entretêr-me
 uma hora a filosofar,
 ou a pensar coisas dôces
 pâra um lêdo versejar...
 lá vêjo a mão dos canteiros
 nas pedras a martelar!
 e dêste paiz da brôa
 não consigo tirar nada,
 que se pareça a uma lôa,
 ou a uma simples volata,
 que me dê um alegrão,
 uma trégua á prosa chata,
 um sorriso ao coração.

Ai, meus serões do Moreira!
 ai, fúrias do Costa Lima!
 como esta alma vos estima
 cá nas charnecas da Beira!

O melro canta nos vales
 o cuco nos pinheiraes,
 os riachos fazem còro,
 tilintando os seus cristaes;
 a filomela amorosa
 trila, á borda dos ribeiros,
 e eu, oh! dura e triste sina!
 só oiço vozes de operários
 e serras de carpinteiros!

Ai, calva do Costa Lima,
 ai, dente dos meus pecados!
 quando tornarei a vêr-vos,
 ó sêres idolatrados?!

Recebei fundas saudades,
 que se estendem aos Moreiras,
 um... parco nos sêus sorrisos,
 e outro... alegre de maneiras,
 que eu cá fico desterrado
 até quando Dêus quizer!
 Adeusinho, ó caro amigo!
 estou bom... muito obrigado.

Das margens do Alva airôso,
onde já fui ás enguias,
triste, aborrido e saudôso,
montado no seu ginête,
vos sauda o vosso

Frias.

Pombeiro, 22 abril 1886.

Quatro dias depois, recebiamos esta

RESPOSTA

Recebi, meu caro Frias,
os teus cento e trinta versos,
cento e trinta melodias
de perfumes bem diversos ;
taes e quaes como dum vaso
do beirão jardim silvestre,
ou do monte do Parnaso
um *bouquet* da mão de mestre.

Feliz tu, ó meu poeta,
que do meio das agruras,
onde nasce a violeta,
inspirado das venturas,
que se encontram nos penates,
qual sonoro passarinho,
vaes cantando, entre os tomates
do pomar... ao pé do ninho !

Canta, canta, meu cochicho,
que o cantar na soledade
entra n'alma, como o esguicho
da bisnaga da saudade.
Entre pedras de esquadria,
muita cal e muita areia,
eu invejo-te a poesia,
que desfructas nessa aldeia.

Olha, eu creio estar-te vendo,
de esmeralda na gravata,
o bigode retorcendo,
empunhando uma chibata,

calça e luva côr de ervilha,
 (sem falarmos no *penante*)
 a cair-me de forquilha
 no selim do rocinante.

Cuido ouvir qualquer vivente
 dessas serras, com seu galgo,
 a dizêr-te humildemente:
 — Salve-o Deus, ó *sôr fedalço*!
 Creio ver-te a romper solas,
 açodado, ardendo em braza,
 procurando as quatro bolas
 pâra os ângulos da casa.

Ou, de jaqueta e tamancos,
 a guiar um grande carro,
 pela estrada aos solavancos,
 carregando pedra e barro;
 e a vêr quando na capela
 do jantar a hora sôa,
 p'ra engulir uma escudela
 de feijão vermelho e brôa.

.....

Más... emfim... prompto o *quilombo*,¹
 já de volta do teu ninho,
 julgo vêr-te; em cada lombo,
 quatro dêdos de toicinho,
 de bochêchas escarlatas,
 nédio, cheio como um pote,
 a contar-nos as bravatas
 do fogôso garranote.

Volta, volta, caro amigo,
 ao lugar donde fugiste,
 tu não sabes, nem te digo
 como agora tudo é triste!

Nem um riso dos teus lábios,
 de alegria leve indício!
 tudo é grave; nem ha *sábios*,
 que nos deem *benefício*!²

¹ Choupana dos indígenas do Brasil.

² Alusão a dois pataratas, que, uma vêz por outra,
 iam aos serões do Rocio.

Cá ficamos esp'rançados
pedinchando ante os altares,
que êsses dias bemfadados
voltem breve aos nossos lares;
e queimando alguma cêra
á Senhora milagreira,
p'ra te conservar a pêra
e a comprida cabeleira.

Costa Lima.

Lisboa, 26 d'abril de 1886.

Os que nos lêrem, hão-de aplaudir, como julgamos, a espontânea e brincada singelêza desta resposta; não poderão, no entanto, adivinhar o valôr, que ela tem na história literária do autôr, nem o lugar especial, que ela ocupa no revôlto escrínio das nossas recordações.

Essa poesia significa, e é o tão celebrado canto do cisne.

Que saibamos, Costa Lima nunca mais escreveu versos; e d'aquí a publicação da nossa carta, como homenagem, como turibulação do nosso passado convívio, como objecto seu próprio e sobretudo e finalmente por sêr o documento, que provocou o último alento poético do autôr da *Lusa-Bambochata*.

A sua obra literária começou tarde, e acabou cêdo.

VII

Concluamos nós também.

Pouco depois da sua despedida do teatro da Trindade, Costa Lima, que, havia muito, se queixava do estômago, foi obrigado a deslocar-se, indo, a ares, pâra um hotel de Caneças; e em tão bôa hora o fêz que os hóspedes, seus companheiros, se lhe agregaram com entusiasmo, porque encontraram a melhor e mais sadia recreação nas suas lembranças, ditos e

modos de procedêr, a ponto do hoteleiro lhe ofrecêr, passados dias, hospedagem gratuita, ao vêr tôda a gente encantada com semelhante convivência.

Esta estada em Caneças sugeriu a Costa Lima um meio de segura economia, que era o seu constante pensar. A título de consolidar as melhoras da sua desfalcada saúde, comprava d'ahi a pouco uma pequena quinta na vizinha povoação de Monte-mór, na intenção de se dedicar á agricultura, e até á sua predilecta diversão da caça, que em tôdos os tempos o atraíra e desenfastiara.

A principiar pela família, ninguem lhe aplaudiu a resolução; êle porêr, que uma tarde fomos encontrar, de mangas arregaçadas e sujas de barro, a pedreirar na cozinha da habitação, gabáva-nos a nova mudança de vida, e ia mostrar-nos as dependências da casa, em cuja estrebaria se entregava a tristes cálculos um descarnado garrano, que lhe viera com a compra da propriedade, e era destinado ao serviço das terras e á condução dos productos, e que nos pareceu o típico lazarento dos versos de Tolentino.

— Come, que o leva o diabo! — respondeu o Lima ao nosso reparo, em que lhe recomendávamos menos parcimónia com a desolhada alimária.

— Ha-de costumar-se com os tempos, que vão maus — concluiu — não se póde aturar a vida de Lisboa: a carne, o peixe, os ovos, o leite... Aqui ao menos... o ar... e... A minha gente é que não gosta disto... Eu dou-me muito bem... passo melhor do estômago, e hei-de fazêr cá desta coisa uma vivenda rendosa.

E ia mostrar-nos as territas, comprehendidas em três socalcos, meia duzia de oliveiras e uma bacelada que êle, em especial, mandava espetar nos interstícios das pedras, nos buracos das parêdes divisórias, pâra poupar terreno, e aumentar o rendimento!

Apesar do rédito sêr pouco ou nada chorumento,

Costa Lima ainda se conservou em Montemór, perto de 4 anos, conseguindo afinal vendêr a propriedade com um certo lucro.

Voltando a residir em Lisbôa, veio êle pâra o nosso lado, como administradôr do jornal diário *O Glôbo*, de que fomos um dos proprietários e redactôres, em 1888. Essa convivência deu-nos o motivo de uma apreensão quotidiana.

Costa Lima, sabendo que um homem experiente e digno só deve contar consigo, e abanando a cabeça afirmativamente, quando lhe diziamos o que já escrevemos — que raríssimos amigos, um entre mil, deixam de sêr o que são as andorinhas, que só aparecem no bom tempo — redobrava de receios pelo futuro, perdia a graça natural, e tornava-se preocupado, esquecido, merencório.

Do *Glôbo* passou, como pagadôr, pâra a companhia Nacional de Caminhos de Ferro, donde saiu, depois de algum tempo, desta vêz, porque a directoria resolvêra diminuir o pessoal do escritório.

Recrescia o mau-estar; Costa Lima desertara de há muito das palestras, e como que se afastava de tôda e qualquer convivência.

A breve trêcho e apesar de tudo, lutando energicamente pela vida, estabelecia-se na rua das Prêtas com loja de mobília; d'ahi a tempos, trespassava-a, e convertia-se em contratadôr de objectos antigos, tomando atitudes de sovina e exagerado encarecedôr de bagatelas.

— Você está-me dando um óptimo judeu — disse-mos-lhe um dia, com a liberdade usual, condoendo-nos secretamente, não do seu estado de meios, que nunca felizmente lhe falharam, mäs da perda completa de umas scintilações, que eram o principal ornamento do seu espírito.

— Sim, senhôr: os óculos, o ar de finório, a calva

e mais predicados dão-me um excelente traficante judaico, não ha dúvida.

— Quere vir vêr uma bela coisa, um trastinho, que eu tenho ali, em casa do Libório? — respondeu êle simplesmente. — Um trastinho antigo...

— Não sôfro felizmente da mania de antiguidades...

— É o mêsmo. Venha vêr. Que lhe custa? Talvez goste. É um bufêtezito de certo valôr...

E metia-nos o braço sacudidamente, levando-nos a presenciar um deploravel artigo, que nada recomendava.

A decadência espiritual e física era palpavel e vertiginosa; das paixões amortecidas só lhe restava uma, a da caça, que havia de acompanhál-o até ao fim da vida.

E foi ella, sem dúvida, que o levou a estabelecêr-se, ainda uma vêz, com negôcio de espingardeiro, na rua do Ouro.

Quando, tempos depois, nos dirigimos á sua lojita de uma só porta, e alí fomos vê-lo, Costa Lima inspirou-nos pena, porque achámos nêle apenas um pálido reflexo do passado, apesar de ainda mostrar muito gôsto e arte na disposição dos objectos do seu comércio.

O homem patriota e o amigo das artes e progresso existia ainda, mäs fôra-se o repentista, o gracejadôr e o entusiasta imaginôso, obscurecido por uma tristêza e um desalento mal disfarçados.

Era o crepúsculo, que precedia a noite eterna.

A' Beira, d'onde iamos regressar, e ao lugar, onde primeiro soara o seu derradeiro canto de cisne, levava-nos um jornal a notícia de que Costa Lima falecera, a 3 de novembro de 1897, vítima de uma afeção pulmonar, depois de se têr desfeito, havia um mês, do seu último estabelecimento, prevendo o têrmo da laboriosa jornada, aos 61 anos de idade.

Se não pudémos alistar-nos no cortêjo, que o transferiu ao repouso eterno, vimos colocar-lhe estas notas comemorativas no pedestal da sua reputação de homem ilustrado e bom.

*

* *

Na apreciação da sua vida e obras, procurámos sêr justo e imparcial, lembrando o homem, e esquecendo o amigo, onde era preciso.

E vamos terminar, dando o resumo de uma e outras, vida e obras.

Como escritos, ficam aqui consignados, por sua ordem :

Maldição, Não creio e Num album, estrêas em verso, publicadas em jornaes brasileiros; das quaes damos amostra.

Os pupilos do escravo, drama em 3 actos, manuscrito desaparecido.

Othelo tocadôr de realejo, comedia num acto, editorada em 1874 pela livraria Matos Moreira & C.^a

A Espadelada, comedia num acto, edição da casa Tavares Cardoso.

A vindima, comedia original, *Orestes e Pilades*, comedia imitada, manuscritos perdidos, um dos quaes, o primeiro, consta que foi impresso no Rio de Janeiro.

Pax e Progresso, poesia publicada em avulsos, *Emfim* inserta num jornal, *O colono*, *Prólogo de um livro*, *Recordações da minha terra*, *Fado* e *A um padre*, poesias constantes do seu album, e citadas com excertos nestas memórias.

Um conto á lareira, monólogo em verso, editado por Tavares Cardoso.

A Luxa Bambochata, poema triste em verso ale-

gre, a obra capital, publicada pela mêmra casa de Tavares Cardoso.

Carta ao Visconde de Sanches de Frias, últimos versos, constantes dèste escrito.

*

* *

Sintetizando as occupações, cargos e officios, em nenhum dos quaes permaneceu quatro anos, vemos que Costa Lima, num período de cincoenta, foi: aprendiz de ferreiro, môço de cego, marçano, caixeiro por vêzes, agente de negócios, empregado de várias indústrias, caçadôr, proprietário de uma emprêsa funerária, hoteleiro, alugadôr de fatos de máscaras, fotógrafo por diversas vêzes no Brasil e em Portugal, empresário teatral, gerente de botequim, pagadôr do caminho de ferro do Minho e Douro, directôr do Asilo Maria Pia, lojista na rua do Córpo Santo, dono do Bazar de Novidades na rua do Ouro, comerciante da Casa de Berlim na mêmra rua, lavradôr, administradôr de jornal, pagadôr da Companhia Nacional dos caminhos de ferro, negociante de mobília, agenciadôr de objectos e moveis antigos, espingardeiro, actôr e autôr.

Fenómeno extraordinário! voluvel descomunal!

Sem que nos ceguem saudosas lembranças, podemos afirmar que, como autôr, aprofundando estudos com a tranquillidade e persistência necessárias, Costa Lima teria sido um homem de lêtras, fecundo, aprimorado e distincto; e, como actôr cómico e dramático, dedicando-se ainda vigorôso á difficil e espinhosa carreira do teatro, daria, além de um grande artista, uma fulgurante notabilidade.

Sátiras prestam, sátiras se estimam.
Se nellas a calúnia o fel não verte.

disse muito bem o inimitavel Bocage.

Costa Lima não caluniou ninguém; castigou ao contrário máculas friçantes no seu livro capital.

Apesar de tudo pois, há-de viver por muito tempo na característica e vehemente mordacidade do seu poêma, que é um grito formidavel contra a impolítica desgovernação dêste país, pelo seu passado heroico e por seus recursos e dotes naturaes, tão digno de melhor sorte.

Se êsse livro não vale uma glória, significa um padrão.

Os padrões até num país de vândalos podem perdurar longamente.



Matos Moreira

A desoladôra divisa francêsa *Les morts vont vite* acha cabimento em tôdas as partes do mundo, e especialmente entre nós, em cujo meio o respeito e a lembrança, consagrados aos mortos, têm fraquíssima cultura, até no seio das próprias famílias, donde partem os entes dilectos pàra a viagem, de que se não volta.

Na nossa peregrinação comemorativa de entidades falecidas, a que nos ligam simpatias ou recordações, raríssimas vêzes temos alcançado apontamentos de quem os podia, e devia fornecêr. E' certo, é. Os mortos depressa esquecem.

Vae resentir-se dessa pecha o desataviado escôrço, que a nossa simpatia e camaradagem de algum tempo dedicam a João Baptista de Matos Moreira, de quem tôda a Lisbôa conhecia os dois últimos apelidos, em razão do seu estabelecimento, tão bemquisto e frequentado, á esquina do Rocio, n.º 67, e do largo de Camões, sítio, a que ainda hõje se chama pela

bôca de tantíssima gente, apesar de novas firmas e denominações, a *Loja do Matos Moreira*.

Quando acertamos de passar pela espingardaria, que hõje ocupa o local, que serviu ao escritório dessa casa, sentimos profundo constrangimento e quase repulsão, ao lembrar-nos do estreito scenário, que tão largo foi no forjamento de tantos planos de artes e literatices, e em tôda a casta de discussões, leituras e palestras, aos milhares, sôbre política, sciência, costumes, comércio e indústria; areópago tonitruante de sábios grandes e pequenos, médicos, jurisconsultos, financeiros e especialmente artistas e literatos, dêse Rosa, pae, ao Tabora; dêse os tempos de Camillo aos de Teixeira de Queiroz; dêse Lopes de Mendonça, Teixeira de Vasconcellos e Costa Lima até ao signatário dêste livro, pertencente aos últimos figurantes.

*

* *

O Matos Moreira, rôsto angulôso e descarnado, em cõrpo de mediana estatura, testa espaçosa, bigode descaido, cabeleira pouco farta, lunêta de míope, tôdo simpático e extremamente circunspecto, Matos Moreira, completamente desajeitado pãra o serviço do balcão, onde nunca se encontrava, sentado deante da sua carteira, prenhe de papelada inutil em extravagante e desleixada mistura, presidia á reunião dos palestrantes, que não tinham heras certas, nem programa definido.

Iam, e vinham, noite e dia, principalmente e de preferênciã á noite, segundo a sua vontade e o tempo vacante, de que podiam dispôr.

O local era estreito, pejado de prateleiras lateraes, onde, do cimo ao fundo, se depositavam mercadorias.

Por vêzes os assentos não podiam cabêr a tôdos, e dahi se originava um ceremonial de precedências e

obséquios, que descambavam frequentemente em facécias e risota, e também na retirada de alguns, que não sympathizavam com os recém-vindos.

De dia, a luz era transmitida pela ampla vitrina, onde se expunham aos olhos ávidos das creanças objectos de brinquêdo e tôda a especie de bonecos, transformada hõje na porta da loja de espingardeiro; e de noite por candieiro de suspensão.

Os frequentadõres do estabelecimento comercial, propriamente dito, não davam pelos mistérios daquela recõndita sinagoga, porque um reposteiro de baêta encarnada, se lhe interpunha, á porta do acesso.

Matos Moreira, na sua seriedade tribunícia, a fazer e a consumir cigarros, era o barómetro das tempestades demosténicas ou azêdas, o padre-mestre para sustêr desatinos excessivos, conselheiro em casos de melindre, graduadõr exímio da temperatura cómica.

— O Matos Moreira riu-se! Olhem que êle riu-se!

Esta exclamação era indício indiscutivel de que o narradõr ou a narrativa tinha verdadeira graça. O riso nêle, homem de temperamento apático e descuidado, era coisa de celebrar com vozes e gestos admirativos.

Tõdos o estimavam por sua bondade e delicadêza; tõdos o acatavam por sua illustração e porte.

A começar por afeiçoados dos últimos tempos dêsse notavel convívio dos serões do Rocio, ainda existentes, e a acabar por nós, quantas saudades ainda hõje vicejam ou reverdecem nas almas daquêles, que se acercaram do Matos Moreira!

Já em vida dêle, como nêste livro se deve têr visto, diziamos em verso, atraves do correio, ao satírico do Costa Lima:

Ai, fúrias do Costa Lima!
ai, meus serões do Rocio!
como esta alma vos estima!
que saudades vos envio!

Ai, meus serões do Moreira!
 ai, fúrias do Costa Lima!
 como esta alma vos estima
 cá, nas charnecas da Beira!

Ai, calva do Costa Lima!
 ai, dente dos meus pecados!
 quando tornarei a vê-ros,
 ó sêres idolatrados?!

Recebei fundas saudades,
 que se estendem aos Moreiras,
 um... parco nos seus sorrisos,
 e outro... alegre de maneiras.

Alfredo Moreira, o irmão, alma do negócio da casa, já também riscado da lista dos vivos, depois de cruciante sofrêr de alguns anos, era a antítese do João por sua actividade e expansões alegres.

Êste dedicava-se á escripturação, nos intervalos palestraes, e aquêle á labutação da gerência diária.

*

* *

A feição característica de Matos Moreira era a tendência pâra emprêsas, onde predominasse a lètra redonda.

Ainda depois da transformação do seu comércio de tipografia, livros e papelaria em loja de quinqui-lharias e objectos artísticos, não tève ânimo de se desfazêr da secção tipográfica, que do Rocio transpassou pâra a praça dos Restauradôres n.^{os} 15 e 16, onde continuou a editorar algumas obras, conservando a clientela de assinaturas das suas numerosas divulgações bibliográficas anteriôres. antes e depois do seu negócio de livraria com Tavares Cardôso, a quem definitivamente a trasladou.

E' avultadíssimo o número das traduções, que fêz,

e espalhou: do que sabemos podem-se contar 65 volumes das seguintes obras — *A comédia do Amôr*, *O Manuscrito Materno*, *A mulher adúltera*, *Os que riem e os que choram*, *As obras de misericórdia* e *A inreja*, de Esrich; *O médico vermêlho* e *O pacto de sangue*, de Ponson du Terrail; *O filho dos operários*, de Richebourg; *O guia do deserto* e *Joaquim Dick*, de Paulo Duplessis; *A pérola de ouro*, de Berthout; *A loba*, de Paulo Feval; *O senhôr Lecoq*, de Gaboriau; *A filha do homicida*, de Montepin; *O castello de Montsabrey*, de Sandeau; *Os miseráveis*, de V. Hugo; *Os amores de Artagnan*, *O laço de flôres* e *A corda do enforcado*, comedia num acto.

Com maior base de recursos instructivos, Matos Moreira daria um escritôr primacial.

No entanto, a sua obra completa está longe de sêr dispicienda, porque, além das numerosas traduções apontadas, publicou, como romancista, os originaes *Rôsto e coração*, num volume, e *Tempestades do coração*, em dois; e, como comediôgrafo, as peças, num acto, *Abaixo a palmatória*, *Um amigo de Laváter*, *Continuas surpresas*, *Guerra aos pares* e *Guerra aos nunes*.

Estas comédias fizeram época, entrando em tôdos os reportórios das companhias dramáticas portuguezas e brasileiras, por sua graciosidade de um cunho originalíssimo.

Algumas manifestações de boa gargalhada presenciámos, ao vêr representar as duas últimas, para além do Atlântico, a mil e tantas léguas de Lisboa, onde mais tarde lográmos conhecêr o autôr, que, em virtude da sua compleição merencória e pouco dado a expansões de riso, não nos parecia capaz de sacrificar ao chiste, que resumbra das suas peças teatraes.

É fenómeno já notado a graciosidade dos escritos em certas pessoas sorumbáticas.

Camillo, como adiante mostraremos, referindo-se

a Faustino de Novaes, o nosso moderno Tolentino, certificou que os seus versos satíricos e de galhofa eram escritos nos momentos de maior taciturnidade.

Modesto nos seus hábitos e procedêr, o Moreira não se lisonjeava muito com os encómios recebidos, nem com a vulgarização do seu nome. Ainda ultimamente, ao realizar a versão dos *Miseraveis*, de cuja trasladação poética nos encarregou, e ao publicá-la na sua tipografia, em 1885, mandou gravar no frontispício simplesmente — *tradução de João de Matos* — nome, que corre em público nessa edição de dois grossos volumes ilustrados.

*

* *

A última tentativa literária de Matos Moreira, emprehendimento, que, a vingar, seria de grande utilidade pública, e passou despercebido no nosso meio de publicidade mesquinha é avariada, foi o *Jornal da Infância*, periódico ilustrado, muito bem colaborado por escritores e desenhistas de nome, e destinado a creanças.

Nos dois volumes, que ainda hõje circulam por mãos de quem lhes sabe dar o valõr, que o tiveram, e notavel, deixou o Moreira as últimas provas do seu culto engenho, em contos e episódios, dignos do *Orfão*, opúsculo anteriõrmente publicado.

São as seguintes as publicações do *Jornal da Infância*: — *Aventuras de Antoninho*, narrativa; *Contos do tio Esquêlha*, um aldeão de sabêr, fugido aos costumes da cidade, segundo uma lenda sueca; *Pobre Margarida*, comovente episódio de orfandade; *A supplica de Lóló*, conto infantil; *Zé Pardal Pinta Monos*, narrativa escolar; *A' beira-mar*, episódio marítimo; *A maldade de Pedrinho*, o *Tocadõr de aldeia*

*

e *Um desastre*, poesia ilustrada como os demais escritos.

Por sêr transcrição única e escrita em verso, género, em que Matos Moreira se confessava sempre refractário, como de facto o era, aqui inserimos o

DESASTRE

A mamã da Carlotinha,
pâra os anos festejar
da sua qu'rida filhinha,
deitara num alguidar
ovos, assucar, bom leite
e um fiozinho de azeite.

Que belos bôlos teria
a Carlotinha formosa,
se, ao fôrno ou banho-maria,
a traquinas, a gulosa
deixasse a massa ir cozêr,
pâra depois a comêr!

Mas... junto á banca passando,
onde estava o alguidar,
têve o desêjõ nefando
do belo dôce provar.
— A mamã não saberá...
deve sêr bom... vamos lá. »

A vasilha a custo inclina,
pondo-se em bicos de pés,
e vae lambendo, a ladina,
o dôce, que a mamã fêz...
màs... a coisa tinha p'riço...
Tôda a culpa tem castigo!

Tanto o alguidar empinou,
que, vindo ao chão afinal,
debaixo dêle ficou!
parecendo, por seu mal,
em meio de tal borrasca,
um pinto, a sair da casca.

Carlottinha! Carlottinha,
 quem te mandou ir tocar
 nos ovôs e na farinha,
 que estavam no alguidar?
 Por seres gulosa, apressada,
 Ficas agora sem nada.

Só pâra creanças, de facto, o Moreira podia metrificar.

E pae amantíssimo era êle das suas, em favôr das quaes bôas diversões se organizaram na sua quinta do Beato, bailes, serenatas, representações, de que ainda resta saudosa tradição.

Esta quinta, dádiva testamentária de seu padrinho, cujo apelido, o último, era *Matos*, conferiu a Moreira a melhor nota das qualidades affectivas da sua alma, a que se referia á gratidão.

Foi em lembrança de semelhante generosidade que êle, ainda môço, assinando-se simplesmente João Baptista Moreira, nome patronímico, resolveu para tôdo o sempre chamar-se João Baptista *de Matos* Moreira, como recordação grata e indelevel do seu affectuôso padrinho.

Raro exemplo de reconhecimento êste, que se prolongará indefinidamente, em quanto durar a sua larga descendência!

Matos Moreira finou-se ainda em anos vigorosos.

Pois, apesar da sua numerosa obra literária, triumphos de comediógrafo e emprêsas tipográficas e jornalísticas, a imprensa, ao noticiar-lhe o passamento, só deu provas de conhecêr o comerciante, esquecendo o escritôr; e os teatros de Lisbôa não se lembraram do homem illustrado, que por lá transitára aplaudidamente!

Bondôso e modesto Matos Moreira! Sirvam-te ao menos de homenagem tumular estas linhas, que certamente não valem a glorificação da tua pessoa, mãs registam, como desejam e nos basta, um protesto amigo.

E' desgraçadamente certo: — Os mortos depressa esquecem!



Sebastião Pereira da Cunha

I

Nunca é tarde pãra ofertar aos mortos a turibulação da nossa saudade ou do nosso respeito, especialmente quando êles deixam atraz de si um rasto luminoso, que se contrapõe às trevas do esquecimento.

— Os mortos passam depressa — diz, e sente quase tôda a gente.

E' uma verdade pãra as almas frívolas, que não pãra aquêles, que ás qualidades afectivas de um bom coração aliam um verdadeiro e sincero culto pelas obras, que deixam as pessôas de bom sabêr.

Ao acre pesadume, com que notávamos o desamôr, que o nosso país de um incrível analfabetismo vota ás obras literárias, respondia-nos há tempos uma senhõra, com um profundo convencimento:

— Pois olhe: só vale a pêne têr nascido... pãra escrevêr um livro, coisa única por que vale trabalhar e sofrêr.

De facto, a afirmação desta bôa amiga e admiradora dos escritôres demonstra um judiciôso critério, porque de muito mau quilate será a obra, que não resista ao desfalecimento do intellecto, que a produziu, e se não prolongue pelos anos adiante, ao menos no affecto de um ou outro devoto das lêtras pátrias.

Se o livro é bom, então, se acareou a estima dos que podem, e sabem entendê-lo, e se o futuro lhe reserva lugar assinalado, então, mais duradoiro que o mármore e o bronze, resiste á voragem dos séculos, e não morre nunca.

E' verdade que a vozeria dos audazes, a guizalhada das turbas, que os aplaudem, e o atroamento da fama ocasional, que os afortunados conquistam entre os contemporâneos, não distinguem bastas vêzes o verdadeiro mérito onde êle está, nem apregôam a moeda de puro toque, que os modestos e os fracos de ânimo lhe oferecem, sem sêr vistos, nem percebidos.

A germinação de um simples grão pode salvar a semente de uma seara inteira; a pequena obra portanto de um homem, que não têve o aplauso público, de que era digno, em vida, pode salvá-lo da ingratiidão dos contemporâneos, e conquistar-lhe a justiça dos vindouros, após a sua morte.

A obra, de que vamos tratar, está nêste caso, e há-de livrar do esquecimento a distincta mão, que a delineou, porque é de puro e bom quilate.

II

Sebastião Pereira da Cunha foi depositário e seguidôr de um nobilíssimo legado, a herança illustradora de seu pae, fidalgo no procedêr, no sangue e nas lêtras.

Ao ofertar-lhe a sua *Selecta* de bons versos, dizia-lhe Antonio Pereira da Cunha:

«Meu filho. O primeiro livro, que publiquei, offeci-o a teu avô; a ti, que tens o seu nome e que espero o imitarás, constantemente e em tudo, quero dedicar-te êste, que é o último, que imprimo.

«Como verás são versos.

«Tu, com grande gòsto meu, tambem sentes dentro da alma aquella música indefinivel, a que a *Porcia* se refere, e herdaste uma certa propensão, que na nossa família se revela para o culto da poesia; sirvate, pois, de incentivo o exemplo de teu pae, para que não retrocedas no caminho, que encetaste, nem resistas á tua vocação.

«Eu vou, tu vens. A mim já começam a cercarme os pálidos crepúsculos do outono; para ti dura ainda a primavera, com seus viçosos encantos e extensos horisontes.

«E's môço; não te recusa Deus a inspiração; aproveita emquanto é tempo, e lembra-te do adágio dos antigos: *ars longa, vita brevis*».

Assim começou o oferecimento do seu livro o venerando autôr dos *Contos da minha terra*.

E o filho, como representante dos sagrados respeitos, que a fidalguia de outras eras consagrava aos progenitores, seguiu a esteira paterna; e, como poeta, o que mais é, ultrapassou-a em menos tempo e em obra menos volumosa.

Nós pertencíamos ao número dos que nada sabiam de Sebastião Pereira da Cunha.

No principio de 1892, seu nobre tio, o sr. conde da Figueira, apresentava-o em sua casa, numa tarde, ao nosso convívio, que foi sempre ocasional e passageiro, pela sua residência prolongada em Vianna do Castello, no solar dos seus avoengos, notavel, poética e esmeradamente reformado por seu pae: e tambem pelas nossas demoras anuaes em terras da Beira.

Pereira da Cunha não era, como outros indivíduos, o mau producto de uma raça dessorada pelos contínuos

enlaces com parentes, tão erradamente seguidos entre as antigas famílias aristocráticas. Sem sêr corpulento, e tendo uma estatura mediana, dispunha de uma bôa presença. A testa era espaçosa, o olhar incisivo e claro, o sorriso breve, a fisionomia aberta e o tôdo elegante e erecto.

Na nossa conversa, praticámos de lêtras na generalidade, e falámos especialmente das que tinham formado a reputação de seu pae, como prosadôr e poéta, um dos planêtas dessa brilhantíssima constelação, que têve como luminares poderosos, como astros de primeira grandêza, Castilho, Herculano e Garrett, de quem era indefesso admiradôr, pôis julgava, como nós, que a numerosa e proficiente pleiade de escritôres dessa fulgente época, tarde ou nunca será egualada, dêsdè que do nefelibatismo ignaro iamos descaindo no empolamento da frase, que, a par da creação de têrmos bárbaros ou estrangeirados e de outros abastardamentos da linguagem, parecia querêr convertêr-nos em ôcos e insípidos gongoristas.

Da nossa conversação, em que Pereira da Cunha têve a amabilidade de referir-se a um ou outro dos nossos livros, que mostrou conhecêr, resultou a oferta, que êle nos fêz, dias depois, a 30 de março de 1892, do último livro de seu pae, a *Selecta* de versos, acompanhada das seguintes palavras: — *Ao senhôr Visconde de Sanches de Frias, como prora de consideração pelo seu belo talento e nobres qualidades, oferece S. Pereira da Cunha.*

A ementa desta immerecida dedicatória faz-se aqui unicamente pâra que a pequena consagração, que tributamos á memória do illustre literato, registre tudo o que puder e souber, como é de bôa razão em casos taes.

Mercê de Deus, o prurido do amôr próprio não nos faz sofrêr demasiado.

A despedida, perguntando-lhe nós que gênero de trabalhos o entretinha, literariamente, comunicou-nos

que delineava as scenas de um drama histórico em verso.

— E' um simples ensaio — acrescentou modestamente.

A dificuldade da espécie não podia sêr maior; e um país, que só possui um teatro dramático, falsamente chamado normal, fossilizado pela incúria dos govêrnos e entregue á exploração arbitrária de uns autocratas, que lá não consentem actôres e escritôres de fóra das suas amizades, não era de molde por certo a acoroçoar a peça de quem tão modestamente se inculcava.

De facto, no ano seguinte, 1893, publicava-se o SAIO DE MALHA, *drama histórico e original, em 3 actos, por Sebastião Pereira da Cunha*; e nós recebíamos um exemplar, vindo das mãos do autôr, com uma dedicatória, que era ainda superior á precedente, e que por isso não reproduzimos.

A nossa leitura, realizada com avidêz, deu-nos o convencimento rápido de que defrontávamos com um bom sabedôr de portuguez, o que hõje em dia já não é vulgar, e com um poeta de excelente cunho.

Foi uma revelação, uma agradabilíssima surprêsa.

Se á obra faltavam determinadas condições dramáticas, ao verso, embora um tanto monótono, no conjuncto, pela sua contextura em parêlhas e medida quase inteiramente alexandrina, sobravam trêchos de uma sonoridade irreprehensivel e de uma doçura e propriedade encantadôras.

E disso, verbal e francamente, dêmos conta ao autôr, dias depois; e disso, no que respeita á última parte, vamos fornecêr agora uma plena demonstração, já que os trabalhos de Pereira da Cunha só são conhecidos de poucos, e passaram despercebidos da imprensa e do nosso mesquinho, desunido e irritante mundo literário.

O poeta, arcando com grandes dificuldades, e pro-

cedendo a leituras e estudos vários, trouxe para assunto da peça um episódio dos últimos tempos do infelizmente D. Sancho II, tendo por fim, ao que parece, glorificar a inegualável fidelidade de Martim de Freitas, e tornar evidente a sanha irreconciliável do astuto, ferrenho e poderôso D. João Viegas, arcebispo de Braga.

E' protagonista o irmão dêste, D. Ramon Viegas Portocarrero, rico homem de entre Minho e Douro.

O *primeiro acto* passa-se nas fraldas da serra de Airó, diante do presbitério da aldêa dêste nome. Portocarrero mal ferido por um urso, durante certa caçada, é trazido ao burgo e velado a ocultas por Aldonça, filha de um velbo guerreiro, que guardava, como preciosa lembrança de família, um sáo de malha, que de seu destemido pae herdara.

O enfêrmo não travara conhecimento com a carinhosa enfermeira, que é requestada por um rapaz do pòvo, mãs que se apaixona pelo desconhecido, a quem trata, e que, pobre dela! lhe desaparece, numa ocasião, em que se ausentara, mandado buscar pelo bispo, seu irmão; o que deixa a pobre donzela semi-louca de pesar.

E aqui termina o acto.

Os sentimentos do padre João Annes, que muito prezava a rapâriga, a quem tudo esclarece e a quem protege, o seu affecto aos môços, que educa e que reunira no adro do eremitério, para a oração respectiva, e a despedida, que lhes faz, pintam-se do seguinte modo:

Mocidade, que és tu? A aurora, que desponta
No ceu azul da vida. A nuvem não te afronta,
Nem te escurece o albôr. A voz da filomela
Dá-te um canto amorôso, e o lirio abre a capela
Quando tu passas, luz! Folga, rebanho amado!
Estes vales são teus. E' teu o alcantilado
Cerro, que alem se vê. Brincae, cordeiros novos!
Mostrae vossa saude em saltos e corcovos,
Que o pastôr vos espera, á noite, no redil!

E depois dêste trêcho inicial, digam-me se taes versos não revelam a voz de um maviôso poeta, tão natural, como espontâneo!

A invectiva do môço enamorado, que, ardendo em ciumes, acusa Aldonça de têr o coração cheio com outro amôr, e lhe pergunta se ela insiste no que reputa uma loucura, responde inabalavel a pobre sonhadora, embora desesperançada:

... Sim, insisto; e nunca tua espôsa,
 Pero Vaz, hei-de sêr. Comtigo, tamanina,
 Nos campos folguei. A face purpurina
 Muita vêz me beijaste em jogos de creança.
 Dormi no teu regaço. Ataste-me na trança
 As violêtas do vale e as rosas da montanha,
 Ambos de dois, á tarde, alegres, em companha,
 Subimos, á porfia, ao cimo das colinas;
 Fomos buscar ao ninho as aves pequeninas,
 Ocultas na devêza, entre a folhagem mesta,
 Tudo isso passou! E agora que nos resta
 Dessa quadra feliz?

E' um verdadeiro quadro do século XIII e uma pintura peregrina de tódos os tempos, emoldurada numa formosa tapeçaria campesina.

Tal não diria, com tamanha e tão acertada fidelidade, Pereira da Cunha, se tão de perto não conhecesse as delícias naturaes do seu pitoresco Minho.

Um dos frades, que vem buscar D. Ramon, por mandado do arcebispo bracarense, é uma vítima das vocações torturadas pela clausura, e disso se queixa ao seu companheiro pelo modo, que se vae vêr:

Farto estou de sermões, irmão. Sou ruim frade?
 A culpa não foi minha. Obrigaram-me. A grade
 Do claustro é para mim a porta de uma jaula.
 Fera escondida eu sou. Leio Amadis de Gaula,
 Sonho co'a guerra santa, adoro a Deus: seria
 Bom espôso e bom pae, se em merencório dia,
 Não me forçasse alguém a votos, que eu não tinha,
 Sou ruim frade, màs a culpa não foi minha!

Êstes versos, que formam um belo contraste com os antecedentes, são por isso um toque de sombra, muito de vêr pelo vigôr da pincelada.

*

* *

O *segundo acto* comprehende a continuação dos tôrvos amôres do mal afortunado aldeão, que jura vingar-se do repúdio de Aldonça. D. Ramon, que se enamorou da suposta mulher do rei D. Sancho II, e que pretende tirar-lha, vae a Airó, pàra conhecêr a rapâriga, que o salvara* e tratara, toca-lhe na janela, e tenta de agradecido beijar-lhe as mãos. Pero Vaz, que espreita a distância, vê o movimento, toma-o por expressão de amôr, desesperado abandona a aldeia, e foge pàra a serra.

D. Ramon, que precisa de gente de guerra, incita o padre Annes a que se ponha á frente do pòvo, e que o acompanhe a Coimbra, onde pretende roubar D. Mecia, e destronar D. Sancho. Logra convencêr o padre e o próprio pae de Aldonça, o velho guerreiro, que acompanha a sortida, envergando o seu precioso talisman, o *Sáio de malha*.

Logo no comêço canta Aldonça :

O' velho sáio de malha,
De meu pae nobre bragal,
Conta á môça a gran batalha
Da moira Alcacer-do-Sal.

E mais adiante diz a Pero Vaz, que ameaça esmagar-lhe um pulso, por onde a sacode com violência :

.....:..... Repito e não receio
O teu olhar feroz: nem temo as dôres; creio
Que me esmagaste o braço; agora dá-me a morte.

PERO, *caindo de joelhos*

Aldonça, fiz-te mal? Amôr, perdôa! A sorte
 Porque me fere assim? Eu creio em Deus, respeito
 A minha velha mãe; tôdo o infortúnio aceito,
 Menos, o de te vêr, Aldonça, em braços de outro.
 Pinguem-me a cêra quente, entalem-me no pôtro
 Mês digam-me que tu has de ser minha um dia.

ALDONÇA

Nunca! nunca o serei! Pero, quanto daria
 Pára te consolar, desventurado môço!

As palavras de Pero Vaz são o exaspêro do ciume,
 retratado o seu vulto enorme no âmbito estreito de
 uma simples miniatura.

A um vilão, incitado pela voz do padre, que apa-
 recece revestido de cota e elmo a empunhar a cruz e a
 espada, bradava o pae de Aldonça, ao ouvir dizêr que
 prestes estavam tôdos:

Tôdos, não! Falta um: chama-se Martim Peres.
 E' velho mês não resta aqui, entre as mulheres,
 Quando a patria lhe pede o braço, o sangue e a espada.
 Sus! a Coimbra! Aldonça, ó filha idolatrada.
 Quero-te muito a ti, mês quero mais A'quele,
 Que nos remiu na Cruz!

Êstes versos representam uma feição dos costumes
 e crenças, em que a religião e a fôrça se ligavam bas-
 tas vêzes, brutal e cegamente.

*

*

*

No *terceiro e último acto*, representado nos paços
 do poderoso arcebispo de Braga, faz-se a apresentação
 de D. Terêza, rainha de Leão e tia do pobre rei, que
 fôï morrêr a Tolêdo, em cuja cathedral está a sua

ossada, ainda hõje, sem um simples letreiro, que mostre ao menos uma fugitiva lembrança de nacionaes e estranhos. A rainha vae ali, muito arrependida dos seus pecados, em vésperas de se recolhêr a um convento.

Nêste acto patenteam-se as más qualidades do prelado, e exhibe-se a parte dramática de melhores efeitos.

Aldonça, acusada traiçoeiramente na sua honra pelo namorado, o Pero Vaz, que desprezara, é conduzida como penitente ao ostentoso paço, pãra se purificar na *prova de fõgo*, ou *ferro caldo*, tão usada nos grandes crimes, ou a morrer queimada, se dessa prova não saísse ileisa.

Encandecidos sete ferros de arado, Aldonça, de pés nús, passõu sôbre êles, saindo sem uma mácula do fõgo, e caminhando em seguida erecta e milagrosamente.

E' esta a pecha principal do acto, que não precisava do inverosímil e menos do maravilhoso pãra havêr as qualidades, que o distinguem.

Chega um emissário de Coimbra a dizêr que Martim de Freitas, perdida a sua causa, nem assim se rendêra, e se fõra caminho de Hespanha a entregar ao sepulcro de D. Sancho as chaves do castelo de Coimbra.

Aldonça, salva da calúnia, perdõa ao homem, que por ciumes quizera perdê-la, e promete fazêr vida santa num mosteiro.

D. Ramon, já esquecido de D. Mecia, arrependido do seu passado e deslumbrado pelas virtudes desta mulher sublime, oferece-lhe a mão de espõso, que ela aceita radiante e pasmada da sua inesperada e inacreditavel ventura.

O arcebispo opõe-se ao enlace de seu irmão, o rico homem do Minho, com uma vilã de sangue humilde.

D. Ramon persiste, e o pae de Aldonça prova a

sua descendência nobre, vinda de uma filha do rei mouro dos Algarves, filha chamada Fátima, que, namorada de um christão, fôra sua mãe, que com seu pae casara.

O saío de malha, que deu nome ao drama, era pois um presente da moira, que o fizera por suas mãos, e que salvara o pae do cativoiro, e lhe dera tôda a ventura.

Em face de tal testemunho, o arcebispo cede jubiloso, e abençôa os noivos.

E assim termina o acto.

A homérica e soleníssima afirmação histórica de Martin de Freitas, o famoso castelão de Coimbra, é narrada pelo irmão do prelado da guisa seguinte:

..... O alcaide truculento
Resiste como heroe, fiel ao juramento,
Que proferiu. Chamou á praça a soldadêsca,
E disse-lhe, apontando a filha, môça e frêsca
E ainda donzela e pura: — O alcaide portugûes
Não entrega Coimbra a Afonso, o Bolonhêz!
Tenho esta só: é bela e muito amada:
Pois prefiro aqui vê-la agora deshonrada
A deshonrar-me a mim, vendendo êste castelo.

Ao espírito fidalgamente cavalheirôso de Pereira da Cunha não podia escapar o registo de tamanha abnegação, fidelidade e rigidêz de carácter.

A compleição ferrenha do prelado bracarense e o feitio vilanaz da sua ambição constam do seguinte modêlo:

Tudo isso foi mister: de nada me arrependo.
De que servem a mitra e o báculo, não tendo
Montes de oiro tambem? Um bispo é como o sol:
Brilha, ilumina, aquece, e surge no arrebol,
Vae aos paços reaes, aos templos e aos altares,
Recebe a adoração de crentes, aos milhares,
Tem vassallos leaes, besteiros, capelães:
Mês é mister tambem que o erário lhe não falte;
E' pedra preciosa: é-lhe preciso o esmalte.

Nêstes versos daguerreotipa-se com justêza a feição do clero elevado, a abastança e o poderio, de que dispunha triunfantemente nos tempos áureos da idade média.

O padre João Annes, o bom párocho de Airó, dando de rôsto com a figura do desventurado D. Sancho II, retratada num painel, pendente da sala do trôno archiepiscopal, lamenta-o assim :

Tudo te abandonou na tua desventura !
 Só resto eu... um padre, um miseravel cura
 De uma aldêa minhôta. O scetro, a cr'oa, a espôsa
 Arrancou-t'os a mão da sorte caprichosa,
 E a pátria, em que nascêste e a que tanto querias,
 Nem sequer te abrigou os derradeiros dias ;
 Nem ao menos te dá um leito de granito,
 Onde possas dormir em paz, pobre proscrito.
 Fôste guerreiro audaz : arremessaste o guante
 A's faces do Koran, erguêste triunfante
 A cruz do Christo em Serpa, Moura e em Juromenha ;
 Povoaste Sortelha, e restauraste Idenha ;
 Alargaste a fronteira a Portugal co'a espada ;
 E dão-te em recompensa, ao cabo da jornada,
 O exílio e a maldição.

O affecto do bom padre achou nas palavras do poeta um eco fidelíssimo e a calorosa gradação, que vale um protesto de patriota e de homem de bem.

Quando D. Ramon expunha a seu irmão o arrependimento, em que estava, de ações más, que praticara contra a causa do infortunado rei, e annunciava o oferecimento da sua mão a Aldonça presente, vejâ-mos uma parte do que lhe respondia o orgulhoso e fero arcebispo :

Tu, dom Ramon, irmão do Primaz das Hespanhas,
 O primeiro serás na côrte ; e, se quizeres
 Uma espôsa, terás aos centos as mulheres !
 Deixa em paz o passado, e cuida do presente ;
 Não fica bem a um môço êsse ar de penitente ;

Os remorsos, se os tens, atira-os para longe,
 Ou então despe o saio, e veste-te de monge.
 Vá, enverga a cogúla, o cantochão então:
 E eu cá 'stou, meu irmão, p'ra te abrir a corôa.

O sarcasmo destas palavras resumem altivêz desmedida e um odiôso sobreceño, que chega a apavorar-nos.

E' porque o vigôr do verso, apesar de pouco harmónico por vêzes, se adapta perfeitamente á especialidade do escabrôso assunto.

Quando Martim Peres, pae de Aldonça, prova a sua ascendência principêscã, vinda do rei moiro, de que descendia sua mãe, fala assim, num trêcho da narrativa:

..... Tinha uma filha o moiro
 Mõça, pura e gentil. Fadas de bom agoiro
 Prometeram-lhe um dia a cr'ca dos Algarves.
 Quando Fátima em pé, no cimo dos adarves
 Despontava, sorria a naturêza e as aves
 Saudavam-na, escolhendo os cantos mais suaves:
 Nos rimances andava o nome seu, casado
 Com a voz da teorba e do arrabil doirado:
 Junto da barbacan, á noite, os trovadôres
 Mandavam-lhe um suspiro e um cântico de amôres.
 Eis o que era Fátima... a alegre borbólêta
 Das planícies do sul, a filha predilecta
 Do poderôso emir de Silves.

Que purêza de linguagem! que propriedade de verso! que bela nota descritiva! que dôce aragem poética não banha tôdo êste formosíssimo trêcho, com que vamos terminar as citações da estrêa de Pereira da Cunha!

E' que o *Saio de Malha*, embora falho de efeitos dramáticos, que exige o palco, é nas scenas capitaes da sua urdêlura um reflectôr histórico e a demonstração plena de uma organização poética de puro quilate, muito pouco vulgar.

O *Sáio de Malha* representa o vôo de uma ave imperativamente arrojada, que, pelo decorrer dos tempos, prometia remontar-se á cumiada das supremas alturas.

Foi êsse o nosso juizo. Em breve se ha-de vêr, no proseguimento destas linhas, se laborávamos em êrro.

III

Ao tempo da publicação do drama, já Pereira da Cunha, como resultado de uma viagem de estudo, feita em Hespanha, que êle estimava apaixonadamente pelas tradições e pelo parentêscio, havido alí por avoengos seus, se entretinha no delineamento de um nôvo poema histórico, em que tôdo se engolfava.

Não o sabíamos então.

Ao agradecêr-nos a oferenda de um exemplar do nosso romance *O Senhôr de Fóios*, que êle sabia verdadeiro no fundo, escrevia-nos, um ano depois, em 1894, do seu castelo de Portozêlo, a formosa vivenda de Vianna do Castello, uma extensa carta, de que vamos arrancar uma amostra, não só pâra dar a público um inédito do illustre poeta, como registrar a leve nota humorística, com que êle classificava a sua situação, que não, repetimos, por envaidecimento próprio :

..... « Venho felicital-o sincera e entusiasticamente pelo seu primoroso trabalho. Que horas deliciosas me proporcionou a leitura do seu livro, a mim escondido num recanto, embora formosíssimo, do Minho, a mim sequestrado de tôda a convivência literária, aturando constantemente tantos *Josés Bernardo* e *Joões da Barroca*; ¹ a mim, que passo a vida entre

¹ Personagens do nosso romance.

montanhas de milho amarelo e torrentes de vinho verde ». ¹..... ..

E proseguiu no juízo, que entendeu devêr fazer do nosso escrito, mäs a respeito do seu nôvo poema, que estava prestes a sair dos prelos de uma modesta typografia de Vianna do Castello, não mencionava uma única palavra.

E o caso é que a distribuição fêz-se, mäs as livrarias, que avistámos, não nos mostraram a existência da obra, nem a imprensa, que chegou ao nosso conhecimento, a registou por qualquer forma, exactamente como acontecêra com o *Sáio de malha*, cuja divulgação passou despercebida da própria meia dúzia de caturras, que ainda curam de letras nêste pequeno país de grandíssimos pataratas.

Por uma diabrura do correio, só em dezembro nos foi entregue o volume, que nos fôra destinado pelo autôr.

Apesar d'isso, a existência do livro e o seu próprio título, *A Cidade Vermelha*, poëma-hispano-árabe, serviram-nos de genuína surpresa.

A leitura, realizada e repetida acto contínuo na companhia de um amigo, tão bcm conhecedôr como excelente fazedôr de versos, veio acusar a prevista e sensível propensão das faculdades do poeta, genuina-

¹ E' de saber, para suavisar o quadro, que a casa de Pereira da Cunha, reconstruida por seu pae, ao estilo dos castellos medievaes do Rheno, com o refinado gôsto de um verdadeiro poeta, brilha como notavel residêcia senhorial, a que não faltam os fossos, a ponte levadiça, as barbacans e a torre de menagem, a 12 kilômetros de Vianna: e é a faustosa joia architectónica da freguesia de Portozêlo donde o nosso poeta escrevia, sôb a designação de *Castelo de Portozêlo*.

D. Antonio da Costa, no seu *Minho*, trata desta encantadôra habitação, cuja estampa se vê a pag. 176 do *Almanach de Lembranças* do ano de 1896.

mente portugêsa na inspiração e na linguagem, mãs portugêsa á antiga, quando o dizêr simples, rendilhado e puro, compunha o timbre dos que bem sabiam escrevêr.

Simões Dias e nós ficamos maravilhados, na admirativa e encantadôra aceção do têrmo, que outro não existe pâra dar a medida do nosso sentimento de então.

*

* *

A' entrada do nôvo ano, a 4 de janeiro de 1895, escrevíamos a nossa impressão ao autôr, tão sincera como a espontaneidade, que a formulou rapidamente, por um impulso convicto e inabalavel da nossa consciência.

Não saberíamos agora architectar palavras melhormente do que então o fizemos; e por isso seja-nos permitido deixar aqui, e a seguir, o transunto da carta, endereçada ao castelo de Portozêlo:

— Meu caro poeta. Li, e reli, no remanso do meu gabinête e em companhia do doutôr Simões Dias, tão suave como característico trovadôr das *Peninsulares*, as páginas notaveis do poema, hispano-árabe, com que V. Ex.^a se dignou brindar-me, realizando assim, com duplicado prazêr, o veracíssimo preceito de que os poetas por poetas devem sêr lidos.

«Essa leitura, cortada a espaços pela apreciação pausada de nós ambos, foi uma surprehendedôra e entusiástica revelação pâra Simões Dias, que o não conhecia, e uma pleníssima confirmação do elevado conceito, em que eu aferia, de há muito, os dotes poéticos do autôr do poema.

«Nos tempos, que correm, então, nesta época de dissolução espiritual, em que a sensualidade báchica campêa nos costumes, no teatro e nas lêtras amenas, vasada em moldes de linguagem bárbara, desconhe-

cedora inteiramente da belêza musical e vernácula do riquíssimo portuguez dos bons mestres, consola realmente vêr que ainda existem individualidades enérgicas, que prometem vivêr e morrêr abraçadas ao lídimo dizêr, á tradição genuina do nosso opulento erário linguístico.

«Que diferenças reedificantes de estilo e sentimento não vão dos cantos da *Cidade Vermelha* ás nebulosidades gramaticaes e desassisadas do nefelibatismo e ás figuras e imagens desgrenhadas e obscenas do realismo crú?!

«Já escrevi, e repetirei sempre, com os poetas, que nos precederam: — A poesia é o sentimento do belo. O que não tiver belêza estructural, panorâmica ou sentimental não pode chamar-se poesia.

«Tôdos os séculos, dêside os tempos obscuros até os nossos dias, tiveram como poético o que era somente belo.

«No tétrico e no horrivel tambem há belêzas, penso eu, que dizem os discordantes. E' verdade, mãs com tanto que o quadro horripilante possa elevar-se até ás alturas da epopèa.

«Um espírito delicado, contemplativo e arroubado só poderá tolerar a lubricidade sistemática nos versos de Ovidio, nas estátuas grêgas ou nas ruinas de Pompeia. Os cânticos da moderna officina só se podem divinizar pelo trabalho; nos arruidos dissolventes de aspirações controvertidas e anárchicas tudo é ôco e esteril. No esvurmar as scenas deletérias e os vícios, que tumultuam fóra das nossas casas, só devemos topar com o tédio e com a repulsão instintiva, que outra coisa não é senão a contração de tôdos os germens poéticos da nossa alma.

«A comovente tragédia do último abencerragem é um dos mais rutilantes acontecimentos do século xv; os paços encantados do Alhambra um fecundíssimo erário de inspiração romanêsca e poética, porque tudo

ali é belo — o local rendilhado por maravilhas de architectura, a sumptuosidade relembrando os tezoiros faraónicos e a tradição palpitante de uma raça, mais nobre e ardente do que a dos fetiches orientaes.

« Assim o entenderam entre muitos, Irvine, nas suas lendas e contos mouriscos, Zorrilha, no seu poema local e V. Ex.^a na sua *Cidade Vermelha*.

« Investigada a época, consultada a tradição, determinadas as personagens, a sua alma pensativa iluminou-se ao clarão subtilíssimo do sentimento do belo?

« Sem dúvida. Só um poeta, dulcificado pela sensibilidade e alumiado pela arte, podia descrever os cânticos dourados da *Cidade Vermelha*.

« A rude misantropia do meu carácter é pouco propensa a louvaminhas faceis. Menciono o que sinto. Do seu poema, variado na estrutura da frase e do metro, ressaltam, como joias opulentas, sobre fundo azul, a propriedade da linguagem, o acôrto das imagens, o colorido local e um sabôr penetrante aos mais deliciosos perfumes do Oriente.

« O sentimento e a arte fizeram o milagre, que deixa de sê-lo, desde que V. Ex.^a se nos revela um verdadeiro poeta.

« O simples canto *No Jardim de Lindaraxa* só por si bastava para uma elevada classificação.

« Entretanto poema e poeta, verdade verdade, passaram quase despercebidos pela mesquinha altura da nossa publicidade.

« Não admira. É frequente o facto. O género do livro, por um lado, e o desapêgo ás boas lêtras, que se afundam diariamente na fornalha desvirtuadora e torrencial da imprensa diária, por outro, eram de sobra para o efeito.

« Não terá senões o poema, como obra de arte, e como é próprio da condição humana? Tem, a meu vêr, um defeito de construção, que em nada lhe prejudica, verdade seja, a belêza dos materiaes.

« O rendilhado edificio bracêja elegantíssimo, fende os ares com as agulhas dos seus miranêtes, com a dentadura dos corucheus, e atrae-nos fantásticamente com as laçarias das ventanas e com as colunatas dos pórticos; mäs, aqui e acolá, no âmbito interiôr, faz-nos desejar maior larguêza de construção.

« Os amôres de Lindaraxa com Padilla, o seu fimimento pàra com o rei moiro e o convencimento dêste pàra a rendição de Granada, que era a sua ruina capital, estão a requerêr scenas de contextura mais larga ao habilíssimo artista, que tão brilhantemente se houve com tudo o que lhe saiu da sua palhêta inspirada.

« E' êste o predicado das coisas de fino quilate: atraem-n'os, seduzem-nos, e tornam-nos insaciáveis.

« E por isso, semelhante reparo, no meu entendêr, vale o elogio supremacial da *Cidade Vermelha*.

« Releve-me V.^a Ex.^a a prolixidade dêste meu agradecimento á finêza ofertatória do seu excelente poema, brilhante incentivo e estêio fortíssimo pàra novos cometimentos; e creia-me com veras — confrade muito devotado — *Visconde de Sanches de Frias* ».

Pereira da Cunha, o esperançoso e já notavel poeta, que em fins do ano seguinte havia de morrêr ignorado dos seus conterrâneos, exceção feita de meia dúzia, que têm a dita de possuir os seus escritos, cuja existência tivêmos, por mais de uma vèz, a desconso-lação de sabêr desconhecida dos próprios livreiros — agradecia-nos comovido o nosso juizo epistolar; e respondia-nos, tão pouco costumado estava a que lhe celebrassem o talento, numa láuda da sua carta, com êstes dizêres:

— Vou guardar a sua carta como um conceituosíssimo trêcho de estilo epistolar, que é, e como um documento de raro valôr, que, embora imerecidamente, me honra sòbremaneira.

« Tem muitos defeitos o meu poema hespano-árabe, mäs quero-lhe, porque o escrevi com tal ou qual rigôr histórico. As personagens, que nêle figuram, á exceção de Padilla, o preferido amante de Lindaraxa, são verdadeiros, como se prova das minhas notas.

« O poema é um tanto ardente, porque se passa em Granada, a cidade querida de Boabdil; tratei-o com affecto... »

Pudera! Ainda que o autôr nol-o não afirmasse, bem adivinhávamos que amôr presidiu a essa *ardência* do poema!

Entre vários animaes da creação não é raro vêr mães, que esmagam os filhos á força do affecto, desenvolvido na compressão nervosa, com que os abraçam, segundo os naturalistas.

A exaltação do amôr e da ardência da inspiração, que em cada canto do poema se revela, como explodindo rápida, de um só jacto, fôram os motôres, que lhe reduziram o alargamento, a que a robusta aptidão de Pereira da Cunha podia dar vastíssimos horisontes.

O seu organismo de peninsular, encarnado no amante hespanhol da formosa moira, a Lindaraxa dos paços de Granada, combustinou-se, ao tocar nos pontos capitaes, delirante e apaixonadamente, deixando somente atraz de si as faúlhas de oiro, que chisparam do seu génio creadôr.

Dessas simples faúlhas brotou o poema, que, apesar de tudo, pàra nosso gôsto e a nosso vêr, é a obra versificada de melhor género e a mais scintilante de tôdas as publicações feitas a algum tempo a esta parte, obra, que há-de ficar, embora desconhecida dos louvaminheiros públicos, porque um bom livro, tarde ou cêdo, vem a conquistar pela voz dos estudiosos, o lugar, a que tem direito.

IV

O poema, embora os não marque, como era de esperar, consta de seis cantos, desiguaes na extensão e na rima variada, que é a forma melhor e mais atraente de compôr os poemas modernos.

A simples dedicatória — *A meus filhos* — representa a transmissão do tributo, que o pae do autôr lhe deixou na oferênda do seu último livro de versos; representa um legado enternecedôr de família.

O primeiro canto — *A Espanha Arabe* — é a ampla e vistosa portada do rendilhado edificio; descreve em castigados versos alexandrinos, como o pede o assunto, alternados de rimas agudas e esdrúxulas, o domínio dos árabes e a conquista dos reis cathólicos, a que resistia Granada.

Da Hespanha ao meio, em pé, o trono audaz dos árabes
Levantava-se ovante e ornado de laureis:
Por tólido... um ceu azul, por base... trinta léguas
E em tórno duas mil aldeias infieis.

.....
E crescia e medrava. As rúmuras vergôntes
Que lançava ao chegar o quente mês de abril,
Chamavam-se Sevilha e Cadiz, Múrcia e Córdova,
Alicante e Granada, a moira do Xenil.

Beijava-lhe a raiz o mar Mediterrâneo,
Perfumavam-lhe a frente as virações do sul;
Serviam-lhe de encôsto os erçados pincaros
Da montanha de Elvira e as cristas do Padul.

.....
Dom Fernando terceiro âponta-lhe o montante:
Fundo golpe lhe abriu, golpe de lidadôr!
Alah voltou a face allicta e lacrimante,
E Sevilha curvou-se á cruz e ao vencedôr.

.....
Só restava Granada, e rubro, qual scentêlha,
Um vaso colossal a circumdar-lhe o pé.
Esse vaso era a Alhambra, a *Cidade Vermêlha*,
O sonho do Profeta, o relicário, a fé.

Nêste valente dizêr, sente-se a tuba épica dos tempos heroicos ; ajuize-se por esta amostra que qualidade de versos temos que esperar do poeta, no decorrêr da sua obra.

*

* *

No segundo canto, *A Alhambra*, mais extenso e variado na versificação, que apresenta as principaes dificuldades de um paciente metrificadôr, canta-se o edificio com as suas maravilhas interiôres.

De Mahomet, *el Mir*, a filha predilecta
Em deredor estira os braços de granito.
Como que procurando a sombra do Profeta,
Entre a serra nevada e o alcáçar do Infinito.

Lá dentro os seus jardins, e fontes e alabastros,
Com segrêdos de amôr, e sombras, e verdura,
Em brilhante espiral arremessando aos astros
Aromas de rosaes e jorros de agua pura.

Estas duas quadras, por si só, encerram a síntese duma descrição inteira. Continuemos porém :

Além, via-se o *Alberca*, o páteo dos viveiros
De rosas carmezins e peixes peregrinos ;
Embalsamava o ar o arôma dos canteiros,
Refrescavam-lhe o solo os tanques cristalinos.

.....
Ao fundo os alcantis dos rudes Alpujarras
Marcavam do Profeta a amplíssima baliza :
Dêste lado o islamismo, a Alhambra e as cimitarras,
Do outro, o ardente olhar dos netos de Witiza !

De um lado a Alhambra e do outro as hostes de Fernando e Izabel, que a assediavam, havia mêses.
Os infieis tremem no seu reducto.

Da Alhambra nas salas rúbidas
 A còrte passêa inquieta,
 E, ao longe, a vista discreta
 Fita com pasmo e rancôr.
 As huris, em jardins mágicos,
 Como leves mariposas,
 Polulam por entre as rosas,
 Suas irmãs no frescôr.

Continúa a narrativa, respeitante a mouros e christãos.

Desaba o mourisco império,
 Falta Granada sómente
 Granada, que sempre crente,
 Sorri da agua lustral;
 Que estremece á voz cathólica,
 Como a palmeira do Egipto
 Estremece, ouvindo o grito,
 Que ergue o vento no areal.

.....

Juram tòdos pela hóstia,
 Em *Santa Fé* consagrada,
 Que, na veiga de Granada,
 Ou vencem ou morrerão;
 As tendas, as ambulâncias
 Cobrem o solo do moiro,
 Ergue-se o estandarte de oiro
 De Castella e de Aragão.

Entretanto Lindaraxa, a deslumbrante amada do pobre Boabdil, enamorada de D. Cesar de Padilla, um dos capitães christãos, só cura dos seus amôres, e corre a avistar-se com o mancêbo hespanhol de sôbre os muros fortificados do magnificente edificio.

Súbito, a Alhambra ilumina-se.
 Numa ventana assentada
 Mulher, anjo, talvez fada,
 Despontou, gentil visão!
 Volve os olhos formosíssimos,
 Como se alguém procurasse,
 E encosta a morena face
 No rendilhado balcão.

E viu alguém, e manda-lhe beijos na ponta dos dedos, e apressa-se a ir ouvir as homenagens de um dos inimigos de Granada, prestes a desabar!

O' moira esquiva e formosa,
Que vêjo á luz do luar.
Conta a história fabulosa
De Granada, teu solar.

Pede-lhe o namorado môço, oculto pela sombra da muralha. E ela, desferindo o arabil, á luz de uma puríssima nôite, em tom dolente e apaixonado, entra de cantar :

Quando eu era creança e, á noite, assim que a lua
Vinha alegre a surgir detraz daquela *serra*
Que se chama Nevada,
Minha mãe me beijava, e, pâra adormecêr-me,
Passava a sua mão nos meus cabêlos nêgros
E contava-me assim a *História de Granada* :

.....

A lenda tôda contada em redondilha, alternada com rimas graves e agudas, é um quadro de execução admiravel pela verdade e pelo colorido; é sozinha um poemêto, de que mal podemos dar idêa.

Do vale ao fundo, inclinada
No seu bêrço de paues,
Dormia a gentil Granada,
A moira de olhos azues.

E ao vêl-a dormindo disse,
Com meiga voz Mahomet:
— Desponta o dia, e sorri-se...
Surge, Granada, de pé!

.....

Desperta! Fui eu que um dia,
Por toldar o brilho á cruz,
Transformei a Andaluzia
Num paraíso de luz.

Fui eu que a serra *Nevada*
 Cobri de branco albernoz,
 E a esta terra abençoada
 Dei lírios, perfume e voz.

E tudo isto, creança,
 O fiz por amôr de ti:
 Ah! tens a paterna herança!
 Vim trazer-t'a eu mêsmo aqui.

.....

Nisto, uma pérola, solta
 Do seu turbante real,
 Se desprende, e cae revolta
 Sôbre uma rosa do val.

No lugar, onde caiu a joia, surgiu miraculosa-
 mente Alhambra, como nos contos orientaes.

Chamas-te a Alhambra! Cem annos
 Em torno a ti volverão,
 Até que uns sceptros tiranos
 Venham quebrar-te o condão.

Terminada a canção, a moira corre a ventana
 apressadamente, e desaparece, deixando Padilla des-
 lumbrado, de braços estendidos para a encantada mu-
 ralha, duvidoso, afficto. Por fim, tira o capacete a
 vêr se a aragem lhe suaviza a ardência do cérebro,
 e dirige-se sequioso a uma fonte próxima.

Oh! dita! Junto da fonte cae um papel perfu-
 mado, que lhe marca uma entrevista nos jardins da
 linda moira.

Sim! irei — disse então — seja embora cilada.
 Um soldado hespanhol receia a Deus somente. »
 E apertando no cinto a triunfante espada,
 Encaminhou-se audaz ás terras do crescente.

E aqui termina a segunda parte, tão engenhosa
 como finamente dedilhada, um largo trêcho, onde a
 observação rigorosa da lenda local se casa nobre-

mente ao estado psicológico das personagens, que nela figuram.

VI

O terceiro canto — *No jardim de Lindaraxa* — tem por assunto a entrevista velada pelos meandros daquela encantadôra estância, a história da moira e o pacto entre os dois namorados pàra a entrega de Granada, isto é, pàra a eterna perdição da Alhambra.

Dom Cesar de Padilha entrou na alegre estância.
Erguia-se no ar a sensual fragrância
Das ervas dos paues ;
Divisavam-se ao longe os rúbidos crescentes,
E o Dom e o Xenil moviam, indolentes,
Os labios seus azues.

Como que por encanto, um bosque de palmeiras
Estremeceu de leve, em convulsões ligeiras,
E o seio verde abriu ;
E como a ave louçã, que se evolou do ninho,
Seductôra mulher, moira, feita de arminho,
Dêsse bosque surgiu.

Lindaraxa trazia o manto azul-celeste
Das sultanas do harem, sôbre a setínea veste
Pérolas e coraes ;
E na trança gentil, floresta de azeviche,
Tinha um turbante rubro, o esplêndido fetiche
Dos povos orientaes.

Não se podem exigir maior elegância e propriedade descritivas, nem mor belêza de estilo e frase em tamanha e tão notavel simplicidade.

A moira, após o delicioso introito do diálogo, convidava o christão a sentar-se-lhe ao lado.

Nas formosas manhãs, ao toque da alvorada,
Venho invocar Alah nesta florida gruta :
Cantei-te no laúde a história de Granada.
Vou agora contar-te a minha história ; escuta :

.....

Vendo-me um dia
 Despir a facha,
 E entrar no banho
 Co'os braços nús,
 Deram-me o nome
 De Lindaraxa,
 Que quer dizêr
 Rosa de luz.

E fui crescendo,
 Formosa e dura,
 Como as espumas,
 Que vem do mar:
 Mês... pobre e triste
 Como a tristeza,
 Que, no deserto,
 Sofreu Agar.

Orfã e pobre, a pequena moira acolheu-se á pro-
 teção de uma bôa mulher, que a peste, por suprema
 desgraça, lhe matou em breve.

Cobri-lhe o côrpo,
 Inerte e frio,
 De rosas brancas
 E girasol,
 E co'o meu pranto,
 Correndo em fio,
 Fiz-lhe a mortalha,
 Fiz-lhe o lençol!

Nisto, surge uma fada, que, poisando-lhe a vara
 sôbre as tranças nêgras, lhe prognostica um brilhante
 futuro.

Basta pàra isso que a esbelta môça têça com as
 fôlhas sêcas de certa palmeira um cêsto, e vá ven-
 dê-lo, no domingo, ao bairro moiro de Zucatim.

Passados dias, a aurora
 Encontrou-me estrada fóra,
 Cantando á luz da manhã;
 Nos vales a cotovia,
 Respondendo-me dizia:
 «Sé bem vinda, ó minha irmã!»

Loiras abêlhas pousavam,
Em torno a mim, e falavam
Não sei que frases de amôr,
Na minha bôca pousando.
Meus labios talvez julgando
O botão de alguma flôr.

Sôbre o cabêlo abundante
Levava o branco turbante.
Das moiras virgens do Islan ;
E, sôb o braço direito,
Um cêsto pequeno, feito
De palmeira e de romã.

Tôda a história, por êste teôr, é o sonho de uma
lenda fatídica, um encantamento, a que não se desêja
ouvir o fim.

A moira entra no mercado, que é descrito, infel-
lizmente, em poucas pinceladas. No auge da turba-
multa, surge no curto horisonte um torvelinho de
poeira, e de repente tudo emudeceu, tudo pasmou.

Em poucos momentos, brilhante como o sol, des-
pontou alí o senhôr de Granada, o rei Boabdil, que,
ao fazêr caracolar o fogôso cavallo, foi ferir no pescoço
a linda môça, que a fada lá mandara.

O rei, atônito de tamanha belêza, e sentido do mal,
que fizera, sustêve o cavallo, e perguntou :

— Quem és tu ? donde vens ?

— Sou de Gueltar, senhôr — lhe respondi tremente —
Não tenho pae, nem mãe, nem tecto amigo e quente,
Nem abraços de irmão :
Vim á feira vendêr um cêsto de palmeira,
E a morte ia encontrando, aqui, na mêsmã feira,
Em que buscava o pão.

— Nunca ! não morrerás — volveu-me o régio moiro —
Que eu voto ao grande Alah o meu turbante de oiro,
Que Mahomet me deu !
Comigo á Alhambra vens. Não fujas, flôr, não cores ;
Hã-de tratar de ti os físicos melhores . . .
O enfermeiro sou eu !

Disse; e estendendo logo o seu robusto braço
Com êle me cingiu o virginal regaço,
Na sela me assentou.

— Viva a Alhambra e o amor! — bradou com voz potente!
E, em carreira veloz, pelo areal ardente,
Seu cavalo lançou!

Conta depois qual é o seu poderio enorme, como
grande e primeira sultana, que é: e, ao terminar da
história, vae a retirar-se, aconselhando Padilla a que
faça o mesmo.

Êste, porêm,

— Amas Boabdil? — lhe perguntou sombrio.

— Não! — respondeu a moira — o seu carinho é frio,
Como a neve polar.

— As moiras são de fogo, e tem fogo nos olhos:
O monarca é senil: digo-te sem refolhos,
Que o não posso amar.

— Então minha serás, embora a nobre espada,
Que herdei de meus avós, eu deixe deshonrada
Sôbre o solo andaluz.

Entrego-t'a... ali a tens; somente é tua agora.
Serás minha, mulher, feita da luz da aurora,
Juro-o sôbre uma cruz.

E convida-a a abandonar o harem, e a prometêr-
lhe que será sua mulher, indo encontrar-se com êle,
em dada ocasião, passados alguns dias.

E Lindaraxa responde loucamente:

— Irei! É como oferta ao Deus da christandade.
Comigo levarei a *rúvida cidade*,
Essa Alhambra infiel!

Boabdil caiu! ha-de entregar Granada,
Sem um tiro se ouvir, sem um golpe de espada
Bôa noite, anadel!

E afastou-se a correr: dir-se-ia uma gazela,
Fugindo num paul. Já quase mal se via:
Sôbre o ceu andaluz sumiu-se a última estrela,
Cantavam rouxinoes, vinha raiando o dia!

E com mágua do leitôr, que sabe sentir e vêr, acaba aqui a terceira parte, que só peca pela estreiteza do âmbito, e não pela execução primorosa, que se nos afigura a mais sentida e poética de tôdo o livro.

A alma de Pereira da Cunha, ao colorir das estrofes aveludadas e quentes, de que destacamos alguns matizes scintilantes, estêve inteiramente aberta ás emanações do belo, êsse fluido inenarravel, que é a suprema inspiração dos artistas de génio.

VI

Chama-se a *Sultana Infiel* o quarto canto, cujo argumento encerra a scena capital entre Lindaraxa e Boabdil, que a procurava já anciôso e tôrvo, á hora da entrevista; e acaba pelos projectos da fuga, que a infiel concebêra, ao votar-se a Padilla.

Depôis de passar em revista o passado e o presente, com palavras de amargura, exclama o desgraçado sultão :

Lindaraxa, onde estás? onde te escondes, filha?
As trevas vão passando, a aurora chega, e brilha
Com suavíssima luz!

Há quanto tempo aqui te espero, e te procuro,
Debalde, nos salões, no *Alberca* triste e escuro,
E no ceu andaluz!

Onde jazes, querida? Acaso me atraigôas,
Moira infiel, que estimo e adoro mais que as c'roas
E que o scetro real?

Se assim fôr, amanhã, neste marmóreo solo,
Rolará, decepado, o teu formoso colo,
Aos golpes de um punhal.

Abre-se porta misteriosa, e Lindaraxa entra deslumbrante de belêza e de inimitavel fingimento. O

sultão ameaça, tropeja e ouve vacilante as queixas e as desculpas artificiosas daquela feiticeira mulher, e acaba por euternecêr-se, e pedir-lhe perdão.

Boabdil tremeu. Era escusado tanto.

Contra o peito a estreitou, bebeu sôfrego o pranto
Dessa mulher gentil.

— Adoro mais que nunca o teu formôso busto —

Exclamou — como a rosa o orvalho e como o arbusto
As virações de abril.

Tudo estava consumado. Lindaraxa, astuciosa e bela sultana, ia cumprir o que prometôra, entregando a Alhambra sem pelêja, por traição própria; e convencencia o rei a que, dias depòis, fôsse entregar as chaves ao acampamento christão, pàra... que pérvida! pàra *ir rivêr com ela* em sítio retirado, onde ambos só gozassem as delícias do amôr, num encantamento de mútua felicidade!

— Quem me dera, senhôr, que só p'ra mim vivesseis,
Que os cuidados da côrte e as luctas esquecesseis,
Um momento sequer!

Assusta-me o canhão, que estoira pelos ares,
Aflige-me o estridôr dos brados militares...

Sou fraca... sou mulher!

.....

— Venceste, Lindaraxa! As aves de rapina
Cortarão com seu vôo a pálida bonina,
Nascida em teu jardim.

Prepara o teu bragal, as joias arrecada;

Anda comigo, vem, mulher idolatrada!

Sou teu, somente, emfim!

A trega entretanto ia preparar o bragal e reunir as suas joias e tezoiros pàra uma cruel palinódia, pàra desanparar o desventurado, a quem nada restaria brevemente, nem guarida, nem mulher.

E, ao sair dos seus aposentos doirados, dizia a seductôra e seduzida amada de Cesar de Padilla:

— Fica-te em paz, Alhambra, ó *rúvida cidade!*
 Exclamou — Levo o amôr, mäs deixo-te a saudade
 De um tempo, que passou.
 E comprimindo o seio, ardente qual cratera,
 Uma lágrima, então, e essa talvez sincera,
 Nos olhos lhe brilhou.

E com isto acaba êste difficil retalho do poema, o qual se pôde considerar pelo assunto a sombra necessária ao tracejamento da luz, tambem circunscrito a estreitos limites, como a parte antecedente, mäs por egual fiel e característico na sua relatividade com o mêmso assunto, que é mais elevado e menos poético.

*

* *

Passemos ao seguinte quadro — *Fernando e Izabel* — que titulam o quinto e penúltimo canto.

Amanhece o dia seguinte, primeiro de janeiro, dia de ano bom. Estabeléce-se o scenário no acampamento dos reis católicos; dão-se uns traços vigorosos do túbio carácter do rei Fernando e da enérgica attitude de Izabel, a quem principalmente se devem os assinalados impulsos de guerras e conquistas.

Falam ambos do demorado cêrco de Granada, que se não rendia, e do relaxamento da soldadêscã, que se entregava não aos labôres da campanha mäs aos amôres das mulheres mauritanas.

A certo ponto da conversa, a rainha exclama :

— Mäs dissei-me, Fernando : então nossos soldados
 Andam soltando, á noite, os cantos namorados
 A's jovens infieis ?

— Peor, muito peor ; saltam da Alhambra os muros,
 E vão hebêr o amôr nos olhos seus escuros...
 Soldados e anadeis.

« E' certo, espôsa minha, é certo, infelizmente !
 Ainda, a noite passada, um bravo adolescente,
 Leal entre os leaes,

Dormiu fóra da tenda. A punição o aguarda.
Foi Cesar de Padilla, o capitão da guarda
Dos anadeis reaes.

Izabel defende o grande valôr do ousado mancêbo, tenta desculpá-lo perante o marido, e não acredita no que ouve, porque o passado de D. Cesar é uma brilhante prova de fidelidade e honra.

— Oh! quem m'ó dera aqui! — exclama por fim.

— Um fidalgo hespanhol, quando a rainha o chama,
Levanta-se da mèsã, ou ergue-se da cama,
Empunha a espada, e vem »
Disse o joven Padilha, entrando nêste instante,
E curvando a cabeça, em mesura galante,
De còrtezão, tambem.

E confessa lealmente os seus amôres, e protesta por êles, por êsses amôres, que são tôda a sua vida presente, promete, e jura que há-de trazêr a Alhambra, sem trabalho, nem batalha, ao podêr dos reis católicos.

Êstes não crêem no que ouvem.

— Pois bem — disse o anadel — uma proposta! ouvi-a:
Se essa Alhambra infiel vossa não fôr no dia,
Em que vos falei já,
Um cadafalso erguei, morte, que tanto humilha!
E um fidalgo hespanhol, sim, o último Padilla
Nêle sucumbirá.

Se porêem cumprir o prometido, se a *Cidade Vermelha* vier ao podêr hespanhol, segundo êle afirma, a môira será sua mulher, e os reis católicos padrinhos da bôda.

— Por Deus! — disse Izabel — sendo assim, tua espôsa
Lindaraxa será, e noiva tão formosa
Levarei ao altar;
E finda a cerimónia, e em minha còrte entrando,
Grandes honras tereis, ficar-vos-eis chamando
Marquesês de Gueltar. »

— Cumprirei! — disse o môço ; e saiu respeitôso
 Do pavilhão real, levando estranho gôso
 No rôsto juvenil.
 Um momento depois... successo extraordinário!
 Junto á porta assomou da tenda um emissário
 Do rei Boabdil!

Triunfavam as promessas do anadel e a suprema perfidia da bela Lindaraxa.

Boabdil escrevia a requerêr a paz, e a capitular, pedindo indulgência pàra as relíquias dos seus antepassados e pàra os vencidos guerreiros do Islan.

A missiva pungente entristeceu o coração de Iza-bel.

Quando acabou de lèr, a piedosa rainha
 Levantou pàra o céu os olhos, onde tinha
 O pranto a borbulhar ;
 Depois ajoelhou ; o rei seguiu-lhe o exemplo ;
 E a tenda transformou-se em solitário templo,
 Tendo a cruz por altar.

A alma christianíssima do imaginôso e suave poeta chorou tambem, e tôda se povoou de sentimentos piedosos, ao desprendêr de si os lineamentos desta scena de tão pujante e desencontrado colorido.

*

* *

Absorvidos e fascinados por uma leitura constante, rendilhada e ardente como a *Cidade Vermêlha*, chegamos finalmente ao têrmo tão pouco almejado, á *Conclusão*, que assim se chama modestamente o sêxto e último canto.

E' tão curta como estonteante a descrição da marcha triunfal dos vencedôres.

Amanheceu o dia 6 de janeiro, dia da obediência dos magos de Bethlem ; e a marcha de novos magos se percebe a distância, e vem ao encontro do régio

cortêjo, que se dirige fremitôso pàra o sítio conquistado.

Dom Fernando, Izabel, a còrte e os prelados
De Tolêdo e Sevilha, Agila e Calaôr
Avançam sôbre a Alhambra, e cânticos sagrados
Rebóam pelo espaço ao Christo vencedôr.

Dos prêsos hespanhoes, apanhados nas refregas,
dá-se esta hercúlea e trovejante ideia, em simples
quatro versos:

Cativos hespanhoes revolvem-se no estrado
Das masmorras, soltando um grito triunfal,
Setecentos leões, que um caçadôr ousado
Largo tempo encerrara em jaula colossal.

Pàra o magno triunfo, pàra a comemoração de tão
memorando dia, era precisa tòda a reverência de um
grande passado.

E eil-a expressa tambem numa só quadra :

A luta finda está, a luta heroica e longa,
Entre o falso Profeta e o verdadeiro Deus ;
E o espectro de Pelaio, em pé no Covadonga,
Bate as palmas, e diz : — Vencêstes, netos meus ! »

Que valente, conceituosa e palpitante concisão !
E digam-nos que o escrevêr dêste modo não de-
nuncia a palhêta de um assinalado artista e o cantar
de um grande poeta ? !

O portadôr da carta, endereçada aos reis católicos
fôra o próprio filho do mouro de Granada ; e, como
ficara de refem ao cumprimento do que no escrito se
dizia, acompanhava o triunfante préstito, desfazendo-se
em lágrimas.

A rainha consolou-o, e abraçou-o. D'ahi a pouco
parava a cortêjo diante de Boabdil, que vinha seguido
de sua còrte entregar as chaves aos vencedôres, e que

um tanto curvado ao pêsso da sua dôr, como no conhecido quadro de Padilla se vê em côres fieis e scintilantes, parou o seu cavallo, e intervaladamente, entre soluços, começou a falar desta maneira :

— Somos vossos, senhôr. Entrae, rei invencivel!
Eis da *rubra cidade* a chave e os corucheus.
Sê feliz, dom Fernando! A luta era impossivel
Entre a cruz e o crescente. Ó minha Alhambra, adeus!

E nessa apóstrofe magnífica á sua triste sorte, e numa invocação a Alah, termina o acto da sua rendição, e afasta-se, limpando as lágrimas á manga do albornoz.

Entretanto sôam as exclamações e os cânticos sagrados, e a cruz ergue-se ovante nos mais elevados corucheus da Alhambra.

A rainha depois começa a distribuir mercês a fidalgos e guerreiros.

Nisto abre-se uma porta subitamente, e D. Cesar de Padilla, trajando de grande gala, aparece conduzindo pela mão uma gentil mulher; acerca-se do doirado sólio, e ajoelha deante dos monarcas, recordando-lhes que aquêle era o dia seis de janeiro.

— Izabel de Castella, a Alhambra é conquistada!
Não vos menti, senhõra, e o voto meu cumpri.
Agora vós, rainha. A promessa é sagrada.
Lindaraxa aqui está: minha esposa eil-a aqui. »

— Como é formosa! — disse Izabel, contemplando o vulto escultural da juvenil christã. —
Cumprirei a promessa. Ao templo, rei Fernando.
Marquêses de Gueltar, a boda é amanhã. »

Entretanto, no extremo serro do Padul, soltando largo suspiro, e trovejando altisonantes pragas e maldições, desenhava-se o perfil indignado de um cavaleiro mouro.

Era Boabdil, o último abencerragem!
 Ashavero, encetando o eterno caminhar!
 Era o traído amante, era a sombria imagem
 De um povo, que passou, para não mais voltar!

Sobêrbo e ao mesmo tempo delicioso!
 Pois não é?

Bôa razão tinha o malgrado Pereira da Cunha,
 quando nos escrevia que a construção do seu poema
 fôra cimentada com amor!

VII

Um distincto publicista, correligionário e amigo seu, o falecido escritôr Manoel Barradas, ao noticiar o livro afirmou, numa das páginas do *Occidente*, que D. Cesar de Padilla, o ardente e apaixonado anadel, única personagem fabulosa do poema, era o próprio poeta.

Èste dizer é uma nota afirmativa de excelente observação psicológica.

Sim, é a verdade.

Pereira da Cunha, mergulhando-se inteiro na história do passado, num período de extremada fé, em que da religião, da espada e do amor se formavam heroes e epopêas, encarnou-se no anadel hespanhol, com as tendências da sua alma, com o seu culto e respeito pelas tradições fidalgas, com a ardência fulgurante do seu coração de poeta... poeta.

Como muita gente, que não crê nos apregoados sentimentos niveladores da actualidade, o nobre artista, alcione branquejante de immaculados vãos, refugiou-se no passado, para não ouvir os guinchos da mascarada social, entre que era obrigado a vivêr.

E morrêu no vigôr da existência, quando os filhos, tão necessitados ainda do seu agasalho, lhe chilreavam em tórno, e quando a robustêz do seu talento começa-

va a expandir-se, a bracejar frondosamente, pàra glória sua e dos seus conterrâneos.

Brutalidades do destino, como esta, fazem-n'os crente de que no estreito âmbito de uma sepultura não findam os destinos do homem, seja qual fôr o átomo, em que êles se reproduzam.

Em verdade, apraz-nos pensar, como os espiritua-
listas, em que a vida presente é apenas a transição
pàra um mundo melhor.

Agrada-nos, consola-nos até o julgar, quando con-
templamos o céu estrelado, que os milhões de luzeiros
alumiadôres do nosso scismar são os espiritos fulgu-
rantes dos inteligentes, que fôram bons.

Pereira da Cunha, que não conheceu os gabos pú-
blicos, que fêz imprimir os seus poemas em pobres
edições numa tipografia provinciana, que não conse-
guiu divulgá-los, que não ouviu o eco do seu nome
na tuba tantas vêzes mentirosa da fama, não morreu
comtudo.

Um bom livro é superiôr á vida de um homem,
apraz-nos crêl-o, e repetil-o.

Como escritôr vernáculo, sobrenadando á tona da
enxurrada gongórica e estrangeirada, em que se bara-
lham as lêtras hodiernas; como literato discordante
dessá ignara geringonça; e como poeta de bom cunho
e de pujante memória, ha-de perdurar nos cantos lu-
minosos, inspirados e finalmente poéticos da *Cidade
Vermêlha*.

E' monumento, que a indiferença bestial das tur-
bas não derruirá, e que basta por si só pàra a glória
de um homem.



José Maria Corrêa de Frias

Foi um jornalista de raro critério e um patriota dos que, melhor e mais dignamente, bem merecem a gratidão da pátria; foi, por cima de tudo isso, que é muitíssimo, um homem, como trabalhador emérito, de elevada probidade e requintada modéstia, que é mais ainda.

Ausente do solo nativo e embora despremiado, nunca, da alma saudosa se lhe riscou a lembrança dos primeiros anos da sua infância.

José Maria Corrêa de Frias, nascido a 2 de novembro de 1828, em Lisbôa, era filho de Antonio Corrêa de Frias e de D. Cecilia Teréza do Vale, oriundos do concelho de Arganil, para além do Alva.

Seu pae, militar veterenário, cuja carta fôra ainda passada pela *Casa dos Vinte e Quatro*, fêz a campanha peninsular, chegando a entrar em França com o exército anglo-luso; e mais tarde, depois da sua baixa, desejoso de tentar melhor fortuna, embarcou para o Maranhão, levando a família, em que entrava o pequeno José com os seus 14 anos de idade.

O rapaz fêz-se homem, labutou no comércio, sustentou os paes emquanto vivos, leu, estudou, foi medianamente feliz nas emprêsas, que fundou, seduzindo-o por fim aquella, onde predominava a lêtra redonda.

Já casado e pae de duas creanças, estabeleceu uma tipografia, em que de comêço foi o principal compositor, e em que se distinguiu, ávido sempre das boas notícias e glórias da pátria, que, verdade verdade, mal chegou a conhecêr, querido dos seus compatriotas, membro activo das associações portuguezas, que, em terras do Brasil, são monumentos de grande amôr nativo, com que nenhum pòvo colonial rivalizou ainda.

A emprêsa tipográfica progrediu e aperfeiçoou-se, como demonstrou cabalmente, em 1866, na exposição industrial do Rio de Janeiro, onde os seus trabalhos fôram premiados.

Impellido pelo cultivo das lêtras, Corrêa de Frias, três anos depois, agregou ao seu modo de vida a fundação de um jornal, o *Diário do Maranhão*, órgão do comércio, lavoura e indústria, de que foi sempre directôr e proprietário; isto em 1869, época, em que o jornalismo era ainda cometimento difícil e arriscado.

A sua qualidade de estrangeiro não o traiu nunca; os bicos da sua penna não se exercitaram nunca em pugnas políticas, a que sempre se conservou estranho por tendência e propósito.

A seriedade dos negócios da sua modesta indústria e as doutrinas ordeiras e sensatas do seu diário criaram em volta do prudente e honrado jornalista, uma atmosfera de simpatia geral. Os nacionaes louvavam-lhe o préstimo e a probidade; e os seus compatriotas acompanhavam-no espontâneamente no generoso impulso de sêr util aos que dêle se acercavam patrioticamente.

Era preciso, a exemplo das colónias congêneres das outras províncias brasileiras, fundar na capital do

Maranhão, um hospital portuguez, que fôsse amparo e sanatório de enfêrmos.

Pelo exemplo, pela palavra e pela penna, Corrêa de Frias, como membro eminente da *Sociedade Humanitária Primeiro de Dezembro*, tornou-se apóstolo intransigente dessa grande ideia: e com a sua tenacidade pouco vulgar, com a sua diligência inquebrantavel, com o seu acendrado patriotismo e bondade inata, desfazia atritos julgados insuperaveis: lidou, pediu, trabalhou assiduamente, e logrou por fim a plena realidade do seu ideal, vendo pompear, segundo o seu risco e administração, o vulto imponente do formôso edificio, que era um marco miliário, a mais, nos factos notaveis da colónia portuguesa em terras do Brasil.

Em seguida á criação do seu jornal, poucos meses depois, a 31 de outubro de 1869, aniversário natalício de el-rei de Portugal, occorreu a inauguração do hospital, em meio de regosijo e festas, pode dizêr-se, consagradas especialmente ao movel principal do facto assinalado, que se celebrava.

Lavrado o respectivo auto, os colegas de Corrêa de Frias na direcção da Sociedade Humanitária fôram, como lhes competia, os primeiros a assinal-o, segundo-se tôdas as pessoas presentes.

Aquêlê modesto e benemérito homem escusou-se a antepôr a sua assinatura á de qualquer das personagens inscritas, e só registou o seu nome em último lugar!

Levado em triumpho á sala de honra, uma comissão de patriotas, tendo á frente o consul portuguez, descerrou-lhe o retrato, que ali fôra colocado de antemão, afirmando, como reza a crónica impressa dessa festa, que aquêlê acto se praticava — « como prova de alto aprêço, em que eram tidos os serviços perseverantes, zelosa e intelligente administração, que êsse benemérito directôr havia desenvolvido nos trabalhos da cons-

trução do edificio, que se lhe devia incontestavelmente, avultando o curto período dos serviços e a sua economia ».

O illustre jornalista exultou de contentamento ; não pelas homenagens, que lhe eram devidas e prestadas, mãs pela realização plena do seu arrojado empenho ; e, como prova da sua íntima alegria, juntou á sua obra meritória mais um feito humanitário, êle, que estava longe de sêr abastado, e que portanto se prejudicava, dando alforria ao único escravo, que possuia.

Se mais não houvera, bastava êste acto pâra lhe definir o carácter.

Apesar de tudo, nunca nenhum dos governantes portuguezes, tão pródigos em dádivas honoríficas, obrigou os serviços e merecimentos dêsse homem, que até morrer, se enobreceu por suas virtudes humanitárias e acendrado amôr pátrio.

E' que as estatísticas e recomendações consulares, como não se tratava de um nababo ostentoso, ou de um argentário de poucas lêtras e muito cabedal, fôram mudas a respeito de Corrêa de Frias, que não soliciitava benesses, nem adulava potentados.

*

* *

Passado um largo período de anos, começando a desdobrar-se o *Diário do Maranhão* sôbre as mêsas de leitura do *Gremio Literário Português*, do Pará, ao qual presidíamos, entrámos a notar o nome do citado jornalista, seu directôr; e pelos apelidos de família Corrêa de Frias foi-nos facil suspeitar que se tratava de um parente nosso.

Continuando a vêr o seu nome mencionado, a propósito dos festêjos patrióticos ou de outros assuntos da cidade maranhense, escrevemos-lhe a sabêr da sua identidade ; e recebemos em resposta amplos esclare-

cimentos com demonstrações de muito regosijo, pois que o seu pae era irmão do nosso avô paterno Joaquim José de Frias, casado com D. Caetana Maria de S. Bernardo, nascida em Sahil, concelho de Arganil.

Corrêa de Frias, que, ao lêr o nosso nome em jornaes paraenses, tambem tinha suspeitas eguaes ás nossas, era nosso primo em segundo grau.

Datam dessa aproximação espiritual e de parentêso as nossas relações.

Ao falarmos da pátria, escrevia-nos êle que ardia de impaciência, havia muito, por visitar Portugal, donde saíra aos 14 anos: que se sentia já cansado, e não queria morrêr, sem avistar, embora de fugida, o *ninho seu paterno*; e que, ao realizar a viagem, faria escala pelo Pará, afim de nos conhecêr pessoalmente.

Disse-o, e cumpriu. Ahi por 1878, ao aceitar a nossa hospedagem, abraçávamo-nos com perfeita cordialidade, como que se de longa data convivêssemos paternalmente.

Homem de mediana estatura, porte erecto, barba cerrada avançadamente grisalha, e levemente apartada no queixo, faces um tanto angulosas, testa muito espaçosa e olhar incisivo, denunciando, apesar disso, calma e sensível reflexo de bondade nativa.

No mais... espírito chão, palavra facil, raciocínio ponderoso, ideaes de progresso e paz universaes.

Quanto a nós, ainda agora, estamos a lêr numa carta o seu juizo — espírito culto, génio batalhadôr, impetuoso até á exaltação, alma...

E mais não podemos dizêr, por demasiadamente elogiôso.

Quando nos despedimos, a bordo do transatlântico, que ia leval-o á Europa, fizémol-o comovidamente, como de irmão pâra irmão, apesar da nossa diferença de idade.

Dahi a dois anos, regressávamos nós á pátria, en-

fêrmo e anciôso: êle escrevia-nos do Maranhão, felicitando-nos e aos dois entes queridos, que nos acompanhavam, um dos quaes só hôje vemos pelos olhos da nossa lutuosa e viuva saudade; e referia-se com muitos gabos ao pouco tempo, que lhe fôra dado gosar no solo amado, onde nos achávamos.

Em 1882, acometeu-o a terrível doença do *béri-béri*.

Obrigado a sair da cidade, por imposição médica, lançou mão dos modestos recursos, de que dispunha, e comprou, a uma légua de distância, uma pequena propriedade rústica, ou quinta, a que lá se chama *sítio* e noutras partes brasílicas *chácara* ou *rocinha*, donde vinha ao estabelecimento, pouco depois, quase quotidianamente.

A 12 de setembro, escrevia-nos êle :

— Como lhe disse, resido no campo, e sinto-me bem dos meus sofrimentos. A cidade não me quere; á terceira tentativa pàra lá me demorar alguns dias, desisti por me sentir mal. Os ares puros do sítio, a liberdade, em que estou, bons banhos, cultivo de flôres, colheita de fructos e o espírito isento de contrariedades, que, na minha occupação, especialmente, surgem a cada passo — são o médico e a botica dos meus males. »

Ao nosso convite pàra nova digressão á pátria, dizia-nos ainda :

— Que prazêr não teria eu em aceitar o seu offerecimento! que dias agradaveis passaríamos juntos em excursão pelos arredôres do seu querido Pombeiro! Dois entes patriotas, amantes e admiradôres da nossa terra e da nossa gente, da... que passou, bem entendido, podíamos, sem testemunhas, que nos forçassem a disfarce, carpir a venalidade e molêza da geração actual, peor, mil vèzes peor do que a do tempo, que se seguiu á catástrofe de Alcácer-Kibir. Mas... está escrito, como dizem os *crentes*, que...

aqui darei a ossada, sem arredar pé do solo brasílico.»

Estas linhas, em que mais uma vez se afirma a alma affectiva do grande patriota, resumam pesado desalento.

Corrêa de Frias nunca lograra alcançar largos réditos, que lhe permitissem estada longa fóra da sua labutação.

*
* *

Fôsem porém quaes fôsem as vicissitudes da sua afadigada vida, a fibra patriótica vibrava sempre nos recessos do seu coração, com viva intensidade.

Referindo-se ao ultimato inglês e á naturalização, a que estavam sujeitos os estrangeiros, que no Brasil, não fizessem declarações categóricas, dizia-nos êle em 11 de março de 1890:

— Magoou-me profundamente o procedimento da Inglaterra pãra comnôscó, porque o sentimento patriótico em mim não afrouxa com os anos. Nêste ponto, penso hõje como pensava na mocidade.

«Pãra lastimar é tambem que grande parte dos nossos compatriotas se deixe cobrir pela lei da grande naturalização. Como sabe, moro fóra da cidade, e nem sempre posso ir aonde quero. Foi por isso que só a 13 de fevereiro me apresentei na municipalidade pãra fazêr a minha declaração.

«Que decepção me esperava! O livro estava em branco! Era, e fui eu o primeiro portugûês inscrito!»

Esta nota é a corôa suprema da sua obra de verdadeiro patriota.

*
* *

Ao decaimento físico de Corrêa de Frias, no correr dos anos, succedeu doênça moral de gravíssimas consequências.

A morte do filho Sizinio, seu braço direito no fervôr da labutação, e a sua viuvêz, ocorrida, depois de uma convivência tranquila de 34 anos, a 16 de maio de 1891, deram-lhe um abalo, de que facilmente se poderá fazêr ideia aproximada.

Dos affectos internos, seguro esteio da sua acidentada velhice, restava-lhe apenas a filha, a sua amada e extremosa Sirena, que, a 29 de janeiro de 1903, lhe havia de cerrar os olhos, a triste orfanada, ao recebêr-lhe o último suspiro.

O funeral de Corrêa de Frias foi manifestação pouco vista.

A' notícia do seu falecimento, seguido dias depois de exéquias especiaes, fecharam numerosos estabelecimentos commerciaes e de indústriã, oficinas tipográficas e outras, hasteando as suas bandeiras ltuosamente o consulado portuguez, Associação Commercial, a Sociedade Humanitária, o Hospital Portuguez, o Gremio aduaneiro e commercial, a Sociedade Caritativa da infância e as emprêsas dos jornaes da localidade.

Ao lado destas corporações, enfileiraram-se no préstito funerário, representantes de diversas entidades, o governadôr do estado, o presidente do município, autoridade militar, um membro do senado, funcionários públicos, delegados das classes artísticas, das oficinas e da imprensa local, e alguns da estrangeira e provincial.

No cemitério fôrã calorosos os discursos, exaltando a memória do jornalista conscienciôso e severo e do homem de bem laboriôso, instruído e geralmente venerado; e entre as visitas de pèzames, feitas á desolada filha do môrto, notou-se a da primeira autoridade eclesiástica, a do prelado diocesano.

Ao excelente patriota, como se vê, fôrã prestadas, em país estranho, honras de patricio illustre.

*

* *

*

A sua obra literária resume-se na larga serie do *Diário do Maranhão*, que ainda hõje se publica, e conta 38 anos de existênciã; e na *Memória tipográfica maranhense*, de que se serviram pãra trabalhos posteriõres o doutõr Cesar Augusto Marques e Joaquim Serra, escritõres brasileiros; o que já foi notado no volume xiii do *Dicionário Bibliográfico*, onde, por engano, se poz a Corrêa de Frias o sinal de nacionalidade, que não tinha.

O Maranhão lembrar-se-á por larguíssimo espaço do patriota despremiado, que deixou as marcas da sua vitalidade na frontaria magnífica do hospital portuguez; e nós, registando aqui o seu nome, tornâmos eco saudõso da pátria de outras eras. . . da pátria agradecida.



D. Thomaz de Mello

Devemos uma sentida lágrima á memória, tão simpática como inolvidavel, de D. Thomaz José Fletcher de Mello Homem, fidalgo de origem, como filho do tenente general D. Antonio José de Mello Homem, que procedia da familia dos condes de Murça, e de sua mulher D. Constança Fletcher, senhora de nacionalidade inglêsa.

Conhecido a princípio, na sua juventude, pelo Thomaz Fletcher, e mais tarde, até ao fim da vida, pelo D. Thomaz de Mello, foi na sua mocidade e até na idade viril, ao tratar-se de cavalos e toiros, actrizes e cantôras, viajatas e ceias espaventosas, incidentes amorosos e expedientes de estroina, rixas e rivalidades, precalços de vida airada e esbanjamentos do seu património, representado em propriedades da Moita, donde era natural — um vulto emérito, cuja fama tève um eco prolongado, como out'ora os alcançaram os fidalgos de maior nomeada.

Da estúrdia antiga, que os modernos janotas, ou estoiradinhos, pretendem imitar, desengonçada e su-

jamente, apenas na convivência com cocheiros avinhados e madragôas adjacentes, qualificativo, que no nosso lugarêjo pátrio, no cantinho da Beira, se applica, quando há referênciã a rameiras — D. Thomaz de Mello, era um vigorôso rebentão, exemplar do mais alto quilate, a maior e melhor personalidade bohémia, entre tôdas as que chegámos a conhecêr.

Apesar do nosso conhecimento se têr realizado, apenas, já no declinar da vida, quando a sua gigantesca estatura moral e física se confrangia nos desalentos de uma existênciã atribulada por várias privações, enfermidades e velhice, D. Thomaz ainda nos deu de si amplo retrato, larga cópia do que fôra nos tempos agitados e diversos da sua desordenada, barulhenta e aventureosa estroinice.

Descuidado, alegre, mentirôso, umas vêzes, verdadeiro até ás lágrimas noutras; emprehendedôr e leviano, sentimental e voluvel, sonhadôr e romântico, milionário num dia, pobre e esfomeado noutro; trabalhadôr e mandrião, estroina e poeta, devasso e pun-donorôso — D. Thomaz de Mello não tinha similar nos contrastes, que lhe formavam o carâcter boníssimo e caritativo, alumiado por uma alma ingênua e verdadeiramente fidalga.

Ninguém se despia, com maior desprendimento, com melhor vontade das próprias roupas pâra aquecêr a miséria do que êle; ninguém o vencia em rasgos de generosidade; ninguém urdia uma patranha com mais azo e serenidade, nem pregava uma peça com maior desplante, nem inventava um expediente pâra lances apertados, em menos tempo; nem mentia com mais descarô, nem louvava com tamanha sinceridade, nem doidejava com maior convencimento de que seguia caminho direito e ajuizado.

Um tipo exemplaríssimo e inconfundivel, único no seu género; velharia estroina, com tôdas as virtudes e defeitos, galas e pelintrice da mocidade.

Como luminares e companheiros de funda decadência, literatos de poucas ou nenhuma lêmtras, rapazotes aspirantes ás glórias do Parnaso, jornalistas sem jornaes, artistas sem arte, actrizes sem teatro, empregados sem emprêgo, gente anónima de uma reputação incerta ou duvidosa — eram de ordinário os mais numerosos e assíduos frequentadôres da sua moradia da Calçada do Garcia, n.º 4 cuja ornamentação orçava pelos destempêros e diversidade das personagens, que lá penetravam.

O compartimento da entrada era ao mêsmo tempo sala de visitas, centro de conferências várias, gabinete de palestra e literatices, depósito do material de cartazes, cujo privilégio de afixação alcançara, e ás vêzes casa de jantar.

O tecto apresentava o aspecto garrido e multicôr da pintura anacrônica de uma barraca de feira; era uma extravagância cosmorâmica de efeito picarêsco; uma das três janelas, que davam pãra a travessa de S. Domingos, estava convertida em gaiola de rôlas, aves muito da predileção do seu dono, dêsde a mocidade; e as parêdes eram ornamentadas, á imagem e similhaça do originalíssimo tecto.

Uma comprida e larga mêmsa, velha e poeirenta, condizendo com o intervalo entre duas janelas, exercia as funções de jardineira, bufete e escrivaninha; duas cadeiras mancas e inclassificaveis, além da que occupava o dono da casa, e uns bancos de correspondente feiio e valôr constituíam o resto do mobiliário, que, á exceção da mêmsa e cadeira presidencial, nunca tinham poiso certo, evolucionando á mercê dos acontecimentos e dos visitantes.

Naquêle areópago poeirento e algo carunchoso, onde se declamavam versos, tiradas demosthénicas, lances dramáticos, chrónicas de amôres e de casos ruidosos ou amenos; e se forjavam tintas garridas de polichromia cartazeira — foi que, por incumbência

dêste género annunciativo, devida a um amigo nosso, tomámos conhecimento, em 1894, com êsse venerando levita da liturgia bohémia.

O aparecimento da nossa pessoa, cujo nome lhe era conhecido por literatices várias, espécie mal aventurada, de que êle era muito enfermigo, foi festivamente celebrado pela arrastada figura de D. Thomaz de Mello, um tanto obeso, ventre descaído, bela cabeça, ainda menos mal povoada de cabelos ondedos mais brancos do que grisalhos, testa ampla, rosto carnudo, enfeitado de pêra aberta e bigode de pontas pendentes, olhos vivos, tôdo distincto e aprazível.

Pelo andar do tempo, estabelecida uma sincera e amigavel ligação, fomos convidado para leitura de inéditos nossos, de modo irresistível; e acabávamos sempre por convertêr D. Thomaz de Mello á nossa maneira de vêr e ortografar.

Admirava-se êle de que, na nossa qualidade de titular e costado fidalgo, fôssemos ovêlha fugida da sua grei, ligando mediana importância a raças cavallares, esperas de toiros, aventuras teatraes, cêias de botequins, convivência com mulheres de vida airada e frequência aos círculos da moda, onde se imitam as estrangeirices, impróprias do nosso clima e costumes, e há muitas recitações em francês, por meninas perliquitetes, que se pejam de lêtras portuguezas, por as não saberem, com aplauso e gáudio dos seus dignos progenitôres.

Ao falar nas passadas aventuras, D. Thomaz tinha aparências de iluminado, fervia ainda de entusiasmo, ao lembrar-se dos seus tempos áureos, e desatava numa atraente cavaqueira a torrente narradôra da sua espaventosa chrónica.

Os vinte anos, especialmente, haviam sido de uma volubilidade e extravagâncias de verdadeiro doido.

Os seus projectos, nunca realizados, de negociar em quadros antigos, de valôr, comprados na raia de

Espanha; os lances ruinosos de uma desenfreada jogatina; a frequência ás casas de penhõres, ainda então clandestinas, onde a ladroeira agiota fazia que uma moeda da avaliação de qualquer objecto ficasse reduzida a 38600; casas de onzena descarada, onde sobresaíam, como mais afamadas, as do Martins marreca, do Largo de S. Roque; a do Prado, chapeleiro do Rocio; a do Carvoeiro herbanário, da travessa de Santa Justa, e a do célebre José, confeiteiro da rua do Ouro, cuja escrituração de empréstimos e penhõres residia simplesmente na sua memória fenomenal, com capitaes e juros; e a conquista de uma mulher, realizada a toques de flauta — fõram as primeiras narrativas, que ouvimos a D. Thomaz, muito salpicadas de seriedade cómica, protestos de arrependimento, sinaes de contumácia e, não raro, de vislumbres significativos de uma profunda saudade.

A sua voz vibrava altísona, ou simplesmente irónica e comunicativa, conforme o assunto, mäs sempre atraente e repleta de poética entonação.

Resumiremos, como caso arteiro e curiõso, o fisingamento da mulher, extraordinariamente devotada á flauta.

Era uma vizinha, que habitava casa fronteira á sua, uma deidade suspeitosa, cujas bõas graças D. Thomaz desejava muito alcançar, como outros o haviam feito, ao que se dizia á bõca pequena. Bilhêtes, cartas perfumadas, ditos e graciosidades nada serviam pãra a obtenção de uma entrevista.

Um dia, numa casa das suas relações, o domadõr de pöldros, acabando de dansar uma contradansa com a caprichosa dama, pediu-lhe emprestado por instantes um vistõso ramo de jasmims e anémonsas, que ela ostentava sòbre o peito, pãra que, galante e apaixonadamente, lhe sorvêsse o perfume.

A uma grosseira recusa, succederam estas palavras, alusivas á diversão predilecta de D. Thomaz, que nos

baixos da sua casa se entretinha com a manutenção e trato dos seus cavalos :

— Não, senhòr: não consinto. O meu ramo, ao voltar da sua mão, ficaria rescendendo a cavalaria!

Indignado, D. Thomaz deixou de falar á vizinha, não tornou a olhar-lhe pàra as janelas fronteiriças, e conservou as suas sempre de vidraças corridas.

Um dos seus entretenimentos começou então a sêr a audição de flauta, que um seu hóspede, o espanhol D. Ramires, vinha dedilhar magistralmente no seu gabinête particular.

Esse sujeito, que era um bohémio estroina, jogadôr e vagabundo, e mais tarde figuraria com o seu hospedeiro numa excursão de saltimbancos, distinguia-se como músico deliciôso.

Um domingo, ao sair da missa da igreja das Dôres, a dama esquiva abeirou-se de D. Thomaz, a quem cumprimentou com tôda a afabilidade, deu largas á conversação, entremeada de sorrisos amaveis, e perguntou :

— Quem é que toca flauta em sua casa com uma correcção e mimo admiraveis?

— A não sêr a minha cozinheira, quem há-de sêr se não eu?

— Caspíte! E' extraordinário! Não lhe conhecia essa bonita prenda. Os meus sinceros parabens!

Thomaz formou rapidamente um plano. A mulher, que o tinha escarnecido e insultado, declarando-lhe abertamente que êle cheirava a estrume cavalariço, havia de rendêr-se aos sons dolentes do maravilhôso instrumento.

Pensado e feito.

No dia seguinte, armava-se o scenário, e rompia a peça: um biombo a meio do gabinête; por detrás dêle D. Ramires flautando: na frente, uma poltrona, onde D. Thomaz, levando uma flauta aos lábios, fingia tocar, de vidraça aberta, virado pàra a janela frontei-

riça da famosa vizinha, que nela se deliciava, de cotovêlos fincados no parapeito e olhos luzentes de comoção e enlêvo.

Um êxito completo. A praça capitulou, do melhor grado.

A êsse seguiram-se dias de variada exhibição musical, acontecendo, por vêzes, o falso executante da poltrona deixar de tocar, quando o outro continuava, ou tregeitar com os dêdos nos orificios da flauta, quando o espanhol se calava, como aconteceu, de uma feita, ao adormecêr emborrachado.

A dama enfeitçada, na sua contemplação absorvedora, não dava por isso, tal era o encantamento, que a enlouquecia.

O epílogo consistiu em mandar-lhe D. Tomaz, depois de saciado, a sua flauta feita em bocados, afirmando que não podia seguir a carreira encetada, porque ia embarcar pãra a Amêrica; e a mulher apaixonada, ao cabo de quinze dias, ia chorar saudades nos braços de um aspirante de cavalaria, que lhe cheirava a rosas.

Entretanto, a aventura inspirou versos ao graciôso doidivanas, o pseudo-flautista, entre os quaes havia êstes de terna despedida :

Última nota de minha harpa lúgubre,
mulher, escuta-a nêste canto meu,
sentido e triste, que, num choro íntimo,
mandar pretende quem por ti morreu!

Dêsses teus olhos o reflexo mágico,
a luz foi breve, que fugiu, passou;
porê m a chama, que deixaram, férvida,
alma, existênci a e coração queimou.

E vão lá fiar-se em certos e determinados poetas!

*

* *

Na visita periódica, pãra nós honrosa por muito instada, que dedicávamos a D. Thomaz de Mello, continuava êste a sua palestra narrativa, acoroçoado pelos nossos rogos, que, estimulando-lhe a memória, pareciam consolal-o, dando às agruras do presente o gôsto amargo, màs sempre grato, das recordações do passado.

Como em tela cosmorãmica, passaram deante de nós os mil projectos e casos da sua vida erradia de negociante, picadôr, engenheiro, poeta e literato; o desbaratamento do seu mobiliário e quadros, alguns Theniers, que fôram vendidos a D. José Salamanca, e figuram hõje no museu de Madrid, e uma magnífica tela, cedida ignorantemente a um emissário de el-rei D. Fernando, por meia duzia de libras, quando valia quantia superior a uma dezena de contos de reis, por sêr um original de Rubens, como mais tarde se descobriu; a tentativa do negócio de frangos e da casa de penhõres, de que êle e os seus amigos seriam naturalmente os primeiros freguêses; as scenas de jogatina ao *monte*, em que o azar de um sujeito, que chegou a empenhar o cavallo, que montava, e os dois cães, que o acompanharam, é assim descrito:

— Foi às cartas de baixo contra as de cima; parou ao lado, á cruz; jogou dentro, e jogou de porta; foi ao braço, saltou, fêz cêrcos, pisou, pisou e não pisou; pediu cõrte, mudança de baralho; trocou o lugar, e por último, depois de tantos esforços, sem que o azar mudasse, uma só cartada levou-lhe os derra-deiros pintos.»

Seguiram-se as emprêsas dos teatros das Variedades e Circo Price, as do Passeio Público, estas de parceria com Salvadôr Marques, onde o professor de dança, Justino Soares, chegou a exhibir-se em bailes com o trage de Luiz XVI; o projecto de uma *Illustração* modelo, a propagação dos kiosques, a agência *Memoralista*, estabelecida em 1876, no próprio escri-

tório da calçada do Garcia, onde, sôb o maior sigilo, qualquer individuo podia mandar fazêr a sua correspondência a 40 reis por carta; a estada no Pôrto, em que D. Thomaz, na rua do Cimo de Villa, esquina da praça da Batalha, estabeleceu o celebrado restaurante *Comboio*, onde as iguarias tinham nomenclatura bombástica; e a inauguração em Lisbôa da fábrica particular de sardinhas á *Rochefort*, conserva apreciavel, que deu que fazêr ao Martins, o abastado mercieiro do Chiado.

— O' Martins, estou em maré de enriquecêr — dizia-lhe um dia D. Thomaz, com o entusiasmo e aparências de um verdadeiro crente. — Inventei o fabrico de umas deliciosas sardinhas, que vou anunciar, e de que o seu estabelecimento pode sêr depositário. E' negócio de grande futuro, meu amigo. Vou mandar-lhe algumas latas pàra experiênciã.

O negociante conveio nisso.

A primeira remessa têve prompta e óptima venda: á segunda e terceira aconteceu o mêsmo.

Jeronimo Martins, maravilhado e muito sabedôr do seu officio, ao falar com o fabricante das sardinhas á *Rochefort*, disse-lhe:

— Homem, a especialidade é um tesoiro. Vendeu-se tudo.

— Ah! sim? Muito estimo.

— Mande mais; mande mais. Olhe lá.

— Diga, Martins.

— Tem muitas latas preparadas?

— Umas vinte caixas, pelo menos.

— Pois mande-as tôdas já; e tome lá o dinheiro.

O negócio fêz-se, mäs as sardinhas deixaram de têr saída!

O caso fôra um dos expedientes de D. Thomaz pàra fazêr dinheiro. Parecia um lògro.

Os compradôres da mercadoria, nos primeiros dias eram mandados pelo fabricante, que obtêve bôa quan-

tia, fazendo rir, ao que parece, a própria vítima do seu curiôso estratagêma!

Com certa demora, Martins não sofreu prejuizos, porque a conserva era realmente boa.

Com mais seriedade e afinco, com persistência e método, com pautado regimen e regrada economia, D. Thomaz, com as faculdades creadoras e arrojada iniciativa, de que dispunha, podia têr lucrado somas enormes, vivido e morrido na abastança.

*

* *

O facto capital da sua mocidade, o ponto, que melhormente caracteriza a sua vida airada, é representado pela excursão na raia de Espanha, aos 20 anos, como empresário e companheiro de uma leva de pobres saltimbancos.

Acompanhado de Portugal pelo cavallo, que montava, e pelo cão *Mário*, pelo ainda garôto homem flauta, rapaz estrábico e microcéfalo, que dentre os dêdos da mão fechada arrancava belos sons musicaes, e pelo já conhecido flautista D. Ramires, músico andaluz e aventureiro, jogadôr e borracho, penetrava em Espanha por Olivença, resolvido a adquirir pàra complemento da companhia, alguns macacos e um realêjo, que êle tocaria, antes e depois de se apresentar como cavaleiro de alta escola.

A breve trêcho, por penúria, o cavallo foi vendido, por cento e tantos duros, e substituído por uma égua velha, que custou quinze, e por um garrano lação, que mordia e couceava, comprado por dez.

O primeiro e único espectáculo masical, realizado em Olivença, mal dera pàra despêzas, retirando-se o público pouco satisfeito, por falta de variedade.

Em Valvêrde, a companhia aumentou com uma velha, duas raparigas, uma pantera, um urso e uma

burrita, que conduzia a jaula da fera, que se dizia de Java.

A empresária e directôra dêste último agrupamento era a velha Mercêdes, mulher suja e de aspecto repugnante. Uma das filhas, chamada Pura, loira e um pouco sardenta, mäs fina de feições, lidava com o urso; a outra, a Natividade, rapariga de 22 annos, contraste de sua irmã, alta, delgada, olhos e cabêlos nêgros, descaídos em cachos, elegante e um tanto triste, trabalhava com a pantera, que tinha a ferocidade de uma ovêlha.

O teatro foi improvisado numa adêga.

O bando percorreu as ruas da povoação no sábadô, véspera do primeiro espectáculo, depois de têr cortado e carimbado os bilhêtes; e D. Thomaz tratou de pintar um cartaz enorme, que annunciava o seguinte programma, em períodos muito espaçados:

Hallando-se de paso en este pueblo la celebre compaña MERCÉDES, tenemos el honor de presentar al ilustrado publico de esta muy noble poblacion los asombrosos numeros de que se compone el DIVERTISSEMENT.

1.º *Presentacion de la celebre y terrible PANTHERA DE JAVA por Dona Natividad, la hermosa hija de la distinguida empresaria.*

2.º *El terrible y inteligente PEPE SOLIS, gracioso orso de los mares glaciales dançará una coreoriana con la donairoza PURA, hija tambien de la empresaria.*

3.º *El celebre garrano BOABDIL, amestrado en alta escuela, eribirá los mas sorprendentes y maravillosos ejercicios jamäs vistos en todo el orbe terraqueo y maritimo.*

4.º *Y ultimo. LA MARAVILLA DEL SIGLO. Un dueto de flauta con una flauta apenas. El divino y encantator portuguesito D. H. F. do Nazareth, conocido en todo el mundo por lo HUMANO-FLAUTA.*

Entrada 2 reales. A las maravillas. A las maravillas. Entradas a medio precio para los niños y militares.

A representação burlêscã decorreu com bom êxito. D. Thomaz apresentou-se, cavalgando o garrano, no próprio palco, ao gritar-lhe: — *Boabdil a saludar la escogida sociedad de Valverde.*

O bucéfalo fêz um cumprimento, contou as horas, batendo com a pata, e foi descobrir um lenço escondido.

Que belêza! Chapêus atirados ao palco, palmas, gritos de ovação... um delírio!

Os episódios, que se seguiram, a volta de D. Thomaz a Portugal na companhia de Natividade, cujos amôres duraram até á sentida morte desta, e deixaram rasto luminôso na memória do illustre bohémio — são páginas paipitantes de naturalismo, as quaes, depois da narração a nós feita, fôram pelo protagonista transportadas pâra livro, onde figuram impressas ¹ e onde se lêem estas palavras:

— Tudo quanto se desprende do convencional e do vulgar vibra-me despropositadamente na alma, entusiasma-me, prende-me, fascina-me, e arrasta-me pâra o seu meio.»

Nêste singlo dizêr encerra-se um resumo autobiográfico de D. Thomaz de Mello.

A continuidade enfastiava-o, o pouco visto dava-lhe desvarios; a novidade encantava-o.

*

* *

Nos vários meios da vida, que tentou, podem contar-se trabalhos de escritôr.

¹ Bohémia Antiga

Literato de estilo ligeiro e pouco correcto era comtudo imaginôso, e traçou febrilmente, sôb os primeiros entusiasmos, que lhe eram peculiares ao começar qualquer empresa, no período da maior actividade, as três primeiras obras, dadas ao prelo num só ano, o de 1874.

Estas e as subseqüentes são por sua ordem: *Modesta*, romance, 1874; *Scênas de Lisbôa*, em 2 volumes, 1874; *Conde de S. Luiz*, romance, 1874; *Memórias de um sapatinho*, 1885; *Albano ou A perseguição ás batotas*, poemêto, 1889, opúsculo em verso de 28 páginas; *A espera dos Toiros*, 1897, folhêto de 25 páginas, apologia dos cornúpetos desengaiolados, isto é, louvôr ao restabelecimento das *esperas*, toleradas pelo govêrno civil; *Bohémia Antiga*, 1897; *Recordando*, 1904; *O Nêgro de Alcântara*, poema lírico de 100 páginas, apenso ao *Recordando*; *Contos e Casos*, 1904, de colaboração com Oliveira Mascarenhas; e *Um discípulo de Kune*, comédia, não impressa, que não fez carreira no *Gimnásio*, por sua demasiada *frescura*.

Passemos uma ligeira revista crítica ás obras de D. Thomaz de Mello:

MODESTA. — E' uma tragédia, delineada em anos de impulsos generosos e efervescência amatória, ao mesmo tempo suave e sinistra, onde há êstes versos, attribuidos ao heroe:

Crava os olhos no ceu, visão esplêndida!
 E dize-me se ahi se alcança alivio
 A's dôres do vivêr. Mede as estrêlas:
 E, se nêsses milhões de sóes se encontra
 A dôce e branda paz, quero prendêr-me
 Aos raios dêsse olhar, com que me falas,
 E partir, e chegar a ignotos mundos.

A noite, como vês, morna e sombria,
 Desceu aos loureiras; as avesinhas,
 Afeitadas á soidão, já se recolhem
 Por entre as ramas do copado arbusto.

Silêncio é tudo aqui ; o mar ao longe
 Desperta, como em nenia entristecida,
 Os praios do vale. Ai! como é belo
 A ideia mergulhar nos nil poemas,
 Que se perdem em notas melancólicas
 Por entre o murmurar da brisa ténue
 De aromas arroubada! Como é doce
 Suspirar... suspirar! sentir perdêr-se
 A mente, que descae no brando efluvio
 De um êxtase de amôr! Olha, Modesta:
 O mundo pâra nós e a vida é esta.

Baixando os olhos languidos,
 Porque desmaias, pomba?
 A rosa, quando tomba,
 E' porque vae murrêr;
 E eu quero vêr-te em júbilo
 Rosa da minha vida!
 Ergue o teu rôsto, querida,
 O' astro do amanhecêr.

.....
 Por entre um veu de lágrimas
 Desmaia-te o semblante;
 Teu seio palpitante,
 Em êxtase descae!
 Fala, revive, anima-te
 Ama, que o amôr é vida!
 Ergue o teu rôsto, querida!
 Tudo nos diz: — Amae!

Pinheiro Chagas, ao prefaciар êste livro, escreveu :
 — A literatura de Thomaz de Mello não se resente
 em geral dos episódios da sua vida; os seus versos
 são muitas vêzes plácidos e mimosos como um sonho
 de creança; o seu estilo tem os suaves reflexos das
 tranquilas paisagens, dos ceus doirados pelo poente e
 dos melancólicos crepúsculos.»

Quanto á primeira parte, os livros posteriôres do
 escritôr da *Modesta* serviram de pleno desmentido á
 asseveração de Pinheiro Chagas; tôdos contêm vivos
 reflexos da vida do autôr.

SCENAS DE LISBÒA. — São galeria cheia de esboçê-
 tos alegres, pendurados como em cordel de feira, cuja

literatura caracterisam. Calão de fadistas e cocheiros, mancebias de marafonas e tafues avinhados, esperas de toiros, esbanjamentos e distúrbios de fidalgos e arraia miuda, ceias ruidosas, desmandos em casas de penhõres e bordeis, comezainas no *Marrare do Polimento*, na *Perna de Pau*, no *Colête Vermelho*, episódios burlêscos, poucos casos dignos, raras virtudes e abundante seara de galicismos e linguagem rasteira atropelam-se, sucedem-se, denunciando scenas vividas umas, sabidas outras, pelo autôr, que, em dois volumes de 530 páginas, se faz lêr com certo agrado por quem não preze purismos de linguagem, nem quadros de sã e verdadeira psicologia social.

CONDE DE S. LUÍZ. — Descontados ligeiros senões, que ao nosso purismo filológico repugnam sempre, pois que em escrita nada julgamos superior á vernaculidade da língua, sejam quaes fõrem a índole do livro, o estilo e a reputação do autôr — é êste romance a obra melhor e mais correcta de D. Thomaz de Mello.

Téla cheia, bem pensada e urdida, lógica e realizavel, apresenta situações de perfeita naturalidade e retratos adoraveis, como os de Marta e Magdalena, D. Mariana e seu filho Manuel de Mendonça, destacando-se comovedõramente das figuras, que lhes formam o contraste.

Leitura sadia não parece filha do cérebro, que ideou as *Scenas de Lisbõa*.

Como nestas *Memórias* se trata especialmente de poetas, registaremos, com a unção devida, duas partículas da oração, que Marta, a delicada filha do operário, rezava piedosamente, num lance do seu coração amantíssimo :

Bom Jesus, tôdo pod'rôso,
Filho da Virgem Maria,
Socorrei-nos esta noite,
E amanhã, por tôdo o dia!

Se na terra não coubermos,
 Levae-nos, Senhôr, aos céus!
 Rogae por nós, pekadôres,
 Virgem santa, mãe de Deus!

MEMÓRIAS DE UM SAPATINHO. — O nome do autôr é substituído pelo qualificativo de editôr do livro.

Ainda bem. E' uma excrecência deslavada, uma semsaboria pornográfica, de que apenas salvamos êstes versos sonoros e bem feitos:

QUARTO DE BOHÉMIA

.....
 Quando estremecem as comas
 Do laranjal, a florir,
 Vêm-lhe entornar os aromas
 No seu quarto de dormir.

A's tardes, ao pôr do sol,
 Agitam-se os loureirae
 Aos sentidos madrigaes,
 Que lhes manda o rouxinol.

Sôbre tapête de flôres
 Pascem os alvos cordeiros,
 E vêm descendo os outeiros
 Ao canto dos seus pastôres.

Em bandos, as cotovias
 Pipilam dôces carinhos,
 E vêm-lhe tecêr os ninhos.
 Debaixo das gelosias.

O seu quarto de dormir
 Tem as parêdes forradas
 De sêdas adamascadas
 E mantas de *cachimir*.

Tem um leito torneado
 De bello jacarandá,
 Donde pende um cortinado
 De sêda de Calcutá.

Tem sombras cariciosas
 Como as grutas dos ascetas!
 E' para... enraivar nervosas,
 E para inspirar poetas.

O JANTAR

Acabou-se o jantar; foi succulento e opíparo.
 Tem gôsto o anfitrião! Carneiros fôram dois;
 Encomendou no talho a cauda de três bois,
 Pára a sôpa fazêr á moda dos bretões;
 A' mèsã do jantar choveram iguarías,
 Chegou, até, a havêr faisão... faisões guizados.
 E, depois de servir uns vinte e três assados,
 Foi salada a valêr; e logo dois leitões,
 Com que ia arrebetando os pobres convidados!

Tem gôsto o anfitrião! Tem gôsto e tem dinheiro.
 E quem dinheiro tem, em tudo, é um portento;
 E ou dá em titular, ou vae pára *S. Bento*
 Defendêr o país, e bem depressa galga
 Os degraus do podêr! Se casa, é com fidalga,
 Filha do que esbanjou nomes e património,
 E que se vê por hi, levado do demónio,
 Sem eira, sem amôr, sem fé e sem familia,
 Sem castelo feudal, sem lar e sem mobília,
 Errando, como os cães fugindo a strichinina,
 Uivando pela rua, olhando a cada esquina,
 Dormitando ao luar, nos bancos do Rocio,
 Cheio de tradições e ainda mais de frio;
 Vendo passar por si os grandes agiotas
 Guiando os seus *laudaus*; e êle... sem trazêr botas!

Acabou-se o jantar. Já não podia mais
 O triste anfitrião: caiam-lhe em cristaes
 As bagas de suor da fronte macilenta
 Sôbre a *penca* fatal, enorme, virulenta!
 Ergueu-se! e dando o braço á pálida infeliz,
 Sairam tôdos três — DOIS NOIVOS E UM NARIZ!

BOHÉMIA ANTIGA — Pinheiro Chagas, na introdução
 do romance *Modesta*, classificando o autor, escreveu:
 — D. Thomaz de Mello ha-de sêr pára o futuro
 uma das figuras lendárias do nosso tempo. A sua

paixão pela aventura, o seu ódio ao convencional, o anôjo das suas ideias, a tranquilidade, com que afrontava os acasos, os perigos muitas vêzes de uma existência nómada pãra fugir da trivialidade, da vida monótona das salas, tudo isso deu-lhe até certo ponto o carácter de um heroe de Murger.

« Há na sua vida febril um cunho de originalidade; não é uma cabeça vulgar a que fórma assim fantasiosos sonhos deslocados no século da prosa, em que vivemos. D. Thomaz devia vivêr no século XVI, ou no século XVII, nos tempos apaixonados e inquietos, nos tempos dos *cadets* de Saboia e dos *cadets* de Gasconha, na época heroica do cavalo amarelo de d'Artagnan, no século, em que Salvadôr Rosa vivia, hõje com os fidalgos e amanhã com os bandidos ».

As pitorêscas narrações da *Bohémia Antiga* confirmam opulentamente o juizo de Pinheiro Chagas.

E' êste livro o melhor da coleção recordativa, e aquêle pãra cujo aparecimento concorreremos indirectamente, quando, no final das palestras, a que já nos referimos, incitávamos D. Thomaz a reduzir a livro as principaes ocorências da sua existência aventureosa.

São páginas dos vinte anos, em que a confraternidade bohémia com saltimbancos, os rasgos de vida perdulãria, os arrôjos quase inacreditaveis, os expedientes de momento, as privações angustiosas, a conquista feminil a toques de flauta, os amôres da carinhosa e bõa Natividade e vários lances de uma variada e irrequieta estroinice — formam quadros de uma risonha e perduravel garridice, em que, de longe em longe, se descobrem as meias tintas de uma lacrimosa saudade.

Em assomos dêsse gôsto amargo, ainda agora nos envaidecemos, ao lêr a dedicatória amiga, com que D. Thomaz nos ofereceu um exemplar do seu melhor livro de aventuras, ao dizêr-nos, cofiando o pëllo da sua velha gatinha:

— Aqui tem. Está satisfeita a sua vontade e a dos que desejavam vêr em lêtra redonda algumas das brejeirices da minha bohémia.

RECORDANDO — 1904 — Livro de esboçêtos biográficos, onde figuram amigos e conhecidos, de mistura com alusões pessoaes; registo de emprêsas malogradas, aventuras diversas no *Chinquilho* de Cascaes, nas bodegas do *Papagaio*, do *José dos Pecatos*, da *Horta das Tripas* e botequim da *Rôsea*; e acontecimentos galhofeiros e, até por vêzes tristes. Especialmente, quando se reporta ao último período da sua vida, o autôr mergulha a penna em fel e desânimo.

Sirvam de prova os seguintes dizêres:

— Ao morrêr, tanto se me dá que esta carcassa apolínea vá envolta em lençol de Flandres, como embrulhada e encartuchada em cartazes, sejam de corridas em Salvaterra, do teatro de D. Maria ou de ingredientes pãra fazêr crescêr o cabêlo.

« Quanto á condução do meu cadáver, é-me indiferente. Como, graças á minha bôa estrêla, tenho na família livres pensadôres, é de supôr que me façam o entêrro civil. Senão houver carro ou carrêta fúnebre, estendam-me ao comprido numa escada de cartazeiro, a cada extremidade um afixadôr, e... ála, que se faz tarde.

« Ao lado, com a gravidade, que estará pedindo o caso, o mais antigo dos empregados, de panela na sextra e a brocha na dextra, que me vá aspergindo com a massa, êsse caldo espartano, de que, há vinte e cinco anos, me alimento. E siga o pagode, chutando pãra a grande vala dos anónimos!

« *Que haya un cadaver mas, que importa al mundo?* »

Como encargos, D. Thomaz pedia aos amigos duas missas por sua alma na vila da Moita, onde nascêra, onde fôra abastado proprietário e o era ainda do fôro de um *alqueire de cevada*; e em primeiro lugar, o

dispendio de um vintem de carapau ou bófe, pàra a gatinha, que, sem o abandonar um instante, passava a vida com os olhos fitos nêle, em constante meiguice.

Na ocasião de tracejar esta pungente ironia, o autôr esqueceu-se das rôlas, que, dêsde a mocidade, nunca deixou de mantêr, ao que parece, como símbolo da sua volatibilidade.

E' tambem de se apreciar esta rajada de abstrusa descrença :

— O homem devia morrêr em plena mocidade, em tôda a opulência da sua seiva, em tôda a exuberância da sua vontade e das suas crenças.

« Morrêr... na juventude, com a fronte aureolada de esperanças e o coração de illusões; morrêr... quando se crê em Deus, na amizade e no amôr; morrêr... com os olhos fitos no Christo e a mão entre as mãos da mulher, que amamos, de quem nos separamos com saudade, e a quem vamos esperar no desconhecido !

« Morrêr, porém... velho, só, duvidando de tudo e de tôdos, sem um bom parente, sem um bom amigo, soltando uma blasfêmia no último suspiro; sem um olhar pàra o Christo, sem uma lágrima pàra a família... »

« Triste ! bem triste !

« E não pudêr eu voltar aos vinte anos pàra me suicidar ! »

CONTOS E CASOS — 1904 — E' um volume, como o anteriôr, de gêneros recordativo, engendrado de sociedade com Oliveira Mascarenhas, com quem D. Thomaz alterna seis narrativas e um conto, *A Nini*, a melhor peça da sua coleção.

Achar graça naquilo, que realmente a não tem, é privilégio e ventura de doidivas e libertinos. O calo da estroinice, a revêzes, chega a resistir às exigências naturaes da dignidade própria.

E é por isso que o autôr, cujas qualidades de bôa

alma chegámos a aquilatar, se não pejou de apregoar que, pãra uma comezaina desnecessária, seguida de café, cognac e mais beberagens subsequentes, chegou a empenhar, por dez mil reis, a aliança do seu casamento recente e um Christo, relíquia familiar, que trazia ao pescôço!!

Pãra um acto de bem-fazêr, num assomo de sentimento caritativo, não raro nos processos bohémios, comprehendia-se. Destinada a glotonaria, improvisada em plena rua com dois indivíduos, que casualmente se encontram, a acção praticada é por demais crua e consequentemente indigesta.

Êste caso entra, como um dos pontos culminantes na ordem de muitas historiêtas e alegrias *thomasinas*, cuja narração é triste, ao pretendêr o contrário.

ALBANO OU A PERSEGUIÇÃO ÀS BATOTAS — 1889. — Não se percebe bem até onde se dirige o chiste dêste opúsculo de 28 páginas, cujos versos, dessoros e incorrectos por vêzes, formam cartas de Albano a seu irmão Anthero, assinadas por *Caprétani*, pseudónimo, cuja existêcia tambem se não comprehende, visto que, no escrito, não há nada contra lei, instituições e bons costumes.

Albano arruina-se a jogar até que se estabelecem os assaltos às *batotas*; e queixa-se à seu irmão, na melhor carta do opúsculo, a penúltima, nos seguintes têrmos:

Abyssus abyssum. Era de esperar, Anthero.
Após a perdição, irrompe o desespero,
Jogou, perdeu, roubou. Probidade em hastilhas.
Disse-lhe: — Um meio há só: embarca p'ra Cacilhas,
Foge á miséria atroz, ao destino fatal!
Mergulha-te, ó heroe, no Tejo de cristal.»

E o mísero partiu; disse um adeus a Lisbôa,
A' familia; e comprou um bilhête de prôa.
Entrou pãra o vapôr; o olhar profundo e vário
Fixava-se no mar, o grande salafrário,
O altivo rugidôr, o hiante, o imensuravel,
Onde há perlas, coral, e peixe-espada e savel.

Estava muita gente a bordo, nêsse dia ;
 lam não sei aonde: talvez á Trafaria
 Conselheiros, actôres, actrizes e empregados,
 Fadistas, solteirões e casaes bem casados.
 Uma arca de Noé par'cia a embarcação !
 Para tudo igualar... até levava um cão,
 Um cão de negra côr do conselheiro Albino,
 A quem sua mulher, chamando-lhe menino,
 Bradava, a cada instante: — Albino tem cuidado.
 Cuidado co' o *Batata*, o meu cão estimado !

Albano estremeceu: e de repente: bumba!
 Ferra comsigo ao mar! Abre-se a salsa tumba!
Viu-o a agua, e fugiu. O Tejo recuou!
 E' uma alma, que vae! um *ponto*, que passou!

O NEGRO DE ALCÂNTARA—1904—Poema teatral, que intenta sêr uma paródia, e o é no seu género, da ópera *Othelo*, em 4 actos, de ritmo diversificado e verso de muitas medidas, faz parte do volume *Recordando*, por economia de edição, e contem 100 páginas.

Pela linguagem e pelas personagens é uma farça lírica, trabalhosa, exequível e graciosa em vários lances, admitindo coros e scenação diversa.

A Desdémoma é uma colareja de nome *Zefa Mona*; chega a sêr envenenada pelo negro, Othelo de Alcântara com um frasco de tinta, mäs a *Perpetua*, contrariada espôsa de *Tiago*, chupa-a com um canudo de mata-borrão, que mete nas goelas da *Zefa*, e salva-a da morte, com gaúdio enorme do prêto, que, transportado de alegria, canta e dança no meio do entusiasmo dos circunstantes e dos coros.

A volubilidade genial, inata, do autôr manifesta-se na extravagância de têr construído a maior porção do 3.º acto em prosa, desnecessária e infructiferamente, depois de escrevêr, entre palpitantes incorreções de dissonâncias métricas, aqui e alem, bons versos, como passamos a exemplificar:

Notemos, ás primeiras suspeitas, o desabafo do negro heroe:

Os desgostos me vão levando ao rio
 Do nêgro esquecimento, somno eterno,
 Do homem de fogo resta um homem frio
 E sem entusiasmo ! Estou um mono.
Metó mão, é verdade ; e, se uns sarilhos
 Posso ainda fazêr co'o marmeleiro,
 Não sou o que era d'antes, não, meus filhos ;
 E do corcel de então resta um sendeiro !
 Maldito seja quem *me fêz a cama,*
 Quem da Guiné me conduziu á Estrêla !
 O' *naifa* minha, afiada e bela,
 Quem d'entre as *sardas* te botou na lama ?

(*Muito triste*)

Verdôr dos meus amôres foi-se a pique
 Nas batalhas do aniz e *cambrainha*.
 Bebi centos de almudes ao despique,
 E na *ardósia* estraguei a vida minha !
 Sôbre mim a tristêza se derrama,
 Não sinto dentro já nenhuma *aquela*.
 O' *naifa* minha, luzidia e bela,
 Quem d'entre as *sardas* te botou na lama ?

Amavios e admiração da *Zefa*, após um bom grogue de aguardente, pela estatura e feitos do nêgro *Tello* :

Oh ! como tu és forte ! e como eu te amo,
 Meu mais que tudo, amôr e meu leão !
 Tu deves sêr cruel na *escamação*,
 E um rolinho, quando toca a amar !
 Conta-me agora a tua vida inteira.
 Quem és tu ? donde vens, ó homem forte ?
 Quizera sêr a tua companheira,
 A tua dôce escrava até á morte.

Narra-me os teus *banzés*, tuas façanhas
 Na India, nos Brasis, na Cotovia,
 Na Arábia, em S. Thomé e nas Espanhas,
 Em Angola, em Berlin, na Mouraria.
 Eu quero contar-te as cicatrizes,
 Que no côrpo te hão feito as navalhadas,
 E, por manhãs de amôr, dôces, felizes,
 Tratal-as a beijinhos e pomadas.

.....

Já teus feitos illustres comemora
 A *Fonte Santa*, a *Estréla* e a *Triste Feia*,
 As jornadas, que hás feito á Bôa Hora
 E os mèses, que hás passado na cadeia.
 Entusiasmado, pois, de tudo quanto
 De ti ouvi contar, joia de prêço,
 Êste meu coração, que prêço tanto,
 Co'ô *bata* minha ao teu amôr off'rêço.

Cantata do negro *Tello* á amada *Zefa* :

Tu tens o calôr da lava
 Tens o macio do arminho !
 Vem, minha rolinha brava,
 Minha flôr de rosmaninho !

Faculdades poéticas e inventivas possuia-as D. Thomaz de Mello bem fecundas. Assim êle tivesse propensão, aso e paciência pâra uniformizar, corrigir e estudar !

Na *Bohémia Antiga* D. Thomaz escreveu : — Se ainda me não tornei um adamita, e mais tarde não morri de fome, é pelo simples factô de sabêr deitar uns fundilhos, e juntar á prodigiosa abstenção do reptil o estômago assombrôso do avestruz. Um pedaço de pano veste-me; um bocado de pão alimenta-me. »

Nôvo daguerreotipo de si próprio, como vamos vêr.

Queixando-se-nos êle, uma noite, da sua inconstância quanto ao dinheiro, pois que não conseguia sêr poupado, nós increpámos-lhe essa pecha, com certa virulência.

D'ahi a dias, quando voltámos a sua casa, mostrou-nos êle, radiante, uma burra, que mandára fazêr pâra os sobejos do seu dinheiro, de que a sua própria pessoa se não poderia apropriar.

De factô, no ôco da parêde de uma janelá, D. Thomaz mandara fazêr um buraco, resguardado a pedra e cal, com um simples orifício, por onde cabia apenas dinheiro de qualquer naturêza, metal ou papel.

— Hein? Que diz o amigo a isto? Pâra a renda da casa e pâra uma doença grave, hei-de eu alí ajuntar pecúlio, que sobre.

— Homem, eu sei lá!

— Pois não vê que é preciso escangalhar a parede, pâra atingir o meu cofre?

Louvámos a ideia, e, verdade verdade, quase nos convencemos de que o resultado seria bom.

Dois mesês depois, ao entrar, depararam-se nos pedras e calça no pavimento junto da janela. O mealheiro fôra escandalosamente arrombado a golpes de martelo, num apêrto de mau govêrno doméstico.

Ao nosso pasmo, respondeu D. Thomaz, encolhendo os hombros, e dando-se, como por tantas vezês, por cabeçudo e incorrigivel.

— E já tinha sessenta e tantos mil réis! — terminou êle, olhando pâra a cavidade esboroadada.

De outra vêz, tempos depois, ao penetrar na sala, já por nós mencionada, a que serviam de porteiros e guarda avançada os operários, que colavam, e dividiam os cartazes pelas ruas da cidade, fomos encontrar D. Thomaz em colóquio com uma dama, ainda nova e simpática.

Quizêmos retrocedêr. O dono da casa porêr deunos por bem vindo, convidou-nos a tomar parte na palestra, que nada tinha de especial ou particular, no seu dizêr, porque a dama, uma actriz, que nos foi logo apresentada, vinha alí, como nós, espairecêr um bocado.

Era mais uma pessoa das suas relações, uma visitante, que ficávamos conhecendo.

Abancámos depois dos devidos cumprimentos, viudo á balha casos e narrativas, em que D. Thomaz tomou a parte principal, dêsde a uma hora até ás três e meia da tarde.

— E é que ainda não almocei! — exclamou, ao fim dêsse tempo, o bom do D. Thomaz.

Espanto nos circunstantes, que eram a actriz, sentada á cabeceira da mès-a-bufète, defrontando com-nôsc-o, e nós, que olhá-vamos pâra o narradôr, colocado ao centro, na velha e costumada cadeira de braços.

— Isso deve fazêr-lhe mal, sr. D. Thomaz. A estas horas sem comêr -- reflexionou a dama.

Palavras e gesto nosso de pleno assentimento.

— Vocês dão licença. Eu vou almoçar, sem sair donde estou. São horas, lá isso são. Ora, como eu me esqueci! Quando se está em bôa companhia... O Manuel? Manuel?

— Senhôr?

— Olha que eu ainda não almocei. Esta só pelos diabos!

O serviçal, que acudira logo ao chamado, encolheu os hombros, como que dizendo que não era coisa de admirar.

— Traze-me uma toalha. Avia-te!

O Manuel, tendo-se internado no corredôr, voltava dahi a pouco, coçando a cabeça, ao declarar que não encontrara o objecto pedido.

— Não importa — disse pachorrentamente D. Thomaz — Aqui mêsmo se arranja a toalha.

E lançou mão de um jornal, desdebrou-o sôbre a mès-a, diante de si, anediando-lhe as dobras com as mãos felpudas, e foi-lhe colocando em cima os objectos, que ia tirando da gavêta, e eram um pão de vintem, metade de um queijito saloio e uma manteigueira microscópica, prêta e esborcinada, a cujas parêdes interiôres se agarravam raras frações da untura usual.

Fechada a gavêta, gesticulou, oferecendo a pintaça, partiu o pão ao meio, dividiu metade em pequenos bocados, que começôu a esfregar no interiôr da manteigueira, e a metêr na bôca, de envolta com dentadas de queijo.

E mastigava com tôda a naturalidade e calma, como se estivera diante de mèsã opípara.

A actriz e nós encarávamo-nos significativamente, como admirados, mäs conversávamos, entretendo o repasto, animadôra e galhofeiramente.

— O' Manuel? — chamou novamente o comedôr, a certa altura.

— Prompto, snr. D. Thomaz.

— Falta o café, homem de Deus! Vae buscal-o. O costumado, já se vê. Querem vocês tomar café?

A' nossa negativa, o dono da casa, com as bochê-chas atafulhadas de pão e queijo, que tinha a aparênciã de grêda sêca e esburacada, recomendou novamente que viesse o costumado.

O homem desceu as escadas, e voltou apressadamente, trazendo um bulezito, que não comportava mais de uma chícara c'e café.

— Traze agora o assucareiro e uma chávena.

O Manuel penetrando no interiôr da casa, demorou-se mais do que o preciso, dando aso a nôvo chamamento, mäs apareceu a coçar novamente a cabeça, porque só encontrara o assucareiro, irmão coevo da manteigueira, no esborcelamento e abundância do conteúdo.

— Não há uma chávena?

— Não há, snr. D. Thomaz.

— Bem! bem! Estamos remediados.

E o autôr e representante da *Bohémia Antiga* despejou o café dentro do assucareiro, não fazendo caso da estrídula risada da dama, que, esquecendo tôdas as conveniências, não pôde contêr-se.

D. Thomaz sorveu, a goles compassados e barulhentos, o café, imperturbavelmente.

Ingerida a beberagem, desocupada a mèsã, pegou no jornal, unindo lhe as quatro pontas, e entregou-o ao servente, dizendo:

— Sacode as migalhas da toalha, e arruma-a.

Nova risada da actriz, com acompanhamento nosso.

— Pois sim; riam-se, mãs aprendam. Que lhes parece o banquête?

« Riam-se, mãs fiquem sabendo que é um caluniador quem me chamar desperdiçado. Aprendam a sêr económicos. Um vintem de pão, dez reis de manteiga, outro tanto de queijo e trinta reis de café formam um belo almôço de 70 reis! E digam que eu não sou um pôço de bem vivêr, exemplar único de bom regimen.

A actriz limpava duas lágrimas, nascidas de tanto rir; nós filosofávamos, entrementes, enternecido por aquêle enorme desconfôrto, e admirávamos a ventura de tamanho sangue frio, a quase alegria daquela veneranda figura de estroina emérito, que bem escrevêra, ao afirmar que sabia juntar á abstenção do reptil o estômago assombrôso do avestruz; e que um pedaço de pano o vestia, e um bocado de pão o alimentava!

*

* *

Lisonjeado por lhe têmos escrito, não nos lembra quê, do nosso tugúrio de Pombeiro, da Beira, onde nos refugiamos uma parte do ano, respondia-nos D. Thomaz de Mello, em 30 de junho de 1901:

* Bemdito seja Jehováb, o Deus de Abrahão e do Hintze Ribeiro!

« Ainda tenho quem baixe ao meu ergástulo da calçada do Garcia, n.º 4, sôbre-loja, freguesia de Santa Justa; e, por intervenção de uma carta, venha bradar-me o *surge et ambula*, que Jesus Christo dirigiu á Lázaro!

« Sim, amigo! tu chamaste-me á vida, e eu desperto!

« Vou dêste areópago de enfermidades escrevêr-te páginas extraordinárias, que, se um dia chegarem á publicidade, me alcançarão, já não digo assento na

Academia das Ciências, mäs segura entrada na *Incrível Almadense* ou no *Bota Abaixo* dos Terremotos.

«O meu nome... esse conquistará a immortalidade, não como primeiro cartazeiro da península, mäs como literato de polpa e topete.

«E não me abandones, caro amigo. Quando ao despedir-me dêste vale de lágrimas, eu soltar o derradeiro arranco, e, dobrando o ante-braço de encontro ao cúbito, me despedir cá do mundo, pâra onde vim contra-vontade, passados os oito dias de dó, publica-me estes desabafos pâra glória das lêtras pátrias e invêja de inimigos.

«Revê as provas com tôdo o cuidado, tira-lhes, segundo o teu sistema, quantas lêtras dobradas por lá encontrares; escreve Phidias com F, e Famalicão com F. ou sem êle, que o meu côrpo não estremecerá na sepultura, como o teu estremece, quando, nas horas de paz, no teu leito do largo do Intendente, ou no que ahí tens, acertas de lêr por alta noite *saco* com dois *cc* e *fantasia* com *ph*.

«As cartas, que eu pretendo escrevêr-te, serão um resumo sintético da minha vida inteira.

«Como em deorama, far-te-ei passar por deante dos olhos o meu passado, com tôda a polichromia dêste vivêr acidentado. Hei-de historiar-te tôdas as aspirações da infância, os desenganos da mocidade, venturas e desventuras, risos e lágrimas, opulências e misérias.

«Lembrar-te-ei especialmente as noites de paz religiosa, gastas na suave contemplação da naturêza, sentindo o arrulhar das fontes, vendo a plena lua a retratar-se nos lagos, e ouvindo ao longe no canavial gemente a fresca bafagem do norte, cuja aragem fazia tremêr o cálice das rosas.

«Depois... outras noites de alucinação, trágicas, desabridas, noites de lupercaes, *quartilho* na dextra, *evohés* estrondosas, acabando pelo lançamento dos

restos da bebida, no ladrilho das tascas, como á mèsã festiva o praticavam os antigos romanos, entre o Malvasia e o Falerno, limpando por fim as bôcas ás tranças soltas das escravas, que os acariciavam.

«E ainda... as noites, obrigadas a casaca e luva branca e a partidas aristocráticas, onde o jôgo vinga e viça, convidando á ruina; noites, onde se desbaratam patrimónios, empurrando as víctimas, no dia seguinte, pàra o convívio do onzeneiro, gran-senhôr de hipoteca e prego; noites de tavolagem, onde o despertar é triste, restando ao parceiro, quando resta, meio tostão pàra um almôço no café de Lepes.

«E tudo isto há-de passar deante de ti, em kaleidóscopo vivo, distincto e humano, como não podes imaginar.

«E que será, amigo meu, quando chegares á mulher, êsse ponto de interrogação, defronte do qual paramos, imbecis! como se fôsse ponto de admiração?

«Não te passa pela ideia o que eu direi da mulher, de quem S. Gregorio disse que seria mais facil encontrar um côrvo branco do que uma delas fiel; a quem S. Paulo chamou uma mentira da naturêza; de quem S. Matheus nega a entrada no paraiso; a quem o sabio Orígenes chamou a chave do pecado, a arma do diabo, venêno, áspide, artificio de dragão; a mulher finalmente, de quem Cícero se serviu, pàra se vingar de um inimigo, concedendo-lhe a mão da irmã.

«Quando eu te falar da mulher, de tantas mulheres, que amei, e por quem me perdi, então... então as páginas descritivas serão um assombro; e, o que é mais, farão a tua fortuna, como editôr!

«E já que falei de ti... continuemos. Sentes-te ainda um romântico? Não te envergonhes disso, que eu, apesar da gordura, ainda não deixei de o sêr. Os anos não estragam o coração.

«Eu que o diga.

Que aqui me mordo, e remôrdo
 Sempre e sempre, em aflições,
 Por me vêr assim tão gôrdo.
 Ai, corações! corações,
 Que tão meus fôram noutrora,
 Com tanto amôr e illusões,
 Vinde vêr o pobre agora,
 Com setenta primaveras,
 Como por vós inda chora!

.....

D. Thomaz de Mello, cujo inédito folgamos de registrar, como recordação amiga e ainda como demonstração do seu feitio literário e do seu carácter pessoal, chegado a êste ponto do escrito, que nos endereçou, abandonando um pouco o seu estilo graciôso, alargou-se em intimidades, que não são para aqui; e no final, retomando a feição humorística, que lhe era peculiar, concluiu assim:

.....

« Uma única coisa me não tem faltado... caso raro! o dinheiro.

« Como sabes, nada gasto comigo... nem com outrem, porque o tempo da tolice já acabou, e estou farto de ingratos.

« Esta semana tive uma encomenda de cem molduras, que livres de despêzas me renderam, com os cartazes, setenta e quatro mil réis, que juntos a outras economias me tornam riquíssimo.

« Nada. Isto assim não vae bem.

« Faltam-me as comoções da pobrêza, a ida ao prégo, o não me *pegar* com um credôr.

« Esta paz pôdre de capitalista gotôso é insuportavel.

« Detesto a riquêza. Se um dia ouvires dizêr que estou milionário, prepara a tua casaca prêta, toma um bilhête no rápido, e vem a Lisbôa, para entrar no meu funeral, pois que, dois dias depois de atingir o cúmulo da riquêza, suicidar-me-ei ».

Se o estilo é o homem, nada mais se precisa pãra a completa personificação do nosso heroe.

*

* *

Alquebrado e aborrido, D. Thomaz de Mello não se finou, quatro anos depois de nos têr escrito, a 3 de Outubro de 1905, por causa do suicídio, que lhe serviu de gracêjo.

Após a turvação mental de alguns dias, sentado numa cadeira, inesperada e tranquilamente, succumbia a uma lesão cardíaca, em que por vêzes falava; e era acompanhado ao cemitério ocidental por umas dezeséis pessôas, entre as quaes figuravam um primo, representante de tôda a parentela e os sete empregados jornaleiros da sua emprêsa de cartazes, unicos talvez, a fóra a sua dedicada e paciente companheira de tantos anos, que o choraram sentidamente.

Vulto fidalgo de lendária estroinice, bom coração mal norteado, que mágua seria a tua, quando escrevêste, ao mergulhar o cérebro nas lembranças do passado:

— O' bohemia, que tanto amei, ceus iriados da minha alegre juventude, com que saudade vos recordo na sombria e lamentosa noite d'esta velhice desamparada!

*

* *

Há dias, subíamos, pezarosamente, a escada da calçada do Garcia n.º 4, pãra nos avistármos com D. Emilia Carneiro, a dama aludida, de quem requeiríamos algumas notícias pãra êste escrito.

Um canto plangente, como que de penosa saudacão, acolhia-nos no tôpo dessa escada. Era a toada fúnebre das rôlas, que haviam pertencido a D. Tho-

maz de Mello, néia saudosa, que dahi a instantes se misturava com as lágrimas da sua desolada companheira, que ainda e frequentemente as chora, ardentes e sinceras.

Maio, 1906.



Pedro Ivo

Quem nos dera na idade, em que, pela primeira vêz, nos ecoou aos ouvidos, já afamado, êsse tão conhecido pseudónimo!

Aquêlê, que vive uma certa quantidade de anos, embora não entrados ainda em extrema velhice, lançando vistas retrospectivas, em volta das suas recordações, encontra tristemente largo cemitério de mortas personagens, que, quando vivas, admirou e conheceu, ou simplesmente estimou, e aplaudiu.

Nunca vimos, nem tratámos de perto Carlos Lopes, que, na sua mocidade, ao vulgarizar os seus primeiros escritos, se acobertou modestamente sôb o nome de Pedro Ivo; sentimos porê, há mês, uma dolorosa impressão, quando a imprensa nos comunicou a sua morte.

Tínhamos, êle e nós, convivido espiritualmente, escrevendo-nos, a espaços longos, dêsde muitos anos, com extremada simpatia mútua, porque se dava entre ambos uma certa paridade de vida e gôstos.

Sendo êste livro um archivo de excavações recordativas e de preto pessoal a mortos illustres, exceção feita de um único vivo, nome tão distincto não podia sêr omitido, sem quebra da nossa confraternidade literária.

Carlos Lopes, filho do ilustrado negociante portuense e conhecido bibliófilo José Carlos Lopes e de D. Margarida Cândida Moreira Lopes, nasceu no Pôrto, a 15 de janeiro de 1842; foi educado na Alemanha, e destinado por seu pae, e como êle, á vida comercial.

A tendência literária, que não se amanha facilmente com a secura material das cifras, borbulhou sempre no seu engenhoso espirito, dando aso a que, em certa época, começassem a apparecêr em folhetins do *Jornal do Comércio* alguns contos, acolhidos com decidido louvôr pelo público, entre quem circulavam sôb o nome de Pedro Ivo, engendrado evidentemente pela modéstia, que em tôdo o tempo adornou o caracter do autôr, e ainda, é claro, pela conveniência de não provocar *escândalo* entre a ferrenha gente das trêtas, sempre pouco afeita á lêtra redonda literária ou científica.

Anos depois, em 1874, editaram-se os *Contos*, no Pôrto, dedicando-lhes a imprensa portuguesa e brasileira justos e prolongados encómios; e mais tarde, numa segunda edição, em 1895, pela livraria Pereira, em Lisbôa.

De uma dessas historiêtas amenas, sempre castiças e moralmente doutrinárias, intitulada *A boneca*, serviu-se Guerra Junqueiro, sem citar o autôr, nos *Contos para a infância*, coligidos de escritôres selectos; e de outra *A quina de espadas*, occupou-se um jornalista alemão de Stuttgart, traduzindo-a e publicando-a na íntegra.

A seguir, na alma extremamente bondosa de Pedro Ivo, desenvolvia-se um tema de maior vastidão, e

fructificava exuberantemente num livro de benéfica propaganda; grito enorme e desolado contra o enjuntamento, a mais triste das orfandades; livro de combate contra velhas usanças; um romance, intitulado *O selo da Roda*, que aparecia em 1876, em tiragem modesta, sem uma palavra de introdução, reveladôra dos intuitos ou razões do autôr.

Despida dos espalhafatos anunciadôres das casas editôras, pois que nenhuma acolheu a obra, como joia de bom quilate, propagou-se em tôdas as regiões, onde se fala portugûês, e alçou-se num invejavel triunfo pâra Pedro Ivo, a quem se dispensaram encómios e aplausos de subida monta.

Sagrava-se o escritôr nos altares da fama.

*

* *

Só um ano depois de publicado, em nosso voluntário destêrro pâra além do Atlântico, conseguíamos havêr á mão um exemplar do afamado livro, cuja leitura nos produziu uma das maiores impressões literárias da nossa vida.

Numa segunda revisão, a que não pudémos resistir, o tracejamento geral do assunto, onde a irreprehen-sível propriedade dos lances, a variedade dos episódios, a situação das personagens, a belèza da forma e desfêcho lógico e consoladôr se casavam admiravelmente — fortaleceu-nos a ideia dominadôra de um drama, que, um ano mais tarde, a 9 de maio de 1878, líamos no salão paraense do teatro *Paz*, perante o conservatório dramático, de que, apesar de estrangeiro, fazíamos parte, como membro efectivo.

Uma coincidência notavel, abonatória do mérito intrínseco da obra de Pedro Ivo, ocorria no decurso do nosso trabalho. A enormes distâncias, por estranha casualidade, em prodigiosa comunhão de espírito, três

personalidades se entregavam ao mêsmo desiderato de extrair um drama do falado romance — Carlos Borges da emprêsa do Gimnásio, em Lisbôa; Augusto da Cunha, estudante de medicina, no Rio de Janeiro; e nós na cidade do Pará.

Como era natural, tomada a edição do nosso drama pela *Livraria Clássica* desta localidade, comunicámos pãra o Pôrto o nosso emprehendimento a Pedro Ivo, que, a 6 de maio do citado ano de 1878, nos dizia, em formosas linhas caligráficas, tanto de prezar em escritórios commerciaes:

— Era-me efectivamente desconhecido o seu nome. Se, como V. diz, êsse nome é *ainda hõje obscuro*, vejo da sua carta que deixará de o sêr, logo que V. *queira* devêras tornál-o dos mais illustres.

«Agradêço á minha bõa estrêla o acaso, que confiou a mão tão habil a transplantação do meu romance pãra o teatro; sinto porém que V., em cuja carta descubro o dom de crear, se limite ao *relativamente* inglório trabalho de fazêr valêr as obras alheias.

«A carta de V. foi-me entregue no próprio dia, em que pela primeira vêz se representou no teatro *Baquet* desta cidade o *Sêlo da Roda*, drama igualmente extraído do meu romance pelo snr. Carlos Borges, de Lisbôa.

«Êste cavalheiro, adaptando o seu trabalho ao gôsto do nosso público, que difficilmente escuta cinco actos, fêz o drama em três. Suprimiu tôda a primeira parte — Em Traz-os-Montes — e tôdo o epílogo, aproveitando apenas as scenas principaes das duas partes — A Engeitada — e — Em Família.

«Pela divisão, vejo que é de mais fôlego o trabalho de V.; e que foi devidamente apreciado diz-m'ó o juizo dos jornaes, que se dignou remetêr-me.

«Resta-me agora lêr o drama, do qual a muita bondade e excessiva delicadêza de V. me promete uma cópia, que aguardo com anciedade.

«Simples curioso em literatura, e dando á cultura dela apenas as raras horas, que as minhas occupações commerciaes me deixavam vagas, hõje... nem sequer um curioso posso sêr, porque já não há horas vagas pãra mim.

«Pedro Ivo morreu. E' um escrevinhadôr de menos.

«Não imagine V., por quem é, que lhe participo a sua morte, pãra fugir a agradecêr-lhe o bem, que se digna dizêr do pobre diabo.

«Represento-o pãra tôdos os efeitos, e por isso, entre tôdas as dívidas dêle, reconhêço consagradas as da gratidão, lamentando que o defunto não deixasse cabedal pãra as pagar.»

O nosso amôr próprio estava satisfeito. A carta, que ainda agora temos á vista, intercalada no nosso album de memórias literárias, não era somenos paga. Lisonjeou-nos então aquêle excesso de imerecida bondade.

Desgraçadamente o *Sêlo da Roda*, que dera celebridade a Pedro Ivo, como obra prima, não têve seguimento. Eram um factó as palavras finaes, que a sua carta nos transmitia pãra lá do Atlântico.

O escritôr Pedro Ivo cedeu os seus triunfos a Carlos Lopes, financeiro, antigo directôr da companhia Utilidade Pública, do banco Aliança, e ultimamente fundadôr e presidente da Companhia Real dos Caminhos de Ferro através da África!

A morte moral, que êle nos anunciava, com a modéstia do seu carácter sincero e bondoso, que o tornava querido dos que de perto o tratavam, e lhe ouviam as palestras de óptimo conversadôr, não se realizou, ainda assim, inteiramente, como o provaram o seu terceiro e último livro *Serões de inverno*, coleção de novos contos, publicados em 1880, e alguns escritos dispersos em diferentes jornaes.

Entretanto Carlos Lopes, apoucando-se sempre,

não deixava de mostrar o seu desânimo pãra emprê-
sas literárias; no que tinha razão, pois que só por
méro divertimento, ou extrema devoção, com o per-
dimento de interesses materiaes, se podem cultivar
lêtras em país, onde o jornal sufocou o livro, dando
nota do mau gôsto e carência de instrução da maioria
dos leitôres.

*

* *

Ao recebêr, em 1884, a nossa obra *Uma Viagem
ao Amaxonas*, certificava-nos ainda Carlos Lopes,
em carta de 10 de maio, com a sua característica e
modesta singelêza, assinando-se nosso admiradôr :

— Ao lêr o bilhête de V., pensei: — Ainda há
quem se lembre dos mortos! »

« Efectivamente, convencido da inutilidade dos
mediócrez, por um lado, e não podendo por outro
malbaratar tempo, que posso empregar com mais
vantagem pãra outros e pãra mim, resolvi, como já
sabe, morrer pãra o mundo das lêtras.

« Realmente morreu Pedro Ivo, deixando apenas
ao signatário da presente o que de melhor possuia —
a admiração pelas obras dos outros. »

Sempre a mêsmã nota! sempre o mêsmo pro-
pósito!

A 17 de dezembro de 1894, falando-nos do nosso
romance *O Senhôr de Fóios*, a que, certamente por
benêgnidade extremada, chamava primorôso, confir-
mava o seu dizêr funerário; e, por último, dois anos
depois, em 1896, mandava-nos um cartão, em cujo
verso, referindo-se ao *Pombeiro da Beira*, tambem
do nosso punho, escrevia:

— Abençoado quem assim, cavando em ruinas,
vae desenterrando pãra o futuro os tesouros do pas-
sado. »

E assinava: — *Uma ruina sem passado nem futuro.*

Êstes inéditos, que trazemos a lume, em razão do nosso devêr de cronista, são aqui bem cabidos, porque denunciam um grave sintoma psicológico, ignorado de muita gente; e acabam de avolumar a figura do escritôr, que, na sua obra literária, repassada de finos sentimentos de moral, justiça e bondade, ahi deixou impressas, em vigorosos lineamentos, as qualidades affectivas do homem, que tinha uma alma de eleição, tão propensa ao bem e ao cultivo da arte, como fugidia de honrarias e basófiás, que por ahi engrandecem tanta gente farfalhuda dos nossos dias, e que, por sua posição social, não lhe era difícil conquistar.

Carlos Lopes, vítima da complicação de uma antiga bronchite asmática, inesperadamente, com prejuizo da literatura nacional e fundo sentimento dos que lhe votavam o devido aprêço, desceu á sepultura, em 6 de outubro de 1906, ainda numa idade prestadia.

O seu vulto porêem há-de penetrar futuro dentro, em quanto houver gente, que não aberre dos bons preceitos e das boas lêtras.



O Medico Ayres

Foi uma organização fenomenal e um grande desventurado.

Muita gente há-de lembrar-se de vê-lo, alto, espadado, de casaco comprido a batê-lhe nas pernas, bigode pouco farto, hirsuto e amarelado no centro pelo fumo dos charutos, olhos encovados, rosto esquelético, figura de passo arrastado um tanto curvada sobre a bengala de tójo, uma ossada ambulante, gigânteia, macilenta e sombria, a revelar misterio e lenda, e prêsa á vida unicamente por alguns nêrvos fossilizados de uma poderosa musculatura.

Conheceu-o o Pôrto inteiro e meia Lisbôa, num periodo superiôr a meio século, milhares de indivíduos, que se sumiram no sorvedouro enorme do eterno esquecimento, deixando-o a êle combalido, mäs erecto, colôssio esburacado pelas tempestades da vida, sózinho, mäs, na apparencia, resignado a vivêr essencialmente das lembranças do passado.

Êsses milhares de pessoas porêm não tiveram con-

tinuidade? não se reproduziram, legando o homem faustoso, o medico afamado áqueles, que lhes succederam?

Legados dêstes estabeléce-os a fortuna; e o homem rico, o conselheiro de estado, a elevada personagem, tève que abandonar as ostentosas equipagens; viu-se obrigado a desfazêr a sua casa opulenta; assistiu, medico abalisado, como sêr imprestavel, impotente, de braços cruzados, aos derradeiros momentos, á agonia suprema das suas próprias filhas, que fôram tôdas victimadas pela tísica; e em seguida, achou-se quase impossibilitado pâra o simples ganha-pão de cada dia, por uma enfermidade, que o ensurdeceu completamente.

Das alturas, a que fôra elevado pela sua aptidão, justa e afamada, e por tôdos os largos bafêjos da fortuna, viu-se despenhado quase de repente, ferido de morte pela adversidade e pelo descuido, nos três elementos principaes, que lhe fortaleciam a vida: na alma, na profissão e nos têres.

Por muito menos, se afundam por ahí, tôdos os dias, grandes renomes e até celebridades, no pólago insondavel da obscuridade.

Se, ao menos, na sala de jantar do doutôr Ayres, se ouvissem ainda o tilintar dos talheres de prata e o crac-crac das porcelanas finas, entre o ruido dos bons jantares; e se nos demais compartimentos cheirasse a confôrto e abundância — nada importaria que êle presidisse a êsses jantares, e passeasse pela casa, com a alma cheia de tristêzas; e que a sua proficiência deixasse de exercêr-se em larga clientela, por causa de uma enfermidade qualquer.

As visitas, os cumprimentos e as solicitações não faltariam, a tempo e a horas, e até ás des-horas, em que tudo isso se torna importuno e supinamente enfadonho, como superficial, que é, na maioria das ocasiões.

Triste e só, imprestavel, mâs farto de meios, o

médico Ayres seria ainda, como tòda a gente, a quem tal sucedesse, cortejado, querido, acompanhado.

As tempestades porêem, com que fôra acossado, e que o tinham alijado ao mar do infortúnio, como homem perdido, acabaram por envolvê-lo numa extrema pobreza, a que a sua imprevidência e o seu ânimo generoso não pensaram nunca vê-lo chegar.

Era uma borrasca, que se desencadeara inclemente e interminavel.

E os amigos, sabe-se de há muito, são, no nosso dizêr, como as andorinhas: só aparecem nas épocas do bom tempo.

A deserção pois era inevitavel.

Entretanto êste homem valêra muito, e trabalhara muito, até por amôr á profissão, em que se tornára illustre.

*

* *

Depois de uma mocidade brilhante e agitada, o dr. Ayres Baptista Pinto entrou, como medico habitual, nos importantes hospitaes da Misericórdia do Pôrto, aonde o levára já a fama do seu mérito.

Os conhecimentos homopáticos começavam então a propagar-se no nosso país, e a entremostrarem o belo futuro, a que chegaram.

Ayres, que era dotado de um temperamento impressionavel, por mais de uma vèz, se descontentara, no meio dos seus estudos e da sua clínica, com os recursos, que lhe oferecia a alopatia; procurou pois iniciar-se nos segrêdos da nova doutrina, procedendo a frequentes experiências e a trabalhos de instrução.

Ao estabelecer comparações, applicou os dois sistemas, simultaneamente, a doentes atacados da mèsma enfermidade, e acabou por abandonar a alopatia, com exceção da parte cirúrgica, porque êle era tão bom clínico, como habil operadôr.

Vencendo triunfantemente a animosidade dos colegas e a murmuração, que essa mudança produziu nos círculos das suas relações, o estudiôso facultativo entrou na melhor época da sua vida: ganhou fama e riqueza.

Fiado na sua bôa estrêla, e instado pelo marechal Saldanha, que salvara de moléstia grave, e que o aconselhava ardentemente a estabelecer consultório homopático em Lisbôa, passou-se a esta cidade, onde os mêsmos dotes de fortuna continuaram a protegê-lo, dando-lhe larga clientela, excelentes relações e dinheiro, que despendia a mãos cheias, passando des-cuidosamente uma vida luxuosa e folgada.

Foi por essa ocasião, em 1870, que êle escreveu, e publicou um livro sôbre a especialidade, que lhe dava fama e abastança, o *Guia Medico-homeopático familiar*, que dedicou ao seu grande amigo e protetôr duque de Saldanha, a quem nas razões da oferta impressa, entre outras palavras, dizia:

«Êste livro deriva do humaníssimo sentimento, com que V. Ex.^a sugeriu a criação de um consultório homeopático em Lisbôa. E' a vergonteja debil da árvore robusta, que V. Ex.^a implantou, e cuja sombra abriga, pàra o louvôr e respeito da posteridade, um dos muitos monumentos da tão longa quanto gloriosa vida de V. Ex.^a»

Na prefâção dèste livro, já compendiôso para a época, em que veio a lume, e ainda hõje digno de sêr consultado, o medico Ayres dava uma prova da sua sinceridade, ao afirmar:

«Não escrevi, nem publico êste livro pàra armar á popularidade. Não digo coisas novas, recopílo de diversos autôres o que me parece bom e necessário pàra atingir o fim, a que me dirijo.

«O meu único intento é sêr util aos meus concidadãos, dirigindo-os, emquanto não chega facultativo, ou na falta dèste, nas moléstias mais comuns e

não complicadas, satisfazendo, ao mesmo tempo, alguns amigos meus, que vista a carência de um manual homeopático em lingua pátria, e ao alcance de tôdas as inteligências, me instavam a que compozesse êste guia pãra as muitas pessoas, que estão fazendo uso de medicamentos homeopáticos, evitando talvês com esta publicação muitos êrros, que diariamente se cometem com descrédito do sistema e prejuizo dos enfêrmos.»

A publicação do doutôr Ayres é hoje pouco vulgar.

Á bôa reputação e largos proventos dessa época, vieram juntar-se as mercês honoríficas.

Saldanha, após a comenda da Conceição, distinguio o seu médico e amigo, com a carta de consêlho, quando fêz parte do ministério, e tornou-o facultativo da real câmara.

E o nôvo conselheiro, dormindo imprudentemente sôbre os louros conquistados, não pensou no futuro, não entesourou parte dos seus havêres, não supôz nem de leve, que podia despenhar-se das culminâncias do seu prestígio.

A sua ostentação dava nas vistas.

As suas carruagens e os seus cavalos eram das melhores espécies em voga.

Mudaram porêm os tempos: a desgraça bateu-lhe á porta, começou por levar-lhe a família, arrebatou-lhe os bens, e invalidou-o despiedadamente, quando a velhice principiava já a enervar-lhe a possante musculatura.

Conhecemol-o ahi por 1883, no decorrêr da sua penosa decadência, em que figuravam ainda alguns admiradôres das suas aptidões, entre os quaes entravam colegas seus, que, bastas vêzes lhe solicitavam os consêlhos, como fructos preciosos de uma longa e talentosa experiêcia.

Ayres tinha, na intimidade, ímpetos de descrente,

assomos queixosos de homem desiludido e ingenuidades de uma infantilidade pasmosa.

Dera-lhe pàra fazêr versos mordazes e de crítica social, sonêtos descosidos, poemas monótonos, onde, valha a verdade, havia muitas vèzes propriedade, na frase, e bom acêrto nas imagens.

A fôrma galhofeira mal se compadecia com o verso heroico, de que se servia sempre, porque não conhecia a metrificacão dos outros, errando a miude, a medida do próprio decassílabo, duro e desataviado, apesar do uso, que fazia dêle.

E lisonjeava-se de têr mostrado a Camillo e a Thomaz Ribeiro algumas das suas produções métricas.

— Isto tudo faz-lhe bem; serve-lhe de desabafo, não é verdade, meu amigo? — perguntámos-lhe de uma vèz.

— Não; os versos não me servem pàra desabafar; representam um triste resultado da velhice — respondeu-nos êle, a despedir fumaças pouco aromáticas do seu charuto de dez réis. — E' velhice, e nada mais. Espere, que eu lhe vou recitar um sonêto, que há-de provar-lhe o que digo.

E, na acentuação minhôta, que nunca perdêra, com aquella voz sumida, peculiar a tódos os surdos, inexpressiva e monótona, recitou-nos êle, a mascar o charuto entre as gengivas, quase por completo falhas de dentes, o seguinte sonêto, que temos diante de nós, copiado por sua mão, e que não é muito pàra desdenhar:

Quando eu era rapaz, fiz muita asneira:
sapeiras não deixei nunca em socêgo,
 sôbre um sendeiro, qual Heroe Manchêgo,
 proêzas pratiquei, em uma feira.

Passei vida patusca e galhofeira,
 em farças fiz de dama e de labrêgo,
 dentro d'um cêsto, às costas d'um galêgo,
 as ruas percorri, por brincadeira.

Mês versos nunca fiz ! essa loucura
deixei eu reservada p'ra velhice,
ai ! se antes não baixasse á sepultura,

por saber, bem ao certo, o que alguém disse :
que, no mundo, uma velha creatura
tem que exhibir segunda meninice.

*

* *

No primeiro período da sua imensa desgraça, ainda alguns doentes lh'a suavizavam, consultando-o, visto que êle podia ouvir-os regularmente, ao metêr uma fôlha de cartão especial entre os dentes, um tôscó reproductôr de sons, um rude objecto, de que andava sempre munido, trazendo-o estendido no peito, entre a camisa e o colête.

Em casos de auscultação porêem, tornava-se inutil semelhante recurso ; e essa circumstância fazia-lhe rarear cada vêz mais a resumida clientela, que, pouca e devota, como era, acabou por desaparecêr, porque a surdêz se tornara completa, e a consulta escrita, em moléstia grave ou complicada, convertia-se num meio fatigante e quase impraticavel.

Os raros colegas, que lhe admiravam o préstimo, temiam-lhe a franquêza ; e por isso as conferências rareavam igualmente.

— Isto não é assim ; o doente foi tratado erradamente ! — não lhe custava muito dizêr-lhes na occasião dos debates.

— A medicina presta pàra muito pouco, e esta súcia de ganhadôres, êstes burros acabam por dar cabo dela — ouvimos-lhe nós, algumas vêzes.

Fraco meio êste de robustecêr simpatias, num tempo e numa sociedade, em que o disfarce e a hipocrisia são o apanágio dos delicados !

Nos últimos tempos portanto valêram ao pobre ve-

*

lho, quase nonagenário, misantropo e abstracto, a convivência e a mêsa dos poucos, que lhe lastimavam o infortúnio.

Não deixara porê, de vêz em quando, de ajuntar mais versos aos que possuía, tôdos ineditos.

— Escreva alguma coisa, com cuidado, e dê-m'a, que eu a farei chegar a um ou outro jornal — dissémos-lhe um dia, vendo que êle encontrava um certo alívio na atenção, que prestávamos ás suas descoloridas recitações.

— Responderei ámanhã — volveu-nos êle, sorrindo modestamente.

E mandou-nos êste sonêto, no dia seguinte, um dia brumôso e lamacento de janeiro :

Prezado amigo meu, Sanches de Frias,
tenho o miôlo já petrificado
pela chuva e por frio, que hei gramado ;
por isso mando á fava as poesias.

Da banza tiro só desharmonias,
por mais que nos bordões haja arranhado.
pois tenho a mente e as mãos, no tal estado
qual tens o sobrenome, amigo... frias.

Nem mêsmo falar posso ; e só dou ais
se na lama patino, como os patos,
êsses broncos e mudos animaes.

Pensando pois, assim, nos ditos factos,
não posso fazer versos p'r'os jornaes ;
cantar bem, em janeiro... só os gatos.

Tem graça e bom conceito.

Só uma robustíssima personalidade é que conseguiria, no extremo de uma adeantada velhice, brincar dêste modo, com o seu próprio desvalimento.

Desventurado velho !

Se o seu cadáver pudesse estremecêr dentro da sepultura ignorada e esquecida, que o guarda, há já

uns poucos de anos, guarida desprezada, onde se sumiu quase despercebidamente; se o espírito, que foi dêle, volitasse em tórno de nós, nêste momento, estamos certo de que lhes havia de fazêr bem esta triste e amigavel comemoração.

E' que, se a vida acaba sem amigos, a morte nunca espera têl-os.



Dr. Simões Dias

I

Os escritores e a glória

Há anos, numa tarde de estio, ao ar libérrimo de um arrabalde lisboêta, onde creanças e pássaros chilreavam alegres, chegado com os nossos companheiros ao têrmo do passeio, filosofávamos nós, sentado na pedra rústica de um tôsko mirante, engrinaldado de trepadeiras silvestres; discorríamos, melancólica e azêdamente, sôbre o destino da maioria dos nossos homens de lêtas, jungidos uns á pesada atafona de emprêgos antagónicos da sua compleição moral; muitos, por maior e igual penúria, condenados a prosar automaticamente em artigos e notícias da imprensa periódica e diária, ou a traduzir romances de trapeira; e outros, finalmente, atrofiados por ambição própria ou alhêia nos meandros escorregadios e nada escorreitos da politiquice nacional.

— E diga também — ajuntou um dos nossos ouvintes — menosprezados por editôres, que os não encorajam, porque só avaliam obras pelo nome do autor, pelo apimentado de tôrpe realismo, ou pela fama soprada pelas multidões ignaras; e vendem livros como quem mercadeja sapatos ou ferraduras.

— Num país, em que mal se soletram as fôlhas volantes, que são tubas de soalheiro, a ilustração do editôr orça pela do país, em que vive: antes de tudo, compete-lhe sêr negociante, em quem se não requerem lêtras, nem sentimentalismo.

— Diz bem. Sôbre um balcão de comércio, batatas, tamancos e livros valem o mêsmo.

— Que conversa crua! — interveio uma dama, que assistia, dêside o comêço, ao azedume das nossas lástimas — Que positivismo tão fastiento! Tudo isso será, e é desgraçadamente verdadeiro; entretanto, eu persisto na minha persuasão, individualismo obscuro, bem sei, mäs inabalavel.

— E poderá sabêr-se, minha senhõra...

— A minha crença? Por que não?

« Eu creio e penso em que a única coisa, pâra que vale a pena vir a êste mundo de frioleiras e dôres, é, e será sempre, a producção original de boas lêtras. Escrevêr e assinar um livro, que possa e deva sêr lido, constitue um privilégio divino, prêmio único, repito, pâra cuja conquista vale a pena têr nascido.

Nunca nos deslembrámos, no discorrêr do tempo, do significativo conceito da illustre senhõra, tão entusiasta e grande amiga dos escritôres.

É uma tese, cuja larguêza se resume, cimentando-se no *escripta manent* de antiga memória, em que o bom literato, ainda depois de têr desaparecido da terra, é sempre vivo, porque os seus escritos não morrem. Fenece o homem, resurge o escritôr: aquêle fica na terra, e êste ascende ao reino da glória, que é imperecível.

Um dia, alguns meses antes de deixar para sempre deserta a cadeira das conversas domingueiras, no nosso gabinete de estudo, onde tracejamos estas linhas, Simões Dias, a quem rememorávamos as palavras da espirituosa dama, balanceava a cabeça, e, num tom amargurado, comentava :

— Sim, sim! O juizo dessa boníssima creatura orça pelas altitudes romanêscas de tôdos os que tiveram uma mocidade illusória muito sombreada poeticamente dos fumos da glória. Sim, sim! Quem me dera a mim nêsses bons tempos! Que levem o diabo tôdas as grandêzas de alem-túmulo! Os grandes mártires das lêtras e das sciências, que padecêram fomes, injustiças dos homens e da sorte, cárceres, naufrágios, perseguições e inclemências de tódo o género, que aproveitaram com a tal glória, que lhes floriu na sepultura? Histórias da vida, que nada valem alem da morte, meu amigo! fraquêzas da humana patetice!

— Tu acabaste de lèr Schopenhauer, ou descoroções da vida...

— Eu sei lá se êste enôjo, que voto á humanidade, é descoroçoamento, ou o simples golfar da experiêcia? Quanto á glória, temos conversado dêside que é inutil aos vivos. Pergunta á fome de Camões e de Homero, á estroinice mal guiada do Bocage, ao cárcere do Tasso e do Garção, ao infortúnio de Bernardim, á penúria é destêrro do Filinto, á fogueira inquisitorial do Antonio Silva e á desgraça de tantos homens illustres — de que lhes serviu, em vida, a tão apregoada glória, que não passa de um sonho de loucos?!

— Homem, o prazêr do estudo já é refrigério a desgostos...

— Bem sei. Está nisso o único privilégio do escritôr mal aventurado. Os alarves, que compõem a maioria da humanidade, nove partes em dez, desconhecem a absorção regeneradôra, o alheamento de-

leitôso do estudo, a que já nos temos referido, por vêzes, em nossas palestras.

Apesar da nossa aparente contradita, destinada mais a provocar discussão do que a extractar a verdade do nosso sentir, comungávamos nas idéas do poeta das *Peninsulares* e nosso desditôso amigo, a quem sobravam acerbos desgostos.

A glória, se não é essencialmente uma doirada ficção, rara vêz ou nunca serve de anteparo ao infortúnio dos alumiados das lêtras, daquêles, bem entendido, que podem deixar atrás de si um nome apregoado e bemquisto.

Pelicanos de estranha espécie, fustigados pelos baldões da sorte e pela injúria ou indiferença dos seus contemporâneos, esfacelam-se, desfazem-se do cõrpo e alma, pâra recrear ou alimentar o espírito das gerações futuras.

E não brilham ahi por inteiro os tão falados esplendôres da glória? não se torna imorredouro, por isso, o nome afamado do escritôr, que o futuro distinguui, e aclamou?

E de que vale tudo isso á vida do que se fanou desditôso, quando essa vida não pertenceu ao martiriolôgio do christianismo, ou ao simples ascetismo, que se afervora, e crê ganhar a ventura celeste, aonde irão brilhar espírito e cõrpo?

E' óbvia e desoladôra a resposta positiva.

Entretanto, se a oblação, que levamos até ao sepulcro dos mortos, as flôres, que lhe lançamos sôbre a pedra fria, e o chamamento, com que os invocamos, nos parecem fazêr-lhes bem e consolál-os, evocando-os por momentos á vida — com muito mais razão ainda, devemos pensar em que os ossos dos homens illustres não-de entrechocar no túmulo, quente e vivificadôramente, quando as suas obras escritas se reeditam, e passam de mão em mão, através dos tempos e das gerações, que se sucedem.

O bom escritôr pois, como o sentia a dama, que nos deu aso ás primeiras linhas dêste esbôço, e segundo a opinião de tôdos os amantes da glória, não morre nunca.

II

Castilho e a bôa linguagem

Simões Dias, que era um idealista, que, ainda afflicto ou pezarôso, ao reclinar a cabeça no travesseiro, em busca de repouso, engolfava o pensamento em visualidades amenas, que muitas vêzes lhe aligeiravam a mágua, e sempre lhe precediam o somno, como nos confessava, cotado pela craveira dos que muito sentiram, e souberam, conquistando sólido renome, Simões Dias não se extinguiu; vive e viverá nos seus livros.

Realizar-se-á o que êle pedia nas *Peninsulares* á sua musa, a meio da invocação, com que abre o rico erário dos seus versos de oiro.

« Há-de morrer o sol, finir-se a lua,
O vento emudecêr, secar o Oceano,
Sumir-se o glôbo, e evaporar-se a vida,
E tu, archanjo, realidade ou sonho,
Meu sêr transportarás a novos mundos,
Roubando assim minha existencia ao nada.

A frandulagem de um jornalismo ignaro e petulante, que escoucea a tradição linguística dos nossos maiores, de braço dado com escritôres de medianos escrúpulos, realistas pornográficos, que adulteram costumes e linguagem, gongorizando o estilo e mascavando o dizêr com estrangeirismos desnecessários; o ganhar reputação e dinheiro no livro e no teatro, com a exposição de quadros, tirados ás alfurjas do vício, e a enxurrada de publicações, que alardeam novas

escolas e agremiações — não hão-de matar, embora as obscureçam por instantes, as boas lêtras pátrias.

Tôdas as seitas têm adeptos; e a de bem escrevêr e a de prezar quem bem escrêva hão-de perdurar, emquanto houver purismo e bom gôsto.

Já temos ouvido a muito boa gente que o livro, o teatro e o jornalismo pouca influência exercem nos costumes de um país.

Nada há de mais falso do que esta leviana asseveração.

Castilho, o maior, mais verbôso e correcto escritôr da nossa lingua, nos tempos modernos, a quem o severo Camillo, como grandíssimo sabedôr do género, classificou pontífice da prosa, cinzeladôr linguístico, que deixou atrás de si arcas de riquêzas filológicas, Castilho, apesar da sua época sêr melhor que a nossa, já se queixava fortemente contra a influência nefasta dos jornaes e dos maus escrevedôres.

Ouçamol-o, por um pouco :

« Nesta era, em que é cabal o esquecimento dos nossos bons livros pátrios, forçoso o uso dos estrangeiros, generalíssima a conversação do idioma, que mais tem contaminado o nosso, sem limites o despejo, com que os mais néscios traduzem, compõem e imprimem, espantosa a torrente de deslavadas sensaborias causadas de uma chuva miuda de periódicos, a qual nêste reino vae acabando de assolar costumes, amôr á verdade, esperanças do bem, juizo e gôsto seguro, e a formosa, a formosíssima lingua portugûesa; nesta era, emfim, que a história tem de signalar com ferrête de presumçosa e estúpida, em consciencia, devíamos nós, os poucos que ainda sômos portugûeses, pôr peito a por todos os modos salvar tal lingua do naufrágio.

« Já hõje o estrangeiro, que pelas obras de nossos antigos a houver aprendido, não a poderá ouvir, entrando por nossas cidades e vilas; só lá pelos recônditos fraguêdos de alguma serra do norte, debaixo

dos tectos de cômlo de alguma aldêa sem nome, a irá tarde desencantar». ¹

Parece um quadro, pintado ainda hontem.

E bom é arrimarmo-nos a semelhante esteio bracejante e robusto, pâra que se nos não atribuam despeitos ou rabugices de temperamento biliôso.

Continuemos por instantes :

« As traduções da lingua francêsa, a que, pouco há, attribuí parte da culpa no estrago do nosso idioma e pelo demais têm sido feitas por ignorantes movidos pela cubiça do lucro, por duas vias damnarão a sincera e nativa purêza da nossa lingua : já cobrindo-a com o voraz e feio musgo de estranhos vocábulos e frases, já principalmente quebrando-lhe o estilo próprio, a interiôr contextura, e desgastando-lhe, sem o cuidarem, a vida e espírito semi-romano, com que tão fera e poderosa andou sempre entre as de Europa». ²

Vejamos agora o que o grande mestre, em corroboração ao nosso modo de sentir, nos expõe sôbre a influênciã, exercida por determinados romances e teatro, ao falar das *Metamorfoses* de Ovidio :

« Se procuram em Ovidio essas profundíssimas paixões dos dramas cirúrgicos e novelas anatómicas, com que por ahí se remoça tanto velho, e, o que alguma cousa peor é, se envelhece tanto rapaz, em balde procurarão ; não as há nêle, porque ainda, em seu tempo não era inventada a sublime arte de estendêr o ânimo do leitôr sôbre uma ideia, como sôbre um pôtro de martírio ; dar-lhe tratos e queimal-o a fôgo lento.

.....

« Em cada família, evangelizada pelos romances e convertida á fé da incredulidade, tôdas as prisões, afóra as dos interesses corporaes e immediatos, se desata-

¹ *Noite do Castello* --- Confissão de Amelia.

² *Ibidem.*

ram: os filhos não acreditam na probidade dos pais, na virtude das mãis; as mulheres na dignidade dos maridos; os esposos na fidelidade íntima de suas companheiras; a amizade é uma hipocrisia calculada, a inocencia uma máscara, o amôr pátrio uma rêde, etc., etc.»

Desta mina deletéria, já menos mal explorada pela chamada escola romântica e tão esmerilhada e refinada pelo realismo pornográfico dos nossos dias, destaca-se como reação potente a grande obra de Julio Verne, onde as pieguices dos amôres, fundidos em olheiras profundas, esgares de tísica pulmonar, venenos, punhaes e bacamartes, o sensualismo desvergonhado, a mundanidade esteril, os escárneos ás religiões e aos bons costumes patriarchaes e a nauseabunda obscenidade da moderna mercancia de livros — fôram redemptôramente trocados por actos de fôrça moral e física, baseados em artes, sciência, lêtras, applicados a descobrimentos terrestres e planetários, a sentimentos fortes e nobres e á exaltação do trabalho e da virtude.

Nesta obra colossal, onde a geografia, a mechânica, a navegação, a física e a história natural se difundem e aclaram, só há uma falsidade, a da... maravilha, indispensavel á transição do velho sistema, pí-lula doirada pâra a ingestão dos materiaes novíssimos e regeneradôres, alguns dos quaes julgados impraticaveis são hõje pura realidade.

Castilho, se agora vivêsse, não se dedignaria de aplaudir o intuito benéfico das *Viagens Maravilhosas*, embora tivesse de fustigar despiedadamente o abastardamento da nossa linguagem hodierna, apesar do pronunciado adiantamento dos processos filológicos.

Se o pontífice máximo do purismo portuguez, já no seu tempo de plena florescência literária, requeria policia pâra o desbravamento do escrevêr e falar — que faria hõje, em face da imprensa e literatices, que nos regem?

Pedia, com certêza, a guilhotina.

Não será despreciando ouvir ainda, um trêcho clamorôso do mestre, ao menos pâra agrado da meia dúzia de caturras, que se interessam pelo assunto, e lastimam que o mal já venha de louge.

«E assim se nos vai, de fora em fora, a lingua; e não há uma voz de legisladôr, representante do pôvo português, que portuguêsa sõe, a pedir remédio pâra tamanho estrago, em cousa de tanta monta e tão nossa, e a mais nossa de quantas há; como se, depois da religiãõ e dos bons costumes, e do socêgo público e da fama dos particulares, não houvera mais nada contra o que fôsse crime atentar pela imprensa! Oh! quando sobejará um pouco de polícia pâra chegar á república literária, que tão anárquica vai, assolando os presentes e ameaçando os vindouros!»

Simões Dias, desviado embora da sua tendência natural — a de sisudo escritôr de gabinête e de poeta popular e sentimental — pâra o jornalismo de convenção, pela negregada política, que lhe explorou os méritos, conculcando-lhe a carreira das lêtras e despremiando-o até final, — é, pelo vigôr do seu talento nativo e prática pedagógica, dos raros, em quem a mácula da má escritura não conseguiu alastrar-se.

Os seus versos de feição provençal, sua obra prima, os livros didácticos, cujas edições repetidas lhes assinalaram o préstimo, as traduções e imitações e as suas obras românticas são escritos de segura lição e de português escoreito.

III

Traços biográficos

Pâra os que não conheçam o estudo crítico-biográfico da nossa mão, apenso á quinta edição das *Penin-*

sulares, última e definitiva, como já notámos, ainda revista e arrumada pelo autôr; e especialmente pãra os que desejam apertar num só elo as notícias da vida e morte do popularíssimo poeta — vem de molde trasladar pãra aqui uma parte do que dissémos, preenchendo lacunas, rememorando factos, mencionando incidentes posteriôres, e completando-os, embora resumidamente, a começar pelo escôrço biográfico.

Reivindicando, como lá afirmámos, pãra a crítica e pãra a história, uma individualidade, cujos attributos de plena revestidura andavam mal cerzidos e peormente localizados, aqui e acolá, mau grado a perícia dos que dela se têm occupado, fazêmol-o, sem que o nosso juizo obedêça ás consequências de uma amizade admirativa, dilatada e rigorosamente mantida por largos anos.

Sendo máxima nossa que a investigação e o registo do passado representam um culto, devido á memória dos que fôram, ao mêsmo tempo, laboriosos, inteligentes e bons, é evidente que o nosso dizêr é um desempenho de boa e devida justiça.

O doutôr José Simões Dias nasceu, a 5 de fevereiro de 1844, numa pequena aldeia, cujo nome *Bemfeita* lhe basta pãra galhardia.

Situada acima de Côja, ao lado esquêrdo do rio Alva, no concêlho de Arganil, apertada entre montanhas, ramificação longinqua da Estrela, cortada pela ribeira da *Mata*, apesar do desmazêlo extravagante da sua casaria, alem de bem feita, com mais propriedade poderia chamar-se *Beatíssima*, em razão das suas edificações religiosas: uma capela octógona alpendrada da invocação de santa Rita, a meio da encosta; uma ermida de S. Bartholomeu, ao cimo; a certa distância, caminho da montanha, as capelas da Senhora da Guia e das Necessidades, precedidas de um grande terreno arborizado; e como sentinela vigilante, á entrada do lugar, a igreja parochial de

tôrre quadrangular, cujo orago, Santa Cecília, poderá sêr advogado dos bons poetas, que músicos devem considerar-se de privilegiado quilate.

Uma pequena povoação solitária, estendendo na vertente de uma serra apinada, ladeira acima, a sua casaria rústica, coberta de lousas ardosianas, quasi primitiva, enquadrando-se em socalcos verdejantes, que se enfileiram egualmente noutra serra fronteira, e banhando os pés numa ribeira sussurrante, salpicada de azenhas e marginada por árvores fructíferas e cultura campesina, aonde a primavera envia rouxiões em barda — é excelente estância pâra bêrço de um poeta.

Antonio Simões Dias, proprietário, que ainda vive, e sua mulher D. Maria do Rosario Gonçalves, há pouco falecida, fôram os paes de Simões Dias.

Aos 10 annos, em 1854, concluia êste os estudos primários na escola do mestre régio da localidade, padre Antonio Pedro Nunes Teixeira, seu parente e velho liberal, que sofrêra por isso as torturas do exílio e das prisões de Almeida, homem probo, vulto espadaúdo, claro, aprumado, que um dia chegámos a vêr, cercado das netas, porque ao enviivar é que se ordenára, concluindo os estudos interrompidos pelo casamento.

Empunhando a palmatória do officio, e experimentando frequentemente a elasticidade das orêlhas dos discípulos, Antonio Pedro era menos mau atrofiadôr de intellectos, mâs, no meio dos seus rotineiros processos, lobrigara a intellectualidade precoce e absorvedora do pequeno alumno, que o fazia pasmar, e que, em breve tempo, lhe sugeriu largos vaticínios.

Nêsse dito ano, o rapazinho, em consêlho de família e por opinião sentenciosa do seu professôr, especialmente, foi mandado estudar lâtím pâra o distrito de Leiria com outro mestre régio, João Cabral de Brito, em Pedrógão Grande, onde era párocho seu

tio, o reverendo Albino Simões Dias Cardoso, carácter amoravel, homem boníssimo, a quem o educando deveu quente agasalho, e provada dedicação, de que sempre se lembrou agradecido.

O apartamento da aldeia nativa, deitada, a preguiçosa, sôbre as alfombras da encosta, que o pequeno percorrêra a despedir-se de tôda a gente, não se fêz sem lágrimas, como era natural e é próprio da compleição e sensibilidade dos que nascem nos braços das musas.

Na pátria de Miguel Leitão de Andrada, estêve três anos o novel estudante a suportar as lições, não de uma personagem, como seria o Andrada, douto autôr da *Miscellânea*, màs sim do mestre Cabral, pedagogo ferrenho e ignorantaço, que êle felizmente abandonava no fim dêsse tempo, recolhendo-se ao *ninho seu paterno*, pâra se transferir a Coimbra, aonde iria cursar preparatórios.

A ida pitorêscia da Bemfeita pâra a Raiva num carro de bôis, sôbre molhos de palha, a sua entrada na barca mondegana, que, atulhada de pipas de vinho, ia leval-o, rio abaixo, á terra de Sá de Miranda e o seu deslumbramento em face da poética cidade, pâra êle tôda rutilante de louçanias e esplendôres babilónicos, que avultavam ao espírito impressionavel do estudantinho aldeão, como maravilhas nunca sonhadas, durante as leituras fantásticas da *Princêsa Magalona*, do *Carlos Magno* e da *Imperatriz Porcina*, sôbre que já tinha derramado não poucas lágrimas de admiração — tudo isso, tão nitido como fotografia indelevel, não se riscou nunca das lembranças infantis de Simões Dias, que saltava no caes de Coimbra, comovido, titubiante, com 15 anos de idade, dôze vintens em prata no bôlso, dádiva generosa de sua madrinha, e a alma virgem, angelicamente bucólica, alanceada de dúvidas e sustos.

A sua entrada e demora em casa de outro parente,

tambem padre, conhecido latinista naquela cidade, são por demais pungentes e ingratas pâra que delas nos ocupemos.

Dahi provieram numerosos desgostos á sua vida, que foi sempre eivada de rara parcimónia e successivas dificuldades.

De tôdos os preparatórios, necessários á matricula posteriôr, fêz exames em 1857 e 1858; faltando-lhe porêm a idade, e cedendo passivamente ás instâncias e vontade dos parentes, que o desejavam clérigo, foi inscrevêr-se, ao seminário, no curso teológico, que, tão galhardamente como acontecêra com os estudos antecedentes, terminava, ao fim de três anos, em 1861, contando apenas 17 de idade.

Por isto, facilmente se pode calcular que tortura não seria pâra aquêle espirito florejante a aridêz de taes conhecimentos tão contrários á sua vocação; e de que podêr de intellecto dispanha o seu organismo!

*

* *

No *Doutôr Sphinge* dos *Contos em prosa*, narrativa, que transitou pâra as *Figuras de Cêra*, com o modestíssimo titulo de *João Ninguém*, e que é uma autobiografia, Simões Dias, apoucando o seu mérito, mäs indicando os processos de ensino do seu tempo, faz-nos dêles o seguinte retrato:

«Os mestres orçavam geralmente pelos que tinha encontrado nas primeiras lêtras e no latim; os processos os mêmso; e, quando me supunha um sábio em tôdas as matérias percorridas, encontrei-me com o cérebro vasio e a intelligência exhausta. O mundo continuava a sêr pâra mim um vasto mar tenebròso e desconhecido.

«Pâra o vencêr carecia de lutar, mäs faleciam-me tôdos os meios de resistêcia. As aulas não tinham

pôsto nas minhas mãos nenhum dêsses instrumentos poderosos, que servem pâra defendêr a dignidade pessoal e pâra grangear o pão de cada dia.

«Sentia-me com âncias pâra o trabalho util, mäs não sabia trabalhar. Os métodos da disciplina mental e as torturas da memória não tinham feito de mim o que vulgarmente se chama um cretino, mäs tinham com certêza produzido um inutil. Discorria como um papagaio, porêrn não raciocinava melhor que um selvagem por domesticar.»

A amargura cáustica, que resumbra destas linhas, pinta, a justos e breves traços, tòda a seqidão do ensino official.

Apesar de tudo, porêrn, a frequênciã de estudos áridos e monótonos quase incompatíveis com aquêlê cérebro juvenil, onde borbulhavam tòdas as idealidades, còr de rosa, de uma alma scismadòra e inexperiente, não chegou, durante êsse largo tempo, a empanar a luz fulgurante de uma espontânea e vivíssima inspiração, que se desatava em floridas primícias, que a tòdos pareciam demasiado precoces.

São de anos tão vêrdes os primeiros versos correctos de Simões Dias, porque os incorrectos datavam já de mais tempo.

Diante de nós temos uma longa carta do doutôr Jacintho Nunes, na qual o conhecido democrata, domiciliado em Grândola, ao sabêrn-nos biógrafo do seu antigo companheiro de estudos, se apressou espontaneamente a dar-nos alguns esclarecimentos.

Ao falarmos em versos incorrectos, vem de molde, dar notícia das seguintes particularidades dessa carta :

«Convivi muito com Simões Dias, dêsde 1855 a 1865, visto que Pedrógão Grande, onde êle estudou latim, é a terra da minha naturalidade.

«Quando êle se matriculou no curso theológico do seminário de Coimbra, já eu lá estava.

«Por êsse tempo, apesar de *formigão*, entregava-

me eu, nas horas vagas, a devaneios poéticos. Um dia, mostrei a Simões Dias uma versalhada qualquer da minha lavra.

« Este não se denunciou, mäs, dois outros dias depois da minha confidência, que o estimulou, correu a mostrar-me uns versos seus, originalíssimos, mäs um tanto livres na *técnica*.

« Dei-lhe por isso o tratado de metrificacão de Castilho, aconselhando-o ainda, como melhor guia, a estudar nos escritos dêsse grande mestre, nos do Garrett e de outros poetas muito em voga.

« Resultado maravilhoso! Poucos mèses depois, já quando a minha brotoeja poética estava quase curada, inundava êle as fôlhas literárias de Coimbra com os seus versos tão naturaes, tão peninsulares, tão sentidos, que eram um encanto pãra os que prezavam o cunho nacional dêsse género de literatura ».

E era assim. Dahi data a sua colaboraçã nos periódicos literários de Coimbra — *Tira-teimas, Himnos e Flôres, Fósforo, Harpa, Prelúdios Literários, Átila, Academia*, que fundou com Emigdio Navarro e Lopes Praça, *Chrisálida*, em que se associou com Theophilo Braga e Duarte de Vasconcellos, e finalmente na *Fôlha*, de João Penha.

Pode afoitamente dizêr-se que, num período de 9 anos, de 1861 a 1870, não houve em Coimbra e arredores publicação, que não tivesse escritos seus, podendo ajuntar-se ás mencionadas o *Povo, País, Estrêla da Beira* e *Comércio de Coimbra*.

IV

Curso teológico — Prégação e casamento

Concluido o curso do seminário naquêle ano de 1861, como dissemos, Simões Dias, ainda á espera de

maior idade, ia matricular-se nos estudos universitários.

Recrudesceram aqui verdadeiros amargôres de uma vida laboriosa pãra o môço poeta, que, ao mêsmo tempo que forcejava por mantêr completa nas aulas a reputação conquistada, via-se forçado a lecionar numerosas classes, dentro e fóra de sua casa, pãra ganhar o pão: sustentar a sua independência; dedicar-se, com o fervôr do seu estro sugestivo, aos predilectos estudos literários, sua aspiração suprema; e mais tarde pãra auxiliar e encaminhar a educação de seus dois irmãos, Antonio e Albino, aquêl, actualmente official do exército e êste professôr e párocho exemplar da Cerdeira.

Com efeito, mercê das tendências inatas, vivazes, irresistiveis do seu espírito creadôr, dois anos mais tarde, aos 19 de idade, em 1863, publicava em Coimbra a coleção lírica do *Mundo Interiôr*; em 1864, o poemêto *Sol á Sombra*; em 1867, a 2.^a edição do *Mundo Interiôr*; e finalmente, em 1868, o livro de contos *Corôa de Amôres*, que, há pouco, se fundiram e alargaram em 3.^a edição, sôb a crisma de *Figuras de gêsso*.

Tôdas as previsões dos aurúspices, devotados á preconisação dos seus altos destinos intellectuaes, ultrapassavam as raias prescritas.

A imprensa da época registava com aplauso vibrante as estreias do novel poeta, prometendo-lhe vasto futuro.

Tôdos os magnates das lêtras, os que então faziam e desfaziam reputações, vieram ao chamamento dos louvôres, que se apregoavam, e exalçaram o mérito, que lhes dava causa.

Mendes Leal, logo ao lêr dos primeiros versos, mandava-lhe o seu retrato, com esta ridente e notavel dedicatória: — A uma primavera, que se inflora com o nome de Simões Dias, um estio, que declina com o

nome de Mendes Leal». Castilho aplaudia-o, com alma, em correspondência particular, e publicamente em carta ao *Jornal do Comércio*; Camillo, como escreve no *Cancioneiro Alegre*, conhecendo poucos poetas e gostando de pouquíssimos, destinava aos cantares do novel trovadôr, o pequeno raio das estantes, consagrado aos bons; Pinheiro Chagas, analisando no *Panorama* as canções populares do recém-vindo ás fraldas virentes do Parnaso, chamava-lhe o primeiro guitarrista peninsular!

O talentoso estudante ia portanto terminar os seus estudos universitários, tão discordes da sua compleição, sôb os melhores auspícios, já senhôr de um nome laureado; o vate recebia a sua sagração por mãos dos melhores patriarchas da seita; e o escritôr ia entrar na pugna, onde em breve conquistaria as suas esporas de cavaleiro.

*
* *
*

Cabe nesta altura uma curiosíssima nota, que pouca gente conhece fóra do districto coimbrão, e que vem dar nôvo abono á elasticidade intellectual do nosso estudante. Simões Dias, ao fim do curso theológico, por benevolência, certamente, das autoridades ecclesiásticas e instâncias do tio padre, chegou a prégar em várias egrejas, nomeadamente na do Pedrógão Grande, com um êxito, diz-nos ainda a carta do doutôr Jacintho Nunes, superiôr ao de tôdos os afamados prégadôres d'aquêles sítios!

Se não fôra a falta de idade, os desejos e instâncias dos parentes ecclesiásticos e seculares e a atmosfera, que respirava no seminário, tel-o-iam convertido, precipitadamente, num padre.

Durante o curso universitário, porém, e ao desabrochamento irradiante da sua florescência poética e

literária, parecêres autorizados, conselhos de homens doutos, vozes unânimes, emfim, clamavam que seria desconchavo inaudito e até barbaridade premêr, atrofiar tão prometedoras aptidões na estreita e aleijada envergadura de um simples sacerdote.

Alem das causas, que apontamos, o nosso devêr de cronista rigoroso, obriga-nos a registrar que Simões Dias se apartava da vida clerical, alem de tudo, por irresistivel inspiração da sua musa, encarnada num vulto trasbordante de formosura e mocidade, na figura esbelta e seductôra de uma mulher, que era o seu maior estímulo e o ardente amôr da sua alma apaixonada e poeticamente sonhadôra.

Vejamos.

Em julho de 1868, ano da sua última publicação literária, tendo alcançado, durante tôdo o curso universitário, as mais honrosas classificações, Simões Dias concluía a sua formatura; e era instantemente solicitado pelos seus professôres pãra que se doutorasse, e consentisse em fazêr parte do côrpo docente da universidade.

Impellido porêr pela aura de uma liberdade, que lhe sorria de longe, pelos próprios encómios dos seus admiradôres, por estímulos vários, que lhe tumultuavam no ânimo assimiladôr, e ainda mais pela norteação e sorrisos estonteadôres da sua donairoza musa — preferiu concorrêr a uma cadeira de português, francês, latim, economia rural e administração pública, creada pãra a cidade de Elvas, por lei de 27 de junho de 1866.

Entretanto, em festiva caravana, composta apenas dos seus queridos amigos e admiradôres Domingos de Almeida, a quem adeante nos referimos, Dr. Lopes Praça, José Galvão Peixoto Lobato e sua espôsa D. Albertina, esta e aquêle padrinhos do casamento, Simões Dias, aos 24 anos, respirando, a plenos haustos, a maior alegria de tôda a sua vida, três mêses

depois da formatura, a 3 de setembro de 1868, seguia caminho do Bussaco, onde ia passar este dia, levando de braço a sua musa dilecta, a mulher de há muito amada, D. Guilhermina Simões da Conceição, que de madrugada esposara em Coimbra, na igreja da Sé.

Então exclamaria êle, transportado de louco embevecimento, como nos seus conhecidos versos :

Bem hajas, meu tesoiro!
 Bem hajas, minha flôr!
 O' minha estrêla d'oiro,
 O' meu sonhado amôr.

Bem haja a luz celeste,
 Que os passos teus condúz,
 Archanjo, que vieste
 Tomar a minha cruz!

Do consórcio de Simões Dias, celebrado pelo párocho Ignacio de Carvalho Freitas, apresentada provisão do governadôr do bispado, dispensando os proclamas, fôram testemunhas José Galvão Peixoto Lobato,¹ representante de Miguel Antonio de Souza Horta; e D. Albertina Augusta Caldeira Galvão, delegada de D. Maria da Gloria Costa Souza Albuquerque.

A noiva de Simões Dias era filha da então muito conhecida e celebrada logista Delfina, estabelecida em Coimbra com botequim, frequentado pela academia e gente grada. Bôa educadôra de suas filhas, mantinha-as com recato e distinção.

¹ Galvão, tão preconizado por Simões Dias, na sua correspondência epistolar, era um rapaz de larga inteligência e probidade. Coursou os preparatórios do liceu coimbreense; foi 2.º sargento de caçadôres, fêz-se em seguida telegrafista, sendo, em 1871, nomeado directôr do correio das Caldas da Rainha, e môrrendo dois anos depois tuberculôso. Ao que nos consta, D. Albertina, sua esposa, vive ainda em Condeixa, tendo passado a segundas núpcias.

Segundo se depreheende de uma carta de Simões Dias, escrita em agôsto de 1866, da Figueira, ao seu e nosso dilecto amigo Domingos de Almeida,¹ os seus amôres, começados na frequência do botequim, robustecêrãm-se naquela praia de banhos, aonde Delfina fôra, nêsse ano, com tôda a família, sendo seu hóspede o futuro noivo da filha Guilhermina.

— Que tempos! — escrevia êle, um mês depois, recordando essa época, saudosa² — Que tempos! que luar! e que louco devanear por essas solidões da praia, ou lá, em cima, no forte, onde, sôbre uma peça de artilharia, tracei a lapis aquêle *adeus* do *Mundo Interior* quando me vi obrigado a retirar-me antes *dela!*»

Recordemos nós êsse *adeus*, que anda adstricto ás *Peninsulares*, como convem ao quadro e como eco tradicional dos amôres característicos, tantos e vários, que hão tido por bardos os rouxinoes dos sinceiraes de Coimbra:

É forçoso partir, e só Deus sabe
Quanta amargura em tão cruel momento!
Nem se imagina como em peito cabe,
Com tanto amôr, tamanho sofrimento!

Hei-de conta-lo aos ceus de alheia terra,
Hei-de dizê-lo á lua, quando passe,
No viso melancólico da serra
Anciôso por beijar-te a nivea face.

¹ Domingos José de Almeida e Silva, um quase irmão de Simões Dias, nosso condiscipulo e amigo, em cuja casa dormimos a última noite, que precedeu a nossa partida pâra alem do Atlantico; actualmente chefe da estação telegrafo-postal de Coimbra, coração amantíssimo, carácter impecavel no que toca a sentimentos de bôa e leal camaradagem, amigo raro, a cuja dedicação se deve a guarda de numerosa correspondência, que recebeu do poeta, durante tôda a sua vida, a mais importante da qual nos forneceu algumas datas e esclarecimentos, de que nos servimos, e que aqui lhe agradecemos.

² Carta de 4 de outubro de 1868.

E, quando á noite o ceu tdo estrelado
 No azul estenda o luminôso manto,
 Hei-de lembrar-me de outro ceu doirado,
 O ceu do teu olhar, cheio de encanto.

Depois no rasto, que deixa, no espaço,
 Cada estrêla cadente, em noite calma,
 Hei-de mandar-te num estreito abrao
 As saudades sem fim, que me vo nalma.

Quando eu andar mais triste, irei sentar-me
 No cume do alto cerro, ao fim do dia.
 Só para vr se, á fôrça de enganar-me,
 Posso enganar a própria fantasia.

Ms que triste conslo! Adeus! Comigo
 Vai combatendo a sorte, que me cabe;
 As saudades, que levo, não tas digo;
 Penas, que nalma vo, só Deus as sabe!

V

Em Elvas — Trabalhos literários

Apesar do grande número de concorrentes, as provas de habilitação à cadeira, a que aspirava, fram tão brilhantes que o faziam preferir, e nomear professor vitalício, por decreto de 30 de novembro do sobre-dito ano, isto é, quatro mses depois da sua forma-tura.

Simões Dias, ainda à espera do seu diploma, pra fugir aos reparos e recriminações de tdos os seus parentes, que instavam pela sua elevação ao sacerdócio, e não tiveram conhecimento das antecedências e realização do consórcio, ao voltar do Bussaco, no próprio dia do seu enlace matrimonial, dizia apressado adeus, na estação do caminho de ferro, aos seus companheiros e amigos, abandonava os cinceiraes do Mondêgo, onde modulara os seus primeiros cantares, e se-

guia pãra Elvas, enamorado das doces peripécias dos seus castos amôres, que, ainda mal pãra o seu futuro, se lhe sumiriam em breve no túmulo.

Houve largo espaço entre a chegada a Elvas e o recebimento do diploma, que o encartaria na cadeira, sendo-lhe preciso, pãra acudir ás necessidades da sua vida doméstica, promovêr leccionações, que lhe deram uma dúzia de discipulos.

Aludindo a uma legenda, que Domingos de Almeida lhe pedira, nessa época, pãra o túmulo de uma creança conimbricense, escrevia-lhe Simões Dias:

— A quadra vai fria de mais pãra versos; alem disso, saem sempre enregeladas coisas, que se não sentem; por mais que a gente lhes puxe e repuxe as grenhas, não há levantál-as da prosa.»

São assim os versos de encomenda; bem o sabemos tambem.

Levantemos nós, porêr, de futuro esquecimento essas linhas não despiciendas, que só constam da carta amarelada, aberta deante de nós:

A' sombra desta lousa, em terra dura,
Se finou em botão, môça e menina,
Aquela, que, através da sepultura,
Fêz seu caminho pãra a luz divina.

Amôres, pae e mãe, que Deus lhe dera,
Por longas horas, vêm aqui chorar,
Que o anjo de sua alegre primavera,
Aos anjos, seus irmãos, se foi juntar.

Recebido o diploma, dizia Simões Dias, através da sua trabalhosa experiênciã, com o leve prurido de ironia cáustica, que ela lhe emprestára.¹

— Depois dêste despacho já tenho muitos amigos em Elvas! Como as coisas são!.....

¹ Cartas de fevereiro de 1869.

« A minha criada, que tem 23 anos, é literata e actriz! profissão, que exerceu três anos e meio no teatro cá da terra, onde fazia de primeira dama! e o meu criado é um militar, que me saúda, fazendo continências! Vê tu que grandêzas! O diabo é que sou um fidalgo pobre! »

*

* *

As obrigações do seu cargo, como acontecêra com os estudos anteriôres, não inibiram Simões Dias do cultivo literário, e concorrêram até pâra que, pela primeira vêz, experimentasse as suas armas de polemista, batalhando nas ardentes pugnas, que então se feriram contra a *Nação*, o *Bem Público* e outras folhas reaccionárias, que lhe não perdoavam o desvio pâra fóra dos arraiaes teológicos.

O campo da batalha era a *Democracia*, de Elvas, onde colaborava com o reverendo Henrique de Andrade, tão modesto como erudito, seu companheiro e devotado admiradôr, a quem deve uma das mais calorosas biografias.

A sua estada em Elvas assinalou-se especialmente pela publicação do poema heroe-cómico *A Hóstia de ouro*, saído dos prélos da *Democracia*, em 1869, ano fatal pâra o seu amorôso coração de espôso idolatrado.

Sua mulher, a musa dilecta dos bons tempos de Coimbra, enfêrma, a 20 de março, succumbia na melhor quadra da sua vida, a 14 do mês seguinte, e era sepultada no cemitério de S. Francisco, aos 24 annos de idade, flôr tão modesta, como formosa, que se desfolhava em pleno viço, por ironia da sorte, ao desabrochar das flôres primaveaes.

Dêste dia em deante, deixou Elvas de têt pâra Simões Dias a costumada simpatia, apesar de ainda ahí publicar, no ano seguinte, 1870, a 1.^a edição das *Pe-*

ninsulares, canções meridionaes, impressas, como o livro antecedente, nos prélos da *Democracia*.

Êsse livro antecedente *A Hóstia de Oiro*, estabelecia um caso singular do destino.

Ao respirar a mêmra atmosfera, que tinha envolvido a figura irónica do doutôr Antonio Diniz da Cruz e Silva, um século antes, o amoroso trovadôr e cantôr lírico das canções meridionaes, comungava em espírito com o autôr do *Hyssope*, e satirisava personagens do seu conhecimento, na *Hóstia de Oiro*, escrita á mêmra da redação da *Democracia*, e pensada na própria casa, onde poetara Cruz e Silva!

Êste poema era um nova característica de aptidões, que ninguem lhe supunha, que a superstição poderia attribuir a filtro maravilhoso, que por ahi estadeasse, desprendido, havia tanto, do alto espírito, que produziu o *Hyssope*.

Em agôsto do já dito 1870, Simões Dias deliberava transferir a sua residência pãra Lisbôa, onde obtivera, em concurso, um modesto emprêgo na secretaria da justiça, exactamente quando o município de Elvas se reunia pãra o louvar, como professôr, aumentando-lhe o ordenado, e rogar-lhe que não saísse dalí.

No período, consagrado a Elvas, devemos tambem mencionar o aparecimento de uns *Estudos sôbre a literatura hespanhola contemporânea*, que, anos depois, em 1877, se ampliaram, e refundiram, formando o volume *Hespanha Moderna*; bem como nos cumpre notar os factos principaes, a que êsses escritos deram causa.

Simões Dias, pelo conhecimento que tinha dos escritôres espanhoes, alguns dos quaes lhe conheciam e aplaudiam o nome, compozera êsse livro, revista crítica e biográfica dos poetas, oradôres, eruditos, historiadôres e artistas contemporâneos da nação vizinha.

Esta obra pôl-o em comunicação com os princi-

paes talentos de Espanha, com cuja amizade se honrou sempre; valeu-lhe um encomiástico artigo na *Ibéria*, onde se mencionavam e celebravam os serviços feitos á literatura hespanhola pelo escritôr português; e deu-lhe a honra de recebêr, na sua casa de Elvas, no dito ano, das mãos do então ministro Montero Rios a comenda de Izabel a Católica, com que a regência de Serrano quis galardoar êsses serviços.

A comunhão confraternal de Simões Dias com os escritôres espanhoes promanara das traduções, que alguns dêles haviam feito dos seus versos, e dos louvôres, com que o saudara a imprensa espanhola, logo em seguida á publicação.

Emquanto distinctos poetas, como Ventura de Aguilera, Luiz Vidart e Garcia Blanco assinavam essas traduções, notabilidades, como Victor Balaguer, o sábio académico autôr da monumental *História de los Trovadores*, Emilio Castelar, Romero Ortiz, Nunes de Arce, Montero Rios, o recente e coagido negociadôr da triste paz espano-americana, e outros publicavam na imprensa mais autorisada artigos laudatórios e calorosas felicitações.

A comenda espanhola, louvôres sejam dados aos sicofantas da politiquice portuguesa, que convivêram com Simões Dias, e lhe sugaram o mérito, foi a única distinção honorífica, que o acompanhou em vida!

VI

Em Lisbôa e Viseu

A estada de Simões Dias em Lisbôa foi passageira, durando apenas de agôsto do ano antecedente até abril de 1871, ano, em que deu á estampa as *Ruinhas*, poemêtos, que ainda imprimiu em Elvas, e que, como o *Mundo Interiôr*, fazem hõje parte das *Pe-*

ninsulares; e data, em que era encarregado pelo governo de ir regêr no liceu da cidade de Viseu a cadeira de oratória, poética e literatura, sendo provido na propriedade desta última disciplina, em 1880, e desempenhando já o cargo de secretário do mêsmo liceu, pãra que fôra escolhido, dois anos antes, por decreto de 21 de fevereiro de 1878.

A curta demora, porêr, na capital, não inhibiu o festejado poeta de travar relações e camaradagem com a maioria dos literatos lisboetas, quase tôdos frequentadôres dos célebres saraus literários, onde, aos sábados, na sua residência de S. Francisco de Paula, o venerando Castilho, cercado de fina flôr da aristocracia do talento e do sabêr dessa época brilhante, fazia da sua casa um areópago de sciência e lêtras, como nunca mais tornou a havêr em Lisbôa, onde os conventículos posteriores de invejas e seitas produziram a desunião subseqüente.

As tão procuradas enciclopédias literárias dêsses tempos áureos dão a medida da cohorte numerosa de escritôres, que se acercavam do maior sabedôr e melhor purista da lingua portugüêsa.

Uma dessas afamadas reuniões, a pedido de Fernandez de los Rios, celebrou-se no palácio da embaixada espanhola, á rua das Chagas, onde êste diplomata tratava de conquistar prosélitos, entre os melhores políticos e homens de lêtras pãra os seus fanatismos ibéricos.

Julio de Castilho, como êste próprio nos afirmou, há tempo, herdeiro do título e do talento de seu gloriôso pae, ia lêr uma obra do mestre, nacionalisadôr inimitavel de estranhos monumentos literários, a tradução do *Fausto*, em sarau familiar de gala, entremeadado de ceia, crítica, dôces, licôres e música, serão brilhante, que se prolongou até á madrugada.

Simões Dias, que pãra êle fôra um dos convidados, recebendo do diplomata espanhol finêzas espe-

ciaes, sempre se lembrou com saudade dessa noite memoravel.

*

* *

A permanência em Viseu comprehende um dos períodos mais afanosos e notaveis, se não o mais afanoso, do vivêr de Simões Dias, tantas e tão diversas ramificações tomou êle.

Um ano depois da sua chegada, creava nova família, matrimoniando-se, segunda vêz, em 26 de setembro de 1872, enlace, de que proveio sua filha, a sua filha dilecta.

Amigo particular do falecido bispo de Viseu, D. Antonio Alves Martins, lançou-se, abertamente e a breve trêcho, na defesa dos princípios e programa daquêle estadista; e taes aptidões desenvolveu, que lhe conquistaram, dêside logo, um dos primeiros lugares da política districtal.

Os sinceros amigos das lêtras é que, certamente, não mandaram o seu cartão de visita á inebriante e refalsada empolgadora de quase tôdos os talentos literários do nosso país.

Apesar de tudo, sem faltar aos seus devêres profissionaes, escrevia livros pàra as aulas; compunha contos e romances, uma vêz por outra; dirigia o jornal *Observadôr*, que fizera nascêr pàra apostolar a sua política liberal e patriótica, em 1878; e depois, a 2 de novembro do ano seguinte, creava o *Districto de Viseu*, que dirigiu, durante oito anos; cuidava das fações, pàra onde o arrastavam as solicitações dos amigos; fazia discursos nas assemblêas populares, e curava finalmente do bem-estar da família.

Eleito deputado ás còrtes, por Mangualde, em 1879, estreou-se, como oradôr parlamentar de excellentes recursos, ao propôr que fôsse considerado de gala nacional o dia do tricentenário de Camões.

A sua oração foi académica e elegante; avantajou-se-lhe extraordinariamente, porém, a que pronunciou, como relatôr do projecto de lei da instrução secundária, de 14 de julho do ano seguinte, discurso erudito, que preencheu duas sessões do parlamento; trabalho oratório e pedagógico de primeira ordem, seguido de gabos especiaes da imprensa.

O melhor discurso parlamentar de Simões Dias foi reduzido a livro, e conta duas edições de larga circulação.

Três legislaturas mais o tiveram por deputado, por acumulação de votos — a que vae de 13 de dezembro de 1884 a 7 de janeiro de 1887; por Pombal, a de 2 de abril d'êste ano a 10 de junho de 1889; e por Mértola, a de 19 de abril de 1890 a 2 de abril de 1892.

Os seus artigos de polémica, vernáculos e um tanto irónicos, nada ficavam a devêr á costumada oratória parlamentar, que não tinha fulgurações demosthénicas, nem repentinos arrojados e retumbantes, á José Estêvão, mãs frases conceituosas e períodos de um colorido quente e incisivo, quando o assunto lhe merecia affecto.

Nos tão falados comícios, que se celebraram, em 1882, contra o contracto Salamanca, a palavra veemente e correcta de Simões Dias produziu peças tribunicias, que fôrão altamente cotadas pelos jornaes do tempo.

Foi êle quem, á frente de uma numerosa comissão districtal, se dirigiu a el-rei D. Luiz, então de visita á Beira, pedindo a demissão do govêrno.

Apesar d'essa agitação de vida, a robustez das suas faculdades mentaes não deixava condemnar ao abandono os assuntos escolares e as belas lêtras, exceção feita da poesia, que não viça em ruidos tumultuantes, nem floresce em terrenos de aluvião, estranhos á subjectividade do seu sêr imaculado.

VII

Ainda a época de Viseu

Pertencem á época visiense, que atravessou o largo período de 1871 a 1886, as seguintes obras:— *Compendio de história pátria*, pãra as aulas primárias, em 1872; *Compendio de poética e estilo*, em 1872, mais tarde refundido na *Theoria da composição literária*, que já chegou á 10.^a edição; *Historia da literatura portugueza*, que começou em 1875, com o titulo de *Lições da literatura portugueza*, e já atingiu a 9.^a edição; *As mães*, romance publicado no Pôrto, em 1877; impressas na mesma localidade e ano, as *Histórias contemporâneas*, refundidas em 1898 sôb o título de *Figuras de cêra*; *Curso de philosophia elementar*, de Balmes, tradução, Pôrto, 1878; *A flôr de pântano*, de Carlos Rubio, tradução, Viseu, 1881; *História da philosophia*, de Balmes, Pôrto, 1881; *A instrucção secundária*, 1.^a edição do Pôrto, 1880, e 2.^a de Coimbra, 1883; e *Manual da leitura e análise*, colaboração, Pôrto, 1883.

A musa cancionista e trovadorêscã de outros tempos desertara chorosa de Viseu, onde a escandalizavam os rasgos tribunícios e os artigos de polémica de Simões Dias; e iria refugiar-se amedrontada no meio dos rosmaninhos floridos da pequena Bemfeita, aldeia, onde o seu amado nascêra, onde o dilecto da sua feição popular, característica, bebêra a agua lustral da inspiração, que ela, a musa sertaneja de bom sangue, sincera, espontânea e robusta, lhe fizera bebêr nos seios maternos, quando êle, o doido bandolinista, a definia assim:

É uma serrana bela
Que um dia encontrei no monte,
De madre-silva e marcela
Toucada a virginea fronte.

É uma gentil plebeia,
Pastora sadia e forte,
Que prefere o sol de aldeia
Ao gaz dos salões da côrte.

A testa espaçosa e bela
O cabelo de oiro fino,
E uma túnica singela
Sôbre o seu côrpo divino.

Se aparecia, a coitada, de vêz em quando, a uma réstea de sol nascente, era pâra repetir, a meia voz, soluçante, as trovas dos bons tempos de Coimbra, e deixar-se cair desalentada sôbre a aresta das penedias, ao recordar-se do que o travêssô descantara ás morenitas do Guadalquivir :

Quem sou? — perguntareis, môças de Espanha :
Sou das bandas, que o límpido Mondêgo,
Com sua veia cristalina banha.
A minha terra em glória foi tamanha,
Que a não excede a pátria de Riego ;
Nos campos me creei da bela Ignês ;
Môças de Espanha, em fim, sou português.

.....

Porque canto? — direis, lindas donzelas.
Que ha-de fazêr a gente, quando é môço ;
Sôb este ceu de fúlgidas estrelas,
Ante essas raras perfeições tão belas,
Que outras mais belas descobrir não posso ?
Não pergunteis, occidentaes huris,
Pela razão dos cantos, que me ouvis.

Eu canto, como canta o passarinho,
Pousado, á tarde, no rochêdo alpestre,
Quando, ao passar do doido torvelinho,
Se lembra, com saudade, do seu ninho,
Onde aprendeu a descantar sem mestre ;
Canto a capricho, canto sem lição,
Canto, por comprazêr meu coração.

Era verdade tudo isso; mäs torvelinho mais doido ainda, onde revoluteam sempre paixões de uma turba ignara, que ruge conveniências de ocasião, que não qualidades inatas, nem sentimentos como os dêsse homem simples e boníssimo, de quem ela se acercava — fizera que a voz do poeta emudecêsse.

Mal empregado descaminho de quinze anos!

Que proventos, que honrarias, que posições deu a negregada política a Simões Dias?

A política não é arte de bem governar, como se pensava, e dizia na infância da palavra; é o barracão de feira franca, aonde primeiro chegam os que mais atropelam, gritam e ousam.

Madrasta dos paes gastos, onde falha patriotismo, aventureira de mediano pudôr, abraça-se aos atrevidos, que lhe arregaçam as mangas de colareja, e só os bem conhece, e distingue no turbilhão ensurdecêdo e capciôso, que a cerca, noite e dia.

Audaces... audaces...

Simões Dias não ousou, abroquelado na sua sinceridade espartana; gastou anos a palmilhar o caminho das secretarias de Estado, com os bolsos atulhados de pretensões dos beleguins eleitoraes, tarimbeiros de ofício, adstrictos ao barracão do ídolo, saltimbancos vários, que mais tarde desconhecêram o seu patrono; trabalhou afanosamente a favôr de um partido, que levou tôdo esse largo tempo a explorar-lhe a valia; e por último nem ao menos viu baixar até êle o que tem subido ao próprio balcão das mercarias, uma simples carta de consêlho.

Razões em barda tinha pois a donairosa musa do poeta pãra se lastimar, chorosamente, do abandono, em que se via, a pobre apaixonada!

VIII

Simões Dias e nós

Permita-se-nos nêste lugar, uma nota pessoal, que vem a pêlo, como depoimento obrigado de testemunha ocular, narradôra fiel dos acontecimentos.

Em 1863, emquanto Simões Dias, nosso compatrição, se comprazia já com as suas estrêias poéticas, nos *Prelúdios literários* e noutros periódicos, e pouco depois publicava as líricas do *Mundo Interiôr*, a nossa orfandade interrompia-nos os primeiros estudos preparatórios, e atirava com nôsco barra-fôra, em demanda de um modo de vida, que uma parentela brutal nos recusava.

As saudades do lar, onde nos ficava a santa velhinha, que nos servira de mãe; as lembranças da pátria, pungentes, quando o coração não é simples cartilagem anatómica, pungentes sempre em terra estranha, embora nada devamos á pátria, como nada lhe devíamos; e a duvidosa esperança de regresso, a mil e tantas léguas de distância, em clima adverso, — cruciavam-nos agudamente, obrigando-nos a lástimas e a versos pouco correctos, mäs muito lacrimosos.

Ano e meio, mais tarde, em principios de 1865, mandávamos a Simões Dias um volume das nossas pobres nébias manuscritas, requerendo opinião.

Colada ao nosso album de memórias, temos diante de nós, segundo documento dêste tomo, amarelenta, com a lêtra desbotada e os vincos meio dilacerados, a carta, que em 25 de abril dêsse ano, da sua mão recebíamos, pâra alem do Atlântico.

E' um inédito, que, embora de carácter particular, deve sêr conhecido, porque denuncia como, aos vinte e um anos, Simões Dias possuia o critério da

idade madura, corrigindo verduras de um inexperiente, que sentia muito, mäs que nada sabia.

Archivêmo-lo pois aqui, pàra que o tempo o não consuma, e pàra que aos nossos olhos figure como uma homenagem a mais, tributada á memória do nosso compatriçio, tal é o culto, votado ás recordações, que nos são comuns.

Eil-o:

« Respondo em poucas palavras, que a mais não alcança o tempo, á sua carta, que, se me honra tanto e por isso me confunde, não menos me enche de nobre orgulho, por vêr que de tão longe, alguém se lembra do meu nome obscuro.

« Li com interesse as suas poesias, e nelas palpei a veia febricitante de um genio embrionário, que tôdo se desdobra em flôres e saudades.

« Há nos seus versos alguma coisa, que endoidece nos êxtasis do lirismo sôlto e desinquiêto, como o balbuciar trêmulo da creança, que chora nos seios da mãe, por não podêr contar em palavras os estos do coração juvenil.

« Gostei muito, principalmente, d'aquêles gritos arrancados do peito pela saudade da pátria, a qual em todas as estrofes rebenta viva e precipitada, como o palpitar das artérias.

« E' talvêz êste sentimento, que domina e escravisa o pensar nas horas tristes e pungentes da concentração; por isso, eu não vejo senão endeixas e threnos onde eu pensava encontrar o retrato de um coração aberto ás impressões d'essas florestas seculares, d'essa vegetação robusta e nervosa das palmeiras da América.

« O seu livro agradou-me, porque me fêz crêr nos gorgeios de uma ave, que hoje mal se deixa conhecêr pelos atilos modestos e tímidos de infante. Agora que eu vejo a alta consideração, em que me quer têr, e a confiança, com que me entregou a âmbula sagrada

das suas muitas lágrimas, entendo que seria crime e remorso pôra toda a minha vida não falar com franqueza á pessôa, que de mim o exige.

« Não sou crítico, nem poderei sê-lo, mäs lisongeio-me de nunca havêr sufocado em fumos de incenso os ídolos, que por si, isto é, pela sua pobrêza, repelem os adoradôres.

« A sua estreia, meu amigo, não está nêste caso, mäs porque amanhã pode embaciar as pérolas, que teem de brilhar na sua corôa de poeta; e os homens costumam rir quando os outros choram, e, o que mais é, apontar na virilidade os defeitos da infância, aconsêlho-o a que guarde pôra si as lágrimas, não publicando ainda as suas poesias, não porque elas o deshonrem hôje, mäs porque há de um dia cortar, despidadamente, o que hoje escreve com tanto amôr. »

Bom e generôso amigo!

As suas previsões do nosso engrandecimento poético falharam, mäs o seu parecêr têve consequências benéficas: a destruição completa dos versos, que lhe remetêramos.

Corrêram largos tempos de fortuna vária: perdemo-nos de vista.

Quinze anos depois, em 1880, o bom amigo de ambos, o Domingos de Almeida, dava a Simões Dias a notícia da nossa chegada á patria, aonde aportávamos opulento de . . . trabalhos e enfermidades; e mandava-lhe um livro nosso.

Alvorçou-se, e escreveu-nos, começando por estas palavras:

« Avivaram-se no meu espírito e no meu coração gratíssimas recordações de um passado, que procuraremos reconstruir, quando eu tiver o desejado prazer de lhe dar um apertado abraço de camarada antigo e de amigo saudôso.

« A notícia encheu-me de júbilo, dêsse júbilo superiôr e inefavel, que só experimentamos quando, no

caminho da vida, tornamos a encontrar o companheiro, que julgávamos perdido pãra sempre ».

Mais tarde, quando o seu labôr visiense e a barafunda política lhe deixaram lêr o nosso livro, *A mulher — sua infância, educação e influênciã social* — remetido pelo citado amigo de nós ambos, Simões Dias publicou ácêrca dêle, no *Districto de Viseu*, um largo estudo, que afóra os trêchos, que nos dizem respeito, forma excelente doutrina pedagógica e completo conhecimento de tôdos os propagandistas, que acham graves defeitos da educação feminina, tôda eivada de ociosidade, frioleiras e hábitos de luxo e vaidade.

Abrangeu êsse escrito cinco folhetins, que deverão entrar, como publicação valiosa, em qualquer reedição de livro apropriado.

O agradecimento á fineza recebida consta da offenda e carta, com que abre a nossa obra, publicada em 1883, *Uma Viagem ao Amazonas*, onde há as seguintes frases :

« Nem tudo se perdêra da minha excepcional e desfortunada infância. Só a reminiscência de um amigo podia acompanhãr, e seguir os precalços de uma luta, que as suas expressões põem a descoberto.

« Nunca o meu amôr próprio se sentiu mais lisonjeado. Votado ao trabalho e vivendo só dêle, por êle e pãra êle, sem nenhum dos grandes regalos comuns aos dilectos da sorte, tudo isso tem pãra mim o inestimavel valôr de uma avultada compensação.

« Vale bem o melhor dos diplomas.

« Agora, meu amigo, que bem sabe que falo de sua pessoa e consigo, a quem dêvo, ausente, as expressões de maior estímulo, que me foi dado recebêr, pãra alem do Atlântico; em terras da pátria, a principal e mais retumbante de tôdas as saudações, e agora uma suave recordação da minha meninice — permita-me que eu coloque, como pedra tôsca e rude, nos humbraes do edificio, que precisamos reconstruir,

da amizade, que julgámos perdida, êste livro, oferecendo-lh'o ».

IX

Em Lisbôa

Em Lisbôa, e no ano de 1886, abraçávamos Simões Dias, pela segunda vêz, depois do nosso regresso.

Transferido de Viseu pãra a capital, foi colocado no liceu, como professôr, por decreto de 16 de setembro; e como chefe da respectiva secretaria, por despacho de 14 de outubro.

A seguir, em 1887 e 1888, tève a direção do jornal progressista *Correio da Noite*, a que consagrou, como de costume, trabalho assíduo; fundou com Candido de Figueiredo, Visconde de Sanches de Frias e Oliveira Simões *O Glôbo*, fôlha diária, que atravessou um período de três anos, 1888 a 1891; e finalmente passou a redigir o *Tempo*, com Lobo de Ávila e Oliveira Martins.

Simões Dias, ferido nos seus brios e largos serviços pela ingratitude dos partidários dirigentes, aberrara da política.

Em livro, imprimiu e reeditou as suas obras didáticas, e estampou, em edições do periódico portuense *Educação Nacional*, de que era constante colaboradôr, *A escola primária em Portugal* e o atado de contos *Figuras de Cêra*, a que já nos referimos, creações de um molde palpitante de verdade e de correctã anatomia social, a que não escapou a própria figura do autôr, que é o *João Ninguém*, com que fêcha o volume.

Schopenhauer divide os escritôres em duas classes distinctas — os de vocação e os de profissão — notando que os últimos, pãra agradar ao público, abundam extraordinariamente, e os primeiros são raríssimos.

Simões Dias, nos livros, onde a espontaneidade se manifesta, pertence aos primeiros; foi um escritôr de vocação.

Ao mencionar a sua estada no liceu de Lisbôa, onde se demorou até á morte, é justo e preciso, agora, que falemos do professôr.

Exercendo o magistério, dêse os 15 anos, pôde dizêr-se, adquiriu, pela experiência e pelo estudo, não só o melhor método do ensino, mäs tambem um sabêr variado e profundo.

Quer doutrinando sôbre a maioria das disciplinas do curso dos liceus — a gramática, o latim, a literatura, a história e a filosofia — quer examinando, em concurso de pretendentes ao magistério, ou comissionado pâra fazêr parte dos júris de exames nos diferentes liceus do reino — a sua competência professional ficou sempre demonstrada, e o seu nome ileso de qualquer suspeita deprimente.

E' esta uma asserção, que os seus próprios adversários, os officiaes do mêsmo ofício, não contestaram nunca.

Dos seus conhecimentos técnicos dão testemunho os livros elementares, de que é autôr, e que mereceram sempre não só a aprovação official, mäs ainda a adopção nas aulas da instrução pública.

E, note-se bem, Simões Dias não foi simplesmente um professôr do quilate, que apontamos; foi um pedagogista distincto.

Conheceu bem a organização do ensino nos paízes estrangeiros; foi chamado, por vêzes, e ouvido em reformas dos estudos; e pâra lhe atestar a competência pedagógica, ahi nos deixou livros de alta importância didáctica, como são — *A escola primária em Portugal, a Instrução secundária*, de que se fizeram duas edições, comprehendendo o discurso parlamentar na defêza da lei de 14 de junho de 1880, da qual foi relatôr, e a que já nos referimos; a *Theoria da com-*

posição literária, que já chegou á oitava edição, sendo póstuma a última; e a *Pedagogia oficial*, outro livro recheado de excelente doutrina e larga e proficiente discussão sôbre o transformismo liceal de 1895, comparado com as organizações similares no estrangeiro; e por fim campo de batalha, onde se repelem, em nome da sciência as acusações, que um professôr do Curso Superiôr de Lêtras ousou fazêr ás doutrinas contidas na *História da Literatura Portuguêsa*, com menos sciência e apoucada intelligência.

Em resumo: Êstes trabalhos, a par de outros, que ficaram dispersos em jornaes, demonstram que a pedagogia moderna perdeu um apóstolo fervoroso, sincero e erudito, que tève decidida influência no ramo didáctico dos liceus.

X

As Peninsulares

Não obstante o que ahi fica dito ácêrca da obra literária de Simões Dias, o seu talento poético é que lhe confere o maior título de glória, que temos por imarcescível.

Seremos sempre, como até aqui, em pleno domínio da arte, avêso a escolas e a propagandistas sistemáticos; o que havemos manifestado, por vêzes, e ainda ultimamente no prólogo de um livro nosso ¹.

E repetiremos:

Num D. Joan, a espumar de embriaguêz no recanto de uma viela lamacenta, onde se estorce na agonia da morte, sôbre a fermentação pútrida do tremedal, um cão pustulento envenenado pela strichnina

¹ *Horas Perdidas* — Poesias.

municipal — não encontramos poesia, por mais que a procuremos e rebusquemos.

A epopeia e o lirismo esquadrihados na labutação da oficina, donde saem lufadas de fumo esaldação, nos hospitaes de infeciosidade viciosa ou na trapeira das gentes de ínfima e infame condição, não os comprehendemos, nem os aceitamos.

Juvenal, Rabelais, Boileau, Gil Vicente, Bocage, Cruz e Silva e outros, que se possam considerar precursôres inocentes do desregramento, que se transformou em seita, nos próprios descomedimentos de frase, não incitavam á perversão, nem condimentavam realismos tôrpes; ao contrário, riam ás escâncaras, ou carregavam o sobrôlho, ao desnudar com malícia descriptiva certos costumes do seu tempo, simplesmente pâra os verberar e corrigir.

Descrevêl-os seriamente, como estilo e primôr de dição, com o sabôr próprio do acepipe provocadôr, que se transforma em corrosivo dos espíritos fracos ou ignaros, de que se compõe a maioria das multidões, nunca o tentaram sequer, deixando aos alcoices e á bibliografia oculta a propaganda dos vícios e cruêzas sociaes.

Os românticos... êsses ao menos, cuja escola Herculano denominou ideal, verdadeira e nacional, enflorando as suas liras de maldresilva, loiro, mirto e rosas, embora a ficção os tornasse inverosimeis por vêzes, cantavam as flôres, o sol e os campos, as ações nobres e o amôr, as mulheres e a pátria, isto é, tudo que a vida tem de belo, elevado, fortificante.

A obra de arte genial deve sêr, e é sempre, o artista com a sua índole, as suas aptidões, gôstos e temperamento.

Poderemos alistar Simões Dias nas fileiras do romantismo, por índole ou contágio da época, em que primitivamente floresceu?

Embora alguns o tenham dito, nós discordaremos

parcialmente, pois que na compleição dos que nascem artistas, podemos admitir modificações de temperamento e época, mäs pouquíssima ou nenhuma influência de escolas, salvo em composições artificiosas.

O imitadôr e o copista não constituem individualidades geniaes.

Canto como á tardinha canta a brisa
Ao perpassar nas cordas da harpa eólia,
Tal como a vaga sôbre a areia liza,
Ou como a nota, que a gemêr desliza
Por entre as verdes franças da magnólia ;
Ondas e brisas, ventos, que passaes,
Levae comvôscos pelo ar meus ais !

Môças, que estaes banhando de afrontadas
No Douro e no Genil o rosto lindo,
E vós, ó frescas rosas perfumadas,
Cujas corolas de oiro polvilhadas,
Nas veigas do Mondêgo ides abrindo,
Vinde ouvir as canções do trovadôr,
Vinde comigo suspirar de amôr !

Disse-nos o poeta ; e nisso está com o nosso modo de vêr e com a opinião, que dêle formamos.

O ar, que desfere sons vários nas franças do arvorêdo, nas cordas de uma harpa ou nas de uma lira ; a corrente, que murmura ; a onda, que deslisa sôbre a areia ; a florita, que rebenta entre sarçaes ; a rosa, que espanja galas em jardins cuidados ; o rosmaninho e a macela, que florescem á borda dos caminhos agrestes, as aves, que pipilam ou gorgêam — porque fazem tudo isso ?

Porque obedecem á ordem infalivel e invariavel da grande mãe, que os creou . . . a naturêza.

Que escolas, que sistemas e que erudição possuia o rapazito da Bemfeita, quando, em vêrdes e incultos anos, cantava como as aves, engendrando versos desataviados ?

Cantava... cantava, porque os seus cantares eram um dom espontâneo da naturêza, que o infantara.

Perdêram-se êles nas anfractuosidades da alpestre serraia da Bemfeita?

Não perdêram; deram a origem e a revestidura essencial ás canções e trovas de maior notoridade popular, impressas mais tarde; as quaes, na própria feição erudita, nada despiram do seu sabôr primitivo.

Participando um tanto do lirismo de Espronceda, da melancolia de Lamartine e do cançonismo de Beranger, Simões Dias tem um cunho de originalidade sua própria.

Não daria, na idade média, um cantadôr de gestas, mäs seria um sublimado trovadôr, zagal erradio nos alcantís das serranias e nas veigas floridas; bandolinista amoroso nos ajuntamentos das donzelas campesinas, em serões do lar, nos terreiros festivos ou no adro do presbitério; cantôr apaixonado das damas castelãs, enamoradas do luar resplandecente, polvilhado, alta noite, como em diadema, sôbre a goria emplumada do trovadôr, que desfiriria, a distância, sentado nas escarpas, enquadradas de arbustos odoríferos, o seu plectro inspirado.

Em pleno eruditismo do século XIX, descontadas as diferenças evolutivas, o nosso conterrâneo é o representante legítimo da trova popular dos tempos medievales, poeta provençal da época moderna.

Senhõra dos meus cuidados
 Dos meus cuidados senhõra,
 Por que não dás que passados
 Sejam meus males agora
 De há tanto principiados?

.....

Senhõra, que te recostas,
 No peitoril da janela,
 Abaixa os olhos á rua,
 E vê quem passa por ela.

Não é o sol, que passeia,
 Nem a réstea do luar,
 São dois olhos, que navegam
 No rumo do teu olhar.

Manda apagar as estrêlas,
 Manda recolhêr a lua ;
 Só quero por testemunhas
 Os lagêdos d'esta rua.

.....

Mal haja o amôr, que dá penas,
 Ardente amôr, que me abraças !
 De que me servem as penas,
 Se me falecem as azas ?

Se em vêz de penas de amôr
 Fôssem pennas de voar,
 Suspiros, que o vento leva,
 Não se perdêram no ar.

Ahi têm o trovadôr, na última das suposições,
 que atraz deixámos marcadas.

Raia o luar, a castelã assoma á gelosia escusa, e
 o poeta enamorado desfaz-se em versos de menestrel.

*

* *

Simões Dias, êle próprio, cremos que por se vêr,
 algumas vêzes, desacertadamente aquilatado em críti-
 cas breves delineadas sôbre o joelho, viu-se obrigado,
 na advertência da 4.^a edição das *Peninsulares*, mo-
 destamente e como lhe cumpria, a acudir pelo seu
 crédito.

Ouçamol-o :

« O breve prólogo da primeira edição d'êste vo-
 lume abria pela seguinte quadra de A. F. de Cas-
 tilho :

« Ao menos a mocidade
Tôda de amôr se enfeitice
E deixe em terno legado
Saudades pâra a velhice. »

« Servia-lhe de fêcho est'outra de Bocage :

« Incultas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ó leitôres ;
Vede-as com mágua, vede-as com piedade,
Que elas buscam piedade e não louvôres. »

« Hoje que sobre a primeira edição passaram mais de trinta anos, ainda essas quadras reproduzem á justa o pensamento, que presidiu á publicação primitiva em 1863, á reproducção em 1867 e 1876 e á reimpressão actual d'êstes versos dos dezoitos anos, ingênuos e despretenciosos como a idade que os produziu.

« Êste livro representa com efeito uma fase da mocidade do autôr ; o seu valôr, portanto, é tôdo pessoal. Mâs sendo fóra de dúvida que na direcção dos esforços individuaes se anunciam os factos de interesse geral que marcam as grandes épocas da Arte, facilmente se observará no exame das peças d'êste volume a tal ou qual tendência do espírito poetico portuguez pâra despedaçar as peias do convencionalismo romântico, e retemperar-se nas aguas lustraes da inspiração popular, a única verdadeiramente humana e sincera, como a comprehendêram entre nós Luis de Camões e fr. Agostinho da Cruz.

« Esta evolução deu-se na decada de 1860 a 1870, e foi precisamente nêsses dez anos que o autôr d'êste livro compôs a coleção das suas obras poéticas, na maior parte versos amorosos e elegiacos, de carácter subjectivo, como aliás os faziam os menestreis do tempo, e hão de fazê-los sempre os poetas meridionaes, emquanto durar o bom sol da Península que tão generosamente os ilumina e aquece. »

E é assim. Entretanto nêsses dizêres parece-nos descobrir uma ponta de receio de que alguém pudesse increpal-o pela feição simples e musical dos seus versos, que é ahi que predomina a característica do seu mérito.

Ësse receio, se existe, não tem fundamento, embora os buzineiros das modernas seitas, que por ahi cabriolam dizêres abstrusos, falhos de gramática, de metro, de harmonia e senso comum, não pensem em que a arte, salvas pequenas conveniências evolutivas de anos e ocasião, é eternamente môça e sempre a mesma, quando lhe assistem o sabêr, a inspiração e o génio.

Já o autôr do *Hyssope*, há tanto, dizia, no canto v, que, se os varões antigos resuscitassem :

« Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dição, bastardos têrmos,
Com que enfeitar intentam seus escritos
Ëstes novos, ridículos autôres
(Como se a bela e fertil lingua nossa,
Primogénita filha da latina,
Precisasse de estranhos atavios!)
Súbito certamente pensariam
Que nos sertões estavam de Caconda,
Quilimane, Sofala, ou Moçambique;
Até que, já por fim desenganados
Que era em Portugal que os portuguezes
Eram tambem os que costumes, lingua
Por tão estranhos modos afrontavam,
Segunda vêz de pejo morreriam.»

Bem fêz, por tudo isso, Simões Dias em levar a efeito uma edição revista e arrumada por êle, definitiva, pãra que fanatismos de admiradôres ou futuros empresários de minúcias abandonadas não venham dar nova disposição á sua obra, nem acrescentar-lhe, como se tem feito, em edições gananciosas, títulos, dizêres e composições completamente condenados pelo autôr.

Sabemos bem que fóra dêsse livro, não resta coisa nenhuma desperdiçada.

E' celeiro, de que não há grãos perdidos, afirmá-mol-o categoricamente.

De quatro volumes, que constituíam as *Peninsulares*, com diversos títulos, resultou um de económica grossura, onde se não alteraram elementos primitivos, em que seria imprudente tocar, màs onde se praticaram alterações, aqui e acolá, como era de esperar, e se estabeleceu por fim uma ordem completa, reformando antigas denominações, consoante a índole dos escritos.

Essa nova disposição abrange quatro partes, que se chamam — *Elegias*, *Canções*, *Odes* e *Poemas*, composições mais ou menos refundidas, nem sempre com extrema felicidade, como por mais de uma vèz advertimos ao autòr, pois era preciso não medir pela craveira do homem feito, desiludido e maguado, os versos do rapaz inspirado, exuberante de mocidade e crenças.

Na *Hóstia de Ouro*, por exemplo, que denuncia um certo predicado irónico, as passagens vestem agora trajos do último figurino, onde entram frisantes alegorias políticas, desmerecendo muito da composição primitiva.

Nas *Odes* figuram páginas de interesse objectivo, onde se comprehendem vòos d'alma de um verdadeiro crente e sentimentos de melancolia lamartiniana, que ascendem até á poesia filosófica, a cuja classe pertence o soneto *A Jesus*, que serve de portada a essa secção interessantíssima, e que não podemos deixar de trasladar pâra aqui:

Chamaram-te a esperança do futuro,
E Tu, ineu bom Jesus immaculado,
Sentias-te feliz, embriagado,
Nessa doce ilusão d'um sonho puro.

Atravessaste a vida, humilde, obscuro,
A fantaziar o advento d'um reinado,
Que nunca ninguém viu realizado,
Traço ideal de luz num fundo escuro.

Fòste no mundo a cândida inocencia,
O símbolo do amôr e da piedade,
Da perfeição, emfim, a última essencia.

Màs pâra que serviu tanta bondade
E tanto padecêr, se a Consciência,
Qual d'antes era, é cheia de impiedade?

A clara rudêza do nosso carácter tem-nos feito desviar, por vêzes, do cerrado panegírico, impróprio de nós e do nosso propósito. E assim notaremos que, sendo fiel devoto da purêza de fórma, embora material e não essencial, quizéramos encontrar na metrificacão de tãda a obra mais propositado intercalamento do verso agudo com o grave e menos frequênciam, na rima, da toante pela consoante.

Êste senão, tãdo superficial, não merece valiõso reparo, se atendêrmos ao carácter popular, que não cura de fórmas, e ao jôrro do sentimento inato, que não admite pêias.

Se considerarmos as *elegias* e as *sátiras* em separado, poderemos até encontrar nelas certo tom melancólico e ao mêsmo tempo zombeteiro usado por Camões; quanto ás primeiras, em composições como as que adiante citamos em extracto: e, quanto ás segundas, nos poemêtos *Milagre de Lourdes*, *A Espada do Guerreiro* e até em muitas passagens da *Hóstia de oiro*.

Nas elegias, como expressões de íntima mágua, vê-se claramente realizado o consêlho dado por Gœthe ao que lhe pedia um assunto pâra versos.

— «Faze um poema da tua dôr» — respondia o poeta do *Fausto*.

E Simões Dias foi, amiudadamente, o pelicano da

sua alma, de cujo sangue se formaram as suas melhores elegias.

Nas *Elegias* e nas *Canções* é que resalta muito nítida a feição peculiar do poeta, a que serviu de instrumento a inspiração nativa, entrelaçada com a verdade e o amôr.

Embora, pela cultura do verso popular, queiram colocar Simões Dias a par de autôres selectos e venerados, a quem se atribuem predicados iguaes, nós continuaremos sempre a consideral-o, pela documentação plena dos seus versos, como individualidade distincta e inconfundivel.

E, note-se, que nós encontramos nos seus versos pelo menos duas feições salientes, que, obedecendo á mesma espontaneidade de colorido, são, pelo tema e pela dição, um deliciôso e grande contraste, que só os artistas de raça, isto é, os que a arte bafejou no bêrço, chegam a realizar superiormente.

E' isto que repele uma aliança estranha; é nisto que está, a nosso vêr, a inconfundibilidade do carácter poético do buriladôr das *Peninsulares*.

Os tons vários, que o verso popular, a redondilha menor, lhe faz extraír do plectro, elevando-se ou baixando-se á gama, que muito bem lhe apraz, são estremados.

Nêles descobrimos a prova de uma opinião, que de há muito professamos: e vem a ser que, sejam quaes fôrem as afinidades e parentêscos das outras línguas, em nenhuma realça e brilha o sete-sílabo como na portugueza, onde êsse verso popular e lendário geme, tropeja, suspira, zomba, grita, sorri e canta, sejam quaes fôrem tambem os contrastes do assunto.

Vejamos, ligeiramente, por que nos vae faltando o espaço, diversos diapasões em cantares do mêsmo verso.

Sorrimos com a ligeira toada das trovas do *Tenlenço*.

O lenço, que tu me deste,
 Trago-o sempre no meu seio,
 Com medo que desconfiem
 Donde este lenço me veio.

.....

Alvo, côr da açucena,
 Tem um ramo em cada canto;
 Os ramos dizem saudade,
 Por isso lhe quero tanto.

.....

A scismar neste bordado
 Não sei até no que penso;
 Os olhos trago-os já gastos
 De tanto olhar para o lenço.

O mêsmo tom nos enfeitiça na *Tua roca* :

Meu amôr, quando acabares
 De espiar a tua estriga
 Se ouvires por alta noite
 Soluçar uma cantiga,

Sou eu, que estou a lembrar-me
 Da tua divína bôca,
 E penso que em mim são dados
 Os beijos, que dás na roca.

e na *Andaluxa*:

Eil-a que passa ! a mantilha
 Dêsde a cabeça á cintura
 Dá-lhe o aspecto de uma santa
 Em primorosa moldura.

.....

E a rosa rubra suspensa
 Do penteado singelo,
 Como estrela incendiada,
 Presa alí por um cabêlo?!

.....

Ela vae só, mäs parece
 Que um regimento a acompanha!
 Passa a flôr da Andalusia!
 Passa a formosa de Hespanha!

Gememos doridamente nas estrofes do *Moço e Velho*, escritas com sangue do coração:

Nas tristes faces cavadas
 As rugas lavraram fundo:
 Olha que tenho sofrido
 Como ninguem neste mundo!

Eu ando como um somnâmbulo
 Pelas estradas a mêdo,
 Sempre a pensar no motivo
 Porque envelheci tão cêdo.

na *Volta do Peregrino*:

Ai! quem me dera agora
 A cândida innocencia
 Dos tempos, que sorriram
 Á minha alegre infância!

e finalmente na *Melancolia*:

Luz do amôr, astro jocundo,
 Gasto a vida na ansiedade,
 Perguntando a Deus e ao mundo
 Se és um sonho ou realidade.

Sorrimos ainda no *Teu manjerico*, no *Teu canário*, na *Tua liga* e noutras composições de igual feição, tanto de encantar:

Quando te vejo entretida
 Tosquiando o manjerico,
 Horas e horas me fico,
 Alma em êxtasis perdida.

De que te serve um canário
Sempre a gemer na prisão?
Prisioneiro voluntário...
Só meu pobre coração.

Encanta-nos a musa travêssa nos rendilhados ver-
sos *A uma vizinha*:

Mal sabes, minha vizinha,
Vizinha dos meus pecados,
Que lances amargurados
Por tua causa penei,
Quando te vi á varanda,
Que fica d'aquela banda
D'onde nascia o luar,
Á meia noite, falar
Com um vulto, que ali anda
Constantemente a rondar!

Sentem-se os olhos húmidos de lágrimas no *Adeus*
e nas *Brisas do norte*:

Brisas do norte, felizes
Mais do que eu sois vós agora;
Vós cantaes ledas no espaço,
Emquanto minha alma chora.

O poeta folga ainda, e tece madrigaes de uma frescura especial e de outro dizêr tão diverso no *Drama novo*, poemêto, que só por si podia dar nomeada a qualquer poeta novíssimo dos poucos, já se entende, que escrevem em português e para portuguezes; e mostra ainda outra faculdade creadora, ao tracejar da redondilha indicada, no *Ramo de flôres*, tòdo repassado de saudades olorosas:

« Aceito-o, senhõra minha,
Como aceita o moribundo
A santa cruz sôbre o peito,
Ao despedir-se do mundo.

« Aceito-o, como se deve
De aceitar na cova escura
Os goivos, que mão piedosa
Nos vae pôr na sepultura.

Na *Silva de Cantigas*, finalmente, é onde o verso popular de Simões Dias fulgura tão rico de naturalidade, conceito e graça, que não há encontrar-lhe rival.

Apreciemos a amostra :

Meu amôr, se andas perdido,
Sem sabêr quem te perdeu,
Nos meus olhos tens a escada
Por onde se sobe ao céu.

Se eu soubesse que te rias
Quando eu suspiro e dou ais,
Tirava os olhos da cara,
Pàra nunca te vêr mais.

—

Quando foi á despedida,
Quando te apertava a mão,
Dobrou o sino a finados :
Morria o meu coração.

—

Teus olhos são mais escuros
Do que a noite mais fechada,
E, apesar de tanto escuro,
Sem êles não vejo nada.

Desentranhem-nos da alma popular versos mais finos e conceituosos do que êsses, que nós quebraremos a penna, com que traçamos estas linhas, vanglória á parte.

E por aqui nos cerramos, que mais espaço nos não sobra.

Folheiem-se, com alma de sentir, essas líricas sua-
víssimas, ora impregnadas de uma melancolia e trist-
têza terníssimas, ora engrinaldadas de bucolismos e
arcarias, entretecidas da madresilva dos ribeiros e das
flôres alvíssimas dos estevaes beirões; saboreie-se a
lêtra da *Senhõra de pedra*, da *Hera e o olmeiro*, da
Barca da vida, do *Pensamento*, da *Xácara de D.
João*, da *Branca flôr do meio dia*, do *Sábbado*; leia-
se a *Musa dolorosa*, com que abre êste livro, e os
soleníssimos versos da ode *Aos párias*; pese-se, oiro e
fio, tôda a valia das rimas christianíssimas, difundidas
largamente em algumas odes e poemas, e ver-se-ão,
com perfeita nitidêz, as duas feições distinctas do poeta
inconfundivel: trovadôr, ao bandolim, no primeiro
plano; elegíaco e pensadôr, no segundo.

*

* *

Se nos arreceássemos de errar na exposição dos
nossos juizos, podíamos recorrêr a estranho auxílio,
por exemplo, á série de opiniões críticas, que o edi-
tôr de um dos livros de Simões Dias, *As mães*, 1877,
deu em apêndice, firmadas por avultado numero de es-
critôres ácerca das *Peninsulares*; e diríamos que, ainda
há pouco, na quarta divulgação de uma parte delas, o
então chamado *Mundo Interiôr*, a imprensa letrada se
desatou em louvôres.

— São versos, que se lêem sempre com prazêr,
porque pertencem á classe dos que não envelhecem,
— dizia Barros Gomes.

— Tu serás um dos poucos, que ficam — escrevia
João Penha.

— As suas poesias têm o condão de revivêr em
tôdas as primaveras — afirmava Ramalho Ortigão.

— Simões Dias é um dos maiores poetas de toda

a literatura portugueza. Dante assignaria os seus tercetos, — exclamava Trindade Coelho.

— Graças a Deus que ainda há nesta terra alma, talento e portuguez! — acrescentava Bulhão Pato.

Màs... pàra que citar apreciações?

De facto, essa poesia terna, amorosa e tão acentuadamente nacional e humana não passará de moda; não envelhecerá nunca, porque tem o sêlo da belêza eterna. Entretanto, acima de tôdos os juizos, nossos e alheios, está o juizo do pôvo, que, em rapsódias de larga vulgarização, espalha pelos cegos ambulantes e pela gente dos campos os versos do menestrel, de quem não sabe o nome.

O melhor crítico, pois, o mais entendido no assunto é o pôvo, que confunde, com os seus, os cantares eruditos de Simões Dias, os espalha de terra em terra e os vae introduzindo nos seus cancioneiros, como se fôram obra sua!

Sucede tudo isso nas duas Beiras e noutras províncias; no Algarve, por exemplo, o erudito e falecido Estacio da Veiga encontrou quadras das *Peninsulares*, as do *Teu lenço*, por exemplo, como se fôssem de criação vulgar.

Ainda recentemente o *Cancioneiro de músicas populares*, inseriu, a pag. 276 do 3.º volume e sôb n.º 318 das canções, o *Moribundo*, uma das estrêas do nosso poeta, seguida desta nota:

« Esta canção foi recolhida em Unhaes da Serra, onde, em 1870, e na Bemfeita (patria do autôr, como sabêmos) era cantada pelos cegos, de quem a aprendeu o pôvo daquêle e de outros lugares ».

Esta assimilação é a iniludível consagração do alto senso estético, que repassa tôda a obra de Simões Dias: o que lhe dá um valôr inestimavel.

Quando um poeta, como êle, chegou a traduzir em fórmulas espontâneas, quase inconscientes, profundamente populares, o espírito tradicional da sua raça,

corporizando em versos a alma anónima da multidão, êsse poeta, que, com tanta justêza, soube interpretar o sentimento colectivo, conquistou um lugar indisputavel na história literária do seu país, a que pertence mais que a si próprio.

As escolas, que se atropelam e passam, nada têm nem terão que vêr com quem está, em effigie de além-túmulo, no seu pôsto consagrado, assistindo ao desfilar dos que chegam.

XI

Solitário e triste

Carácter aparentemente fleumático e reservado, Simões Dias, cuja compleição musculosa parecia forte, já combalido, moralmente, por desgostos políticos e profissionaes, recebia em pleno coração, seis anos depois da sua chegada a Lisbôa, em 19 de julho de 1892, o mais violento e profundo desastre de tôda a sua trabalhosa vida. ¹

Tendo edificado, no ano anteriôr, dêside os alicerces, um lar doméstico, com os confôrto, que lhe proporcionavam os seus modestos recursos pecuniários, na rua Estefânia n.º 72, viu-se coagido a desfazê-lo, no dia citado, alugando em seguida o prédio a estranhos, e indo refugiar-se em casa alheia, longe dali, com sua filha, que, três anos depois, se apartava dêle, por têr casado com seu primo, Carlos, estudante em Coimbra, onde era obrigada a ir residir.

Pâra escondêr a sua suposta viuvêz, e fugir ao convívio mundano, que o não prendia, nem lhe des-

¹ Aludimos ao seu desquite conjugal, com separação de pessoa e bens, ultimado por escritura de 29 de novembro do dito ano, inserta nas notas do tabelião Barcellos.

pertava simpatias, Simões Dias, então, fêz construir, no extremo do amplo e alongado quintal da Estefânia, uma casita, composta de rez do chão e primeiro andar, muito banhada de sol e cercada de árvores e flôres, unicamente, pàra dormida e descanso dos dias feriados.

Na solidão daquela tebaida, tanto ou quanto apropriada ao alquebramento da sua estatura moral e física, lhe avaliámos por muitas vêzes, apesar de disfarçada em aparências corajosas, a larga efervescência do seu íntimo sofrimento.

Calando incidentes dolorosos, mäs aludindo ao estado patológico do troveiro inimitavel das *Peninsulares*; ao despremiamento político, á cançosa peregrinação de vida, e á retirada e escondida habitação da Estefânia, onde se refugiara — Candido de Figueiredo, êsse outro poeta e servo tambem de uma gleba fatigante, que parece fatídica e infernalmente inventada pàra os grandes engenhos, êsse trabalhadôr emérito, que arvorou mais alto do que ninguem o pendão reformadôr dos estragos introduzidos pelos inscientes no tesoiro da nossa bela língua — no *Reporter* de 4 de novembro de 1897, escrevia o seguinte, que muito a propósito vem pàra o caso:

« Quando seguia desafogadamente a sua estrada, deparou-se-lhe a política, fêmea arrebicada e manhosa, que, como as ambulatrizes da velha Roma, percorre praças e ruas, a recrutar incautos pàra o seu triclínio, e recebeu dela palavras de mel e olhares de fôgo. Calou-se a guitarra de Almaguiva, e o poeta lá seguiu a fêmea por vielas esconsas. Seguiu-se a noite, e perdi-o de vista.

« Quando, ao outro dia, alguém supusesse vê-lo surgir distante, nalgum dos pontos mais elevados e mais arejados de Suburra, vê-lo-ia retroceder e voltar ao ponto de partida, de pés pisados e olhar triste, receando voltar-se pàra trás, que, se o fizesse, bem po-

deria convertêr-se em estátua de sal, como a mulher de Loth.

« E porque voltava êle, desalentado e triste? Porque, na sua qualidade de poeta, absôrto nas claridades do seu mundo interiôr, não têve olhos pâra vêr a trilha da sereia, e, em vêz de tomar pela estrada do Capitólio, achou-se num escuro e apertado *cul de sac*.

« Resolvido a penitenciar-se, fêz-se trapista, recolhendo-se á sua cela do bairro Estefânia, onde ninguém o conhece e ninguém o vê, e donde sái apenas em dias de prégação, pâra doutrinar meninos e imergir a capa nas aguas lustraes do trabalho independente e útil.

« Concluida em cada dia a sua doutrinação profícu e san, volta á sua cela, onde as musas o embalam, segredando-lhe tentações, que a *outra* não conhece.

« Em volta da cela, há trepadeiras e limoeiros; e quando, de manhanzinha, as avesitas ali vão chilrear, é pâra compôr a música das estrofes, que vão saindo da alma do poeta.

« Essas estrofes dilatam-se então e, difundindo-se como uma evaporação perfumada, vão cair na alma popular, como gôtas ambrosíacas de estranha e pura suavidade.

« Daqui vem que Simões Dias, poeta genuinamente peninsular, pelo seu temperamento e pelas vibrações da sua lira, é de hontem, é de hoje, e será de ámanhan, emquanto na alma peninsular ecôe essa música estranha e immortal, que os homens chamam poesia. »

Sim. Conforme supôs o notavel filólogo e poeta Figueiredo, as aves com o seu chilrear matinal compunham a música das estrofes, que a alma do troveiro peninsular ia engendrando; mäs estas não se transmitiam ao papel, porque, se a alma sentia e divagava,

o cérebro enrugado e entristecido gravitava nas escuridades de um eclipse.

De facto, não há versos notaveis dessa época. ¹

Simões Dias, a occultas, talvês pela ante-visão de um acabamento próximo, trabalhava na emenda e revisão da sua obra poética já conhecida e consagrada; o que se poderá denominar testamento literário: e, ás claras, escrevia muito, febrilmente, ao colaborar na *Educação Nacional*, do Pôrto, e em outras fôlhas de ensino e lêtras, onde se acumulam escritos, que formarão volume póstumo, como é de prevêr. 254

Cumprê notar, como incidente de rigorosa narrativa, e até pâra satisfação íntima e compensação dos nossos sentimentos affectivos, que Simões Dias, habitualmente, dedicava o primeiro dos dois feriados semanaes, a quinta-feira, aos trabalhos literários: e o domingo, passado o meio dia, a visita á nossa casa, onde, participando do nosso repasto principal e da intimidade, de que, a tôdos os respeitos se tornou merecedôr, se sentia afastado do trato social, de que fugia, expandindo-se, e gracejando por vêzes com aquella pontinha de ironia cáustica, com que tão bem sabia colorir e satirisar os aleijões da maldade, hipocrisia e patetice do género humano.

Quem se não lisonjearia com tão extremada preferênciã?

¹ Os últimos, derradeiro canto de cisnê, resumem-se em quatro quadras, compostas, um mês antes de inorrêr, a 4 de fevereiro de 1899, distribuidas no festival do teatro *D. Maria*, consagrado a Garrett, e parodiadas por nós na *Educação Nacional*, número comemorativo da sua morte, conforme se pôde vêr na *Necrologia*, que vae no fim das *Figuras de Gêsso*, prefaciadas por nós, e publicadas em 1906.

XII

Revisão dás Peninsulares

Estamos a vêr ainda, com os olhos de uma saudade infinita, o seu vulto melancólico, um tanto inclinado por uma leve curvatura de cabeça e lentidão de movimentos; testa espaçosa e scismadôra, cabelô curto e erguido na frente, nariz um pouco aquilino, faces ligeiramente cavadas, olhos fundos mãs vibrantes, bigode e môsca grisalhos; rôsto oval e simpático, trajar modesto e um tôdo bem conformado.

Estamos a vêl-o, o erudito contendôr das nossas amigaveis pugnas literárias, o comensal dos jantares domingueiros, o símile de tantos casos da nossa vida; estamos a vêl-o, sentado naquela cadeira, que parece trajar luto, dêsde que êle a deixou, junto do bufête central do nosso gabinête de estudo, voltado pâra nós, que abancávamos ao pé da secretária, onde estamos a tracejar estas linhas, encostado ao braço direito, ou a fumar, ou a preparar-se pâra isso, apertando pachorrentamente o cigarro e anediando-lhe a ponta, ântes de o levar aos lábios.

Num domingo de maio de 1898, participava-nos êle daquêle lugar:

— Apesar da minha má disposição de espírito me não dar muito pâra isso, estou empenhado na revisão, emendas e agrupamentos das minhas *Peninsulares*; tenciono, por economia, convertêr os dois volumes num só.

— Edição definitiva, como hõje se diz?

— Exactamente. Hei-de declarar que, fóra dessa edição, nada de aproveitavel deixarei disperso, pois não quero, embora valha pouco, que procedam comigo como com o João de Deus, numa edição pós-

tuma, a que juntaram peças, de há muito despresadas e condenadas por êle.

— Bem entendido, sem dúvida.

— E tenho que fazêr-te um pedido a êsse respeito.

— Dirás.

— A resenha biográfica e o estudo crítico, que não de preceder os versos, serão escritos por ti.

Nêste ponto da conversa, pareceu-nos que não tínhamos ouvido bem, pois que de mais sabíamos de elevadas e mui sabedôras entidades, que de há muito lhe solicitavam apontamentos para escritos congêneres, que refundissem e ampliassem o que da sua pessoa e obras se tinha dito.

Gargalhámos pois sobre o estranho pedido, considerando-nos mero amador de letras, desprezado de confrarias e escolas literárias, e mal avindo com o que a maioria da gente chama progresso e sabedoria; e terminámos pela negativa.

Simões Dias levantou-se, deu alguns passos para um e outro lado do gabinete, tregeitou, e, defrontando connosco, contraditou-nos abertamente, declarou que lhe agradava a nossa attitude de ouriço-cacheiro, aduziu benevolências demasiadas a nosso respeito, em larga frase; e concluiu, a uma nova recusa nossa:

— Sim, sim. Será tudo o que tu quizeres. Não prescindindo da tua penna, comtanto, bem entendido, que, ao escrevêr, te esqueças da nossa amizade. Vaes partir para o teu Pombeiro. Durante os meses da tua ausência, prepararei tudo para o prelo e para o teu exame, a que, á volta, terás que procedêr.

— Homem, vê que...

— Quando mais razões não houvera, predominaria o ardente desejo de vêr o teu nome ligado ao meu.

Depois disto, toda a resistência era inutil e mal cabida.

O nosso regresso da província effectuou-se, quase ao fim do ano.

Ao visitar-nos, uma e mais vêzes, durante um mês, e até nos colóquios domingueiros, Simões Dias não nos falou do assunto; e nós, por melindre facil de percebêr, calámo-nos igualmente.

Queixava-se de um mau-estar geral, que attribuia a defluxos e reumatismo; percebia-se-lhe, de encontro ao colarinho, um batêr violento das carótidas entumecidas.

Nós julgávamos que apenas se tratava de uma dilatação própria das pessôas, que praticam o canto, ou se entregam a bastas parlendas e oratória.

Num domingo do próximo janeiro, Simões Dias, aparentemente satisfeito, entrou-nos em casa, trazendo um rôlo volumoso de papeis, e disse:

— E' chegada a ocasião. Se cuidaste que estavas livre de mim, enganaste-te. Aqui tens, como pediste, tudo o que pude guardar das louvaminhas, que me têm sido consagradas. Bem sei que não subordinarias a tua opinião ao que os outros dizem, só porque o dizem; em tôdo o caso, liberta-te de louvaminhas; corta a direito. Acharás tambem já impresso mais de meio volume das *Peninsulares*; o que já não é mau subsídio pâra o teu estudo e exame. Aqui está.

— E o resto... quando virá?

— Pelas provas, que me são dadas com certa regularidade, calculo que a obra estará completa em fins de fevereiro. O teu escrito, paginado á romana, irá no comêço da brochura; e o final do teu exame será feito sôbre as provas, que te serão fornecidas.

XIII

Doença e morte

De facto, o trabalho tipográfico seguiu ininterruptamente.

Entretanto a saúde do grande poeta declinava mais e mais: era evidente a prostração das forças vitaes, manifestada num extremo cansaço.

Ultimamente subia arquejante as nossas escadas, ajudado por nós, ou arrimado ao braço de uma criada nossa em ocasião, em que o não presentíamos, pois que teimava sempre o nosso querido e inolvidavel amigo em visitar-nos, com a regularidade do costume.

Queixou-se de que a emenda da *Hóstia de Ouro*, conhecido poema humorístico, com que fêcha o livro, lhe saíra desageitada, como era verdade: agradeceu-nos, enternecido, o nosso trabalho, que lêra nas provas, alcunhando-nos de amigo demasiado benévolo, quando nos negámos a eliminar alguns pontos laudatórios.

A breve trêcho, por instâncias nossas e em vista do seu melindrôso estado, têve que recolhêr ao leito, não consentindo que eu noticiasse o caso em Coimbra, pâra que sua filha e genro se não assustassem.

Acompanhado, noite e dia, por uma excelente enfermeira e pelos nossos cuidados, foi cercado de tôdos os recursos necessários; no entanto, a medicina denunciava uma fatal dilatação na aorta, cuja consequência era o aniquilamento do amorôso e infortunado homem de lêtras.

Horas antes da crise final, á entrada da sua longuíssima agonia, quando a lucidêz do espírito se começava a turvar, ainda êle nos perguntava, a espaços, pelo andamento do seu livro, que ia sêr remetido ao brochadôr.

Terminadas essas poucas horas, perdeu a razão, a que succedeu um cruciante delírio, uma agonia de sessenta horas, a maior das muitas, a que infelizmente temos assistido; pelo que, á volta de nós, se levanta largo cemitério, onde se há afundado quase tudo o que temos amado na vida, parentes, amigos, família.

Nos estos da sua turvação, comtudo, ao espírito do desvairado acudia ainda, como demonstração miraculosa de um filtro indestructivel da sua naturêza privilegiada de poeta, a vaga lembrança da sua musa predilecta.

-- Filha de Apolo! — tartamudeava o ilustre moribundo, que nas vascas da morte talvêz avistasse largos intermundios de luz — Filha de Apolo! ela... é tão... bonita! O' formosa filha de Apolo!

Êste significativo chamamento, invocação divina, que parecia acompanhada de rápidos sorrisos, na hora derradeira da vida mundana, simboliza a organização especial dos verdadeiros poetas, angélicos sonhadôres, que vivem pelo espírito numa esfera rutilante de scintilações, que o comum da humanidade não concebe, nem idealiza, nem comprehende.

Na extrema escuridade espiritual de Simões Dias não houve, nunca mais, vislumbres de luz.

Quando a filha, prevenida por telegrama nosso, se lhe abeirou do leito, já não pôde sorrir-lhe; e ás 11 horas de 3 de março do citado ano de 1899, na rua Estefânia n.º 2-A, exhalava o último alento.

A' noite, propalada a notícia, os académicos, seus discípulos e admiradôres, revezavam-se lacrimosos, na camara ardente, junto do gloriôso mestre; e no dia seguinte, dia borrascôso e sinistro, com muitos membros do professorado, homens de lêtras e outros, acompanhavam-no ao cemitério oriental, onde ia sêr provisoriamente depositado em jazigo de um amigo nosso, até se realizar a trasladação, que mais tarde se efe-

ctuou, pãra Coimbra, onde jaz no túmulo de família, e cemitério da Conchada.

Não houve discursos, á borda da sepultura, porque a penumbra, a que se acolhia, em vida, o modesto sabedôr, dêsde que virou costas á politiquice nacional, não dava aso a espalhafatos gananciosos, muito do gôsto da parlapatice oratória, que, fingindo prantear os mortos, discursa pãra físgar os vivos.

Apraz-nos crêr, e isto faz bem ao nosso espírito, que o mau tempo concorreu pãra que Simões Dias entrasse no jazigo lisboêta sem palavras sentimentaes de colegas, amigos e admiradôres, embora isso prove ainda o egoismo e ingratição desta nossa tão repugnante humanidade.

O parlamento, porêr, três dias depois, a 6 de março, por proposta da presidência, occupada então pelo Dr. Simões Ferreira, a quem se associou o ministro da justiça, Dr. Beirão, em nome do governo; Ressano Garcia pela maioria e João Franco, em nome da minoria regeneradora, proclamaram por unanimidade um voto de sentimento, de que se deu parte á família do extincto.

Por iniciativa nossa e representação escrita,¹ a

¹ Êsse escrito dizia assim :

— Sendo honra e timbre das gerações modernas prezar e glorificar o nome dos que, pelas suas obras de sciência, lêtras, artes e rasgos de patriotismo, se elevam acima da vulgaridade, honrando a pátria, que os viu nascêr; e sendo essa obrigação mais de prevêr pelas autoridades concelhias da naturalidade dos grandes homens — peço eu licença pãra lembrar que os conterrãneos do doutôr José Simões Dias, poeta inconfundivel, trovadôr provençal dos tempos modernos, professôr e pedagogista abalisado, literato profundo, escritôr correcto e oradôr parlamentar, lhe devem honrar a memória, de uma maneira duradoura.

Esta câmara já deu excelente prova dos seus sentimentos, mandando lavrar numa das suas actas um voto de pezar pela pêrda de homem tão modesto como sabe-

câmara municipal de Arganil, votou o seu pêsame, resolvendo, como lembrávamos, dar á rua central, que vae da praça á igreja, o nome do poeta, e mandar colocar na casa familiar da Bemfeita uma lápide comemorativa, coisas que, apesar de muitos anos decorridos, os vereadôres de então não cumpriram nunca, provavelmente porque, não comprehendida nem avaliada e por tanto esquecida a grande obra poética, literária e pedagógica de quem foi honra e lustre do concelho arganilense, Simões Dias já não podia livrar rapazes de soldados, empregar jornaleiros, solicitar, e obtêr cargos públicos.

Do que, ultimamente, outra casta de gente camarária fêz, ainda assim apenas pela maioria de um voto, o do padre presidente, que no seu faciosismo só conseguiu arrebanhar metade da votação dos colegas, não nos ocuparemos, por tédio.

Apesar disso, quando dos ossos dos pelotiqueiros da mesquinha, faciosa e nauseabunda politiquice lá do sitio e de outras partes condignas já não existir o menor resquicio de pó, o nome do abalisado escritôr ainda será mantido e glorificado.

Sirva isto de consolação aos que engulham com a sordidêz, ignorância e maldade dos nossos semelhantes, em quem assentam êsses predicados.

A imprensa, distinguindo-se os números especiaes e comemorativos do *Gabinête dos Repórteres e Educa-*

dôr. Sendo porém a estatura do falecido digna de maior acatamento, pois que Simões Dias representa uma glória dêste concelho, vinha eu propôr, como conterrâneo e amigo, das honrarias do mêsmo concelho, se isso me é permitido, que a uma das principaes ruas de Arganil se dê o nome do illustre môrto, e se mande colocar na Bemfeita e casa, onde viu a luz, uma lápide comemorativa do seu nascimento e morte. Honrando Simões Dias, o digno município arganilense honrar-se-á a si próprio, dando um alto exemplo, que decerto servirá de estímulo a futuros beneméritos.

ção Nacional, celebrou, sentidamente e em larga cópia, o lutuoso acontecimento, que representava uma perda nacional¹; e nós, á pressa, sòb a dolorosa pressão de espírito, facil de avaliar, juntávamos, como *fólha solta*, á edição definitiva das *Peninsulares*, que o autôr não chegou a vêr brochadas, os seguintes períodos, tomados ainda agora pâra fêcho desta resenha:

Eu ando como um somnâmbulo
Pelas estradas, a mêdo,
Sempre a pensar no motivo,
Por que envelheci tão cêdo.

.....

Vivi, se vida foi, sem primavera,
A sós com Deus e a lira;
Amôr, foi como se eu nunca o tivera;
Tôdo o prazêr, mentira.

SIMÕES DIAS.

Ao traçar, há breves dias, o desadornado peristilo da sublimada galeria das *Peninsulares*, mal diríamos nós que cimentávamos os alicerces de uma cripta, e, á guisa official de certos documentos, teríamos que registrar a abertura e o encerramento do precioso livro, abertura festiva, encerramento necrológico!!

Tristíssima e custosa missão a nossa, quando as artérias nos vibram descompassadas em constante crepitação articular; quando sabemos sentir, mâs não podemos descrevêr!

A morte de Simões Dias figura-se-nos a visão diabólica de um sonho infernal.

Embora alquebrado por lances vários e antigos de acerbo desgosto, e muito enojado do trato social, de

¹ Veja-se a parte necrológica das *Figuras de Gesso*, prefaciadas por nós e publicadas em 1906.

que systematicamente se escondia, o douto sabedôr não denunciava nos estragos apparentes do seu forte organismo um têrmo próximo de vida.

Verdade era que o seu luminôso espírito, aos nossos olhos de amigo, há tempos a esta parte, perdêra uma determinada parcela da sua fulgurante irradiação, acorrentado á nervosidade de um labôr extraordinário e desacostumado, que o preocupava constantemente.

Longe porêem estávamos nós e muita gente de que êsse estado prenunciasse decisiva e próxima fatalidade.

Entretanto uma dilatação da aorta, provocada por má disposição orgânica, produzia, insidiosamente, havia muito, efeitos deletérios, e lançava o infortunado nas torturas incuráveis de uma agonia lenta e cruciante, que ia entregar a uma irremediavel viuvêz a musa inspiradôra do grande trovadôr.

Na rua Estefânia n.º 2-A, ás 11 horas de 3 de março corrente, ¹ dia borrascôso, em que a naturêza parecia insurgir-se contra o mau destino de quem tão profundamente lhe conhecêra a feição popular — Simões Dias, aos 55 anos, turvado de idéas, pois que Deus concedêra a mercê de lhe não deixar conhecêr o seu estado, exhalava o último alento, graças ao mêsmo Deus, cercado de confôrto e lágrimas.

As lágrimas do affecto formam a âmbula sagrada, onde, á despedida da terra, se devem envolvêr os corações de oiro, como o dêle.

Simões Dias morreu, como tantos homens illustres, despremiado da política, que muito lhe deve; esquecido de ingratos, que lhe sugaram o préstimo; privado de distincções cívicas e académicas, porque as não solicitou; mäs baixou ao túmulo, querido dos bons colegas, admiradôres e amigos selectos, e se-

¹ de 1899.

guido de um clamôr de bençãos, que as almas juvenis dos seus discipulos, em roda do modesto catafalco, no caminho da morada fúnebre e junto da sepultura, lhe convertêram em flôres de olorosa gratidão.

A noite do lutuôso acontecimento foi pâra êles uma noite de vela, piedosa enternecedôra, ao pé do preciôso cadáver do mestre, que êles cobriram inteiramente de violêtas, as flôres que melhor diziam com a simplicidade característica do meigo trovadôr das *Peninsulares*.

A' juventude encantadôra daquêle peregrino espírito, correspondeu perfeitamente a manifestação comovedôra da mocidade escolar.

A não sêr isso, que muito é, Simões Dias acabaria a vida sem uma distinção do seu país, pois que a única mercê honorífica, que possuia, deveu-a a uma nação estranha!

Pobre amigo! desditôso companheiro do nosso modesto gabinête de estudo, nas palestras domingueiras, nas horas de lazêr! que vácuo enorme sentimos agora, ao parecêr-nos que ouvimos os lamentos soluçantes da tua musa predilecta!!

— Filha de Apolo! — tartamudeava Simões Dias em meio do seu tormentôso delírio — Filha de Apolo! é tão bonita! O' formosa filha de Apolo!

Era a sombra vovejante da musa peninsular, sem dúvida, que êle via adejar-lhe em tôrno, nas escuridades do seu cérebro revôlto.

Por êsse extraordinário e fatídico motivo, devem a mocidade escolar e tôdos, que o amaram, mandar-lhe inscrevêr o seguinte epitáfio:

Aqui jaz o coração diamantino do poeta inconfundivel das Peninsulares, cuja musa dilecta, divindade cândida e robusta dos campos beirões e da trova prorençal, como formosa e verdadeira filha de Apolo, ungiu os lábios do grande trovadôr, na hora derra-

deira, quando elle despia o inrólucro torturante da vida pâra ascender ás alturas rutilantes de uma gloriosa eternidade.

Se Portugal tivesse, por honra sua, um pantheão digno de tal nome, êsse letreiro seria alí gravado, em lâmina de oiro, defronte dos de Garrett e Castilho, que ainda esperam por tão simples e justa homenagem do seu degenerado país, cujo amolecimento de costumes substituiu a virilidade heroica e espartana de outros tempos.

Esquecidas ou não as cinzas do poeta genial, a sua obra florejante viverá nas lêtras pátrias, que serão talvez um dia, quem sabe? o único monumento perduravel, a memória única da nacionalidade portugêsa.



Faustino Xavier de Novaes

I

Primeiros tempos — Edições poéticas

Uma tela, que se destine á representação do perfil característico de um homem illustre, para sêr fiel na sua tintagem, tem que se cingir á verdade, onde não transparêçam modalidades de fantasia, nem deslocções de colorido, nem pinceladas românticas.

Os pontos rectificadoss, as minúcias completadas, ou não sabidas, que apparecem neste escrito, singelo como é, fructo de largas e prolongadas diligências, obedecem a êsse predicado, e seguem ordem chronológica.

Alem disto, deve notar-se e hóm será sabêr-se, intercalámos os toques biográficos com os literários, a feição do homem com a do escritôr, propositadamente, porque uma se projecta na outra, com vigorosa e inquebrantavel intensidade.

Entremos em materia, sem maior divagação preambular.

Antonio Luiz de Novaes, ourives e negociante de joias, estabelecido, em mediana escala, na rua de Santa Catharina, da cidade do Pôrto tève de sua mulher D. Custodia Emilia Xavier de Novaes seis filhos, Faustino, Miguel, Henrique, Adelaide, Emilia e Carolina; o primeiro dos quaes, o Faustino, nasceu a 17 de fevereiro de 1820.

Cursou êste apenas os estudos primários e pouco mais, visto que seu pae lh'os fazia interrompêr, pâra o dedicar ao seu comércio e á profissão, que exercia.

De ânimo irrequieto e genio folgazão, mal se pôde subordinar, por largo tempo, á passividade e reclusão do estabelecimento paterno; sempre que podia, entrou a suciar com rapazes de bôa educação e lêtras, com quem pretendia hombrear; manuseou tôdas as obras literárias, que lhe chegavam ás mãos, suprindo a sua falta de sólida instrução por uma aturada e proveitosa leitura, a que ávidamente se entregava.

Talentôso por índole, graciôso e repentista, começou a poetar, satirisando coisas e pessoas com tal espontaneidade, que servia de pasmo a parentes e amigos, como era de prevêr, calorosos autôres dos primeiros louros, que colheu.

Cumpre notar, porém, que, antes de se manifestar ás claras, como poeta, trabalhou disfarçadamente, quase a ocultas, na sua aprendizagem e cultivo das belas lêtras.

Durou esta situação até aos vinte e tantos anos de idade.

A larva genial, passando ao estado de crisálida, não poderia demorar-se indefinidamente, sem se apresentar borbolêta iriante.

E assim aconteceu.

Uma noite, em dia de anos pomposos, celebrados na casa de um vizinho, deparou-se a Novaes, entre os

convidados, um indivíduo, que se apelidava Basto, e gosava a alcunha de *Cosido*.

Fôra tendeiro, engrossara em cabedaes, e tornara-se presumido, dando-se modos de fina e alta personagem.

Novaes embirrou com a figura truanêsca do tal homem, que estoirava dentro de uma rabona acasacada, riu a bom rir, e, no meio de um grupo de pessoas, que participavam do seu riso, desfechou-lhe um bom tiro motejadôr na seguinte décima :

Aquêle Basto, que outr'ora
Só vendia bacalhau,
Figos, passas e cacau,
Não é o Basto de agora :
Êle canta, êle namora,
Êle dança, e . . . que sei eu ?
Ou o pobre ensandeceu,
Ou eu estou confundido ;
Ou não é êste o *Cosido*,
Ou alguem o descoseu !

O auditório aplaudiu a brilhante revelação, que o tendeiro aposentado provocara.

A fama correu, e Novaes, a breve trêcho, sentiu a ambição e necessidade de experimentar as azas, percorrendo a área alcantilada da publicidade.

Foi feliz na tentativa, que punha a descoberto uma veia poético-satírica de originalíssimo quilate, uma voz galhofeira, incisiva, sonora e cáustica, como nunca mais se ouvira, dêsde que haviam expirado as de Borage e Tolentino.

Nos círculos rumorosos e mais frequentados, onde Faustino já se fizera conhecido pela sua chistosa conversação e ações ruidosas, os seus versos alcançaram rápida nomeada e caloroso aplauso, exceção feita das personagens alvejadas pela agudíssima fórmula da sua sátira, que abria sulcos profundos na prosápia e iracúndia de fidalgotes lôrpas e figurões endinheirados.

Por êsse tempo, a casa paterna de Novaes era frequentada, como se a ela pertencêsse, por um rapazito a quem sua mãe dedicava entranhado affecto, como se fôra filho seu, uma creança fenomenal, que pelo talento precoce de artista entrou, em breve, a sêr tido por menino-pródigio.

Faustino, que se dedicava um tanto ao culto da música, tocando flauta, entusiasmava-se com a creança, que ao piano produzia milagres de execução, sendo solicitada ardentemente pãra tomar parte em concêrto públicos.

Nessas exhibições musicaes, que fizeram época, o poeta apresentou-se em público, dando largas á sua admiração em versos seus, que recitava, consagrados ao extraordinário rapazinho, que mais tarde seria o grande pianista Arthur Napoleão, a cuja obsequiosidade devemos estas informações, justificadas por uma composição poética, que nas notas finaes, apenas a êste esbôço, terá cabida.

Em janeiro de 1852, no último concêrto, dado pelo joven artista, antes de sair de Portugal pãra a sua peregrinação europêa, ainda Novaes compoz novos versos, uns, que recitou, e outros, que ensinou a Arthur, fazendo-lh'os decorar e dizêr em público, porque eram calorosa saudação á pátria, de quem nêles se despedia. ¹

*

* *

Seduzido pela aura particular e pública, que tão rapidamente lhe sorrira, e impellido pela tendência literária, sua paixão suprema, Faustino de Novaes desligou-se das funções, que desempenhava no estabe-

¹ Êstes e outros inéditos, devidos á obsequiosidade de Arthur Napoleão, constam das *notas supplementares* dêste estudo.

lecimento paterno, onde foi substituído por seu irmão Henrique, e tentou abrir carreira pelas lêtras, em que militava então, ciclo áureo do romantismo, numerosa plêiade de homens talentosos, em que florescia já promettedora e vibrante a individualidade de Camilo Castello Branco, que, cinco anos mais novo do que êle, se lhe dedicou como bom amigo, mestre e admiradôr.

Houve um tempo, em que eram de temer os remos falados e escritos dêstes dois atletas da gargalhada, um, laminando, em prosa scintilante e irônica, setas de um ridículo ferino, e outro espargindo em verso sonoridades satíricas, que convertiam as vítimas em truões de desoladoras visagens.

Tornar-se alguém temível e temido pelo desbragamento do noticiário moderno, que devassa a intimidade de toda a gente, quando para isso lhe dão aso, fazendo rir pela chufa, pelo doesto e pela murmuração de soalheiro, não admira; conseguir, porém, a notoriedade pública pela graciosidade das maneiras, pela justiça da frase, pela gargalhada franca, sem intuito desvirtuadôr e propriamente ofensivo, pela censura moralisadora e pelo castigo da crítica, que ao incriminado não repugna abertamente, pela generalidade, que a envolve — se não é sempre um dote natural, representa ao menos uma individualidade distinta pela educação, pelo quilate da sua consciência e pela finura do sentir.

No poeta portuense, apesar das verduras da mocidade, existia essa feição natural, que se lhe distendeu por toda a vida, tornando-lhe distintos o carácter poético e a ação pessoal.

Não obstante o emprêgo, que alcançara no Banco Mercantil Portuense, Faustino de Novaes, como notamos, tentando havêr alguns recursos pecuniários do exercício literário, escreveu folhetins no *Pôrto e Carta*, com o pseudónimo de Padre Caetano; no *Periódico dos Pobres*, sob o nome de Saturno; no *Echo Popular*,

assinando *Lingua Damnada*; colaborou no *Portuense*, no *Clamôr Público*, e na *Aurora do Lima*, á compita com Camillo; foi correspondente do *Viriato*, fôlha viziense, com a assinatura de Pantaleão Pantana; da *Nação*, de Lisboa, sôb o pseudónimo de José Valvêrde, e do *Peneireiro*, tambem lisboêta, com o nome de Coruja; e escreveu ainda na *Miscelânea Poética*, e na *Grinalda*.

Decorreu êste tirocínio até 1853, notando-se porêem que o verso sobrelevava a prosa, menos tersa é ataviada do que as suas poesias, que denunciavam uma extraordinária espontaneidade.

Por esta circunstância talvez, foi que êle se associou, em 1852, a Antonio Pinheiro Caldas, o poeta mercador, tambem fugido do baleão comercial e discipulo de Camilo, pãra fundar, como fundaram, o *Barrodo*, periódico destinado a versos e colaborado por ambos, por Soares de Passos, Camilo, Guilhermino de Barros, Augusto Luzo e outros.

Em 1854, aguilhoado por sua veia satírica e por uma idêntica e recente publicação de Camilo, deu á estampa, anónimamente, como aquêle fizera, um folhêto, compôsto de dez poesias jocosas e picantes, intituladas *A Véspe do Parnaso*, a maioria das quaes, depois de corrigida, foi agregada aos dois volumes posteriôres dos seus versos ¹.

¹ Até há pouco, era-nos desconhecido êste opúsculo de 52 páginas, como o foi sempre de tôdos os biógrafos de Novaes.

Pagámol-o recentemente, como raridade, a um livreiro do Pôrto.

Intitula-se *A Véspe do Parnaso, coleção de poesias li-songeiras — por um Mordomo das Almas de Campunhã, que vem de colarinhos teos meter a fala ao bucho ao seu Juiz, author das Folhas Cahilas*.

Alusão ao folhêto de Camilo, que se assinára juiz da mêsma irmandade.

Na parte bibliográfica, propriamente dita, falarêmos com mais larguêza dessa pequena brochura, estreira, em livro, do poeta portuense.

Um ano mais tarde, terminava a publicação do *Bardo*, que Novaes havia prefaciado com uma poesia jocosa,¹ fazendo-se dêsse periódico, ainda passado outro ano, em 1856, uma edição em livro, que não é vulgar.

Coincidiu com a terminação do *Bardo*, em 1855, o vir a lume o primeiro livro do fogôso satirisadôr, batisado com o simples nome de *Poesias*, que, dentro de poucos mêses se esgotaram completamente; o que deu causa, no ano seguinte, a uma segunda e avultada edição, que, como a primeira, foi excelentemente recebida pela crítica e pela imprensa.

Ao dar notícia dela, escrevia a *Revista Peninsular*, que era dirigida e colaborada pela maioria dos patriarcas literários dessa época:

«Faustino Xavier de Novaes é um poeta satírico e jocôso, único no gênero entre nós.

«As poesias, que publicou há pouco, já têm uma segunda edição quase consumida. E' o poeta mais querido do pôvo, que se ri, e entusiasmo diante das suas zombarias métricas.

«Aquela musa, porém, está ainda na sua singelêza primitiva, pura e desenfreada, como no primeiro dia da criação. Aquêles versos deu-os a naturêza; a arte é quem ali tem menos ingerência, e contudo são suaves, harmônicos e perfeitos. Faustino de Novaes é um dos homens de mais genio do Pôrto. Sem instrução literária, sem estudo, ninguém fêz mais, e creio mêsmo que, apesar de grandes e vaidosas pretenções de erudição, há mui pouco lá quem faça tanto!

¹ E' tambem a primeira composição, com que abrem as suas *Poesias*, 2.^a edição de 1856.

«Tem escrito algumas comédias e farças, mäs nota-se-lhe a mêmä falta, que aponteí já nos seus versos. Creio porêm que, com o amôr, que consagra ao estudo, com os desêjos, que tem, de chegar a sêr um bom escritôr, e sôbretudo com o talento, com que o dotou a naturêza, Novaes há-de dar um nome á sua pátria.»

O trêcho encomiástico desta crítica, pâra não faltar á pragmática desengonçada, que mandava notar excelências a par dos defeitos, depois de afirmar que a musa de Novaes tinha a singelêza primitiva e desenfreada, e que por isso nas suas composições poéticas se descobria mais naturêza do que arte — concluía, como se acaba de vêr, por certificar que os versos eram *suaves, harmónicos e perfeitos!*

A contradição é flagrante.

Uma obra harmónica e perfeita, com tôdos os requisitos de poética suavidade, não pôde filiar-se em desenfreamentos e carências de arte; ao contrário, há-de fundamentar a sua origem na reflexão, na quietude e no estudo, embora fortemente ajudada pelos attributos de uma tendência natural.

Que Novaes, a quem falhavam demorados exercícos escolares, compulsava os bons modêlos e a lição dos mestres, ávida e frequentemente, provaram-no logo as suas primícias literárias, cuja linguagem incisiva e cáustica, tersa e correntia, apesar da sua singelêza, era de bom molde e sempre acomodada ao assunto.

O fogôso mentôr, que, principalmente, lhe servia de estímulo e guia, Camilo, pâra se elevar á suprema grandêza de primeiro romancista português e um dos melhores de tôda a literatura culta, nunca precisou de concluir um curso de bacharelato; bebeu nos livros de literatura universal e vária o precioso manancial, com que amassou a pasmosa fecundidade da sua imaginação, tornando-se um erudito de belas lêtras e um escritôr primacial, que nunca será des-

tronado da eminência, em que o consagrou seu desmedido talento.

Se manejasse uma língua mais acessível a estrangeiros, se tivesse nascido num país amigo da lêtra redonda, e não precisasse de forjar romances, de um dia pãra o outro, na incude da penúria estroina, Camilo existiria celebrado e traduzido no mundo inteiro, sem tẽr professado demoradamente cursos superiõres, nem atingido qualquer doutõramento.

Os bancos escolares ensinam apenas a estudar.

Quem fechar os livros, ao recebẽr o diploma honorífico, que ões concedem, cristalizará embrião.

E por isso é que, nẽste país de pataratas, há tanta bacharellice ignorante e õca, que só florẽja nos meandros escuros da politiquice venal e parisitária.

Novaes destilava a inspiração satírica dos moldes onde assentavam os ridículos sociaes; e aprendia a linguagem de seu uso na lição dos mestres, dos quaes, pela leitura, se abeirava constantemente. Nada mais nem menos.

Bem sabia õle que só por mania ou disposição natural, mãs inculta, ninguem podia modelar bons versos.

Manifestou-o de sobẽjo no seguinte sonẽto, com que, tão acertadamente, satirizou as pretenções de um aspirante a poeta:

Quis um joven marchar, só por mania,
das lêtras na senda trabalhosa:
diz-se vate, mãs prenda tão famosa
ninguem nos versos seus a descobria.

Começa a dar patada, e tão bravia,
que logo, alçando a voz imperiosa,
lhe brada a Natureza: — Chega á prosa!
e o maldito a encostar-se á poesia!

Vem Apolo, munido dum chicotẽ,
e, dando-lhe nas ventas dois embates,
diz, altivo e severo, ao tal pechote:

—Eu não dou protecção a bonifrates!
Se na musa inda dás mais um pinote,
encaixo-te na casa dos orates,¹

Ainda o ano de 1855 foi assinalado para Novaes pela mudança do seu estado, especialmente, visto que, a 28 de julho, realizava alegremente o seu casamento, muito de alma e coração, com «uma mulher pobre como eu — diz êle numa carta, que temos á vista —² ou ainda mais pobre do que eu; e casei porque ella me cativou o coração, prehencheu um vácuo, que eu sentia, e fêz-me crêr que eu havia de gosar, na sua companhia, a vida deliciosa, que eu tinha imaginado, e julgava possível, se encontrasse uma mulher, que me comprehendesse, tendo sensibilidade bastante para pagar com affecto toda a minha dedicação.»

II

Feição típica — Emigração

As relações de amizade e litteratice, entre Camilo e Novaes, são conhecidíssimas, e provam-se com os escritos em prosa e verso, que há da época.

O periódico *Aurora do Lima*, ao noticiar sentidamente a morte de Camilo, informou que êste residira algum tempo em S. João de Arga, arrabalde formoso de Vianna do Castello, onde o glorioso romancista

1. *Poesias*, 2.^a edição, pag. 89.

2. Carta escrita em 4 de agosto de 1860, dando conta dos seus grandes desgostos domésticos ao seu amigo sr. comendador Francisco José Corrêa Quintella, actual presidente do *Retiro Literário Português*, do Rio de Janeiro, patriota benemérito, português de lei, a quem agradecemos cordealmente os valiosos documentos e notícias, com que concorreu para este escrito.

escreveu *Carlota Angela, Scenas da Fox* e outras produções, e termina assim :

— Foi colaboradôr da nossa fôlha, nos seus primeiros tempos ; e aqui, á compita com Faustino Xavier de Novaes, escreveu folhetins e artigos humorísticos, que são verdadeiramente um modelo no seu género ».

Camilo, no *Eusebio Macario*, referindo-se a episódios da mocidade, representa Evaristo Basto, a quem noutrô lugar, ¹ donomina primeiro folhetinista do seu tempo, de braço dado com Novaes, ambos vestidos de dominó, perseguindo com chufas mordazes os mascarados insípidos do teatro de *S. João*, do Pôrto.

Entretanto o poeta satírico, a quem se podia attribuir bom humôr constante e até contentamento profundo, mau grado as expansões exteriorès e umas estroinices próprias da edade, era particularmente taciturno, e desdizia, na vida íntima, do homem folgazão, que manifestavam os seus versos e muitos dos seus actos.

Esta característica forma um contraste notavel, mäs um tanto vulgar em homens de lêtras e actôres.

É ainda Camilo quem nol-o afirma, no *Cancioneiro Alêgre*, ao dizêr que, quando tôda a gente lhe invejava a alegria, Novaes tinha intermitências de nêgra tristêza : e que, nestas crises, escrevia as suas poesias mais cómicas, e nas horas contentes as mais sentimentaes.

Esta singularidade é uma das notas mais salientes da vida de Novaes, que se avantajou aos melhores poetas do género, os quaes figuram dêsde os princípios do século XVIII até os nossos dias. ²

¹ *Cancioneiro Alegre*, pag. 96.

² São êles Gregorio de Matos Guerra, 1633 a 1696 ; Paulino Cabral, abade de Jazente, 1720 a 1787 ; Antonio Lobo de Carvalho, 1730 a 1787 ; Antonio Joaquim de Carva-

Tributando á leviandade mundana e á mentira adjacente o acertado valôr, que ela merece aos espíritos esclarecidos, nunca o poeta, em vida, firmou com o seu nome, publicamente, quaesquer líricas de íntimo desafôgo e ainda menos os versos lacrimosos, que só póstumamente se deram á estampa.

O público folgazão e banal, sempre desinteressado das máguas alhêias, nada lhe merecia fóra do arraias satíricos.

A chufa e o riso eram o alimento, que êle, a pre-mêr por vêzes, sentidamente, o coração, atirava com notavel bom senso ás fauces escancaradas dêsse abutre, ávido de escândalos e risota.

Seja Novaes, em algumas das quadras plangentes, que escreveu, já ao declinar da existênciã, no album de uma dama, quem superiõrmente nos mostre, com tôda a nitidêz, a intenção do seu procedêr e a desusada feição do seu carâcter¹.

Se impávido, outr'ora, da vida na estrada,
com plácido rôsto, seguro, marchei,
não foi que eu a achasse de rosas juncada;
pungentes espinhos, mil vezes, pisei.

E a dôr, que era forte, dobrar-me podera,
se a face eu voltasse da sorte ao rigôr;
valeu-me a coragem... altivo que eu era!
chamava o sorriso dos lábios á flôr.

E o riso enganava, tão dôce, tão brando
qual riso, que ao mundo venturas só diz;
e o mundo, que o via nos lábios brincando,
olhando-me, incauto, bradava: — E' feliz! »

lho, 1740 a 1817; Nicolau Tolentino, 1741 a 1811; Bocage, 1765 a 1805; e Francisco Palha, actualidade.

¹ *Poesias posthumas*, 1870, pag. 31.

Mentida aparência, tão pura, tão calma,
no peito escondia tão nêgro pesar,
que a mágua, latente, jazendo em minha alma,
não vinha aos ditosos seu luto mostrar.

E a lira empunhando nos cantos festivos,
mais ledo, mais vivo, fingindo prazêr,
sarcasmos profundos, em vôos altivos,
deixei pelo mundo, bem livres corrêr.

E os anos corriam... e a frente elevada...
e o riso nos lábios... e a fala a mentir...
e a lira cantando. . e a voz esforçada...
e as máguas ocultas... e o povo a sorrir!

Magnífico instantâneo de fotografia animada re-
presentam êstes apropriados e sentidos versos!

E' o caso de se dizêr: — Tôdas as apreciações
acatarás, mäs a tua... não deixarás.

*

* *

Segundo o próprio testemunho de Novaes, expres-
so na carta, a que nos referimos, a vida doméstica,
apesar de certa asperêza de genio de sua mulher,
empregue especialmente contra os servos, deslisava
regularmente.

O poeta não se considerava desditôso.

A mordacidade dos versos cáusticos, atirados, ás
claras e de chofre, á corcova borbulhosa, ôca, laza-
renta de alguns figurões do Pôrto, creou-lhe, entre-
tanto, profundas antipatias e até inimizades, apesar
da sua grande popularidade; e os embaraços do lar
doméstico, a que faltavam os proventos de um emprê-
go, superiôr ao que tinha, fizeram-lhe lembrar a ex-
patriação pâra o Brasil, onde ecoava, lisongeira e

afortunada, a aura invejavel dos seus ruidosos escritos, em que figurava, como elemento principal, a 2.^a edição do seu livro de poesias, feita em 1856, cuja avultada tiragem de uns poucos de milhares de volumes se espalhara largamente pelas dilatadas regiões de Santa Cruz.

Alem de tudo isso, acoroçoava-o a esperança da proteção, que lhe poderia dispensar um tio de sua mulher, Antonio Redrigues de Azevêdo, Barão de Ivahy, negociante de grôso trato, estabelecido em Itaguahy. Do pensamento á realização mediou um pequeno espaço.

Apesar do altíssimo aprêço, em que era tido, e da custosa despedida da casa paterna, aos 38 anos de idade, partia Novaes, em companhia de sua mulher, a bordo do paquete *Tamar*, com direção ao Rio de Janeiro, aonde chegou a 3 de junho de 1858, e onde tève excelente acolhimento de portuguezes e brasileiros, distinguindo-se entre êstes o bemquisto e já então afamado poeta Casimiro de Abreu, que fêz circular a sua cordeal e retumbante sãudação do seguinte modo:

Bem vindo sejas, poeta
a estas praias brasileiras!
Na patria das bananeiras
as glórias não são de mais.
Bem vindo, ó filho do Douro!
A terra das harmonias,
que tem Magalhães e Dias,
bem pode saudar Novaes.

Vieste a tempo, poeta,
trazêr-nos o sal da graça,
pois co'os terrôres da praça
andava a gente a fugir;
agora, calmando o mêdo,
e ao bom humôr dando largas,
a comprimir as ilhargas,
agora vão tòdos rir.

Entre tôdos os paquêtes,
 que o velho mundo nos manda,
 eu sustento sem demanda:
Tamar foi o mais feliz;
 os outros trazem cebôlas,
 vinho em pipas, trapalhadas;
 êste trouxe *gargalhadas*,
 sem sêr fazenda em barris.

Venha a sátira mordente,
 brilhe viva a tua veia,
 já que a cidade está cheia
 dêsses eternos *Maneis*:
 os barões andam ás duzias,
 como os frades nos conventos,
 comendadôres aos centos,
 viscondes a pontapés.

Aproveita êsses bons tipos:
 há-os aqui com fartura,
 e salte a caricatura
 nos traços do teu pincel;
 ou quer na prosa ou no verso,
 dá-lhes bem severo ensino;
 resuscita Tolentino,
 embeleza o teu laurel.

Pinta êste Rio num quadro:
 as lêtras falsas dum lado,
 as discussões do senado,
 as quebras, os trambulhões;
 mascates roubando môças,
 e lá, no fundo da tela,
 desenha a febre amarela,
 vida e morte aos cachações.

Oh! canta! o povo te aplaude,
 e os loiros p'ra ti são certos!
 acharás braços abertos
 no meu paterno torrão:
 se és português lá na Europa,
 aqui, vivendo comnôsko,
 debaixo de còlmo tôsko,
 aqui serás nosso irmão!

Bem vindo, bem vindo sejas,
 a estas praias brasileiras!
 Na pátria das bananeiras
 as glórias não são de mais!
 Bem vindo, ó filho do Douro!
 A terra das harmonias,
 que tem Magalhães e Dias,
 bem pode saudar Novaes.¹

A êste aplauso de sabôr fraternal, acrescentou a imprensa brasileira cumprimentos de requintada afebilidade.

III

No Rio de Janeiro — Desventura doméstica — Desastre comercial

Ao comêço, na tentativa de vários meios de vida, Novaes colaborou, como folhetinista, no *Jornal do Comércio*, a mais importante fôlha fluminense, onde publicou, no próprio ano da chegada, e no seguinte, 1859, uma longa serie de *Palestras*, em verso, subscritas por C C; as quaes ainda hõje se conservam dispersas; e o romance *Um dote em papel*, anos depois agregado ao seu livro *Manta de retalhos*.

Não arranjou logo residência fixa, mäs facilmente se relacionou com diferentes entidades, no meio das quaes se distinguiam os vultos principaes da colonia portuguesa, de que faziam parte — em abastança e comércio, o conde de S. Mamede e o da Estrêla — em lêtras, José Feliciano de Castilho — em lêtras e comércio, Reinaldo Carlos Montoro, Ernesto Cibrão,

¹ Esta poesia faz parte da 2.^a edição póstuma das *Primaveras* de Casimiro de Abreu.

² Vive ainda quase octogenário. Foi íntimo de Novaes, a quem, um dia, chegou a cedêr a própria casa, em

Fernando Castiço, Antonio de Almeida Campos,¹ Manuel de Mello,² Joaquim de Mello, Francisco José Corrêa Quintella,³ José Coelho Louzada, Augusto Emilio Zaluar⁴ e outros.⁵

Seis mêses depois da chegada ao Brasil, é que Faustino de Novaes se resolveu a permanecêr no Rio de Janeiro, na firme tenção de estabelecêr uma loja de livros e papelaria, sôb a proteçãõ e auxílio do tio de sua mulher, alugando por isso casa de moradia e prêtos pãra o respectivo serviço.

Êste último elemento, a criadagem prêta, segundo o triste relato, que está deante de nós, e a que já nos referimos, foi o início dos seus grandes desgostos domésticos, visto que sua mulher, excessivamente geniosa pãra os criados, demandava castigos, a que o marido se recusava, por injustos e contraproducentes.

Até ali, como tambem corrobora o distincto amigo de Novaes, sr. Corrêa Quintella, passara aquêle uma vida suave: tôdos o queriam, exhibia-se por *eucomenda*, porque, alem do poeta, que sabemos, e homem

que morava. Possui alguns inéditos do poeta. Negou-se, porém, a dar cópia de qualquer dêles, e a fornecêr esclarecimentos uteis.

¹ A êste amigo consagrou versos, que se lêem, a pag. 176, das *Poesias Pósthumas*.

² A página 113 e seguintes do mêsmo livro comprehendem poesia dedicada a êste nome.

³ Êste amigo, o principal dos nossos informadôres, cavalheiro que muito auxiliara Novaes na colocação das edições dos seus livros, figura tambem, a pag. 178 e seguintes das *Poesias Pósthumas*.

⁴ Êste poeta lisboêta foi o primeiro e mais íntimo amigo, que têve Bulhão Pato, na sua mocidade, segundo o autôr da *Paqueta* relata no seu livro *Sôb os cyprestes*.

⁵ Das suas boas relações tambem mais tarde fizeram parte os poetas brasileiros Pereira da Mota e Machado de Assis, que posteriôrnente entrou na família, casando com sua irmã Carolina.

espirituoso, tocava flauta, tendo-se por melhor flautista que poeta, e não se fazendo rogar demasiadamente para executar os trêchos do seu reportório, com tanto que alguém soubesse acompanhá-lo ao piano.

Eram das suas íntimas relações o conde e condessa de S. Mamede, em cuja casa, ao que parece, fôra apresentado por Fernando Castiço, íntimo e futuro genro d'esses titulares, homem sabido em lêtas; o qual mais tarde regressou á pátria, morrendo, há anos, conselheiro, em Braga, sua terra natal, de cujo santuário do Bom Jesus deixou uma *Memória Histórica*.

O conde, homem de reconhecida influência, incitava Novaes para a carreira comercial.

Quando regorgitava de esperanças sobre o futuro, embora o maguassem dissensões íntimas provocadas por sua mulher, por quem era constantemente insultado e desatendido; e quando tratava de inaugurar o seu estabelecimento, sobreveio-lhe a maior tortura de toda a sua vida.

O seu lar doméstico tornara-se, havia muito, num verdadeiro inferno; e êle, após um deploravel conflicto, teve que abandoná-lo, a 16 de janeiro de 1860, visto que a sua bondade, conselhos e prudência de nada serviram, no longo espaço, em que fôram exercidos, para contêr as diatribes da espôsa, cuja incompatibilidade de génio lhe tornava o viver intoleravel.

A sua irascibilidade subiu ao ponto de lhe afastar de casa todas as relações, e de convertêr as rixas, que na separação, da sua parte, chegaram a vias de facto, em escândalo público, que a própria polícia teve que vigiar, e seguir de perto.

Por intermédio de amigos, decorrido certo tempo, com promessa de mesada e ponderosas razões, alguém fez vêr á espôsa a conveniência de regressar a Portugal.

Pareceu concordar, mäs, depois de paga a passa-

gem no vapôr transatlântico e feitas despêzas demasiadas pàra as posses do marido, recusou-se a embarcar, ocorridas várias peripécias. Só mais tarde, e a muito custo, regressou ao Pôrto. ¹

Por sêrem do domínio público, e constituirem utilidade histórica pàra esta narrativa fiel, é que o nosso devêr de cronista regista êsses factos, que ensombra-ram o resto da vida do infortunado poeta.

Sete mêses depois do inevitavel apartamento, a 4 de agôsto de 1860, ainda êle, tão maguado por desgostos acerbos, na missiva dolorosa, que temos á vista, e foi endereçada ao seu amigo Quintella, escrevia assim :

« Nunca mais dormi uma noite socegado, perdi o apetite, começou a aborrecêr-me a sociedade e tôdas as distrações, que ela oferece; fugiu-me quase totalmente a memória, e, durante o mêz de maio estive quase idiota, sem a intelligência necessária pàra traçar uma linha.

« Aproveitava qualquer momento lúcido, se posso assim dizêr, pàra escrevêr alguma carta, mäs fazia-o com grande dificuldade.

« A minha constituição extraordinariamente robusta, cedeu ao pêsso do martírio, e uma velhice prematura revela o que eu tenho sofrido. Em tão pequeno espaço tornou-se branco quase tôdo o meu cabêlo, emagreci extraordinariamente; e hoje sinto-me fraco e abatido, como nunca me senti.

« Veja o meu amigo se eu, em tal estado, poderia fazer versos, pàra cumprir o devêr de manchar uma página do seu album! Não era possível; creia, porém, que eu aproveitarei o primeiro momento de socêgo de espírito pàra satisfazêr o seu desêjo.

¹ Onde, depois de enviuar, contraiu segundas núpcias, continuando a assinar-se Ermelinda de Novaes.

« E poderei eu fazêr versos jocosos? Duvido, porque me domina uma pungente mágua, e só poderia chorar em verso a minha infelicidade, embora eu noutros tempos condenasse as lamúrias poéticas de muitos dos meus colegas.

« Eu condenava-as, porque sabia que eram idealizadas; eu desgraçadamente sinto a realidade da dôr.»

Valiam a Faustino, pàra íntimo desabafo, a convivência de Ernesto Cibrão, com quem fôra morar na rua do Catumby, após a saída do lar doméstico, e a proximidade do irmão Henrique, que viera, havia pouco, de Portugal, e êle conseguira estabelecer, pela influência e crédito dos seus amigos, com loja de ourives, officio aprendido no estabelecimento paterno.¹

Amargurado e triste, Novaes sentia-se falto de energia pàra o tráfego do mister, a que se entregava, o comércio de papelaria e livros.

Esta fase da sua vida era bem diferente da que presidira á inauguração do seu estabelecimento, cujo início e funções comunicou jubilosamente a tôdos os indivíduos e colegas de lètras, com quem, de perto ou longe mantivera relações de certo vulto, em Portugal.

Era uma aurora ridente, que fulgira nos ceus do seu destino, luminosa, fulgurante de dôces illusões e abundantes esperanças.

O maviôso poeta Palmeirim foi um dos literatos, a quem Novaes se dirigiu no estilo faceto do seu dizêr originalíssimo, dando parte da sua iniciação no gremio dos negociantes fluminenses.

— Fasenda melhor do que a minha — dizia-lhe êle

¹ Henrique chegou a viajar pelo interiôr da província do Rio de Janeiro, em propaganda do seu negócio, màs têve que o desfazêr, por falta de assiduidade e tino, regressando ao Pôrto, em 1864, e passando-se, anos depois, a Penafiel, onde morreu em 1881.

em carta, que temos diante de nós — não será possível encontrar-se em tódo o universo e *seus arrabaldes*.¹

Entretanto o comércio da papelaria e livros era mal administrado e peormente sucedido.

Quase sempre os homens de lêtras mal se harmonizam com as trêtas.

Em Novaes, alem de um desaso natural, havia um enorme pesadume.

Depois de certo tempo, pouco havia pãra fazêr face ao passivo comercial relativamente consideravel; o que originou gravíssimos desgostos ao poeta, que se encontrava a caminho de uma falência, pelo clamôr e ameaças dos credôres, onde entrava, como mais exigente e irreconciliavel, o dono do capital, o pseudo-protectôr barão de Ivahy, tio de sua mulher.

Rodrigo Pereira Felicio, o abastado conde de S. Mamede, já dito, provou então, com a magnanimidade de uma grande alma, que era um verdadeiro amigo.

Condoendo-se da precária situação, que podia arrastar Faustino da ruina ao supremo descrédito, avaliando com justêza o seu enorme desgosto, liquidou-lhe o estabelecimento, pagou os créditos, onde entravam dez contos ao tal barão, e entregou-lhe por fim a quitação com um desprendimento e generosidade, que denunciavam um carâcter altamente filantrópico e bom!

Pãra êste benemérito nunca devia têr, nem têve, limites a acendrada gratidão de Novaes.

¹ Carta, que nos foi confiada pelo filho do falecido poeta Luiz Augusto Xavier Palmeirim, o illustre administradôr de Grândola, sr. Julio Palmeirim, cuja finêza agradecemos. Dal-a-emos na integra, quando chegarmos às *Notas Suplementares*.

IV

**Desolação — Um affecto maternal
— Tentativas literárias**

Depois do seu desastre comercial, o poeta auferia recursos do emprêgo, que alcançou na repartição estatística da *Praça do Comércio*.

Pelo tempo adiante, e no meio da sua desolação e doenças, a porta, que mais francamente se lhe abriu, foi a de uma casa, a cujos saraus musicaes e dansantes costumava concorrêr, albergue providencial, onde se lhe deparou uma amizade desinteressada e profunda, ou antes, o affecto maternal de uma senhõra edosa e viuva, cujos filhos, correspondendo á solicitude da mãe, acarinhavam Novaes, como se seu irmão fõra.

Era titular a illustre dama, que tão notavel e benéfica influênciã exerceu na peor quadra da vida do poeta; era a baronêsa de Taquary, viuva do general brasileiro Manuel Jorge Rodrigues, barão de Taquary, á qual fõra apresentado, ao que parece, pelo médico portuguez dr. Luiz Augusto Ferreira Soares, casado com uma sua neta e muito amigo de Novaes.¹

A residênciã dèste passou a sêr em casa da com-

¹ E' isso o que, incertamente, dizem as nossas informações. Nós acreditamos antes que o apresentante fõsse Miguel Cordeiro da Silva Torres e Alvim, relações anteriõres ás do medico Soares, por sêr genro da baronêsa, casado com D. Josefa, sua filha mais velha.

Esta nossa suposição prova-se com as palavras de suma gratidão, com que Novaes ofereceu a Torres e Alvim o seu livro *Manta de Retalhos*, pag. 11, palavras que pouco adiante mencionamos, transcrevendo-as, e se referem claramente á época, em que o poeta foi protegido pela baronêsa de Taquary.

passiva senhõra, que morava, com sua família, na rua Estacio de Sá, n.º 18, hõje 30.

Deu-se isto em 1861.¹

Por devêr de gratidão patriótica, deve-se á posteridade o nome desta benemérita dama.

*

* *

A mesquinha fortuna de Novaes era pesadamente agravada pela obrigação, que o amôr filial lhe fizera tomar, da avultada remessa mensal de trinta mil réis fortes a seu pae, que não fõra feliz no negócio da casa comercial, e que continuava a vivêr no Pôrto.

Embora soubesse, por experiência própria, que seria difficil angariar largos meios pela penna, ao notar-se que, na capital brasileira, havia a falta de um periódico illustrado de lêtras e artes, Novaes tentou supril-a, principiando em 15 de setembro de 1862 a publicar *O Futuro*, colaborado por escritõres de aquem e alem do Atlântico. Em 1 de julho do ano seguinte, porêr, terminava a existência dessa publicação esmerada, de que chegámos a vêr alguns números, por falta de pagamento de numerosos assinantes e pelo traiçoeiro procedimento de um credõr, um negociante, que se dizia protectõr da emprêsa e amigo do empresário.

¹ D. Julia Fernandes, senhõra portuguesa, de 54 anos, moradõra, actualmente, na rua do General Severiano n.º 88, Rio, entrevistada pelo sr. Quintella, disse que, quando, orfã de pae e mãe mortos de febre amarela, foi caridosamente recolhida, aos 9 anos, pela baronêsa de Taquary, já em casa desta encontrou o poeta Novaes, que lhe fazia muita festa, e, por brincadeira, lhe chamava *tia Julia*. Ora, deduzindo 9 de 54, e tirando o resto da época, em que estamos, claramente nos aparece o ano de 1861.

Num livro, que posteriôrmente deu á estampa ¹ o infortunado redactôr do *Futuro*, dá-nos ideia do caso e do tal amigo, em nota de duas páginas, de que destacamos os períodos a seguir:

—Tentando a publicação, encontrei nêle um dedicado protectôr, um infatigavel agente em procura de assinaturas, que realizou em grande número. Não havia aqui credôr nem devedôr; havia um homem rico, protegendo um amigo pobre.

«Publicado o primeiro número, quis encarregar-se da remessa aos assinantes, que grangeara, pedindo-me igualmente os recibos, não só pãra êsses, como pãra tôdos os que tivesse nas mesmas terras, angariados por outras pessôas.

«Não se esqueceu o devotado amigo de me ponderar as vantagens resultantes do seu assinalado serviço: teria certa e prompta a cobrança, o que era indispensavel numa emprêsa nascente e dispendiosa; não pagaria percentagem a cobradôres, nem me sujeitaria a recusar!

«Não era pãra desprezar a oferta, que aceitei e agradei, entregando-lhe tôdos os recibos, na importância de alguns contos de réis.

«Sabendo que dois meus amigos, seus caixeiros, se empenhavam com ardôr em benefício da minha emprêsa, recebeu dêles — pãra me entregar! — a importância das assignaturas, que haviam grangeado.

«Ainda não parou aqui a dedicação; fêz mais; *guardou tôdo êsse dinheiro*, sem me dizêr palavra a tal respeitô!

«Ferido já por outros calotes, não pôde *O Futuro* resistir a esta passagem pela Falpêrra! morreu, como era natural».

Êste pagamento de atrazada conta, por mão pró-

¹ *Manta de Retalhos*, pag. 93 e 94.

pria, é, em verdade, de um notabilissimo desvergonhamento.

Pelo que respeita a maus subscriptores, Novaes ainda formulou a sua queixa em verso, numa carta a Camilo Castelo Branco: ¹

Adiante. Subi um furo,
fui ás nuvens elevado,
sou redactôr do *Futuro*;
màs olha que estou *passado*,
que o presente é ôsso duro.

Vou roendo, e de maneira
que sinto os queixos doridos;
màs é minha a culpa inteira,
pois dizem os entendidos
que fiz uma grande asneira.

Eu sei que sêr jornalista,
com maus versos e más prosas,
andar dos cobres na pista,
é nestas eras formosas,
têr olhos, e não têr vista.

Màs não foi só essa, amigo,
a asneira, já confessada;
falo em segredo contigo:
— Cuidado, não digas nada
do que, baixinho te digo.

Veio *O Futuro* a terreiro,
e aos assinantes foi dado:
màs, depois, fui tôle inteiro,
e confesso-o, envergonhado...
mandei-lhes pedir dinheiro!

Que parvo fui! que pedante!
pude julgar, indiscreto,
nestas coisas ignorante,
que era uma *letra* o prospecto
e o que assinou *aceutante!*

¹ *Poesias Posthumas*, pag. 13, *Cancioneiro Alegre*, de Camilo, pag. 533.

Seguiu-se o castigo ao crime;
bradaram muitos: — Não pago!
E o que de pagar se exime
não se abranda pelo afago,
nem esta queixa o deprime!

E a casa tem senhoria,
querem paga os gravadôres,
quer paga a typografia,
querem-na alguns escritôres,
e eu... também a aceitaria.

E quem pagou por inteiro
o preço da assinatura,
se eu fôr vendêr o tinteiro,
ou goste ou não da leitura,
dirá que sou caloteiro.

Hei-de ir pela rua adiante,
bôlsa leve e roupa gasta,
e ouvirei de voz possante:
— Que firma! E' poeta e basta!
comeu-nos! Oh! que tratante!

A consciência, inda sem chaga,
há-de incomodal-a a fama;
e a nossa língua é tão vaga!
— Camilo... Como se chama
o que assinou, e não paga?

.....

Isto, amigo, não se atura!
Tu escreves a cavallo;
modera mais a andadura:
tempo, que dás de intervalo,
não chega pâra a leitura!

Mês, se intentas, bem montado,
corrêr o mundo, em que moras,
sempre em galope dobrado,
quando lá não haja esporas,
não quero vêr-te parado.

Dou-te assuntos verdadeiros,
em que hás-de marchar seguro ;
mando-te nomes inteiros
de assinantes do *Futuro*,
màs é só... dos caloteiros.

Desventurado Novaes !

Chama-se a isto brincar com a própria desventura, em lêtra redonda ; no que primou sempre, o que prometeu, e cumpriu, como homem de brios, que era.

Uma certa rudêza aparente encobria um carácter probo e leal, e conferia-lhe a suposta excentricidade, que, de ordinário, se attribue aos infelizes illustres.

V

Um livro em prosa — Elevada classificação do poeta

Em outubro de 1863, passou Novaes a sêr folhetinista do *Correio Mercantil*, onde começou a publicar a interessantíssima série das *Cartas de um roceiro*, revista quotidiana e panorâmica dos costumes locais, cuja feição censuravel ou ridícula avultava ao espírito do autôr, como ponto obrigado da sua crítica de observadôr sensato, embora risonho, a quem escandalizavam frioleiras, vícios e preconceitos, que mais salientes se tornavam joeirados pela ingenuidade atribuida a um pobre roceiro, provinciano de bôa fê, que, iludido, se resolvêra a permanecêr por algum tempo na côrte imperial.

Alem dêstes escritos hebdomadários, sempre entremeados graciosamente de um estribilho, arrancado á feição popular, os quaes se estendêram até junho de 1864, Novaes sustentou colaboração na *Revista Popular* e no periódico, que a substituiu, o *Jornal das Famílias*, de que era editôra a livraria Garnier ; e escreveu as comédias *Scenas da Fox* e *Um Ber-*

nardo em dois volumes, representadas no teatro de S. Pêdro de Alcântara, e architectadas sôbre alicerces burlêscos.

No ano seguinte, 1865, reuniu alguns escritos dispersos em volume, que apropriadamente intitulou *Manta de Retalhos*, e ofereceu a um amigo íntimo, o estadista Torres e Alvim,¹ a quem manifesta profunda gratidão na carta, que serve de prefação.

Alguns períodos dão-nos ideia do que, a sério, pensava Novaes da sua situação, estado de alma e fortuna.

Dizia êle ao amigo:

« — Tratemos agora da causa, que me deliberou a embulhar o seu nome nesta *Manta de Retalhos*.

« Sabe o meu amigo que a infelicidade, minha antiga companheira, o foi também, sem convite meu, na viagem, que fiz, em 1858, de Portugal para o Rio de Janeiro. Acostumada ao domínio absoluto, exacerbaram-a ainda mais os esforços, que a hospitalidade praticara para me arrancar ás suas garras; e o seu poder, zombando de afeições sinceras e de generosos rasgos, pesou sôbre mim com tôda a sua fôrça.

« Emquanto a vi estabelecida á porta do bôlso do colête, exercendo uma fiscalisação, que ninguem lhe encomendara, prohibindo a entrada ao dinheiro, bem pouco me incomodou o seu domínio.

« Nunca pensei que a riquêza me faria feliz; nunca a ambição me guiou por caminho, que eu não pudesse trilhar sem guia.

« Mäs a infelicidade, que me encontrara invulneravel por êsse lado, fignou-me profundamente pelo coração,² e levava-me de rastos, nem eu sei para onde,

¹ Genro da Baronêsa de Taquary, a quem, há pouco em nota, atribuímos a apresentação do poeta em casa dessa caritativa dama.

² Perfeita alusão aos seus desgostos domésticos, que acabaram pelo desmembramento do lar conjugal.

quando uma robusta mão lhe impediu o passo, tomando generosamente a defêza do mais fraco!

«Essa mão era a sua, meu bom amigo; e, dêse então, eu seria ingrato se não julgasse a felicidade, que d'ahi me proveio, mais poderosa que a desventura, que, por outros lados, tem continuado a perseguir-me».

Como trêcho irrefutavel de sentida auto-biografia, é precioso o excerto, que acaba de sêr lido.

*

* *

Alem de poeta de uma saliente envergadura, que sempre tivêmos por maior que a de Tolentino, ainda antes de conhecêr opinião idêntica do grande Castilho, como em seguida se verá, e a que já por vêzes aludimos, Novaes era músico amadôr, como tambem já indicámos levemente, tendo-se por melhor flautista que poeta.¹

Na sua mocidade conviveu muito com artistas do género, a cujo contacto deveu os seus estudos musicaes, destacando-se entre êles, o insigne rabequista Sá Noronha, seu mestre e amigo íntimo.

¹ Do mêsmo modo que o afamado Arthur Napoleão, que tão amigo foi de Novaes, cuja casa paterna frequentou em pequeno, se considera melhor executante de rabeça do que pianista! — diz-nos com graciosa ironia o nosso venerando correspondente sr. Corrêa Quintella.

Arthur Napoleão, roubado infelizmente á arte e á pátria pelo tráfego comercial, baixando do apogeu da glória á banca de negociante, e seguindo o preconceito de Novaes, não pôde, como êste, sêr juiz em causa propriamente sua. Ainda que o tentasse, por tôdos os meios, não poderia desfazêr a merecida consagração de grande pianista, que aos 9 anos percorreu a Europa, dando concêrtos.

Dá-nos boa nota dessa intimidade a *Epístola* a Noronha, ¹ de que fazem parte êstes versos:

.....

Sons *agudos* também dás, com bravêza,
Que eu não posso imitar porque me falta,
Pâra dar-te os *agudos*, a *agudeza*.

.....

Subindo com maneiras circumspectas,
Tu vaes da *escala* ao cimo, enquanto eu fico
No mais baixo da *escala* dos poetas.

.....

Dás *oitavas*, e eu dar-t'as não promêto,
Sim, como tentará chegar a *oitavas*
Quem lhe custa fazêr um só *tercêto*?

.....

Quanto ás suas habilitações, como flautista, que fugia de tocar, por modéstia, está claro, deante do seu amigo Arthur Napoleão, diz-nos êste gloriôso artista, em carta que está deante de nós:

— Poucas vêzes ouvi Faustino tocar flauta, porque a isso se esquivava deante de mim, apesar da familiaridade, que havia entre nós. Podia-se ouvir nas peças do seu reportório, que não era de primeira força. Êle admirava muito o grande flautista Reichert, então no Rio de Janeiro, e procurava interpretar algumas das obras dêsse grande artista.»

Sabe-se muito bem que o poeta se distraía a tocar flauta, instrumento da sua paixão, e que por vêzes foi concertista muito notado, não em espectáculos públicos, pâra que se negava, mâs em saraus particulares, onde era estimado e aplaudido.

¹ *Poesias*, 2.^a edição, pag. 304.

A festa familiar dos anos da baronêsa de Taquary, que se lhe afeiçoara com amôr maternal, protegendo-o, tornando-o seu comensal e agasalhando-o, emquanto tève fôlego de vida, era pàra Novaes ocasião solene, obrigada a música e versos.

Vem aqui de molde a transcrição do primeiro sonêto, que èle lhe recitou, em cuja lêtra transparece o verbo saliente da sua imensa gratidão. ¹

Da vida na viagem tormentosa,
Vi o mar levantar-se enfurecido ;
Quase sem rumo, já, quase perdido,
Julguei a morte certa e dolorosa.

Màs vi terra por fim ! De árvore anosa
A' dôce e amena sombra recolhido,
Alma nova ganhei, que, esmorecido,
Era-me a vida, já, longa e penosa.

E os ramos dêsse tronco e as tenras flôres
Pendendo pàra mim, foi tal o efeito
Que vivo agora só dos seus amores.

Màs... meu estro, nascido em campo estreito,
Não pode, ignaes ao *dia*, erguêr louvôres :
Abafa a gratidão a voz do peito.

*

* *

Em 1865, ainda de parceria com Carlos Montoro e Emilio Zaluar, escritôres e poetas seus compatriotas, estabelecidos aquêle, como negociante, em Vassouras, e êste guarda-livros na capital, tève Novaes avultado quinhão nos festêjos e homenagens, com que a colonia portugûesa obsequiou ruidosamente a nossa trágica Emilia das Neves, que fôra ao Rio em excursão ar-

¹ *Poesias Póstumas*, pag. 107.

tística, sendo êle o encarregado da saudação em verso, publicada anónima em nome dos portuguezes residentes nessa cidade. ¹

E' que Novaes votava uma cega adoração aos artistas e literatos eminentes do seu país, cuja glória, enchendo-o de justificado orgulho, se lhe avolumava rutilante na sonhadôra irradiação do seu vivêr nostálgico.

Por isso rendêra êle a Emilia das Neves uma grande homenagem, nascida da sua compleição de artista; e por isso publicava em dezembro de 1866 uma poesia dedicada a Antonio Feliciano de Castilho e denominada *Glória ao Génio*, escrito, em bôa hora pensado e levado a efeito, visto que grangeou pàra o autor uma elevadíssima classificação do mestre.

O grande poeta do *Amôr e Melancolia* mandava a Novaes, em 8 de maio do ano seguinte, em que têve conhecimento dos seus versos, uma carta de agradecimento, onde, depois de reflexões várias, por vêzes amargas, sôbre o método de leitura repentina, em que andava empenhado, dizia o que vae lêr-se:

.....

« Qualquer que fôsse o vulto literário de V. S.^a e pouca, ou pouquíssima, a sua proficiencia poética, real, sempre esta cordeal saudação me teria encantado, porque enfim, a alma é sempre a alma, e o amôr, pàra quem o conhece, nunca deixa de têr um valôr inestimavel, mäs que não será quando o que nos vem abraçar, e sentar-se por um momento ao pé da nossa lida, pàra nol-a auspiciar em bem com os seus cânticos, é um poeta incontestavel, como acontece nêste caso?!

« Sim, sr. Novaes, V. S.^a o é, e mêmso duplica-

¹ Esta composição, que é um poemêto, e que se distribuiu em folhêto, lê-se a pag. 82 das *Poesias Póstumas*.

damente. Nicolau Tolentino de Almeida, de quem eu me ufano com sêr parente por afinidade, passava com razão por havêr aberto e cerrado entre nós a poesia satírica; as severas, mäs infloradas disciplinas, com que a musa folgasã açoita e enxota os vícios e ridículos, tinham ficado pendentes no loureiro, que, á mingua de tûmulo, lhe serve de monumento; ninguém aspirava a succedêr-lhe; considerava-se o seu livro como a última palavra no género, como os *Lusiadas* da sátira; V. S.^a (em tudo a lei do progresso!) subiu com pé firme ao throno vago d'aquêlê príncipe, e dêsde a primeira hora provou que era êle mesmo renascido e melhorado. A corôa de V. S.^a, apenas começada a te-cêr, é já brilhante; persevere, que, se os auspícios de um homem, costumado a tirar certos os horóscopos aos poetas nascentes da nossa terra, o não enganam, o capítulo de Novaes, na hisótria literária de Portugal, tem de eclipsar o de Tolentino.

« V. S.^a não há-de brilhar só na espinhosa especialidade, em que êle se afamou e que V. S.^a nunca fará descer, como êle, até á baixêza da lisonja mendicante; V. S.^a não há-de sêr só um moralista risonho, e expurgado das cóleras pessoas de Boileau, da hydrophobia mordacíssima de Aristófanes, dos satíricos romanos, de Aretino, de Bocage e de Macedo; há-de ao mêsmo tempo (e esta sua mal intitulada homenagem ao genio o revela) há-de corrêr honrôso estádio com os poetas graves e heroicos, com os cantôres sisudos, com os arautos do sublime ideal, que paira, com os Hugos e Lamartines, por cima dêste universal e contínuo refervêr do trabalho humano.

« Prosiga V. S.^a as suas duas estrêlas, que ambas elas devem conduzir ao bem, acêsas e irmanadas, como fôram, pela Providencia; estude, medite, ame, corôe-se dos ódios da inveja bem merecida, e o futuro é seu.

« Do meio dèsses ódios, ou atravez dos silêncios despresativos, que talvez tambem o aguardem, V. S.^a

se aplicar o ouvido, perceberá sempre, enquanto eu vivêr, pensar e sentir, uma voz sincera e amiga a celebrar de longe as suas victórias.

«E essa voz, quando nenhuma outra se escute, será a minha.» ¹

VI

Carta a Camilo — Desânimo — Último livro

Nesta altura, Camilo Castelo Branco, que sempre entretivera espaçada correspondência com o amigo e companheiro da mocidade, indagava-lhe saudosamente da vida, entremeando a missiva com perguntas várias.

A resposta, que veio em carta extensa, datada de 23 de outubro de 1866, última recebida por Camilo, dá-nos cópia exacta da situação física e moral de Novaes, cuja vitalidade enfraquecia aos embates do desânimo, que era a sua extraordinária sensibilidade, ferida por frequentes dissabôres.

— Responderei agora — escrevia o poeta, a meio dos seus sinceros dizêres — ás tuas últimas perguntas e reflexões sôbre a possibilidade de não nos tornarmos a vêr. E' isso o mais provavel e quase certo.

«Eu não conto voltar a Portugal; e o desêjo, que tenho, de abraçar-te não me compele a trair a amizade, aconselhando-te que venhas cá. Não sonhes semelhante desatino. Verdade é que eu cá estou; mas entre nós há diferenças incontestaveis. Tu não podes sêr senão literato; nascêste só para isso: eu nasci artista, fiz-me literato por mania; a mania passou; e comquanto eu reconhêça que não sou de tódo burro,

¹ Encontra-se esta carta no *Archivo Universal*, TOMO I n.º 7.

amoldo-me ás circumstâncias, e trabalho em tudo, que se me oferece.

— E' obrigatório que venhas rico? — perguntas-me tu.

«Desgraçada ilusão é essa. Então, apesar de quanto daqui te tenho dito, entendes que a riquêza no Brasil é só questão de tempo? Pois, meu amigo, não tenho um vintem de meu.

«Dêvo agora antecipar resposta a esta pergunta: — Então que fazes no Brasil?

«Respondo: aqui paga-se melhor do que lá tudo que não seja trabalho literário. Tenho actualmente dois emprêgos; labuto muito; satisfaço a obrigação, que me impuz, de mantêr mensalmente a meu pae 30\$000 réis fortes: o resto chega-me pàra viver, tendo casa e mèsas gratuitas,¹ não indo a divertimento de género algum, e vivendo uma vida modesta.

«Agora dize-me: — Acharia eu ahi trabalho, que me dèsse o necessário pàra continuar a protecção, que hoje dou a meu pae?

«De certo não. Seria acêrto ir mendigar um emprêgo? E não é tudo. Os meus infortúnios deram causa a rasgos de abnegação da parte de pessoas, de quem me não poderia separar pàra sempre.

«A minha mais profunda afeição é uma senhòra, que no dia 19 dèste mês completou oitenta annos. Achei nela mãi extremosa; e neste momento correm-me as lágrimas, porque a tenho perto de mim quase moribunda.

«Vou sofrêr uma dôr profunda. Sei que respeitas êstes sentimentos. Entrei em casa desta santa quase louco. Sofreu-me, e curou-me com resignação santíssima, salvou-me com desvelos maternas. Vivo em

¹ Em casa da senhòra titular, a quem nos referimos, e a quem o autôr da carta vae referir-se.

sua casa, há quatro anos; e dizem-me os filhos que ela me estima talvez mais que a êles, embora se julguem, como são, adorados por ela.

«Não nos demoremos neste doloroso assunto. Prometti contar-te a minha vida, e pouco te disse ainda, quando caminho no cabo da quarta página.

«Será o assunto de outra carta com igual extensão.¹ O que ainda posso dizêr-te é que do antigo Novaes, que tu conhecêste, estimaste, guiaste e ensinaste, só resta a robustêz *cavalar* e a paixão pela música.

«Toco flauta desesperadamente. Saio para o trabalho ás 9 horas da manhã, recôlho ás 4 da tarde, janto; e torno a sair no dia seguinte.

«Fui ultimamente a um concôrto do Arthur Napoleão, que me convidou pela terceira vêz, e porque esta família me obrigou a ir. Nêsse dia fazia oito mêzes que eu tinha passado uma noite fóra até ás 10 horas. Só faço versos quando me pedem, e não posso eximir-me. Linha espontânea não escrevo uma só.²»

Destas linhas rêsalta o estado mórbido, enervante, em que se afogariam as faculdades creadoras do boníssimo homem e gloriôso poeta, que para cúmulo de desdita, ao findar do próprio dia, em que escrevêra a Camilo, perdia a sua bemfeitôra.³

Os dois emprêgos, a que Novaes aludia, em 1866, na carta a Camilo, e a que devia os seus recursos, com que fazia face á elevada quantia mensal, remetida a seu pae; eram — o de secretário da *Associação internacional de emigração* e o de encarregado da

¹ Carta que, como fica indicado, não chegou a escrever.

² *Cancioneiro Alegre*, pag. 530.

³ A baronêsa de Taquary faleceu, aos 80 anos, em 23 de outubro de 1866, e foi sepultada no cemitério de S. Francisco de Paula, a 24, carneiro n.º 5607.

estatística comercial da *Praça do Comércio* fluminense, os quaes exerceu, sem larga duração, emquanto lh'o permitiu o estado doentio do seu espirito abatido.

Em 1867, imprimiu em volume de 404 páginas as *Cartas de um roceiro*, a característica serie de folhetins, a que já nos referimos, precedendo-a de alguns períodos preambulares, que começam assim :

— Este volume não é volume; é um fardo. Contem uma variedade de miudêzas expostas ao público, em porções eguaes, nas lojas do *Correio Mercantil*, por obséquio dos illustres proprietários do edificio.

« Essa exposição, começada no dia 1 de novembro de 1863, terminou em 12 de junho de 1864; e o expositôr, sr. *Bernardo Junior*, retirou-se para a roça, deixando aqui as fazendas armazenadas. Voltando agora, e precisando desocupar o armazem, tomou a resolução de reduzir as mercadorias a especie menos volumosa, de modo que lhe coubessem na algibeira, onde há sempre espaço devoluto. Custa cada lote dois mil réis (vale 2\$500) moeda do Brasil. Não lhe chamo moeda fraca, porque vejo os fortes dobrarem-se ao seu podêr ».

Por último Novaes, floreando sempre, mercê do dom privilegiado, que possuia, como ninguem, a graça cómica com a aparente e costumada alegria, termina por declarar que o negociante *Bernardo Junior* tinha a honra de participar aos seus freguêses e ao respeitavel público que, para evitar confusões, resolvia assinar-se: *F. X. de Novaes*.

Foi esta a sua última publicação; e o ano, em que ela se realizou, 1867, o derradeiro, em que houve do seu engenho notícia pública.

VII

Secção bibliográfica e crítica

Convem aqui, nesta altura, contemplar a generalidade da obra de Xavier de Novaes, aquilatando-a ao de leve, para não avolumar o conjuncto dèste escrito.

Vem a sêr chronológicamente :

Escritos dispersos nos periódicos portuguezes *Pôrto e Carta*, *Echo Popular*, *Periódico dos Pobres*, *Portuense*, *Clamôr Público*, *Aurora do Lima*, *Viriato*, *Nação*, *Peneireiro*, *Miscelânea Poética*, *Grinalda e Bardo*; no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, onde pena é que ainda existam, sem estar convertidas em livro, as *Palestras*, em verso, e o romance *Um dote em papel*; na *Revista Popular*, *Jornal das Famílias*, no *Correio Mercantil* e finalmente no *Futuro*, periódico êsse, em que, alem de várias críticas e humorismos, em prosa e verso, se encontram *O dinheiro*, paródia ao 1.º canto dos *Lusíadas*, e um bosquejo biográfico do general brasileiro Manuel Jorge Rodrigues, barão de Taquary, de quem era viuva a senhôra, a cuja bondade deveu Novaes desinteressada protecção e amizade de raro quilate, e a cuja memória teremos ainda que nos referir gratamente.

A VÊSPA DO PARNASO, *coleção de poesias lisongei-ras — por um mordomo das almas de Campanhã — que vem de colarinhos têxos metêr a fala ao bucho ao seu juiz, autôr das Fôlhas Cahidas — obra de cem réis que vale um pataco, por sêr muito instructiva e de grande proveito para quem não sabe lêr — 1854.*

Como já notámos, a matéria poética dèste opús-

culo de 52 páginas foi refundida, na maior parte, e intercalada nas edições dos versos posteriôres, á excepção de quatro composições insignificantes, que foram despresadas, e do seguinte soneto, que fêcha o folhêto :

Já lêstes ! Ora então que vos parece ?
 Não sou benigno até, não sou prudente ?
 Quando tanto escritôr nos ferra o dente
 Eu espeto o ferrão, que só aquece.

E qual é que de vós não agradece
 Minha extrema bondade tão patente ?
 Se alguém se recusar, é indecente,
 E maior ferroadada então merece.

Nunca injustiça tal ninguem me faça !
 Pois quando simpatias só requesto,
 Hei-de ouvir-vos ralhar ? Ora... isso é graça !

Sois tolerantes, sois ; não o contesto.
 Seringuei-vos um pouco ? Foi chalaça.
 Perdão !... Pâra a outra vèz irá o resto.

O chefe da irmandade, a quem Novaes aludia burlêscamente, era o seu dilecto amigo Camilo Castello Branco, que, pouco tempo antes, influenciado pela denominação de *Fôlhas Cahidas*, dada por Garrett ás poesias, que, em 2.^a edição, publicara, havia poucos mêses, em 1853 — fizera imprimir um folhêto de verrinas sórdidas, em maus versos, intitulados — *FÔLHAS CAHIDAS APANHADAS NA LAMA por um antigo juiz das almas de Campanhã e sócio actual da Assembléa Portuense, com exercicio no PALHEIRO. Obra de quatro vintens e de muita instrução — Pôrto 1854.*

Novaes, aludindo ao juiz de Campanhã, autôr das *Fôlhas Cahidas*, empregou uma forma vaga e indiscreta, que deu aso a que, á primeira vista, se suposesse que se referia a Garrett, único autôr dos versos assim crismados, pois Camilo, a quem verdadeiramente se

dirigia, escrevêra as *Fôlhas cahidas apanhadas na lama*; o que é muito diferente, e levava a engano quem não conhecesse a verrina de Camilo ¹.

Tem-se dito e até escrito que *A Vêspa do Parnaso* foi resposta ao folhêto do grande romancista. E' inexacto. Camilo, nos seus maus versos, dirigiu diatribes a diversas entidades, na generalidade. Novaes, nas suas poesias, bem mais correctas e humorísticas, satirizou personagens e costumes, que em nada se prendem aos assuntos de Camilo, a quem sómente aludiu no frontispício do seu escrito, como se acaba de vêr, chamando-se, modestamente *mordomo* do juiz de Campanhã.

Mais nada.

POESIAS, 2.^a edição de 1856 — Pôrto. Novaes, pertencendo já á pleiade brilhante dos que desprezavam os arrebiques fabulosos, ainda recentes, dos pastôres da Arcádia, artifícios e denominações, que não quadram ao resurgimento romântico da época, a que parecêram tão falsos como ridículos — castigou sobranceiramente em linguagem tersa, de variada inspiração e formas novas de humorismo cáustico e sensato, o orgulho, a hipocrisia, a ignorância, o pedantismo, a basófia e finalmente os crimes e vícios da comédia social.

A sua superioridade sôbre a obra de Tolentino está na larguêza dos quadros, na variedade do feito e do assunto, na espontaneidade da inspiração, na au-

¹ E' de notar que, na mêmra época e ano de 1854, ainda apareceram as *Fôlhas cahidas apanhadas a dente*, outro folhêto, que Pedro Diniz deu ao prelo, sôb a assinatura de *Amaro Mendes Garêta*, antigo colaboradôr do *Palito Métrico*. Estas, sim, estas poesias de extraordinária correção e fluência são as que, em parte, dizem respeito ás *Fôlhas cahidas, de Garrett*, donde tiraram epigramas e trêchos parodiados.

sência de artificios arcadianos, e até, é muito, no reflexo da sua pessoa, como homem altivo e de brios, a contrastar com a nojenta pedincharia do professôr de retórica.

O carácter moralisadôr e a fecunda inventiva de Novaes manifestam-se, especialmente, nas poesias, cujas estrofes brincadas e cadentes terminam por adágios e provérbios portuguezes.

Praticando tôdas as formas de metrificação, arcou por vêzes com extremas difficuldades, de que é exemplo admiravel, além de outras, a *Epístola* de 76 versos, em tercêtos rimados uniformemente com palavras exdrúxulas de arrevesada pronúncia, como dèste começo :

Não sei por que hõje estou tão sorumbático,
Màs é certo que vou pàra o pathético,
Mais que pàra o jocôso e epigramático.

Dizem que quem mais sofre é mais poético,
Màs, eu sou, em taes casos tão exótico,
Que ora de gêlo estou, ora frenético ;

E dou, em cada verso, um bom narcótico,
Ou me torno mordaz, e sou tão crítico,
Que muitas vêzes chego a sêr despótico.

Màs, se devo comtigo sêr politico,
Vou chamar e invocar o favôr métrico,
Sáia o canto mordaz, sáia analítico ;

Sáia exótico, emfim jocôso ou tétrico !
Màs... fatal propensão ! pàra o sarcástico
Já começa a impelir-me um fogo eléctrico.

.....

E assim por diante.

Bem sabia Novaes que as vîctimas do seu estro lhe boquejavam no nome com despeito e má língua ; e por isso, noutra *Epístola* final do seu livro escreveu :

.....

Màs o crítico audaz, que tem coragem
 Pâra dizêr, em acra linguagem,
 Quando pôde sentir dentro do peito,
 — Embora possa alguém, ao *sêbo* afeito,
 Por tomar pâra si o correctivo,
 De grande exclamação achar motivo —
 Èsse inimigo tem em tôda a vida,
 Com tôdos anda em guerra desabrida.
 Nêste caso estou eu, presado amigo.
 Pequeno, como sou, eu não consigo
 Fazêr acreditar que os meus queixumes
 A's pessoas não vão, sim aos costumes;
 E sou na opinião de certa gente,
 Por dizêr as verdades... maldizente.

.....

Um dos indivíduos, de quem o poeta tinha conquistado as malquerenças, seria, sem dúvida, um rico e asquerôso velho, por apelido o *Janeiro*, que pretendia casar com uma formosa rapariga, e que foi cruelmente satirizado nêste sonêto:

Tu não tens um espêlho, desgraçado,
 Onde possas ir lêr os desenganos?
 Não sabes que, vergado á força de anos,
 No teu próprio nariz tens tropeçado?

Nêsse teu chapelório homisiado,
 Em veludo envolvido e finos panos,
 Que vales, se não fazem taes enganos
 Ao presente voltar o que é passado?

E pretendes casar c'uma beleza?
 Não vês que se uma joven te quisera,
 Só a mira levava na riquêza?

Vae nas contas rezar, e considera
 Que fôra grande insulto á naturêza,
 Ajuntar-se o *Janeiro* á primavera!

NOVAS POESIAS. — 1858 — Pôrto. Justificam plenamente a reputação do autôr, elevando-a, e fazendo

crêr aos seguidôres do progresso literário que o horóscopo de Castilho saíra certo, como de quem na sua antevisão de conhecedôr e mestre, não podia enganar-se facilmente.

Camilo, no comêço dos seus versos, dedicados a Novaes, dizia, num raptô de admiração :

.....
 Tu, que ás coisas dás o nome,
 Que elas têm, como Boileau,
 Diz-me se é louca mania
 Debicar nesta poesia,
 Onde tu campeias só?

Versejar é simples coisa ;
 Rimas tôlas qualquer faz ;
 Mês prender idéa a idéa,
 Com fecunda e rica veia,
 Como é, não me dirás ?

.....

E em prosa, na carta que fêcha o livro, referindo-se a um passado ainda recente, exclamava o grande romancista, aludindo á attitude de Faustino, diante das prepotências sociaes :

.....

— Era belo vêr-te em pé, diante de uma sociedade cancerosa até ás medulas, tu, artista, tu operario, tu dependente dos caprichos dum vulgacho insolente, era belo vêr-te superior a ti mêsmo empurrado por impulsão estranha, cujo alcance nem tu próprio antevias, sarjar fundo por estas carnes pòdres, chorriscal-as com o cautério da mofa, afogar o rugido dos lazarentos com a gargalhada pública!

« Foi então que eu receei muito pelo teu corpo.

« Olhei em redor de ti, e não vi os marquêses, que abroquelavam o Tolentino das sanhas da gentalha ; não vi o anteparo real, que defendêra Molière das iras dos marquêses ; não vi a tua algibeira recheada da munificente esmola do trono, que facultava o escárneo inexoravel de Boileau.

« Vi-te sosinho, Novaes, e algum raro amigo de ti e do teu talento, acoroçoando-te com os gabos da imprensa, furtando-te á meditação do risco, em que te punha o astro indomavel, no meio de uma gente, que te encarou a mêdo, que te fugia com rancôr.

« Como foi que a fidalguia dêstes reinos te não contundiou os lombos com o cabo da enxada, herdada dos avoengos ?

« Não sei. E' certo que, até á data desta, o teu còrpo passa incólume por entre as feras, como qualquer dos meninos dos lagos dos leões; e a tua alma multiplica-se em robustêz, em coragem, em ardimento, em petulância contra os filhos mestiços da felicidade e da asneira.

« Sinto isto, acabando de examinar as provas do teu segundo volume de versos ».

.....
 A fidalguia, a que Camilo se reportava acremente, com a sua mordacidade característica, e que mais tarde tanto solicitou e merecidamente obtêve, não era a nobilitação digna daquêle nome, e sim a do simples dinheiro.

Ouçamos Novaes :

Sustentava um ratão que a fidalguia
 Em ouro só fundada, era uma asneira ;
 Que a distinção, em tôdos frioleira,
 Na rica estupidéz crime seria.

Outro, que o grave assunto discutia,
 O metal argüir julgou cegueira,
 Por *fidalgos* crear dessa maneira,
 Visto que outros milagres já fazia.

Promete aquêle então, com juramento,
 A' *burra*, que dinheiro só encerra,
 Sempre *excelência* dar, dêsse momento.

A' justa decisão não faço guerra,
 Que é bem que tenha a *burra* o tratamento,
 Que tantos *burros* têm na nossa terra.

A chave dêste sonêto é verdadeiramente bocagiana.
 Qualquer género satírico encontrava em Novaes fa-

clima adaptação, de que daríamos ideia completa aos que desconhecem a sua obra, se não fôra o nosso intuito de evitar a prolixidade.

Vejam a simples amostra de um dos seus epigramas:

Um rico velho avarento,
Já bem prestes de expirar,
Pára fazêr testamento
Manda o tabelião chamar.

Com timbre de voz roufenho,
Diz o velho, a suspirar:
Deixo tudo quanto tenho... »
E não podia acabar.

O tabelião, cansado
Do seu tempo em vão gastar,
Tendo escrito, diz, zangado:
— O resto? Queira ditar. »

— Deixo tudo quanto tenho... »
O velho torna, a chorar.
Pára um pouco, e diz, roufenho:
— Porque... o não posso levar! »

Uma amostra joco-séria, escrita num album muito pequeno:

Diz Faustino de Novaes:
Que, por têr comprida a mão,
Tambem tem dêdos, que são,
Na deformidade, iguaes;
E como enchem coisas taes
O pequeno album, que vê,
A seu dono pede que,
Se quizer obra melhor,
Lhe mande um album maior,
E receberá mercê.

Estas linhas constituem um mimo de graciosa inventiva.

E por último, com referênciã ao volume das *Noras*

poesias, transcrevamos um sonêto, que é uma fidelíssima página da crítica social embora se não trate da escrita em albuns :

Num album escrevêr é nêgra emprêsa,
De que o vate jámais sae triunfante.
Se é no canto singelo — é ignorante;
Se é pompôso — renega a naturêza.

Se não cita ninguem — mostra pobrêza,
Se faz mil citações — é um pedante;
Se é pródigo em louvôr — é repugnante,
Se não louva — não tem delicadêza.

Se dá cantos de amôr — é um babôso,
Se em prosa escreve só — quer sêr rogado,
Se escreve em prosa e verso — é orgulhoso.

Se enche muito papel — é desalmado,
Se breve assunto escolhe — é preguiçoso,
Se recusa escrevêr — é malcriado.

SCENAS DA FOZ — 1859 — Rio de Janeiro.

Nunca vimos esta comédia, que consta de 59 páginas impressas, e que foi representada no teatro de *S. Pedro de Alcântara*, daquela cidade, onde subiu á scena também *Um Bernardo em dois volumes*, outra comédia, que não sabemos se chegou a imprimir-se.

MANTA DE RETALHOS. — 1865 -- Rio de Janeiro.

Já mencionámos êste livro, oferecido ao estadista brasileiro Torres e Alvim, íntimo do autôr, a quem no dizêr do prefácio, de que já fizemos um ligeiro extracto, prestou serviços de grandíssima valia.

E' uma miscelânea de variado sabôr, um desopilante de tristêzas, respigado em periódicos de efêmera duração, e característico do *ridendo castigat mores*, divisa de Novaes, que ria em público, ainda quando o coração sangrava lágrimas, de que os olhos só davam

sinal, quando ninguem, estranho á sua intimidade, lh'as podia vêr.

Destacaremos de um episódio romântico uma ligeira amostra, dedicada, como outras, a quem desconheça o autôr ou só o tenha aferido pelos versos.

Um homem maduro, em quem principiavam cãs respeitaveis, e que aos 35 anos já era irmão do Santíssimo, mordomo de uma confraria, tesoureiro de duas e comendadôr de algumas ordens, perdeu-se de amôres por uma bailarina italiana, e presenteou-a com a seguinte missiva:

« Adorada Angélica. *Reinava a dôce paz na santa igreja*, onde eu te vi pela primeira vêz, e pela segunda, sendo esta depois da outra, com certêza...

« Elevavas a Deus êsse terníssimo olhar: e eu, simples mortal, comprehendí logo que lhe pedias um homem, que te adorasse, ou dois, quando muito. Se soubesses que eu estava alí, não precisavas de incomodar-te. Não o sabias. Tôlo fui eu por não t'ô dizêr. E' o mesmo.

« Como estavas bela, elegante e fascinadôra! Eras um anjo, angélica Angélica. A belêza, a intelligência e a sensibilidade bailavam alegremente sôbre êsse teu animado rôsto, meigo na sua palidêz, apesar de sêr um pouco moreno. Paciência! ha-de sêr do sol.

« Lias no livro ás avessas, com extraordinário desembaraço, e eu admirei o podêr do teu talento, pela certêza de que não poderia lêr do mesmo modo uma única palavra. Tambem não é preciso. Se eu adivinhasse, ou alguém me dissesse que eras estrangeira, talvez te fizesse uma grave injustiça, supondo que o livro fôsse escrito em alguma língua desconhecida no país, em que nascêra a que debes ter na bôca. Tens de certo. Era um êrro. Uma mulher, como tu, maneja tôdas as línguas conhecidas, e não desconhece as que mais tarde hão-de inventar-se.

« Em último caso, aprende-as.

« Quando saiste da igreja, segui-te os passos ; entraste em casa, e eu fiquei cá fóra ; conversei com as vizinhas, e soube que fazias parte de uma companhia de baile. Bem bom.

« Havia espectáculo nessa noite ; fui ao teatro ; e lá me apparecêste mais bela ainda, se bem que um pouco menos recatada. Melhor. Não estavas tão pálida, mäs fôste empalidecendo gradualmente, ao passo que as amáveis companheiras te roçavam pelas faces os folheados folhos das sáias em voluptuosas evoluções. Não desgostei.

« Eu tinha sido, na mocidade, altamente apaixonado das artes, preferindo a dança a tôdas
. Vendo-te dansar, eu senti : com tôda a certêza, não sei bem o que senti. Eu estava perto do palco, em que voltejavas aerea como um passarinho. Quem sabe se, despedindo pàra o meu lado um daquêles divinos pontapés, dados com pés de ponta, me tocaste o cérebro, já escandecido pela presença de tão maravilhosas maravilhas ?

« Não foi outra coisa, menina.

« Fiquei perdido, e ainda não me achei. A graça, com que dansavas, a dança, com que me encantavas, os encantos, com que me arrebatavas, eram tudo coisas novas pàra mim. Quem inventou a dança não pode cedêr o primeiro lugar no templo da glória senão a quem te inventou a ti. E há-de cedêr, se Deus quizer.

« Dêsde então penso em ti, acordado ou dormindo ; sonho contigo, dormindo ou acordado ; e escrevi um poema, em que tu és a heroina e eu o heroe. Somos dois, exactamente.

« No último canto há um rasgo, em que é rasgado o teu contracto com a emprêsa teatral e substituído pelo diploma, que eu hei por bem conferir-te, de meu par constante na variada contradança da vida. E' coisa admiravel, Angelicazinha ; é obra do teu amante.

« Dize-me pois se desejas realizar esta poética ficção,

que deve assegurar-nos uma existência mais poética ainda; com mais vagar conversaremos a respeito dos arranjos domésticos.

«A decisão não tem pressa; basta que a mandes pelo portadôr d'esta, que é um criado fiel do — *Teu fiel criado*».

A bailarina, apesar dos estudos profundos da língua portugueza, apagou o incêndio revelado na carta amatória com o seguinte laconismo: — *Signore* — Non lo capisco — *Angelica!*

Estabelecendo o paralelo entre o homem de lêtas, de ordinário pouco favorecido da sorte, e o homem de trêtas, que pode sê-lo em tôdas as profissões e até mêsmo no caso de não excercêr nenhuma, Novaes afirma que êste, julgando o mundo propriedade sua, é fiel observadôr dos dez mandamentos da sua lei:

«1.º Amar o dinheiro sôbre tôdas as coisas e o do próximo como a nós mêsmos.

2.º Não empregar o seu valôr em vão.

3.º Guardal-o nos domingos e festas de guarda.

4.º Negal-o ao pae e á mãe.

5.º Não matar os pobres.

6.º Afectar castidade.

7.º Não furtar pouco.

8.º Não levantar falsos testemunhos sem lucro.

9.º Não desejar o interesse do próximo.

10.º Não pensar que há coisas alheias.

Êstes dez mandamentos se encerram em dois: Amar o dinheiro sôbre tôdas as coisas e o do próximo, como a nós mêsmos».

Encorporados no livro, de que tratámos, figuram *Os Paios*, que primeiramente viram a luz no *Futuro*; compõem-se de um largo estudo humorístico sôbre a gente pretenciosa, ôca, parvajola, que forma da sua pessoa um conceito superior a tudo e a tôdos, mâs que se deixa lograr facilmente. Indivíduo dêste jaêz, segundo o qualificatívo brasileiro e especialmente flu-

minense, é um *paio*, cujo pueril ridículo não podia escapar á crítica do autôr.

O fêcho da obra é *Um dote em papel*, romancête, publicado em folhetins do *Jornal do Comércio* e no costumado estilo faceto.

O retrato da heroína predispõe pãra a facil suposição do que será o entrêcho romântico.

Aos seguintes predicados e feições chama Novaes não propositada exageração sua, e sim um mero brinquêdo da naturêza :

— A senhõra Maria de Jesus contava, ao tempo, 34 anos de idade. Era alta como um granadeiro e mais direita que tãdos êles. O pescõço, semelhante ao da cegonha na grossura, era comtudo mais recto que o daquêle animal.

«A respeito de carnes, qualquer christão a podia engulir em uma sexta-feira, sem ofendêr o preceito da egrêja, com tanto que se lhe não atravessasse na garganta.

«Pessõas, que a conhecêram na infância affiançam, sãb palavra de honra, que a interessante joven possuia nos seus primeiros anos uma sobêrba dentadura, destas, que mordem o estro de tãdos os poetas apaixonados, fazendo-lhes espirrar em jorros a poesia descritiva e sentimental. Uma pertinaz moléstia, estranha, como quase tãdas aos olhos da medicina, lhe roubou essa preciosidade, condenando as volumosas e rubicundas gengivas a uma eterna viuvêz.

«Êste desgraçado successo deu muito que falar na vizinhança; e os instinctos económicos de Maria de Jesus, muito conhecidos no bairro, deram causa a boatos inacreditaveis, que nem por isso deixaram de tomar vulto. De tãdos êles o que têve mais voga revela uma grande imaginação na inventiva, mãs péca por inverosimil.

«E quem poderá crêr que uma rapariga, com aspirações ao matrimónio levasse a avidêz de dinheiro

ao excesso de despojar-se, por um processo nôvo, dum dos seus mais belos atractivos, para obtêr de um *dentista universal* uma avultada quantia?

«Eu não creio. No entanto uma das propaladôras de tão infundada notícia acrescenta que reconhecêra na bôca de uma matrona da alta sociedade os belísimos dentes de Maria de Jesus.

«A caluniada não era estranha a estas ridículas invenções da malidicência; não assevero que deixasse de sêr alguma vêz assaltada pelo desêjo de vingar-se; mäs, como não era directa a provocação, seguia o voto do antigo poeta hespanhol:

*Reñir con quien sin arenas te maltrata
Lo tengo por sangria de la frente,
Que a cuatro libra, y ä cincuenta mata*

«O que é certo é que a falta de dentes se tornava mais saliente, pela enormidade da bôca. Nunca se viu coisa assim!

«A pobre rapariga, inclinada por naturêza a dormir muito e obrigada por hábitos domésticos a dormir pouco, tinha contrahido o mau costume de bocejar continuamente. A certas horas, quando era mais justificavel o bocêjo, terriveis apprehensões se apodejavam de quem se aproximasse dela.

«Totalmente aberta a porta daquêle estupendo edificio parecia que a parte superior da cabeça ia separar-se a ponto de cair, deixando o queixo inferior expôsto a algum insulto, pela sua semelhança com uma descalçadeira.

«Não vale a pena descrevêr os cabêlos, amarras que em outras mulheres têm servido tantas vêzes para prendêr poetas, se os há capazes de se deixarem amarrar. Eu creio que sim. Separados no alto da cabeça pela naturêza, que arrogára as attribuições do pente, eram cincoenta e tantos os fios, que repousavam de

cada lado, juntos ao aposento, que lhes era destinado, entre a cabeça e a extremidade superior da orêlha.

« Os chouriços, que embelezam a frente das nossas damas, não tinham licença lá em casa para sair da cozinha.

« O olho direito, cheio de justa indignação, porque o nariz lhe impedia o exercício das suas funções, tentara um dia sair do alinhamento, e deixando a órbita, que lhe marcara a naturêza, caminhando para a frente, como o navegante, que se dirige á prôa do navio, ancioso por descobrir terra, estalou, e não pôde mais recolhêr-se á sua natural habitação.

« Convem notar que não lhe chamei olho direito unicamente em relação ao lado, que occupava; e sim porque, sendo tôrto o esquerdo, êste, por têr sido mais prudente, se conservava no seu estado normal.

« Seria fastidiosa a descrição de outras muitas belêzas, que se renniam a estas, sem quebrar a harmonia do tôdo, e que o leitôr perspicaz poderá facilmente imaginar.»

CARTAS DE UM ROCEIRO — 1867 — Rio de Janeiro.

Êste livro, como o precedente, é quase desconhecido em Portugal. As pinceladas de côr local não o apertam em acanhados horisontes; é um kaleidoscópio, onde, vestidos de uma viva linguagem, perpassam os ridículos sociaes, peneirados pela crítica acerada, sem deixar de sêr prudente e sensata, de *Bernardo Junior*, fingido palúrdio, que abandonara a roça e a tia Pancrácia, com quem vivia, e viera á capital esparecêr e instruir-se, munido da guitarra, que a miude costumava dedilhar.

Como temos feito, a quem não sabe da índole dêste escrito, e só conhece as rimas humorísticas do autôr, vamos oferecêr uns trêchos breves das *Cartas de um roceiro*, que para livro fôram transcritas dos folhetins

do *Correio Mercantil*, como, em devido lugar, deixámos indicado.

Tomaremos por modêlo dêste estilo risinho e leve o introito do folhetim, que obedece na série ao número xxx.

«Meu caro redatôr. Adeus até qualquer dia. Tenho a roupa na mala, a guitarra na caixa, o passaporte na algibeira e a figura de prôa com o nariz voltado para Londres. Repare bem que não é para Montevideo. ¹ Para lá sei eu que se levam malas bem recheadas, e que pode ir a guitarra pâra amenizar a vida. A respeito de passaportes há suas dúvidas, e eu gosto de sêr *Bernardo Junior*, por mar e por terra.

«Sou assim e arrumou.

«Não é ainda resolução definitiva a minha viagem: e apenas um projecto em primeira discussão e com probabilidades de passar nesta câmara alta, onde poiso o chapéu.

«Se o assaltar aquêlê exquisito sentimento, a que um tal Garrett chamou, segundo diz o vizinho Gaudencio:

*Saudade gôsto amargo de perdizes
Deliciôso grunhir de pôrco espinho*

não grunha o meu amigo; suspenda as lágrimas até segunda ordem.

«Se lhe parecêr permatura a despedida, desculpe-me. Cada vez me confundo mais com as malditas etiquêtas da Côrte; e como preciso ocultar muitas vêzes a procedência, pâra evitar motejos, que me incomodam os nêrvos, antes quero exagerar as leis da civilidade que transgredil-as, como se faz ás leis civis.

«Sou assim, e arrumou.

¹ Pâra onde, havia pouco, tinha fugido, como tantos, mais um ladrão.

« Já não ousou ir daqui ao Botafôgo, sem me despedir de tôdos os meus amigos, que por isso dizem, á bôca cheia, que eu sou um homem muito delicado. Pois olhe: eu chamaria tôlos aos que me fizessem outro tanto lá na roça.

« Recomendo-lhe porêm que se não deixe dominar por apprehensões infundadas sôbre o meu projecto de viagem. Não cuide que pretendo sêr adido a alguma legação.

« Já o tentei uma vêz, e disseram-me que eu tinha juizo de mais pâra tão importante cargo. Se algum dia me julgar habilitado, deito um cáustico na nuca, e fico por aqui.

« Sou assim, e arrumou.

« Não pense tambem que vou dar uma serenata ao seu amigo Christie, e que pâra isso V. me viu estar escrevendo, há dias, aquela modinha:

O ladrão do nêgro melro
tôda a noite assobiou;
mãz, lá sôbre a madrugada
bateu as azas, e... foi-se!

« Deixe-o ir, que é outro e mui diverso o fim da minha viagem.

« E foi V. que me inspirou esta viagem, publicando na sua fôlha de 2 do corrente, a seguinte notícia: — O sabio inglêz doutôr Barins oferece dezoito contos de reis a quem queira fazêr a experiênciã de se sujeitar a permanecêr 13 dias debaixo do recipiente de uma máchina pneumática, depois de extraído o ar. Como garantia, o doutôr inglêz apresenta o exemplo de um gato, que estêve nesta posição 24 dias, e que voltou á vida, quando, pouco a pouco, foi entrando o ar no recipiente. Em Inglaterra não há por hora quem assim queira sêr rico sem trabalhar ».

« Pois há cá no Brasil quem tenha essa coragem.

Deus me livre de crêr que um gato inglês é mais animôso que um *Bernardo* brasileiro.

« Eu já fui ao Jardim Botânico dentro de um ómnibus, sentado entre dois pançudos da minha bitola, e estou vivo; não posso recear o efeito da experiência do tal doutôr.

« *I have no money*, e quero o preciso pãra gastar nêste sorvedouro do Rio de Janeiro.

« Sou assim, e arrumou ».

E bem arrumados deixou Novaes, nos belos escaninhos do volumôso livro das *Cartas*, os assuntos, que criticou, servindo-se graciosíssimamente de estribilhos populares, máximas e provérbios, que intercalou com extrema felicidade, em tôdos os seus escritos de prosa e verso.

POESIAS PÓSTUMAS — 1870 — Rio de Janeiro.

Embora nos reste ainda concluir as referências á última época da vida do poeta, seria deslocar a menção dêste volume se o separássemos do registo bibliográfico, destinado á generalidade da sua obra.

Desdenhando da sinceridade humana, na tocante a sentimentos despertados pelas lágrimas, que os desgraçados choram, Novaes protestou que, em sua vida, ninguem folhearia livro de líricas suas.

Publicações dispersas anónimas ou pseudonímicas e albuns, que a muitas serviam de escriptorio, não revelavam autenticidade pública.

Disse, e cumpriu. Face risouha em público: coração maguado na penumbra do seu modesto vivêr.

As poesias póstumas são pois o repositório dos melhores impulsos da sua alma, onde vibraram, com intensidade, a gratidão, a saudade, as lágrimas do infortúnio, os queixumes íntimos e as expansões do amor.

Sejam quaes fôrem as chamadas escolas literárias, de que desdenhámos sempre, os pruridos da moda, que até em lêtras se intromete, ou o hibridismo, que

criou nefilibatas, e alimenta simbolismos, a poesia foi, é, e há-de sêr sempre o sentimento do belo, seja qual fôr o seu carácter épico, elegíaco, descritivo, lírico ou bucólico.

E belas são, na maioria, as poesias sentimentaes de Faustino, vasadas nos moldes de uma linguagem singela, que não acusa extremos de erudição, mäs que é escoreita, em tôda a sua obra, onde poucos peccadilhos se descobrem contra a vernaculidade dos que escrevem bem.

A naturalidade do dizêr, sem a mínima affectação de frase, eguala o desprendimento de estilo amaneirado.

Como era de prevêr, Novaes feriu, no seu lirismo, tôdas as notas do sentimento humano.

A da gratidão está manifesta em numerosos versos consagrados á baronêsa de Taquary, a senhôra octogenária, sua amiga e protectôra, e nos que lhe inspirou sua filha, D. Rita de Cássia Rodrigues, que substituiu a propecta dama no carinho e protecção, tributados a Novaes.

Destaquemos êste sonêto, ofertado a D. Rita, em dia de anos :

Não esperes ouvir da inculta lira
Arrôjos imortaes da fantasia,
Brilhe, embora, mentindo a poesia,
Jámais eu prestarei culto á mentira.

Grato o meu coração hoje me inspira,
E inspiração, que aplaude a razão fria,
Que, ao despontar da aurora dêste dia,
Um astro amigo pâra mim surgia.

Êsse astro meigo és tu, e o canto rude,
Se pelas galas da dição não brilha,
Dá-lhe o assunto o fulgôr, que não me ilude

Porque és, d'alma nos dotes, maravilha,
Porque és tipo singelo na virtude,
Porque és de excelsos pâes excelsa filha.

A lira affectuosa desferiu tambem, entre longa toada, sons amorosos, que, como os demais, quase no geral, eram inspirados por Elvira, casta diva, que, segundo informações recentes, tambem frequentava a residência da veneranda titular :

.....

Encanta-me a luz tão bela,
Que dêsses teus olhos vem,
Luz, que tem, nos ceus, a estrêla ;
Na terra tu... mais ninguem !

.....

Hei-de amar-te. A vida incerta
Pâra amar-te a quero só ;
Há-de amar-te a alma liberta,
Quando o cõrpo já fôr pó.

Até lá... sôfro... e não temo
Meu destino fero e crú,
Porque adoro a Deus supremo,
E o meu Deus na terra... és tu.

.....

E' triste, quando ruge o vento irado,
Vêr dos astros sumir-se a luz formosa,
E do arbusto, que ostenta a linda rosa,
Vêr o tronco mimôso ao chão curvado.

E' triste vêr o mar, que socegado
Ostentava a luzir face lustrosa,
Erguêr-se, e á praia, em vaga furiosa,
O barquinho arrojar despedaçado.

E' triste a escuridão, com seus horrôres,
Quando, á furtiva luz, sombras errantes
Nêgros fantasmas são, aterradores.

Mês... dizem-me tormentos incessantes
Que é mais triste por ti morrer de amôres,
Sem têr do teu amôr vivido instantes.

.....

Existem nos jardins mimosas flôres
 Tão sombrias, tão dadas á tristêza,
 Que só do rei dos astros a vivêza
 Lhes faz abrir o seio aos seus fulgôres.

A' tarde, aos menos cálidos ardôres,
 Dão, em trôco, tambem menos belêza,
 A' noite, quando é muda a naturêza,
 Fecham seu calix, escondendo as côres.

E, embora o que é da terra ao ceu pertença,
 Não tem nelas podêr a meiga lua,
 Nem nas estrêlas há fulgôr, que as vença.

.....

Por teus olhos vencida a casta lua,
 Despeitada se envolve em manto escuro,
 Que o ciume teceu... e assim me rouba
 A doce embriaguêz, que me separa
 Do mundo, meu rival, que eu só detesto,
 Porque és do mundo, Elvira, e não és minha !

.....

Eis-me de nôvo entregue á dôr intensa,
 Pesando tòdo o horrôr da desventura,
 Que me torna esta vida atroz suplício !
 Pàra que hei-de eu vivêr, se nêgro abismo
 Me separa de ti, anjo adorado ?
 Pàra que hei-de eu vivêr?... Mês não, Elvira,
 Eu quero o teu amôr... quero que brilhes
 Na noite desta vida, que é só tua,
 Como a estrêla, que é bela, inda entre nuvens.

Dize mais uma vêz que em mim só pensas,
 Que a saudade por mim te mata ao longe ;
 Dize-o mais uma vêz, e a mágua extrema,
 Que padêço por tí, será ventura.

.....

Ouçamos agora, e por último, um eco da musa elegiaca :

Mandaste-me cantar, quando só prantos
 Eu podia vertêr, curvado á dôr ;
 Foi de balde que á lira pedi cantos,
 Que não pode quem sofre sêr cantor.

Se vês cantados, em canções ligeiras,
Do cantôr infortúnios, que sofreu,
São da vida as tormentas passageiras :
Ao estro, nêsse instante, a dôr cedeu.

No desalento d'alma, atroz, profundo,
Não esperes ouvir cantar ninguém,
Que a verdadeira dôr, longe do mundo,
Nas lágrimas o alívio apenas tem.

Só no passado o desditôso pensa,
Tormentos não concede eguaes aos seus ;
A esperança não vem, vacila a crença ;
Chega-se quase a duvidar de Deus.

.....

No exílio a divagar, sem luz, sem tino,
Que venturas a Deus posso pedir ?
Vivêr, sofrêr, chorar... é meu destino ;
Nem me é dado sonhar dôce porvir.

.....

Reconhece alguém na resonância do lirismo, que reveste quase tôda a coleção das *Poesias Pósthumas*, o incansavel escarnecedôr de tanta protêrvia e vilania sociaes, o faceto brincahão, que provocava risos, e gargalhava do mundo ?

E' que Novaes nascêra poeta ; e os verdadeiros poetas, ainda os que o são por simples temperamento e não por seus cantos, representam exceções da especie humana ; pelicanos de novo género alimentam-se do seu próprio sangue, á força do sentir diferente, por mais violento e menos vulgar, do que pulsa nos corações do resto da humanidade.

— Se risonhas canções arranco á lira,
E' que o meu nêgro fado assim o quiz,
Chorando, presto cultos á mentira,
E cuida o mundo que inda sou feliz.

Nada mais nem meuos. Disse-o Novaes. Não podia fugir ao seu destino, visto que nascêra poeta.

Na comédia social, o seu papel de galhofeiro era um dolorôso artifício.

O NETO DE FAUBLAS — obra póstuma de F. X. de N. — 1873 — Madrid.

Custou-nos crêr na existência desta obra secreta e afrodisíaca, impressa quatro anos depois da morte de Novaes, em suposta tipografia, embora homens de subido renome, por sobôrno de editôres gananciosos, ou verduras da mocidade, tenham produzido trabalhos dêste teôr.

Um dos nossos informadôres de alem-mar, o venerando cavalheiro, amigo do poeta, já citado por nós, comunicou-nos, há pouco, a aquisição dos três tomos da obra numa livraria do Rio de Janeiro, e dizia-nos, surpreso, que, apesar da sua intimidade com o autôr, nunca ouvira falar dela.

Em razão da nossa estranhêza e atitude de cronista faustiniano, requeremos-lhe um exemplar, por julgarmos apócrifo o escrito, que acabamos de folhear.

Descontadas a edição mesquinha e a revisão desleixada, não há dúvida de que os três volumes são do punho de Novaes, cuja fraseologia peculiar e faceta se revela facilmente.

Em que idade e circunstâncias os escreveu? Quanto a estas, pode supôr-se uma fase de apêrto pecuniário; quanto á época, a do Rio de Janeiro, visto que a sua demorada permanência ahi lhe poz nos bicos da penna, de longe em longe, três ou quatro vocábulos, que só no Brasil se empregam.

Como se desempenhou da tarefa quem primava pela sisudêz de carácter na idade madura?

Muito bem, urdindo um romance secreto, sem têmos obscenos, onde os próprios lances pornográficos tendem a um fim moralizadôr, castigando o vício com o próprio vício.

Como curiosidade, transcrevamos uns períodos,

por onde se mostra que a tendência do escritor, a revêzes, enveredava por caminho diferente do que lhe fôra traçado :

— Na grande cidade, onde esta história se passa, tinha a caridade, por meio de apóstolos distinctíssimos, tomado grandiosas proporções.

« Os entendidos em grêgo chamavam-lhe *filantropia*, e já havia senhôras, que usavam esta palavra de preferêcia a outra. Esta virtude tornou-se a feição característica da época. Era moda andar a descobrir desamparados e a dar a mão a cegos. As mais nobres matronas, as mais gentis esposas e as mais prometedôras donzelas governavam estabelecimentos pios, socorrendo viúvas, orfãos e doentes; e administravam irmandades e confrarias santas, em que a pompa do culto á nossa santa religião cathólica egualava em primôres e galas a belêza das dedicadas devotas. Era tempo santo aquêle. Podia-se sêr necessitado. »

Há, por ventura, nessas linhas mais que a costumada ironia das apreciações de Novaes?

Vejamos um trêcho sôbre a purêza da vida campestre :

— A auréola da civilização cresta os renovos da virtude, esteriliza as sementes da justiça e da paz geral. O lar doméstico da província não está maculado com as herpes da gangrena social. A poesia fugiu espavorida dos grandes centros para se aninhar no calix das flôres do campo, no ninho dos passarinhos e no coração dos amantes, que crêem que não há outra civilização se não a que vem directamente da naturêza.

« Amamos pelo espírito e não pelos sentidos, porque para nós o amôr é a hipocrene do sentimento e não o pôço dos prazêres sensuaes. Não se comprehende por lá de outro modo a felicidade terrena, nem se imagina que possa sêr outra. Chamem embora obscurantismo ao que eu chamo simplicidade os homens apostados a tudo perderem e derrancarem ».

Aqui temos o homem sisudo e não o escritôr licenciôso.

Pôsto embora na bôca de uma personagem do romance afrodisíaco, êsse era o sentir do autôr.

Mal empregado tempo gasto no cerzimento de obra tão inglória!¹

IGNEZ D'HORTA. — Obra póstuma. Lisbôa, 1906.

Esta comédia semi-trágica, em verso, como se sabe, foi, a instâncias nossas, editorada pela livraria Viuva Tavares Cardôso, e seguida dêste estudo analítico-crítico da vida e obras do autôr e suas notas supplementares.

Vem de molde trazêr pàra aqui a parte do nosso escrito, que diz respeito ao antelóquio, de que fizémos acompanhar essa publicação.

Diz assim :

— Triste e reveladôra de manifesta cruêza de sentimentos em quem deviam falar a voz do sangue e a

¹ Notícias posteriôres ao nosso juizo, dizem-nos que Joaquim Cunha, antigo alfarrabista, estabelecido actualmente na rua de Uruguaiana, Rio, afirma, de sciência própria, que o *Neto de Faublas* é efectivamente de Novaes. Estimámos êste testemunho, mas não precisávamos dêle. Já disso estávamos certo. Quem estiver familiarizado com as obras do poeta chegará facilmente ao descobrimento da verdade. Dizem-nos tambem que o editôr fôra Cruz Coutinho, fundadôr da livraria popular da rua de S. José n.º 75, Rio: e que a publicação se fizera em vida do autôr. Esta última parte é pàra nós inverosimil. Não a acreditamos nem no mais insignificante dos seus fracos elementos.

A mesquinha e pobríssima edição, tôda eivada de numerosos êrros de revisão, não transitou na impressão sôb os olhos do autôr, como era natural: nem êle consentiria, por sua dignidade, que a tinha elevada, em que o seu nome tão conhecido, embora nas simples iniciaes F. X. de N., figurasse no frontispício. Essas iniciaes eram denúncia clara.

da gratidão, é necessário que se conhêça a história justificativa do aparecimento fortuito de uma obra inédita de Faustino Xavier de Novaes, trinta e sete anos depois da sua morte, ocorrida bem longe da terra, que lhe foi bêmço.

« Num período áspero da nossa trabalhosa mocidade, lográmos encontrar, um dia, por uma só vêz, numa das ruas mais frequentadas do Rio de Janeiro, já no declinar da vida, o infelizmente poeta, cuja fisionomia pálida e melancólica, sombreada por barba cerrada, apenas um tanto grisalha, denunciava sofrimento, em seu habitual sobrececho, e não aparentava, como era de esperar, a feição cáustica espiritualmente primacial do autôr de tanta sátira alegre.

« Maravilhou-nos a taciturnidade de tal semblante, em cômputo de estatura regular e porte altivo, e nunca mais se nos riscou da memória porque já a êsse tempo, no nosso balbuciar de lêtras escritas e faladas, votávamos a Novaes um estremado aprêço.

« No decorrêr de uma época próxima, avolumou-se o nosso sentir por êsse desterrado illustre, nosso compatriota, convertendo-se o aprêço em admiração, dêde que, segundo o nosso modesto parecêr de apaixonado amante das lêtras amenas, o êmulo de Tolentino se nos afigurava superior a êste vulto da poesia satírica.

« A nossa opinião deu-nos, mais tarde, momentos de desculpavel ufania, justificado regosijo e completo convencimento, ao sabêrmos que o patriarca da lídima e castiça linguagem portugûesa, o grande Castilho, o inimitavel joalheiro de tanta riquêza filológica, classificara Novaes, de acôrdo com o nosso obscuro entendêr, escrevendo, como adeante se verá, que êle subira com pé firme ao trono vago daquêle príncipe, que se chamara Tolentino, e dêde a primeira hora provara que era êste renascido e melhorado.

— A sua corôa — afirmava Castilho — apenas começada a tecêr, é já brilhante: perservere, que, se

os auspícios de um homem costumado a tirar certos os horóscopos aos poetas nascentes da nossa terra, o não enganam, o capítulo de Novaes, na história literária de Portugal, tem de eclipsar Tolentino».

«E eclipsou, em nossa opinião, por seu carácter pessoal e literário, seja dito com grande pasmo dos que, em terras portuguezas, desconhecem, numa grandíssima e desoladôra maioria, que Faustino Xavier de Novaes é um vulto assinalado, como nosso primeiro e melhor poeta satírico. ¹

«Na actualidade, entre a própria mocidade estudiosa, será plenamente desconhecido!

«Por isso e pela manifesta deficiência de informações escritas, ² foi que de há muito, num livro

¹ Há muito quem pense com Castilho e comnôco. O distinto bibliógrafo, sr. Brito Aranha, digno continuador da obra monumental de Innocencio, ainda ultimamente, ao escrevêr-nos, agradecendo um exemplar da *Ignêz d'Horta*, dizia assim, num trêcho da sua carta:

«Não se podia fazer mais, nem melhor, do que V. fêz para levantar e tornar perduravel a memória de um poeta insigne, tão cheio de talento, como de amarguras, qual foi o Faustino Xavier de Novaes, a quem eu prestei sempre culto mui superior a Tolentino, pois, apesar da graça portugueza, em muitos pontos inimitavel, de seus versos satíricos, não gostei nunca da sua apresentação na sociedade, curvando-se em demasia, como figura ridícula de homem importuno e de exiguo valôr, figura triste, que só cabe na comédia social aos que se humilham, e se arrastam, como parasitas repugnantes.

«Um homem de talento, que se aprecia e não pode deixar de reconhecer o que vale e o que merece, apesar das adversidades, que o assaltem e persigam, não deve dobrar a espinha dorsal com tamanha baixêza, sobretudo sabendo-se que é para obtêr, com humildade, as boas graças de grandes e dinheirosos.

«O talento é para levantar, nobilitar e glorificar um homem, e jamais para o deprimir.»

² A começar pelas de Innocencio, na sua obra monumental, e pelas de Pinheiro Chagas, no *Dicionário Po-*

nosso, já prometido, *Memórias Literárias*, que virão a sêr ementa apreciativa e crítica de alguns autôres e livros, resolvemos incluir um estudo biográfico-literário de Novaes, tão completo quanto nos fôsse possível, pela acurada diligência, com que procurávamos havêr os materiaes necessários.

«Nêste firme propósito, um cavalheiro, decidido admiradôr dos nossos melhores homens de lêttras, ¹ por entretêr relações com um irmão e protegido outrora do poeta, Miguel de Novaes, que vivia abastadamente num dos arrabaldes de Lisbôa, foi incumbido por nós de lhe solicitar alguns apontamentos, que se relacionassem com a vida e obras do seu gloriôso irmão.

«Dias depois, o nosso amabilíssimo intermediário, entregava-nos um rôlo de papel, ao dizêr-nos:

— Aqui está isto, de que Miguel de Novaes lhe faz presente, prometendo, pâra mais tarde, novas informações.

«Agradecendo, regosijámo-nos intimamente, como acontece aos que se entregam a diligências de paciente investigação, as quaes representam muitas vêzes verdadeiros trabalhos de sapa, e sentem significativo júbilo, ao recebêr alguma luz nos meandros escuros, em que labutam.

«Se nos eram prometidas novas notícias, necessariamente o rôlo de papel devia contêr algumas

«Abrímol-o sôfregamente, e vimos, com vibrante surpresa nossa, que, em vêz dos esclarecimentos pedidos, se nos fazia presente de uma obra autógrafa, completa e inédita, de Faustino Xavier de Novaes, a *Ilynez d'Horta*, comédia semi-trágica, em cinco actos,

pular, que são as maiores e melhores, tôdas as notas referentes a Novaes são incompletas.

¹ Sr. José de Macedo Araujo Junior, engenheiro inspector de obras públicas e velho amigo da familia Castilho.

paródia escrita em verso sôlto ao assunto da *Nora Castro* de João Baptista Gomes!

«Mal refeito do nosso pasmo, revoltado o nosso sentimento de confraternidade literária, doeu-nos amargamente que um irmão do poeta, a quem devia, indirectamente embora, a sua posição, porque a pessoa de Faustino lhe abrira as portas da casa, onde enriquecêra; lastimámos que êsse homem abastado tivesse em tão pouco a glória e nome de seu irmão, cujo reflexo lhe doirava a prosápia, conservando inédito e em risco de se perdêr, havia tantíssimos anos, um producto completo, perfeito, da sua mentalidade privilegiada.¹

«Ao nosso reparo acerbo correspondeu o critério do portadôr do manuscrito, o engenheiro sr. Araujo Junior, que por sua vêz entendeu, dias depois, fazêr algumas reflexões a Miguel de Novaes sôbre o seu estranho procedêr.

«A resposta, envolta em protestos de respeito á memória do poeta, resumiu-se em que êste, nos últimos dias de vida, lhe tinha significado que a *Ignez d'Horta* não ficara bem nos moldes antecipadamente traçados; que requeria minuciosa revisão e acerada lima; e que Miguel portanto, não podendo acertadamente avaliar do assunto, escrupulizara na publicação.

«Nestas palavras, reveladôras de um demorado escrúpulo de trinta e tantos anos, muito falhas de provas e lógica, acreditou a nímia bôa fé do nosso solícito intermediário que não a nossa, perdõem-nos. . .

¹ Caso muito máis de estranhar, e punir, ao sabêr-se e pensar-se que os organizadôres das *Poesias Pósthumas* de Novaes, edição do Rio de Janeiro, 1870—prefaciadas embora fugazmente por seu cunhado M. A. (Machado de Assis) sem as notas biográficas, que lhe competiam—publicaram um acto apenas da comédia *Caetano Pinto*, e uma parte da poesia *Um Passeio*, peças, que apareceram incompletas, entre os papeis do poeta, falecido um ano antes.

E' flagrante o contraste.

êle e a memória do irmão de Novaes, falecido, há pouco mais de um ano.

«Em breves tèrmos, daremos as razões da nossa incredulidade.

«O manuscrito do poeta estava limpo de emendas; não se podia têr em conta de rascunho, onde elas deviam abundar, especialmente em obra de factura mal corrente; ao contrário, manifestava, com clarêza, que era cópia correcta da primitiva composição.

«Ao aparecimento das *Poesias Pósthumas* de Faustino, Miguel viu que o seu cunhado, sr. Machado de Assis, distincto homem de lêtras brasileiro, publicara inéditos encontrados nos papeis do môrto, incluindo um acto de peça teatral e uma poesia incompletas; e podia avaliar que uma parte de escrito, apenas começado, seria menos consideravel do que uma obra acabada, fôsem quaes fôsem os juízos do autôr, que, por modêstia ou má disposição de espírito, não deveria sentenciar, ao certo, em causa própria.

«Se pâra a publicação, que lhe cumpria fazêr, especialmente depois disso, não tinha aptidões de exame, em razão das suas poucas lêtras, impedia-lhe a obrigação de consultar um perito, que veria logo no escrito de seu irmão, se não uma obra prima, ao menos um objecto digno da publicidade, a que atingiram os outros livros, que correm mundo.

«Um simples impulso de bôa vontade e bom senso supriria a falta de habilitações técnicas.

«A seguinte última razão contraditória é esmagadora:

«Faustino de Novaes, indifferente a tudo, que o cercava, não podia têr falado a seu irmão, nem a ninguém, ousamos affirmar-o, em assuntos literários, nos últimos dias de vida, nem muito antes, porque, em dois anos consecutivos, o seu cérebro orçou pelas raias da imbecilidade, perturbadas as faculdades na escuridão de uma tormentosa encefalite!

«E, por último, Miguel Novaes, no largo período, em que ainda viveu, descurando o nosso reiterado pedido de apontamentos, destinados a enaltecêr a memória de seu gloriôso irmão, mostrou evidentemente o seu desaprêço, esquecimento ou desamôr ao nome daquêle, a quem muito devia, dando irrefragavel desmentido ás suas palavras desculpadoras, em que, pelo que fica dito, não acreditámos nunca.

«Mais uma vêz se acentuava a desoladora e verídica tradição de que os homens de lêtas, por uma judiaria da sorte, raras vêzes deixam atrás de si, de portas a dentro, quem lhes preze o sabêr e memória.

«É uma aberração da naturêza, uma brutalidade do destino, que já tivémos ocasião de lamentar acerbamente, quando empreendemos, e levámos a efeito a resurreição comemorativa do poeta do *Viriato Trágico*, ao pesquisar e escrevêr o estudo biográfico, genealógico e literário, que acompanha o nosso último livro *O Poeta Garcia*.

«O pobre Brás Garcia Mascarenhas, o famôso espadachim do século xvii, o destemido capitão da *Companhia dos Leões*, o valente governadôr da praça de Alfaiates, o célebre poeta-guerreiro, não seria conhecido por suas lêtas, cuja maioria se perdeu, após a sua morte, se uma personagem, o capitão-mór da sua terra, a quem melindrara o caso, não editorasse o nosso primeiro poema de segunda classe, o *Viriato Trágico*, 43 anos depois do falecimento do poeta beirão.

«Brás deixára mulher, filha e genro, como notámos, fidalgos de prosápia e poucas ou nenhuma lêtas, consoante a época, assinando talvêz de cruz, como lhes cumpria, e não sabendo soletrar os manuscritos do poeta, e não curando dêles, apesar dos gabos, que mereceriam da fama e da gente conspícua, que lhes frequentava a casa.

«Viuva, filha e genro nem ao menos se lembra-

ram, quando faziam a digestão dos bocados chorudamente herdados, que, na indiferença bestial e imperdoável, votada aos preciosos papeis do homem, que os enobrecêra, engoliam pedaços do seu espírito e a honra própria do solar, que os abrigava.

«Brás Garcia, em virtude da animalidade empedernida e farisaica dos seus herdeiros, esperou no túmulo 43 anos pela publicação da sua obra summa, só devida a um estranho.

«Novaes, deixando, em podêr de parentes, uma obra original, um belo fructo do seu espírito fulgurante, castigadôr emérito dos vícios, manhas e defeitos da comédia social, pela ingratição, inconsciência ou cruêza de um irmão rico e regalado, só, passados 37 anos, vae por nosso esfôrço, o de um estranho tambem, lograr a publicidade dêsse escrito, pelo visto, arriscado a perdêr-se.

«Mal suporia, em vida, o escritôr da *Manta de Retalhos* e das *Cartas de um roceiro*, o poeta portuense, sócio estúrdio da bohémia de Camilo, que havia de têr, na morte, tantos pontos de contacto com o antigo cantôr do pegureiro viziense, flagelo das hostes romanas!

«Ao sabêl-o, folgaria sem dúvida no próprio túmulo, o seu belo túmulo-monumento, por sinal, devido ao patriotismo da colonia portugûesa fluminense, se lá lhe fôsse dado ouvir um eco, embora fraco, do nosso falar e sentir.

«Ajuntando á presente comédia de Novaes a nossa notícia de sua vida e obras, destinada ao futuro livro crítico, a que já nos referimos, fazemo-lo jubilosamente, convicto de que, antecipando, em lugar próprio, o preenchimento de uma imperdoável lacuna, prestamos serviço aos amigos das boas lêtras, cujos autôres mereçam honrada memória e a plena consagração da posteridade, e correspondemos aos desêjos e boa vontade dos editôres.

«Êstes, diferentemente de colegas, por ventura mais abastados, que não viram na obra inédita do poeta lucros correspondentes á sua ganância mercantil, bem merecem da gratidão pública e da nossa, por se terem abalançado a esta edição, do melhor grado, acedendo facilímente ao nosso pedido sôbre um assunto, em que andávamos cordealmente empenhado.

«Bem hajam êles pela finêza dispensada á litteratura pátria, tão eivada, há longo tempo já, de crú realismo, polvilhado de tediosas escurrilidades. e tão despida da genuina graça portugêsa, que fluente-mente nos recordam os versos correntes e escorreitos da característica paródia de Novaes!

«Honra lhes seja, pois!»

VIII

Última época. — Necrologia. — Honras Póstumas

Faustino de Novaes, perdendo, em 1866, a santa senhõra, em cuja casa se abrigava, como se dela fõsse filho, sentiu choque violento, como o que sofrêra, quando lhe noticiaram a morte da sua verdadeira mãe: e mandou vir do Pôrto sua irmã Carolina.

D. Rita de Cássia Rodrigues, a filha dilecta da baronêsa de Taquary, por morte desta, mudou de residêcia, deixando a casa da rua Estacio de Sá, e tomando outra no arrabalde do Rio Comprido.

Novaes, emquanto esperava, pela vinda da irmã, alugou um quarto numa casa particular do mêsmo sítio, mâs continuou a passar os dias na morada de D. Rita, que se lhe dedicara, desinteressadamente, como sua mãe o fizera. ¹

¹ Esta senhõra tivera desgostos na mocidade. Contrariada nos seus primeiros e únicos amõres, nunca quis

Bem dissera o poeta nos seus versos: — Tal mãe . . . tal filha !

A essa dama servia de companhia especial a sr.^a D. Julia Fernandes, que forneceu estas informações, que então era menina, e que ainda hõje abençoã a memória das duas senhõras, a quem deveu educação, ensino e amòr materno; e afirma categoricamente que Novaes não resistiria, por tanto tempo, aos seus achaques, contrariedades e desgòstos, se dessas bemfazejas creaturas não recebêsse carinhos e confôrto, como de família própria.¹

Passado um mês, pouco mais ou menos, em fins de 1866, D. Carolina, irmã de Novaes, desembarcava no Rio de Janeiro, aonde fõra acompanhada por Arthur Napoleão, que, como fica dito, era devotado á família, e vinha alí em excursão artística.

— Na própria noite do desembarque — escreve-nos ãle — em carruagem levei D. Carolina ao Rio Comprido, onde morava Faustino. Passeava o poeta, já com o cérebro avariado, a tòdo o comprimento da sala; e, ao vèr-me e á irmã Carolina, desatou em pranto, abraçando-nos a ambos, comovidíssimo e títubeante.»

A êsse tempo já ãle morava definitivamente em casa de D. Rita, que a isso o obrigara, dêsde que o viu doente, e que jubilosamente acolheu, e hospedou a irmã, tornando-se mais assíduas, dêsde a chegada desta, as visitas dos seus amigos, que procuravam distraíl-o com animadas palestras, música e recitações.

matrimoniarse, morrendo solteira em 1870. Sua irmã D. Maria, casada com um individuo de sobrenome Forbes, vivia em Portugal, donde veio visitar a mãe, com quem passou algum tempo, regressando a êste país, após a sua morte.

¹ Já por nós se fêz honrosa menção desta senhõra, cujo testemunho é tão valioso como fidedigno.

Êle animava-se por vêzes, e ainda tinha ditos chistosos. ¹

*

* *

Na primeira excursão europêa, que os condes de S. Mamede realizaram, depois da chegada de Novaes ao Rio de Janeiro, recebêram dêste carta íntima de apresentação pâra a sua família do Pôrto, onde aquêles viajantes se demoravam sempre, por bastante tempo.

Convivendo muito com os parentes de Faustino, taes fôram os serviços, prestados por êstes, e a intimidade estabelecida entre tôdos, que os titulares ofereceram a Miguel Novaes e D. Adelaide, irmãos do poeta, valimento e proteção, convidando-os a vir pâra a capital brasileira. ²

Aceito o convite, realizou-se a viagem em 1868, sendo os recém-vindos recebidos a bordo pelos condes de S. Mamede e hospedados no seu palatête da rua do Cosme Velho, n.º 20, ás Laranjeiras.

Miguel, que, em rapaz, aprendêra uns simples rudimentos de pintura, ³ foi estabelecido, sôb a indicada proteção, com casa de fotografia na rua da Quitanda

¹ Estamos habilitado a mencionar que a musa inspiradôra dos numerosíssimos versos, consagrados a Elvira, nome supôsto, e componentes da máxima parte das *Poesias Póstumas*, concorrêra em muito, ao ausentar-se do Rio de Janeiro, pâra o abalo moral de Faustino, cujos últimos amôres são página tão curiosa como desoladôra.

E mais não podemos dizêr, por emquanto.

² A êsse tempo, já a última irmã, D. Emilia, estava em Pernambuco, casada com Arthur Braga, que ali fôra exercêr o cargo de chanceler do consulado de Portugal.

³ Referindo-se á sua meninice, diz-nos ainda o sr. Arthur Napoleão : — Miguel Novaes, que principiava a pintura, fêz o meu retrato, quando eu tinha 8 anos, retrato curioso, que se acha hôje na *Escola das Belas Artes*, do Rio de Janeiro. »

n.º 44; do que não tirou resultado, indo mais tarde empregar-se no consulado português.

Nos fins dêsse ano de 1868, tendo Faustino peorado consideravelmente, acordaram os irmãos em levá-lo pãra Petrópolis, onde pouco se demoraram, voltando ao Rio, e indo instalar-se na casa da rua do Marquês de Abrantes, praia de Botafôgo, cedida pelo seu amigo Ernesto Cibrão, visto que os médicos aconselhavam ao doente imersões de água salgada.

Depois de certa demora, dando os banhos resultado negativo, corriam a estabelecêr moradia definitiva na rua do Ipiranga n.º 29, ás Laranjeiras, bairro, onde moravam os condes de S. Mamede.

*

* *

Dissémos, ao introito da resenha bibliográfica, que, depois de 1867, ano, em que as *Cartas de um roceiro* fôram reduzidas a livro, nenhum registo houvera de novas produções, nos círculos da publicidade.

Pelo que fica narrado, claramente se descortinam as razões.

Os embates violentos de uma vida agitada por numerosas contrariedades, influíram, com estranho poder no espírito do poeta, que necessariamente, ao insurgir-se por tendência natural contra as intempéries da sorte, empregaria esforço descomunal, superior á sua constituição física, já visivelmente debilitada.

A voz irónica e moralisadôra, segundo a verdadeira fórmula consagrada do *ridendo castigat mores*, a voz finamente acerada do prosadôr faceto — não mais se fêz ouvir no circuito público, onde ecoava atraente; a penna, que lhe delineava as notas vibrantes, enfraquecêra, e tombara pãra o lado; e a lira sonora de tantos cantares ridentes e escarnecedôres de tanta ridicularia humana, emudecêra, porque o

brazido de uma inspiração privilegiada não chamejava já sôbre as suas cordas vibráteis.

Faustino de Novaes, na sua especialidade, não tinha êmulos, de que se arreçar; não podia porê, na sua terra, nem fóra dela, vivê das lêtras, dê desde que não eram instrumento alugado a qualquer empreza comercial ou manufactureira, ou a uma parcialidade de baixa ou alta politiquice.

Em terras, que falam a língua portugueza, ainda ninguem viveu da literatura propriamente dita, nem o próprio Camilo, que tantos dos seus livros escreveu, infelizmente, sôbre o joelho, pãra acudir a necessidades, agravadas sempre pela ganância de editôres, por mediano senso governativo e pela ignorância pública.

Enormemente prejudicado nas suas aspirações e tendências, infelicitado no lar doméstico, atreito a certo desatino pãra o amanhã da vida prática, desenganado de que as lêtras são, em quem as professa, um simples adôrno, um galardão honorífico, a que as fatuidades ridículas e vícios sociaes, que êle tanto combateu, e que compõem a maioria da sociedade, se conservam indiferentes. — Novaes começou a sentir, com nebulosidades da alma, turvações do cérebro, que dia a dia, mês a mês, se debilitava progressivamente, fazendo recear a quem o cercava, o estado de uma completa insensatêz.

Embora os amigos, de ordinário, sejam como as andorinhas, que só aparecem no bom tempo, alguns dos que pertenciam ás relações de Novaes fizeram côro com a solicitude dos irmãos, cercando e animando o enfêrmo, que, de há muito, na sua constante inércia e progressiva atonia moral, que lhe davam aos actos e movimentos attitude machinal, deixara de exercer as obrigações dos seus emprêgos.

Declarada a morte espiritual, que convertêra o infortunado num autómató pelos estragos de uma debi-

litante e pronunciada encefalite, a morte física não se fêz esperar.

Faustino de Novaes, ás 11 $\frac{3}{4}$ da noite de 16 de agôsto de 1869, na citada rua do Ipiranga n.º 29, deixava de existir, aos 49 anos de idade, quando pãra muita gente se alargam e doiram os horisontes da vida, após afanôso lidar; e, ás 5 horas da tarde do dia seguinte, era conduzido, com numeroso acompanhamento, ao cemitério de S. João Baptista.¹

Com as lágrimas dos que o amaram, é de crêr que se misturassem abundantes as da sua musa galhofeira, que ainda hõje, á falta de substituição condigna, deve trajar rigorôso luto.

*

* *

Fõram variadas e abundantes as homenagens fúnebres, tributadas á memória do infortunado poeta. A

¹ Rezam assim os documentos funerários, algo curiosos:

ATESTADO MÉDICO.—Eu abaixo assignado, bacharel formado em medicina e cirurgiaõ pela universidade de Coimbra, aprovado pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro, atesto que Faustino Xavier de Novaes, de 49 anos de idade, filho legitimo de Antonio Luiz de Novaes, moradõr na rua do Ipiranga, 29, faleceu hontem, ás 11 $\frac{3}{4}$ da noite, de encephalo-myelite chroñica. Rio de Janeiro, 17 de agôsto de 1869. *Antonio Augusto Ferreira Soares*. Sepultou-se na fõrma da lei. *Candido Moreira Maia*, inspectõr do 24 quarteirão da freguesia da Glõria.

FORNECIMENTO DE OBJECTOS PARA O FUNERAL. Termo de adulto. O abaixo assinado, moradõr na rua dos Ourives, 75, compareceu neste escritõrio, ás 2 horas da tarde do dia de hõje, e cometeu á Empresa Funeraria o fornecimento de objectos abaixo mencionados pãra o funeral e entêrro do finado Faustino Xavier de Novaes, natural do Põrto, com 49 anos de idade, que faleceu do encephalo-myelite chroñica, e cujo cadãver se acha depositado na rua do Ipiranga,

imprensa alongou-se unanimemente em sentida necrologia; Miguel, Adelaide e Carolina, suas irmãs e irmão, a Associação dos Artistas Portuguezes, o Retiro Literário Português, o Club Mozart e o Liceu Literário Português mandaram dizêr missas em diferentes dias de agosto e setembro, na igreja de S. Francisco de Paula, sendo as destas duas corporações com toda a solemnidade e *Libera-me*, a que assistiram sócios, famílias e grande número de portuguezes e brasileiros.

A 29, trêze dias depois do falecimento, o periódico humorístico *Semana Ilustrada* publicou um número especial, homenagem ainda rara naquêl tempo, com retrato, notas biográficas e algumas poesias de Novaes; do que adeante damos alguns excertos.

29, donde deve sahir para o cemitério de S. João Baptista, pelas 5 horas da tarde do dia de hoje, a saber: eça n.º 3 — 20\$000; caixão n.º 4, com 69 polegadas — 58\$000; vehiculo para conduzir o corpo — 40\$000; carneiro para 5 anos — 100\$000. Soma dos objectos 218\$000, certidão de obito 1\$000, total recebido 219\$000.

Escritorio — a Empresa Funeraria da Santa Casa da Misericordia, 17 de agosto de 1869. *Secundino José Tavares*.

ORDEM PARA O CEMITÉRIO. N.º 146, quadro 1.º — 100\$000. O sr. administrador do cemitério de S. João Baptista mandará dar sepultura no quadro mencionado, se com este lhe fôr apresentado documento legal, ao cadáver do adulto, nome Faustino Xavier de Novaes, natural do Porto, idade 49 anos; o qual tem de ser conduzido em vehiculo n.º 5, em caixão n.º 4 de 69 polegadas. Escritório dos Funeraes, 17 de agosto de 1869. O chefe da turma *Julião J. Castilho*. Foi sepultado no quadro 1.º debaixo do n.º 474 de adulto. Cemitério de S. João Baptista, em 17 de agosto de 1869. O administrador *J. S. de Freitas*.

TRASLADAÇÃO. Faustino Xavier de Novaes, 17 de agosto de 1869, natural do Porto. Faleceu na rua do Ipiranga, foi sepultado no carneiro n.º 74, e depois exhumado em 18 de outubro de 1874 e depositado no jazigo n.º 284.

(*Registo de entradas do cemitério de S. João Baptista*).

O que sobrelevou a tudo, porém, foi a sessão fúnebre, que, no dia 16 de setembro, trigésimo da sua morte, celebrou o Liceu Literário Português, no salão da *Filarmonica Fluminense*, estabelecido na rua da Constituição, enchendo êsse recinto cêrca de 500 pessoas portugêsas e brasileiras, entre as quaes — o encarregado dos negócios de Portugal, officiaes da corvêta portugêsa *Duque da Terceira*, consul português, José Joaquim de Lima e Silva, veador de D. Pedro II, conde de S. Mamede, comendador Leonardo Caetano de Araujo, Miguel de Novaes, comendador José Avelino da Silva Braga, homens de lêtras e muita gente do comércio.

A meio do salão, elevava-se uma riquíssima eça, envolta em crepe e encimada por volumosa corôa de saudades, entrelaçada em fitas, onde se lia: — « A' memória de Faustino Xavier de Novaes o Liceu Literário Português ».

A's 8 $\frac{1}{2}$ horas, no meio de um significativo recolhimento, Antonio Maria dos Santos Bandeira, presidente do Liceu, abriu a sessão, discursando sôbre a pêrda, que acabavam de sofrêr as lêtras portugêsas, e sendo secundado por Ferraz de Macedo e Pedro Telmo, oradores dessa sociedade.

As associações brasileiras *Ensaio Literários*, *União Acadêmica*, *Instituto Farmacêutico* e *Amôr ao Estudo*; as portugêsas *Ensaio Dramáticos*, *Artistas Portugêses*, *Retiro Literário* e *Amôr á Monarchia*; e as mixtas *Club Mozart* e a dos *Guarda-livros* fôram representadas por comissões, de que se fizeram ouvir oradores especiaes, recitando alguns dêles versos, não satíricos, do poéta, publicados mais tarde nas *Poesias Póstumas*; e deposeram várias corôas nos degraus do catafalco.

O comendador José Avelino da Silva Braga, negociante, grande patriota, filho dos Açôres, sócio bene-

mérito de tôdas as associações portuguezas,¹ aventou a ideia de se abrir uma subscrição, cujo producto servisse pâra erigir um monumento a Novaes, alvitre, que germinou logo em tôda a assembléa.

A's 10 $\frac{1}{2}$ horas, o presidente, discursando novamente, entregou, ao fechar a sessão, a corôa principal a Miguel Novaes, irmão do môrto, pâra que a família dêste a conservasse, como tributo de admiração e respeito, que o Liceu Literário Português consagrava á memória do assinalado poeta.

*

* *

De facto, o monumento, cujo desenho acompanhou êste escrito no volume *Ignêx d'Horta*, devida a obra a alguns contos de réis subscritos por portuguezes e alguns brasileiros, foi inaugurado no primeiro aniversário da morte de Novaes, a 16 de agosto de 1870, no cemitério de S. João Baptista, onde figura com o n.º 284.

Entre os escritos necrológico-comemorativos, merecem registo especial os que vamos transcrevêr em seus pontos essenciaes.

Vejamos a notícia da *Semana Ilustrada*, em 22 de agôsto de 1869 :

«Faleceu, á meia noite de 16 do corrente, o célebre escritôr portuguez Faustino Xavier de Novaes, o maior poeta satírico do nosso tempo. Estão as lêtras de luto. Choram-o tôdos quantos o conheciam.

¹ Especialmente da *Caixa de Soccorros de D. Pedro v*, de que foi tesoureiro e presidente, a qual por gratidão lhe mandou pintar a oleo o retrato, que figura na sala de honra, como luminoso incentivo a futuros patriotas.

A essa benemérita sociedade nos honramos de pertencêr.

« A notícia correu, como um raio, por tôda a capital; e, apesar de se não fazerem convites pàra o entêro, numerôso e luzido foi o cortejo fúnebre. Estavam representadas as lêtras, as artes, a diplomacia e o comércio.

« Novaes, o poeta, tinha um grande amigo — o pôvo. Novaes, o homem, tinha muitos e mui dedicados amigos.

« Foi redactôr e colaboradôr de muitos dos melhores jornaes portuguezes, e colaboradôr aplaudido de tôdos os grandes periódicos fluminenses. Ele e só êle, em seu próprio entêro, ia representando a imprensa diária.

« O féretro foi conduzido, dêsde a eça até ao carro e do carro até á sepultura pelos srs. ministro de Portugal, conde de S. Mamede, veadóo Lima e Silva, chanceler do consulado geral de Portugal, dr. Henrique Corrêa Moreira e Ernesto Cibrão.

« A *Semana Ilustrada*, como sinal de alto aprêço, em que tinha os talentos de Faustino Xavier de Novaes, dedicará o seu próximo número á memória do ilustre finado ».

Agora um trêcho do número especial de 29 dos sobreditos mês e ano :

« A morte de Novaes deixa um grande vácuo nas lêtras portuguezas. Abundam os poetas de outro género: o drama, a elegia, a ode contam muitos cultôres assíduos entre os contemporâneos. Novaes era o único no seu género.

« A lira de Tolentino foi êle quem a herdou, após o longo silencio, em que o autôr do *Bilhar* a tinha deixado. Só êle a empunhou, durante vinte anos; e agora, que volta á terra, nossa mãe comum, ninguem há que a empunhe, como Novaes ou Tolentino.

« Já êstes dois nomes pertencem á historia. A crítica da posteridade collocal-os-á um ao pé do outro, como irmãos, que são ; ambos servirão de modêlo aos seus herdeiros futuros.

« Começando a escrevêr mais de meio século depois de Tolentino, Novaes encontrou os mesmos vícios e ridículos. Em que pese á nossa triste humanidade, são contingências inevitaveis, que uma época pôde disfarçar ou melhorar, mäs que hão-de existir sempre, como se fôram o fundo da nossa vida na terra.

« Essa é a matéria prima do poeta satírico, o assunto vivo e perene das suas lucubrações ; mäs, por isso mêsmo que o assunto é vasto e delicado, exige no poeta talento superiôr. Pôde suportar-se a mediocridade nêste ou naquêle género ; na sátira é impossivel ; o látego, que fustiga, deve impôr-se pela solidez do braço, que o empunha.

Qualquer dos dois poetas satíricos citados está nêste caso. Ambos possuíam um talento superiôr, uma veia abundante, observação e sagacidade notaveis. Eguaes no talento, são eguaes na maneira de empregar a sátira.

« A indignação não era a musa de nenhum dêles. Juvenal precisava da indignação ; estavam frêscas as recordações da virtude republicana ; a decadência política e social de Roma, contraste vivo com a austeridade antiga, a própria grandêza dos vícios romanos, tornava preciso que a indignação inspirasse Juvenal.

« Nem Tolentino, nem Novaes, nem Boileau precisaram d'ela, pela razão simples de que os vícios e ridículos, que vinham combatêr, eram moléstias endémicas da humanidade, eram o fundo comum das sociedades humanas.

« A sátira de Novaes era galhofeira, enérgica, mäs risonha ; atacava, fazendo rir o pôvo e ás vêzes a vítima. Não se disfarçava ; sacrificava a metáfora á expressão recta e própria ; mäs, como a veia do poeta

era inexgotavel, a sátira provocava a gargalhada pública, consagração suprema, a que um poeta satírico deve aspirar.

«Conhecem tôdos o talento e as obras do poeta; muitos conhecem os seus dotes de coração e a sua inflexivel probidade. Não falo da probidade comum, mäs dessa, que é a expressão ampla da virtude — a franquêza dos sentimentos e a sinceridade do coração.

«Nisto e no mais, era a sua vida o comentário de seus versos.

— Vem, Persico — dizia Juvenal — e verás se os meus costumes desmentem os meus preceitos.»

«Tal era Novaes.

«Coração tinha-o êle de ouro. Os que o conheceram de perto souberam apreciál-o, e amál-o tambem. Aberto a tôdos os sentimentos generosos, tinha êle esta qualidade dos grandes caracteres — era rude. Mäs era de amôr aquella rudêza tão franca e nobre, quando se sabia que êle fazia da lealdade uma lei inviolavel.

«Se os seus amigos quizessem comemorar as suas qualidades, bem poderiam escrevêr-lhe na campa estas palavras de Shakspeare: — *This was a man.*»

Ouçamos ainda o poeta brasileiro, sr. Machado de Assis, numa bela ode:

A. F. X. DE NOVAES

« Já da terrena túnica despida,
 Voaste, alma gentil, á eternidade;
 E sacudindo a terra,
 As lembranças da vida, as maguas fundas,
 Foste ao sol repousar da etherea estancia.
 Nem lágrimas, nem preces

O despojo mortal do somno acordam ;
 Nem penetrando na mansão divina
 A voz do homem perturba
 O espírito imortal. Ah! se pudessem
 Lágrimas de homem revivêr a extincta
 Murcha flôr de teus dias ; se rompendo
 O misterioso invólucro da morte,
 De nôvo entrasses no festim da vida,
 Alma do céu, quem sabe se não déras
 A taça cheia, em trôco do sepulcro,
 E agitando no espaço as azas brancas
 Voltarias, sorrindo, á eternidade ?

Não te choramos, pois, descança ao menos
 No regaço da morte : a austera virgem
 Ama os que mais sofreram ; tu compraste
 Co'a dôr profunda o derradeiro somno.
 Choram-te as musas, sim : choram-te as musas ;
 Choram-te em vão, que das quebradas cordas
 Da tua lira os sons não mais despertam.
 Nem dos festivos lábios
 Os versos brotarão, que outr'ora o pôvo,
 No entusiasmo férvido, applaudia.
 Apenas — e isso é tudo —
 Fulge co'a luz da glória
 Teu nome. E os versos teus, garridas flôres,
 De imortal primavera, em quanto o vento
 Inuteis fôlhas pela terra espalha,
 Celeste aroma á eternidade mandam.
 Tu viverás. Não morre
 Aquêle, em cujo espírito escolhido
 A mão de Deus lançou a flama do estro.
 Traz do bêrço o destino. Em vão, fortuna .
 Lhe comprime a voz ; a voz prorompe
 Tal o rochêdo inútil
 Ousa detêr as águas ;
 A corrente prosegue impetuosa,
 O campo alaga, e a terra mãe fecunda !

Reinaldo Carlos Montoro, literato e negociante português, que fizera protesto de não voltar a escrevêr em público, tantas desilusões lhe dera o cultivo das lêtras, enviou ao *Jornal do Comércio*, em 24 de setembro, um longo artigo, em que se lia o seguinte :

.....
« Dos nomes, que hão-de sobreviver a essa página histórica de 1858 a 1865, é sem dúvida Novaes um dos mais notáveis.

« De suas poesias satíricas há muitas de agudo pensamento, de expressão concisa e feliz, de graça incontestável.

« Quem as discriminar dos seus trabalhos de menor espontaneidade lhes realçará, sem dúvida, o valor.

« Em sua prosa faceta há produções de verdadeira originalidade e quadros cheios de vida e de acertada crítica de costumes. A estas qualidades do seu talento vence, e se alteia a inspiração sublime dos seus cantos elegíacos de amor, as estrofes inspiradas, em que o infortúnio se desafoga em lágrimas, em que a correção das imagens rivaliza com a abundância e riquêza da metrificação.

« Felizes aquêles, que, depois de tão nobres momentos de inspiração, se a decepção os fulmina, podem escondêr o coração despedaçado sôb as lages de um túmulo! Ao menos não vêm alí os amargôres da vida prática, das humilhações imerecidas, afogar o espírito nêsse lago imenso de morte, que se chama o esquecimento do próprio ingenho.

« Faustino Xavier de Novaes é para a imigração portugûesa no Brasil mais do que um compatriota illustre: pelo seu talento, pela generosidade do seu coração, pela sublimidade dos seus sentimentos, um dos mais nobres representantes da pátria, que tem pisado nêste país.

« Honrando a sua memória, a imigração corôa a sua própria estátua. »

E nós terminaremos, exclamando :

— Pobres poetas... os que o são verdadeiramente!

A sua intelligência, segundo sabemos, e consigna o sisudo historiadôr do *Eurico*, precisa de vivêr num mundo mais amplo do que êsse, a que a sociedade traçou tão mesquinhos limites.

Por isso sofrem tanto, em vida, êsses desalumiados da fortuna!

Cara glória a sua!

NOTAS SUPLEMENTARES

Notas suplementares referentes a Novaes

I

Bibliografia

Na secção bibliográfica não mencionámos as *Poesias*, edição Chardron, Pôrto, 1879, publicadas, déz anos depois da morte do autôr, por Antonio Moutinho de Sousa, por serem uma mistificação do primeiro livro de versos, editorados pela segunda vêz em 1856, de que Chardron e o seu mandatário bem podiam formar uma 3.^a edição.

Ao contrário disso, aparentando obra nova, organizaram um mistifório, suprimindo da edição de 56 os versos de páginas 103, 143, 151, 182, 260 e 299, e incluindo o resto, e acabando por dar o nome de poesias inéditas a 42 composições, que sempre fizeram parte da supracitada edição!

Esta, a de 56, contem 81 peças, em quanto que aquela, a que nos referimos, conta apenas 77, incluindo duas poesias inéditas, únicas, que merecem êste nome, e não fôram assim classificadas, sôb os títulos *Num albumzinho* e *No album do meu amigo I. J. L. e Costa!*

A edição Chardron não pode pois entrar na ordem numérica e apreciativa das obras de Novaes.

E' um objecto espúrio.

II

Dois inéditos

Como já notámos, a muitas das nossas pesquisas satisfêz plenamente o melhor dos nossos informadôres, sr. comendadôr Francisco José Corrêa Quintella, benemérito compatriota, amigo de Novaes e actual presidente do *Retiro Literário Português*, do Rio de Janeiro, a cuja agremiação pertencemos, de há muito, como sócio honorário.

Este distincto patriota, inclinado na sua mocidade a estudos literários, era um entusiasta da poesia satírica.

O primeiro volume das poesias de Novaes — diz-nos êle — despertou um acolhimento extraordinário, no Brasil, entre a gente estudiosa, acontecimento ruído, somente egualado pelo poema *D. Jaime*, de Thomaz Ribeiro.

Quintella, espontaneamente, angariou numerosas assinaturas da obra, cuja lista e respectiva importância mandou para o Pôrto ao festejado poeta, com quem, por êsse motivo, estabeleceu relações de amizade, robustecidas por amiudada correspondência.

Ao sabêr, em 1858, que Novaes chegára ao Rio de Janeiro, regosijou-se intimamente o seu solícito correspondente, e da freguesia da Conservatória, município de Valença, onde residia então, querendo divertir-se com êle, e disfarçando a lêtra, mandou-lhe pelo correio uma irónica saudação, em verso, assinada por *O incógnito*.

Novaes, que achou a brincadeira um tanto pesada, apesar de não sabêr a quem se dirigia, não se demo-

rou com a resposta, digna de quem era, servindo-se de tôdas as rimas da epístola recebida, como em paródia, e endereçando-a ao *Incógnito, filho de incógnita musa*.

Os dois inéditos logram agora bôa ocasião de sêr conhecidos; aqui os registamos gostosamente, como é do nosso devêr, dêside que nos vieram ás mãos.

SAUDAÇÃO

Á chegada de Faustino Xavier de Novaes ao Rio de Janeiro em 1858

Tambem por cá, meu Faustino,
Pelo país da banana?
Que fado, sorte, ou destino
Dize-me, meu barbatana,
Te guiou a êstes sertões?
O desejo dos milhões?

Blasonavas mui faceiro,
Em teus versos de além-mar,
Que não cubiçavas dinheiro,
Nem desejos de Casar!
E agora, caro poeta,
Porque é que deu tudo em pêta?

Quanto melhor não seria,
Com tua espada de pau,
Viveres em doce harmonia,
Dar em tôdos teu quinau,
Sem te fazêr forasteiro
Em procura de dinheiro?!

Nêsse estado eras ditôso,
Sem ambição, nem desejos;
Tinhas prazêr, tinhas gôso,
Sorrisos, abraços e beijos,
Carícias e *requebrados*¹
Por menos de dois cruzados.

¹ Êste particípio é vulgarmente substantivado no Brasil, significando requebro, gesto amorôso ou lascivo.

Não te lembras do ditado
Boi solto lambe-se tódo?
Sim, depois que estás casado,
E' que procuras o modo
De ganhar algum vintem,
Perque os filhos ahi vem?

E' que te entrou no bestunto
O diabo da ambição ;
P'ra não cheirar a defunto
Deixas amigos, nação,
Vens com a cara metade
Procurar felicidade !

Meu amigo, o senso humano,
Tem muita variedade ;
O que hontem crês-te, ingénuo,
Achas hõje sêr verdade,
Porque a cabeça dum homem
Mil desejos a consomem.

Não chacoteies assim,
Sem magua nem cõmpaixão,
Qualquer Zé, Mané, Jaquim,
Que á pátria leva um milhão,
Que a pátria está precisada
Dessa gente apatacada.

Bem quizera agora sêr
Sovela de sapateiro,
P'ra na tripeça me erguêr,
E dar-te um furo certoiro
No ventre, na bunda, ou rabo,
E enterral-a até ao cabo.

O INCÓGNITO.

RESPOSTA DO FAUSTINO

Ho incógnito filho da incógnita musa em razão
da sua epístola rimada

Que te importa, se o *Faustino*
Veio ao país da *banana*?
A causa dêste *destino*
Não a digo ao *barbatana*,
Que vive lá nos *sertões*,
Entre animaes aos *milhões*.

Não seja assim *faceiro*
Com quem chega de *além-mar*,
Ou antes de têr *dinheiro*,
Ou depois de se *casar*,
Com *C* grande: (E és tu *poeta*?!)
Disse-t'ó alguém, mäs é *pêta*!...

Quanto melhor não *seria*,
Já que tens cara de *pau*,
Com tôdos em *harmonia*,
Sem dar a ninguem *quinau*,
Não sêr mais que *forasteiro*,
Em procura de *dinheiro*?

Nêsse estado eras ditôso,
Sem ambição, nem desejos,
Dando na musa, qual *gôso*,
Dentadas em vêz de *beijos*;
Contra ti se erguem mil *brados*;
Ficas de braços *crusados*.

Não te lembras do ditado
Boi sôlto lambe-se tôdo?
Pois com a musa *casado*
Não te lambes dêsse *modo*,
Por que versos de *vintem*,
Como os teus, á feira *vem*.

Tambem te deu no bestunto
De gloria têr *ambição*,
Sendo na sciência um *defunto*,
Que envergonhas a *nação*?
Do senso comum *metade*
Só tens por *felicidade*.

Amigo, o género humano,
 Tem muita *variedade*;
 Se te crês sábio — é *engano*,
 Se te crês tôlo — é *verdade*;
 Se fazes mais *versos*, homem,
 Mil apupos te *consomem*!

Não sei a quem falo *assim*,
 Nem me inspiras *compaixão*;
 E's algum *Mané Jaquim*,
 Talvez *senhôr de um milhão!*...
 A *sensatéz precisada*
 Ri da *asneira apatacada!*...

Porém não ... não pode *sêr*!
 Não passas de *sapateiro*;
 Não me faças mais *erguêr*,
 Foge ao meu tiro *certeiro*,
 E's tôlo de cabo a *rabo*,
 Vae prégar do mundo *ao cabo!*...

F. X. de Novaes.

P. S. — Faça o favor de encaixar, no sítio competente, servindo de epigrafe, êstes dois versos:

Queixae-vos asneirões, que a pêrda é vossa,
 Pois quer sêr lóbo quem lhe veste a pele.

José Agostinho de Macedo.

F. X. de N.

Apesar da verrina em verso, Quintela e Novaes, logo que se reconheceram, e abraçaram, mais tarde, em pleno Rio de Janeiro, riram muito do caso, e aumentaram a escala ascendente da sua estreita amizade.

III

Um inédito em prosa

Conforme levemente indicámos, a páginas 285 e 286, ao fundar o seu estabelecimento de papelaria e

livros, Novaes espalhou larga correspondência epistolar e autográfica pelos homens de letras portuguezes, com quem tinha relações.

A pesar nosso, só pudémos havêr á mão a carta, que èle, nessa época e sôbre tal assunto, escreveu a Luiz Palmeirim, devida ao digno administradôr de Grândola, sr. Julio Palmeirim, filho dèste maviôso poeta lírico, conforme já dissémos em nota das páginas acima indicadas.

Como se depreheende do tom familiar e do trêcho final da carta, èste documento é um simples éco do que a outros escritôres comunicou Novaes largamente.

Registando-o, porém, sabemos que èle vale testemunho eficaz, de uma época, que a seu autôr foi perniciososa, por gravíssimos desgostos domésticos e prejuizos consideraveis seus e alheios.

Vejamos :

Meu caro Palmeirim

Ainda és poeta? Não o sei, porque não tem chegado aqui novos gemidos da tua lira. Eu creio que nunca o fui, apesar de ter escrito muitas linhas rimadas, que tiveram o merecimento de me dar algum, ainda que pouco, dinheiro.

Agora é que eu estou mal com a minha musa, e pâra sempre. Deixei-me de descompôr o género humano, e trato de compôr a algibeira; o que é muito melhor.

Daqui a um mês, pouco mais ou menos, dêvo estar atrás de um balcão, fazendo cortezias aos freguezes, e asseverando-lhes que fazenda melhor que a da minha loja não será possivel encontrar-se em tôdo o universo e seus arrabaldes.

Chama-me estúpido, brutal, materialista e barão, mâs olha que te arriskas a chupar o cognome de lôrpa, que é muito peor.

Quero dinheiro, porque preciso d'èle pâra certos arranjos domésticos, e não me importa do que dizem os poetas e os folhetinistas.

Já não sei lêr. Entre as quinquilharias, que vou expôr á venda, desejo têr alguns livros portuguezes de bons autôres. Tencionas publicar alguma coisa? Nêste caso, man-

da-me uns cem exemplares da obra, e escreve, dizendo-me o preço.

E' uma tentativa, que dará pouco resultado no principio, mäs que póde sêr vantajosa pâra o futuro.

O Mendes Leal (José) e o Rebelo da Silva, a quem escrêvo mais largamente sôbre o assunto, podem dar-te mais esclarecimentos sôbre a minha pretensão.

Conversa com êles, e escreve na volta do paquête, pâra a rua Direita n.º 86 ao

Teu amigo velho

Faustino Xavier de Novaes.

Rio de Janeiro, janeiro de 1860.

Quem diria que êstes prenúncios, dentro de uma época breve, constituiriam um verdadeiro desastre, tão contrario á fórma ridente, com que fôram formulados ?

E' que a musa, de que o poeta desdenhava a sorrir, não o abandonara, tornando-lhe a esperança illusória, porque ela, a musa, era condão inato, que niuguem podia sobrepujar.

Apolo e Mercúrio, fugindo-se, perdem-se em horisôntes opostos.

Lira afinada e balcão comercial repelem-se por desavindos e antagónicos.

Bem o sabemos, por desdita nossa !

IV

Façuldade creadôra

Quem de perto conhecêr a obra poética de Novaes, há-de têr notado a facilidade de invenção, com que êle coloria assuntos similares, imprimindo-lhe uma variedade, que os distanciava admiravelmente, como que se de coisas novas se tratasse.

Nisso estava a sua notavel fecundidade creadôra.
 Sirva de exemplo pãra os menos lidos o que êle
 escreveu em dois pequenos álbuns, um de que já dê-
 mos conta a páginas 310, e outro, em que se lêem os
 seguintes versos, que completam uma graciosíssima
 dualidade :

NUM ALBUMZINHO

MUITO PEQUENINO, DE UM MEU AMIGUINHO, MUITO BAIXINHO

Nêste albumzinho
 Pequerruchinho,
 Um vatesinho
 Que há-de escrevêr?
 Uns versosinhos,
 Mui sentidinhos?
 Uns amorzinhos?
 Não pode sêr.

Um cantosinho,
 Mui mimosinho,
 Ao livrosinho
 Não dá prazêr.
 Ao pradosinho,
 Ao riosinho,
 Ao jardimzinho
 Não pode sêr.

Um louvorzinho
 Ao donosinho,
 Do livrosinho
 Não vou tecêr;
 Da lisonjinha
 Sua almasinha
 Vaidosasinha
 Não pode sêr.

A' damasinha,
 Ao janotinha
 Satirasinha

Vae ofendêr ;
 E as costasinhas
 Expostasinhas
 A's coçasinhas
 Não pode sêr.

A' patriasinha
 Desditosinha
 Lamuriasinha
 Fará corrêr,
 Nas facesinhas
 Portuguesinhas
 Lagrimasinhas
 Não pode sêr.

Vontadesinha
 Tem firmesinha
 A lirasinha
 De obedecêr :
 Mês... tristesinha :
 E' pobresinha.
 Pacienciasinha !
 Não pode sêr.

V

Poesias não çoligidas

Relações de família, como já foi indicado, fizeram que a mãe de Novaes acolhêsse em seus braços, por muitíssimas vêzes a bem fadada creança, de que mais tarde se formaria o gloriôso pianista Arthur Napoleão, a quem o poeta consagrou sempre encendrado affecto, amiudada convivência e provada admiração.

Ao grande artista, que, infelizmente pâra a arte portugûesa e universal, se aposentou fóra de tempo, agradecemos o original dos versos, que a seguir inserimos, e que são a sequência, ou antes, o complemento dos que figuram a páginas 56 das *Poesias pós-*

tumas, edição do Rio de Janeiro ¹. Ahi se recordam factos, lances saudosos, maviosidades e carinhos, que no coração dos dois amigos perduraram sempre com a mesma intensidade.

DESPEDIDA

A ARTHUR NAPOLEÃO

De viçosa roseira, que, extremôso,
Com amigo cuidado, eu cultivava,
Vi nascêr um botão tenro, mimôso,
Em ameno jardim, onde eu folgava ;
Entre as rosas irmans, meigo e formôso,
Era o lindo botão. que mais brilhava,
E os olhos, enlevados na belêza,
Pasmavam do podêr da naturêza.

De galas prematuras adornado,
Tôdo viço e frescôr, alvo de arminho,
Sem manchar-lhe êsse alvôr aveludado
Aspêrrimo contraste de agro espinho,
Dos mais dôces aromas perfumado,
Tôdo encanto e primôr, o botãosinho
Afragavam-no alegres mariposas,
Que deixavam, por êle, o mel das rosas.

Foi crescendo, crescendo... e sempre belo
A inveja despertando em outras flôres,
Sem orgulho sentir, sempre singelo,
Cândido sempre, cativando amôres,
Incitou no oultôr largo desvelo,
Que tão ricos não vira outros cultôres,
E levou-me o botão por êsses mares,
Buscando novos climas, novos ares.

¹ Esta poesia e as que se seguem, apesar da inserção fugitiva, que tiveram no número especial da *Semana Ilustrada*, podem considerar-se inéditas, ao menos pâra os leitores d'aquem do Atlântico.

Que tempo já lá vae!... Inda hõje em sonhos
 Vejo aquêlê jardim cheio de encanto,
 Recordo amenos dias, tão risonhos,
 Que sonhando passei, vivendo tanto,
 Sem que receios do porvir medonhos,
 Misturassem ao riso amargo pranto.
 Só chorei de saudade, ao vêr, fugindo,
 O meu casto botão, que era tão lindo.

Lá... folgava o cultôr, que o transportara
 A mais amplo jardim, de ambição cheio;
 Venturas, que a sonhar imaginara,
 Tornavam-se reaes; e nêsse enleio,
 Vendo abrir-se o botão, que me roubara,
 Era extremo cuidado o seu recreio!
 Dias, mêses... lá vão... fugiram anos...
 Arrastaram-me aqui duros enganos!

.....

Sofri muito, chorei, succumbiria,
 Se por mim não velasse a Providência;
 Mês nem a nova dôr, que me pungia,
 A saudade apagou de longa ausência.
 Eis que um dia surgiu — ditôso dia! —
 Vi um raio de luz... senti-lhe a ardência,
 Achei a minha flôr, aberta e bela,
 Pura como era o botão, casta e singela.

A' fama não aspira humilde instincto,
 Não pretende subir da glória ao templo,
 Sôbre a terra deixando, bem distincto,
 Excelso nome, salutar exemplo;
 Só quisera exprimir, tal como o sinto,
 Da minha alma o prazer, quando contemplo,
 No vedado botão, na flôr tão vista,
 O pequenino Arthur... o grande artista.

Êsse, que só da infância tinha as galas
 A inocência, a candura, e já ufano
 Desferia, em seguida a debeis falas,
 Harmonias perfectas no piano;
 Que era ornamento encantadôr nas salas,
 Que em breve o foi no mundo, e de ano em ano
 Na frente engrinaldando novos louros,
 A pátria enriqueceu com seus tesouros.

E vaes deixar-me, Arthur? Não vaes saudôso
 Das puras afeições, que te rodeiam;
 De um pôvo, que te acolhe, tão bondôso;
 De amigos, que nos braços te encadeiam?
 E vaes deixar-me, Arthur? Inda, orgulhoso,
 Palmas, que vaes colhêr, te lisongeiam?
 Pois vae... que eterna em mim tens a memória.
 Eu hei-de vêr-te, á luz da tua glória.

Emquanto, com meu pranto, a face inundo,
 Vê se inda lembra a alguém, no Pôrto ameno,
 O vaticínio meu por ti profundo:
 — Podes, sim, percorrêr vasto terreno:
 « Verás que há-de servir de pasmo ao mundo,
 « Entre os grandes, sêr grande *o mais pequeno!* »
 Não digas a ninguém que sou poeta;
 Vae a tôdos provar que fui profeta.

Entre os braços amigos, que te esperam,
 Que hão-de logo prendêr-te em dôces laços,
 Abertos hás-de vêr uns, que te deram,
 Ao despertar da infância, mil abraços;
 Num resto de rigôr, que já tiveram,
 No pranto a horbulhar nos olhos baços,
 Sentirás minha mãe, que inda te adora,
 Que lá chora por mim, que por ti chora.

Há naquela afeição forte constância.
 Eu recordo-me bem do tempo antigo,
 Em que era seu prazer a tua infância;
 Tão meigo te cingia ao peito amigo,
 Osculava-te as faces, com tal ância,
 Com maternal amôr, prêsa comtigo,
 Tão risonha, afagando os teus cabelos,
 Que se infante inda fôsse, eu tinha zêlos.

Vaes vêl-a, meu Arthur; verás sem brilho
 Murcha a face, que foi nívia e rosada;
 Murchara-lh'a da vida o longo trilho,
 Pelos sulcos do pranto foi cavada.
 Vaes abraçal-a tu... e ao pobre filho
 Cá deixas a saudade amargurada!
 Minha vida não contes; eu t'o imploro;
 Arthur, dize-lhe só que vivo, e... choro.

Rio de Janeiro, 22 de Novembro de 1863.

FABULA

O jumento e o armadôr

Quando os jumentos falavam,
Como agora falam tantos,
E, ao som da lira, entoavam
Como hõje, dôces cantos;
Seguindo em traje e maneira
As modas vindas de fóra,
Sem terem outras canseiras,
Como os peraltas de agora;

Houve um, que buscando um dia
Certo armadôr afamado,
De quanto na loja havia
Tomando o mais aceado,
Abriu a algibeira sua,
Que era, entre os mais, opulento;
E tentou vir sêr na rua
Fidalgo, mais que jumento.

Bordado a retroz, veludo,
Mil galões de prata e de oiro
Brilhantes, pérolas, tudo
Tornava o traje um tesoiro.
A armação ao cõrpo estranha
Fazia estranho barulho;
E, se mais pôvo o acompanha,
Mais se enche o louco de orgulho.

Ostentando em tôda a parte
O brilho d'essas alfaias,
Recebia, por tal arte,
Dos outros burros zumbaias;
Entre animaes de outra raça,
Se passava empavesado,
Sorria a tódos com graça,
Pâra sêr mais festejado!

Três dias assim passara,
Sonhando mais alta glória,
Porque a vaidade o assaltara
De têr um nome na história:

Da louca ideia se inflama,
 Mete-se em alto congresso,
 Pois quer de Cícero a fama,
 Juntar á fama de Cresso.

Dados a sérios estudos,
 Estavam muito entretidos
 Outros animaes sisudos,
 Numa sala reunidos ;
 Cada qual o seu discurso
 Sôbre o assunto proferia,
 E o sapiente concurso
 Com mil bravos applaudia.

O nosso heroe ostentando
 Porte magestoso e altivo,
 Passara o tempo escutando
 Com fumos de pensativo ;
 Dizia alguém que ao talento
 Daria mais nobre emprêgo ;
 Mês... pâra o rico jumento
 Quanto se disse era grêgo.

Veio a vaidade maldita
 Trazêr fatal desengano ;
 Tudo applaude, tudo grita,
 Mostra-se o congresso ufano ;
 Não quer o mais enfeitado
 Uma vêz passar por bronco,
 De ânimo cheio, o coitado,
 Abre a bôca, e prega um ronco !

Fica tudo estupefacto !
 O que dizêr ninguem sabe !
 Mês, por honra d'aquêle acto,
 Não querem que o monstro acabe.
 — «Era um burro!» em altos brados
 Grita a súcia, ouvindo o zurro.
 Da casa nos quatro lados,
 O éco repete : — «Era um burro!»

De vergonha então corrido,
 Por evitar mais desgosto,
 Foge o pobre, espavorido,
 Correndo, já decompôsto ;

Pesam-lhe estranhos arreios,
 Serve a lição de escarmento;
 Vae despir fatos alheios...
 Outra vêz fica jumento!

Onde foi acontecido
 Tal caso ninguem m'ò disse;
 Nem eu fui tão atrevido
 Que o narradôr inquerisse;
 Mês... de fitas vendo cheio
 E de títulos, um tonto,
 Por temêr que suje o arreio,
 Lembra-me logo êste conto.

FRAGMENTO

Que triste vida a minha! e que martírio!
 Sempre ardente em minha alma êste delírio;
 Na cabeça um vulcão!
 Sempre ante os olhos meus o abismo aberto,
 O mundo para mim sempre deserto,
 Sempre um mundo de amôr no coração!

Amôr! amôr, que os cínicos motejam,
 Porque os cabelos meus na fronte alvejam,
 E a face enruga já;
 E o fumo, que subindo se evapora;
 Aos cínicos não diz, branqueje embora,
 Que, sem fôgo existir, fumo não há.

E sabem se estas cans são fructo de anos,
 Ou se a ardência de amargos desenganos
 Na verdura os creou?
 Diz o rôsto em que máguas me definho?
 Quem sabe, ao encontrar-me no caminho,
 Se já venho de longe, ou longe vou?

Decrépito que eu fôsse, ao chão pendendo,
 E já trémulo, e mal a fronte erguendo
 A' luz, que vem do céu,
 Inda, ao vêr-me passar, ninguem pudera
 Sem meu peito sondar, dizêr que eu era
 Um triste, um velho, um penitente, um réu.

Já inerte o ancião, quase sem tino,
 Ama do filho o filho pequenino,
 Que abraça com ardôr;
 E náufrago no mar de outros affectos,
 Revela na expansão de amôr aos netos
 Os restos, que salvou do antigo amôr.

Não é morte a velhice, em cõrpo humano;
 É como o inverno, no corrêr de um ano,
 É a estação final;
 Morre a materia, seja ardente ou calma,
 O amôr não morre! não, que vive n'alma
 Porção, que Deus em nós fêz immortal.

Antes morrêsse, que me fôra a vida,
 Embora triste, plácida, esquecida,
 Sem lágrimas, sem ais;
 Loucuras da fogosa mocidade
 Seriam para mim uma saudade,
 Uma dôce lembrança... e nada mais!

.....

A MINHA MÃE

ENVIANDO-LHE O MEU RETRATO, EM MINIATURA, PRIMORÔSO
 TRABALHO, QUE ME OFERECEU O SEU DISTINCTO AUTÔR,
 O MEU AMIGO J. T. DA C. GUIMARÃES.

Meu destino qual é? Perdido, errante
 Lá na pátria que fiz? que faço aqui?
 Onde estás, minha mãe? ao filho amante
 Quem o pôde arrastar longe de ti?

Foi o destino meu, sempre mesquinho,
 Quem de ti me afastou. Ai! se eu voltar,
 Deixo, saudôso, maternal carinho,¹
 Por quem, mêsimo a teu lado, hei-de chorar!

Lágrimas sempre! Se um sorriso passa
 Nos lábios, que o desânimo fechou,
 O mundo, cego á perenal desgraça,
 Inveja o riso, que a fugir passou.

¹ Alusão claríssima ao affecto da baronêsa de Taquary.

O mundo! abismo de traições e enganos,
Em que arrasto a existência, prèso á dôr.
E Deus não me revela os seus arcanos!
E Deus não me comparte o seu amôr!

Não sabes, minha mãe, quantos martírios,
Quantas angustias eu combato, em vão,
Abrazada a cabêça em mil delírios,
Implacavel algoz o coração.

Contempla nêsse quadro a minha imagem.
Se algum traço ainda vês, que te seduz,
Deu-lh'o do genio a mão, que, na passagem,
O reflexo deixou da própria luz.

Obra do Creadôr, a flôr mimosa
Tambem ousado artista a imita assim;
Mãe, emquanto êle firma a côr da rosa,
Vae ela caminhando a certo fim.

Nêsses olhos mortaes, quase sem brilho,
Nas prematuras cans, a reluzir,
Na face macerada... eis o teu filho!
Eis o triste presente... eis o porvir!

Nessa imagem que falta? o pranto ardente,
Expressivo sinal da mágua atroz;
Se diz o rôsto quanto o peito sente,
Pára chamar por ti, falta-lhe a voz!

Não chama... vae .. e eu fico amargurado,
Sem jamais esquecer os mimos teus,
De sandade a chorar pelo passado,
Pensando no futuro, em ti e em Deus.

De tôdo o apaixonado lirismo, que ahí fica expresso em lágrimas candentes, de que, noutro tempo, ninguém julgaria affectados os olhos ridentes e escarnicadôres do poeta eminentemente satírico, ao *Fragmento*, mau grado a sua exiguidade, compete a palma classificadôra.

Pela justêza da frase, pelo sentimento e pelo conceito, é uma notavel miniatura; vale um pequeno, mäs verdadeiro poema.

VI

Mais inéditos

Posteriõrmente á escritura e registo do que até aqui fica mencionado, fomos favorecido com mais três inéditos pelo sr. Arthur Napoleão, que os extraiu do seu riquíssimo album de glórias, onde figuram, em brilhante promiscuidade, autógrafos de reis e príncipes, escritõres e poetas, banqueiros e magnatas, homens de sciência e artistas, clero, nobrêza e pôvo de tôdas as partes do mundo, onde os sons do seu piano se fizeram ouvir.

Têm uma história, êsses versos, que pertencem ao período infantil do pianista, 1852.

Sendo seu pae de nacionalidade francêsa, num dos concêrtos, que precederam a saída do menino Arthur, resolveu mandar imprimir em francês os bilhêtes de entrada.

Não tripudiando tanto á solta, como hõje, a mania estrangeirofóbica, a gente do Pôrto não gostou da inoção, e deu mostras de desagrado.

Faustino de Novaes, em cuja casa Arthur, como já demonstrámos, gosava affectos de família, doeu-se do caso, e, como que em desfôrço, escreveu, e recitou em público os seguintes versos:

Arthur! se te escuto rebenta-me o pranto,
Mal posso os soluços no peito contêr;
Quizera fugir-te... mâs... não posso tanto,
Que para prendêr-me tens alto podêr.

E a origem da dôr, que minha alma devora,
Ninguém a ad'vinha, nem tu a prevês;
Mâs eu a revelo, censurem-me embora:
E' só a lembrança de que és português.

Não sabes a sorte, que está destinada,
 Se nasce nos montes, á cândida flôr ?
 Dos ventos batida, das feras calcada,
 Se perde a existência, quem dela tem dôr ?

Ninguem ! E' verdade. Tambem nesta terra
 Os génios famosos têm sempre mau fim.
 Dos grandes nas artes, na sciência e na guerra,
 Que exemplos eu vejo, que falam por mim !

Que importa que eu veja grandêzas agora ?
 Que vale havêr ouro, palácios, brazões ?
 Tambem os havia nos tempos de outrora ;
 E qual foi a sorte do grande Camões ?

Que homem portento, que á pátria deu gloria !
 Morreu desgraçado num triste hospital.
 Oh ! pátria mesquinha, tão grande na história,
 Em sêres sempre ingrata não tens tu rival !

E' sina cruenta que um genio sublime,
 Na terra, que é sua, não possa brilhar ;
 Aqui o sêr grande parece que é crime !
 Arthur ! se pudesses a pátria negar !

Más não ! não a negues, que honrôso não fôra !
 Mal haja o que a pátria, gemendo, maldiz !
 Embora não aches a mão protectôra,
 Que tente elevar-te, fazêr-te feliz.

Do mundo as grandêzas o tempo consome :
 No pó tudo envolto no chão se perdeu ;
 Tu deixas a terra, mas legas-lhe um nome...
 Eterna vergonha de quem te esqueceu !

Prosegue, prosegue nessa arte mimosa,
 Por ela tornando teu nome immortal !
 Dá honra ; dá glória á nação desditosa.
 Arthur ! sacrifica-te ao teu Portugal !

O sonêto, que segue, refere-se ao concêrto, beneficio de despedida do pequeno artista, a quem Novaes o fêz decorar, e dizêr, no final do espectáculo, como, ao comêço do nosso estudo, mencionámos.

Inda mais uma vêz, pôvo excelente,
 Ô nobre auxílio teu invocar venho ;
 Inda mais uma vêz, meu pobre engenho
 A quem nascêr o viu vae sêr patente.

Ufano, por me dar tão culta gente
 Os louros, que virentes-inda tenho.
 Hôje aos lábios chamar é meu empenho
 A dôce gratidão, que o peito sente.

Se a minha condição vir elevada,
 A ti o dêvo só ; e em tôda a parte
 Minha alma ao Pôrto meu será votada.

E se outro galardão não posso dar-te,
 Meu nome ilustrarei e a pátria amada,
Se a tanto me ajudar engenho e arte.

29 janeiro 1852.

Por último, nessa ocasião tão solene e comove-
 dôra, Novaes, muito sentido e subidamente inspirado,
 saiu-se de improviso com êste outro soneto, que, alem
 de sobremaneira aplaudido, foi alvo de estremado
 aprêço jornalístico.

Cada vêz que, de nôvo, Arthur, te escuto,
 Mais se augmenta a vontade de escutar-te ;
 Quando, apenas, acabo de louvar-te,
 Já com igual desêjo, outra vêz, luto.

Ora elevas teu génio, resoluto,
 Inocente vens logo demonstrar-te,
 Vacilante me deixas, a admirar-te,
 Cada vêz que, de nôvo, Arthur, te escuto.

E não julgues que só eu me confundo
 Por na infância te vêr, puro e sereno,
 E contemplar em ti sabêr profundo.

Podes, sim, percorrêr vasto terreno...
 Verás que há-de servir de pasmo ao mundo
Entre os grandes, sêr grande o mais pequeno.

VII

Parte anedótica

Da crónica anedótica de Novaes, extensa, ao que nos consta e é de presumir, daremos apenas algumas valiosas amostras, de que temos conhecimento, uma das quaes, a segunda, já foi por nós divulgada em 1871, no *Almanaque de Lembranças*.

Uma tarde, seguia o poeta num dos pesados carroções, que, ao tempo, se chamavam *gôndolas*, da cidade do Rio pàra o arrabalde, onde morava. Novaes tomou assento numa das bancadas interiôres da dianteira, tendo apênas por companheiro um popular, que se sentara, no lugar inferiôr, ao lado do cocheiro.

Êste, que era ilheu, faladôr em demasia e, por abrutado, belo ornamento da classe, abrija conversa com o passageiro vizinho ácêrca da parêlha, que puxava o carro, e que êle dizia oriunda da sua terra, attribuindo-lhe belêza, fôrça e outros predicados, que ela não tinha.

O popular dizia-se conhecedôr do género, e refutava as qualidades das bêstas, machos ou mulas, a que, no Rio, chamam indistinctamente burros. A conversa azedôu-se, e o cocheiro, praguejando e soltando asneiras, afirmava que a maioria da gente era da sua opinião, e que a maioria é que vence sempre e em tôda a parte.

— Não é assim, meu caro senhôr? — interrogou êle, voltando-se pàra o Novaes.

Êste, aborrecido da disparatada séca, respondeu de repente:

— Não precisâmos de ir mais longe; você tem razão. Eu e o passageiro, com quem vae falando, somos

dois; você emparelha com os burros; dois e um fazem três ilheus; logo... venceu; a maioria é sua.

O brutamontes do cocheiro riu alarvemente, sem percebêr a ferroada da bôa resposta.

Noutro dia, o poeta, findo o seu trabalho, encaminhava-se, apressadamente, rua do Ouvidôr acima, com a intenção de alcançar a *gôndola*, em que costumava retirar-se, e êle entrevia ao fim da rua, no largo de S. Francisco de Paula, estação dos ómnibus, assim denominados, ao que parece, por mera ironia.

Em sentido contrário, desciam dois velhotes, que discutiam política, em diálogo acalorado.

Um dêles, ao esbarrar com Novaes, que ia a fumar, alçou a mão esquêrda, onde segurava um charuto apagado, e, na frase local, pediu:

— Faz-me o favôr do seu fôgo?

Novaes, impacientado, com os olhos fitos no carro, que se bambeava a meio do largo, mandou interiôrmente ao diabo o político importuno, mäs ofereceu o seu charuto, com tôda a delicadêza.

O bom do homem pegou no charuto, tossiu gesticulando, escarrou com estridôr, levou o braço á altura da bôca pâra se servir do lume, mäs distraiu-se, e continuou a discutir azêdamente com o companheiro, acabando de exacerbar a paciência do poeta.

Êste, vendo que o ómnibus se mexia, e que podia perdê-lo, tirou o seu chapéu, e, inclinando-se cortêzmente, falou á pressa:

— Meu caro senhôr, eu moro na rua do Rio Comprido. Queira mandar-me o seu bilhete de visita, indicando-me o dia e hora, em que poderei aqui mandar um criado buscar o meu charuto.

E deitou a corrêr pâra o carro, deixando o importuno estupefacto, a quem castigara, inflingindo-lhe uma bôa lição de civilidade.

Quintela, um dia, censurou ao poeta, com a amigável liberdade, que reinava entre ambos, um acto qualquer, em que falhava o bom senso.

— Digo-lhe, e torno a dizêr que houve no caso muita falta de tino.

— Essa agora! — retrucou Novaes repentinamente — Essa não parece sua! Dêsde a pia baptismal que tenho abundância disso.

— Ah! sim?

— Está claro. Tudo me podia faltar, menos o tino, que abunda no meu próprio nome. Faus... *tino*. Enganou-se; bem vê.

Na ocasião de ofertar a Manuel de Mello ¹ um retrato seu, uma boa fotografia, tirada por Insley Pachêco, primeiro dos artistas do género, Novaes, escreveu no verso do cartão a seguinte dedicatória:

— Sua Alteza, o *Príncipe dos Poetas satíricos portugueses do seu tempo* — o *repentista inspirado* — o *poeta de coração* — desce hõje do régio sólio, aperta a mão ao seu *vassalo*, o *simples* filólogo distinctíssimo e seu amigo Manuel de Melo, e oferece-lhe o retrato do seu admiradõr — *F. X. de Novaes*.

Numa palestra entre amigos, de que faziam parte Machado de Assis, Pereira da Silva e José Coelho

¹ Filólogo português, natural de Aveiro. Trabalhou, como tantos homens illustres da colónia portugüesa, no comércio do Rio de Janeiro; e elevou-se pelo estudo a grande altura mental. A sua livraria, onde se contava tudo o que de linguística se conhecia de melhor, foi adquirida pelo *Gabinete Português de Leitura*, depois da sua morte, ocorrida em Milão, no ano de 1884. As lètras portugüesas fõram brindadas postumamente com a sua importante obra *Da glótica em Portugal*. Manuel de Melo é uma das *Figuras Literárias*, recente e valioso livro do Dr. Candido de Figueirêdo, êsse outro filólogo de raro e precioso engenho.

Lousada, conversava-se acaloradamente sôbre mulheres.

O primeiro, o Assis, tinha a opinião de que as mulheres de meia idade eram preferíveis ás raparigas, e aduzia razões do seu convencimento e preferênciã.

Lousada, concordando em parte, virou-se pãra Novaes, interrogando abstractamente :

— Porque será que, de facto, as mulheres de meia idade são as primeiras em agradar a certos homens ?

Resposta repentina do poeta :

— Porque pensam sempre que são as *últimas* !

Um indivíduo, empregado no comércio, desejava muito sêr apresentado a Faustino, de quem era admiradôr, pãra lhe mostrar uma composição sua em verso satírico ; e comunicava a sua aspiração a um sujeito das relações do poeta, em plena rua do Ouvidôr, pedindo-lhe o grande favôr da apresentação.

Casualmente, a tornejãr a esquina da rua Direita, e a certa distância, surgiu Novaes.

— Lá vem êle — exclamou o encarregado da obsequiosa missão — Bela ocasião temos de lhe falar, porque se encaminha pãra aqui.

O poetrasto rejubilou ; conseguia rapidamente o que tanto almejava.

Novaes convidou os dois a entrarem num corredôr, e recebeu o papel, que passou pela vista sorumbaticamente.

Os versos intitulavam-se *Dois asnos*. Finda a leitura rápida, dobrou o papel, entregando-o ao dono, que se empertigava anciôso, mãs não pronunciou uma palavra.

— Que me diz, meu caro sr. Novaes — interrogou êste, apressadamente, de olhos esbugalhados, nervôso.

— Digo-lhe que acertou. Sim, senhor ; acertou. O juizo está feito pelo autôr.

« *Dois asnos!* .. bem achado, porque um só era incapaz de escrevêr tanta asneira!
Imagine-se a cara do desgraçado!

VIII

Família Rodrigues

A baronêsa de Taquary, viuva do general brasileiro Manuel Jorge Rodrigues, falecida aos 80 anos, como já notámos, em 29 de outubro de 1866, tève os seguintes filhos:

José Calasares Rodrigues, herdeiro do título. Casou, e tève descendência.

Antonio Rosendo Rodrigues, que casou com D. Rafaela Carolina Bandeira, e tève dois filhos e uma filha, que se matrimoniou com o médico português Dr. Antonio Augusto Ferreira Soares, amigo de Novaes, cuja certidão de óbito assina, como assistente.

D. Josefa Rodrigues, casada com Miguel Cordeiro da Silva Torres e Alvim, a quem attribuímos a apresentação de Novaes a sua sogra, baronêsa de Taquary, e a quem o poeta ofereceu a *Manta de Retalhos*, por gratidão.

D. Maria Rodrigues, que casou com um individuo apelidado Forbes, e vivia em Portugal, para onde se retirou definitivamente, depois da morte de sua mãe.

D. Rita de Cássia Rodrigues, continuadôra assídua da bemfazêja missão, a favôr do poeta. iniciada por sua mãe, sobrevivendo a esta quatro anos e áquele apenas um, pois que faleceu em 1870, no estado de solteira.

Devidos á obsequiosidade da sr.^a D. Julia Fernandes, sua antiga protegida e amiga muito grata, folgamos com podêr apresentar os retratos das duas beneméritas senhòras, mãe e filha,¹ memória significativa, consagrada á posteridade até onde chegar o nome de Faustino de Novaes.

IX

Irmãos de Novaes

Dos irmãos de Faustino de Novaes restava ainda, ao terminar êste escrito, em meado do corrente ano, D. Adelaide, senhòra de 81 anos, que aparentava, ao que nos diziam, uma idade muito menos avançada. Residia em casa de sua sobrinha D. Sara Braga, filha de sua irmã Emilia, na rua de S. Christovão, 149, Rio de Janeiro. A' reminiscência desta dama devemos largos apontamentos.

Infelizmente, em carta de 10 de setembro, escrevia-nos o nosso obsequioso correspondente, sr. comendadôr Corrêa Quintella :

— Dou-lhe uma triste notícia. D. Adelaide Novaes, que tanto nos auxiliou, única que ainda existia da irmandade do poeta, morreu, há poucos dias. Foi pàra mim uma surpresa, porque, quando estive com ela, achei-a forte e bem disposta. »

Sentimos, porque, de facto, esta obra, na parte biográfica, fica devendo a essa senhòra largos e preciosos subsídios.

D. Emilia da parentela fraterna foi a única, que têve filhos, três — D. Sara, casada com o capitão brasileiro Bonifacio Gomes da Costa, de quem tem des-

¹ Êstes retratos figuram na edição da *Ignêz de Horta*.

condência — Arnaldo e Ariosto. Por seu marido têr vindo de Pernambuco pàra o consulado português do Rio, domiciliou-se aqui, e morreu em 20 de outubro de 1903.

D. Carolina, tendo ajustado casamento com o poeta brasileiro, Machado de Assis, ainda em vida de Faustino, realizou-o depois da morte dêste, em novembro de 1896, vivendo feliz até ao falecimento ocorrido em 1904.

Henrique, moradôr em Penafiel, como já se disse, morreu em 1881.

Miguel, o retentôr, durante 37 anos, da *Ignex d'Horta*, matrimoniou-se com D. Joana Felicio, viuva do seu protectôr Rodrigo Pereira Felicio, conde de S. Mamede.

Falecendo esta, passou a segundo enlace, e faleceu abastado pelas alianças matrimoniaes no arrabalde lisboêta do Lumiar, a 19 de novembro de 1904.

O seu testamento, redigido por êle, fêz certo ruido, pela fórma extravagante, ao sêr publicado, parecendo provar que a graciosidade era comum na família de Faustino de Novaes.

Miguel era alegre de maneiras, e deu disso grande amostra num dos momentos mais sérios e solenes da vida de tôda a gente, que preceitua pàra alem da morte, como é o da feitura de testamento; gracejou êle comsigo próprio.

Vejamos alguns trêchos do mencionado documento:

.....
 — Deixo ao meu amigo Queiroz de Lacerda um castão de bengala, esperando que faça uso dêle, pelo menos nos dias de gala.

« Deixo á minha amiga e comadre condêssa de S. Mamede um conto de réis pàra comprar umas lunetas.

.....
 « Desêjo sêr enterrado, depois de môrto, já se vê, ao lado do jazigo n.º 10, no cemitério do Lumiar.

«A' data da factura dêste testamento, estou em diligências de comprar á camara municipal um terreno junto ao referido jazigo, onde existem dois covaes, que devem ficar devolutos. Declaro que se morrer antes, do que duvido, mäs tambem não tenho a cartêza do contrário, espero que os meus três testamenteiros empreguem tōdos os meios pãra a realização do meu desejo.

«A campa deve têr a seguinte inscrição: — Aqui jaz Miguel de Novaes. Nasceu no Pôrto em 11-6-29...»
O resto é com os testamenteiros.

«Peço a minha mulher que me não mande pãra o cemitério sem terem passado 24 horas. Não confio muito no que dizem os médicos.

«Não que isto de enterrar a gente viva não é negócio de brincadeira.

«Não quero luxos; apenas um carro funerário, puxado por um ou dois burros de 4 pés cada um; nada de acompanhamentos, nem tochas, nem flôres, nem corôas; nada de decorações, como as que se fizeram pela chegada do rei Eduardo, ainda que a minha morte se dê pelo carnaval.

«Não quero habilitar-me a ganhar o prémio».

.....
(*Diario de Noticias*, 21-11-1904).

Êste era alegre, mäs não tinha envergadura poética. Bem ao contrário. Por isso viveu bons 74 anos, e morreu ajuizado!

X

Por último

Ao largar a penna, após a nossa demorada peregrinação por largos desvios, á cata de notícias certas e fidedignas, algumas das quaes estavam prestes a

desaparecêr, cumpre-nos dedicar gratíssimamente os nossos últimos pensamentos ás pessoas, que, directa ou indirectamente, nos fornecêram subsídios pãra levarmos a cabo o nosso propósito comemorativo, nomeadamente as sr.^{as} D. Adelaide de Novaes, recentemente falecida, D. Julia Fernandes e srs. comendadôr Arthur Napoleão dos Santos, o venerando pianista amigo de Novaes, e Joaquim Jorge de Oliveira. digno directôr geral da secretaria da Misericordia, do Rio de Janeiro; ao senhôr administradôr do cemitério de S. João Baptista, da mêsmã cidade; e especialmente ao sr. comendadôr Francisco José Corrêa Quintella, actual presidente do Retiro Literário Português, acrisolado patriota e cavalheiro pundonoroso, que, correspondendo bizarramente ao nosso apêlo, nos forneceu, através do Atlântico, apontamentos preciosos, autógrafos, retratos e materiaes, denunciadôres de prolongado trabalho e acurada diligência.

Entre as pouquíssimas portas, que se nos fecharam, figura no primeiro plano a da Legação Portuguesa, do Rio de Janeiro.

Em 3 de julho do ano passado, dirigimo-nos, com tôdos os requisitos de cortezia e deferência, ao respectivo ministro, formulando um pedido de informações, que, pela especialidade e altura da repartição, a que eram solicitadas, não demandavam pesados esforços, e requeriam apenas um bocadinho de patriotismo.

Não obtendo resposta escusatória ou de simples cumprimento de delicadêza rudimentar, encaminhámos ainda a nossa petição pãra o secretário da Legação, reiterada nos mêsmos têrmos.

Coube-nos a mêsmã sorte. Não obtivemos uma palavra. Nada.

A Legação Portuguesa, ao que se pode avaliar, soltou estridente cachinada de riso, ante a lembrança esporádica de um indivíduo, que se ocupava de um

poeta portuguez, cujo nome, apesar de afamado, não conhecia: e que lhe vinha falar de literatura em vêz de lêtas gôrdas ou de cambio. embora êsse indivíduo, a quem se perdoará a desafronta, modéstia áparte, dê-se de fidalgo da casa real portugueza, até ás comendas e pergaminhos, que possue, não fôsse socialmente inferior, antes pelo contrário, ás personagens, a quem se dirigiu.

Da indelicadêza, com que fômos depreciativamente tratado pela Legação Portugueza, consola-nos a ideia axiomática de que, quando os corpos, nome e prosápia dos dois figuraços, cuja graça já nos esqueceu, estiverem reduzidos a pó, terra, cinza e nada, ainda viverão fulgurantes, prevalecendo futuro dentro, o nome e lêtas de Faustino Xavier de Novaes.

FIM

APÊNDICE

A PROPÓSITO DE NOVAES

Que nos não alcunhem de vanglorioso por êste apêndice, que encerra algumas impressões e juizos de imprensa e homens doutos ácêrca da *Ignêz de Horta*, obra inédita de Faustino Xavier de Novaes, publicada por nosso impulso, e acompanhada do último estudo, que fêcha êste livro de *Memórias Literárias*.

Com as opiniões alheias, desejámos nós corroborar as nossas, e especialmente completar o escrito referente a Novaes, com as apreciações, que lhe fôsem consagradas.

Era legítimo o nosso desêjo.

Como se tornava impossivel destacar os dizêres de benevolente louvôr, destinados á nossa pessoa, dos que eram tributados ao poeta, tão ligados estão êles entre si, não hesitámos na realização do nosso intuito, fiando de que os que bem nos conhecem podem atestar o nosso desprendimento de vaidades e ambições, que não sejam as precisas pàra um nome limpo.

Havendo, alem de tudo, testemunhos epistolares,

que, a respeito do autôr da *Ignêx de Horta*, particularmente, sobrelevam juizos públicos, só aqui os podíamos tornar conhecidos; o que não nos era dado praticar sem a exposição dos encómios, que de mistura se nos dirigiam.

Timoneiro do barco, em que, há tanto tempo, pretendíamos salvar os elementos principaes pâra o registo aperfeiçoado, se não completo, da história pessoal e literária de Novaes, não devíamos desperdiçar nenhum material, a que pertencem indubitavelmente os seguintes :

ESCERTOS

«... Snr. Visconde.

Estou, há bastantes dias, de posse do seu excelente trabalho a comédia póstuma de Faustino Xavier de Novaes *Ignêz d' Horta* salva e restituída á nossa literatura por V.; e acima de tudo o seu substanciôso e decisivo estudo biográfico do desgraçado poeta satirico.

« Confesso que lí êsse quadro, admirando a devoção, com que V. foi coligindo informações biográficas das pessoas, que trataram de perto com o poeta. Como é simpática a emoção, com que enfeixou êsses dispersos materiaes !

« Êste trabalho está devidamente coroado, sabendo-se que êle vem completar o quadro, em que figuram poetas como Soares de Passos e escriptôres como Camilo Castelo Branco.

« Felecitando-o pelo seu precioso estudo, sou etc.

THEOPHILO BRAGA.

4 abril, 1907.

— Meu caro Snr. Visconde.

.....
 Não se podia fazer mais nem melhor do que V. fez pâra levantar e tornar perduravel a memória de um poeta insigne, tão cheio de talento como de amarguras, qual foi Faustino Xavier de Novaes, a quem eu prestei sempre culto superiôr ao de Tolentino, pois, apesar da graça por-

tuguêsa dos versos satíricos dêste, não gostei nunca da sua apresentação na sociedade, curvando-se em demasia, como figura ridícula de somenos importância e de exíguo valor, figura triste, que só cabe na comédia social aos que se humilham e se arrastam, como parasitas repugnantes.

Um homem de talento, que se aprecia, e não pôde deixar de reconhecêr o que vale e o que merece, apesar das adversidades, que o assaltem e persigam, não deve conservar a espinha dorsal assim para se dobrar com tamanha baixêza, sobretudo sabendo-se que era para obter com humildade as boas graças de grandes e dinheirosos.

O talento é para levantar e glorificar um homem e já-mais para o deprimir.

O livro de V., é um primôr. Revela um cultôr esmerado das lêtras portuguezas, paciente nas suas investigações, consciencioso no coligir de apontamentos para erguer um monumento digno da justa fama de Faustino Xavier de Novaes e do illustre nome de V., a quem considero e respeito como benemérito, não só por êste belo trabalho de acendrada admiração ao insigne e desditoso poeta portuense, mas também por outros, que conhêço e aprecio por serem outros tantos documentos do esmero de V., em seus labôres literários.

BRITO ARANHA.

Belem, 4 de abril de 1907.

Confesso que nada soube nunca da vida dêste notavel Faustino Xavier de Novaes, e fêz-me pena o quadro das suas desditas em homem, que tanto merecia, e que tão pouco alcançou.

Com descanço, com boa fortuna, com perseverança, com animações inteligentes, havia de subir muito mais alto do que o seu nêgro fado permitiu que êle subisse.

VISCONDE DE CASTILHO (Julio)

26 março
1907.

É com efeito uma comédia a trashedar de chiste e recheada de estribilhos minhotos, que lhe dão interesse e relevo.

É de supôr que Xavier de Novaes a tivesse escrito para sêr representada no Pôrto, onde obteria nímio applauso, por têr sabôr local.

V. praticou um acto digno dos maiores encómios, salvando-a do limbo eterno, com generosidade e nobre cavalheirismo.

VISCONDE DE SANCHES DE BAENA.

Março 1907.

Provavelmente, mais de uma bôa alma, que nos lê, mal conhece de nome, se tanto, o grande poeta satirico e jocôso, que se chamou Faustino Xavier de Novaes. E contudo foi o nosso segundo Tolentino, logrou a estima e a admiração de Camilo, e, quando deixou Portugal pelo Brasil, onde faleceu há trinta e tantos anos, foi entusiasticamente recebido e saudado pelo escol das lêtras brasileiras. Casimiro de Abreu, o malgrado poeta das *Primaveras*, saudou a chegada de Novaes numa calorosa poesia, que, se a memória nos não atraçôa, começava assim :

« Bem-vindo sejas, poeta,
a estas praias brasileiras!
Na pátria das bananeiras,
as glórias não são demais...
Bem-vindo, ó filho do Douro.
A terra das harmonias,
que tem Magalhães e Dias,
bem pôde saudar Novaes!

.
Entre tôdos os paquêtes,
que o velho mundo nos manda,
eu sustento sem demanda
Támar foi o mais feliz,
Os outros trazem cebôlas,
vinho em pipas, trapalhadas;
êste trouxe gargalhadas,
sem sêr fazenda em barris. »

Anos depois, o poeta morria no Brasil, victimado por uma mielite, e Portugal esqueceu-se quase do inditôso poeta satirico.

Contra êsse esquecimento protesta hõje o facto de se publicar em Lisbôa uma obra inédita de Novaes, e de se fazer agora, conjuntamente, o mais completo estudo bio-

gráfico e crítico, que se podia fazer do autôr da *Inês de Horta*.

A peça é moldada, salvo a índole, na célebre tragédia *Inês de Castro*, de João Baptista Gomes.

A *Inês de Castro* começava assim:

« Sombra implacável, pavoroso espectro,
Não me persigas mais! Elvira, eu môrro! »

E a *Inês de Horta* começa:

Vai-te, oh! vai-te... demónio! Eu te arrenego!
Não me atarantes mais, Quitéria! Eu môrro! »

E assim por deante, num crescendo de graça e de sátira, que faria rir um môrto.

Não sabemos se a peça é representavel. Temos porém a convicção de que é obra portugüesa a valer, e nôvo documento dos raros méritos literários do autôr.

No prefácio, conta-nos o visconde de Sanches de Frias os esforços que empregou para obtêr o original da peça, contando-nos a êste respeito alguns curiosos episódios. Mäs o seu trabalho principal, neste volume, é o largo estudo, literário e biográfico, que êle consagra á personalidade de Novaes. Para isto, teve a boa ventura de adquirir numerosas notícias, até agora desconhecidas, conseguindo ao mêsmo tempo trazêr a lume várias composições meúdas, que o poeta deixára inéditas, e outras que não chegaram a sair em volume.

Com esta publicação, a bibliografia nacional é brindada com o meritório resultado de pacientes investigações e pertinazes esforços. A figura brilhante de Faustino Xavier de Novaes fica, assim, nitidamente delineada na galeria literária do século XIX. O visconde de Sanches de Frias realizou, por esta forma, a reconstituição de um grande vulto literário, como já fizera, apresentando em tôda a luz a comovente história de Brás Garcia de Mascarenhas, o autôr do *Viriato Trágico*.

São tão raros os devotados propugnadores da glória alheia, embora glória nacional, que o desinteressado e substanciôso trabalho do visconde de Sanches de Frias naturalmente se impõe ao aprêço e aplauso de quem não desadora a justiça nem os mais nobres interesses da pátria.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Diario de Noticias.

IGNEZ D'HORTA. — O sr. visconde de Sanches de Frias é um erudito e benemérito escritor, que sabe dar ao seu tempo e á sua fortuna a mais inteligente e profícua applicação. A comédia semi-trágica em 5 actos, intitulada *Ignez d'Horta*, obra inédita, em verso do finado poeta Faustino Xavier de Novaes, agora trazida a lume pelo sr. visconde de Sanches de Frias vem demonstrar, mais uma vez, a verdade e a justiça do nosso assérto. A bibliografia portugueza enriqueceu-se com esta preciosa publicação, na qual talvez o mérito da comédia inédita seja excedido pelo valiosissimo estudo biográfico-literário, que a acompanha, onde figuram peças não publicadas e noticias não sabidas.

Ninguem ignora que Faustino Xavier de Novaes é um dos mais brilhantes poetas satíricos de que póde ufanar-se a literatura portugueza. Há quem o repunte superior a Nicolau Tolentino de Almeida. Sem que façamos confrontos, cumpre dizêr que o jocôso autôr de *Ignez d'Horta* — paródia á *Ignez de Castro* de João Baptista Gomes — mereceu de Castilho as mais calorosas e encomiásticas referências, considerando-o o eminente poeta com talento superior ao de Tolentino. Não há dúvida de que Faustino Xavier de Novaes nos legou admiraveis poesias humorísticas, portuguesissimas tôdas elas, d'uma graça esfusante e sadia e d'uma fórma de impecavel contextura. Muitas d'elas são geralmente conhecidas, e outras aparecem agora impressas pela primeira vez, e com elas põe-nos o sr. Sanches de Frias ao corrente da vida tormentosa do desgraçado poeta, a quem a fortuna foi adversa na pátria e longe d'ela. A biografia de Faustino Xavier de Novaes, apensa á *Ignez d'Horta* é rica em interessantíssimos pormenores e traçada com um affectuoso sentimento só comparavel ao inexcedivel escrúpulo, que presidiu á sua elaboração.

5 abril, 1907.

Século.

IGNEZ D'HORTA.

Pelo seu carácter intrinsecamente sadio e pelo humorismo honesto e alacre, que lhe espiritualiza as páginas, pela incomparavel *alegria de rivêr*, que dêle triunfantemente se exala, êste livro arreda-se em bem saliente destaque, da vulgaridade literária, que correntemente nos desconcerta a intelligência, e acabrunha, e dissolve a vontade,

amalgamando-a nas depressões esterilizantes do sentimentalismo piegas.

.....

Ignéz d'Horta, comédia semi-trágica, como a qualifica o seu autôr, é uma paródia galhofeira e inocente á *Nova Castro*, de João Baptista Gomes. Nos cinco actos, em que a ação decorre, nunca afroixa a espontaneidade, a fantasia, a graça ingénua e alada, com que, logo nas primeiras páginas, o autôr nos delicia, descrevendo e caracterizando as personagens da peça. Lê-se o livro com interessado encanto, desanuvia-se o espirito com as aberturas de riso, que êle nos provoca, sente-se intimamente um prazer honesto e salutar embalar-nos numa doce carícia de bondade e de luz, num desafogado repouso das lutas acidulantes da vida e dos hotes mortificadores dos egóismos perversos.

Esse inédito, que um literato illustre acaba de arrancar ás ingratidões do esquecimento, tem um raro valôr, que os estudos atentos de bibliófilos e filólogos posteriormente lhe hão-de, sem dúvida, adjudicar. Da rica variedade de vocabulário e da intensa cópia de frases típicas e provérbios, anexins e estribilhos populares recebe a obra uma particular e autêntica ingenuidade, que deriva na corrente constante de graça, que a vigoriza: são êsses elementos valiosos e fecundos para oportunos investigadores da especialidade.

O livro agora publicado tem ainda um apêndice, que lhe realça condignamente o valôr: são as apreciáveis notas bio-bibliográficas de que o snr. Visconde de Sanches de Frias precedeu e seguiu a comédia de Novaes. Em estilo florido e possante, elas são um documentado manifesto da valia de quem as escreveu.

Nova Silva
Pôrto

IGNEZ DE HORTA — É este o título de uma comédia semi-trágica de Faustino Xavier de Novaes, que o sr. visconde de Sanches de Frias, literato illustre, acaba de publicar, póstuma, visto que há 37 anos que o seu autôr desapareceu do número dos vivos.

Faustino Xavier de Novaes foi o primeiro poeta satírico do seu tempo. Contemporaneo do grande Camilo, este dispensara-lhe tôda a sua amizade e bastantes vêzes se lhe refere com louvôr. Infeliz sempre, o poeta, tendo ido ao Brasil tentar fortuna, lá morreu, e lá está sepultado. O livro

agora salvo do esquecimento pelo sr. visconde de Sanches de Frias, é uma obra prima de graça, da antiga facécia lusitana, e que há-de encontrar, estamos certos disso, bastantes admiradôres.

Faustino Xavier de Novaes, apesar de pouco conhecido pelas gerações, que chegam, é um clássico que merecia sêr lido e consultado, visto que o é sempre com proveito. O seu tempo fêz-lhe justiça, visto que com justa razão exgotara as sucessivas reimpressões dos seus versos. Rival de Tolentino, êle é um belo satirico, um censór dos vícios e costumes do seu tempo, sem acrimónia, antes doirada a sátira por um riso galhofeiro, que encobria o cantério.

E' emfim, a tôdos os respeitos, uma bela obra do sr. visconde de Sanches de Frias, obra que muito lhe hão-de louvar os entendidos, e que de tão grande proveito foi para as lêtras pátrias.

A edição, que é esmerada, pertence á casa editôra da viuva Tavares Cardoso, que não se poupou a esforços para ajudar na sua obra meritoria o sr. visconde de Sanches de Frias. O volume é acompanhado de notas, um prefácio e comentários para a história literária do poeta, tambem devidas á penna do illustre titular e que demonstram bastante erudição.

Novidades.

.....

E' certo que Faustino Xavier de Novaes foi um poeta notavel: e o seu paralelo com Tolentino acode naturalmente a quem tem alguns dos seus versos, tão faceis, de uma ironia tão viva e tão original.

.....

Alem do valôr da obra de Novaes, êste livro insere especialidades raras, algumas pouco conhecidas, outras absolutamente inéditas sobre a amargurada vida do poeta, colecionadas pelo sr. visconde de Sanches de Frias, com cuidado e trabalho, que só poderão devidamente aquilatar os que alguma vez tentaram emprêsas análogas.

O sr. Visconde fêz um verdadeiro serviço á literatura portugûesa, esclarecendo uma página obscura e esquecida da nossa história literária.

.....

Resistencia
Coimbra.

Um livro inédito de Faustino Xavier de Novaes, grande poeta satírico portuense — que conviveu com Camilo Castelo Branco, que o admirava, e com os mais célebres escritores e artistas do seu tempo — trinta e sete anos depois da sua morte no Brasil, é uma surpresa inesperada e quase inacreditável. Até agora, nem sequer se suspeitava que Xavier de Novaes — de quem apenas se conheciam as poesias iluminadas d'uma graça tão portuguesa, tão espontânea e tão florida — deixasse inéditos. Esta descoberta deve-se, por um feliz acaso, ao paciente investigador e erudito snr. visconde de Sanches de Frias, a quem o manuscrito foi entregue pelo irmão do poeta, Miguel de Novaes, há pouco mais dum ano falecido na capital: e tão encantado ficou o ilustre escritor com a leitura desse manuscrito, legado por um homem insigne e desgraçado que Castilho comparou, pela fluência maravilhosa da *verve* e pela potencia da sátira, a Tolentino, que resolveu publicá-lo com um prólogo seu e varias notas elucidativas.

Aqui o temos, impresso, numa bela edição da livraria da Viuva Tavarès Cardôso, de Lisboa, e com um retrato de Faustino Xavier de Novaes, já no crepúsculo da existência. E' uma paródia, em versos soltos, á «Nova Castro», de João Baptista Gomes. Nestas páginas, em que um riso imenso se espalha e uma adorável adolescência de espirito desabrocha em rosas, revive a fantasia singular, a imaginação prodigiosa, a ironia faiscante do poeta portuense na sua juventude, — desse poeta gentil domador das rimas, com um estro prompto, uma feição jocosa, e zombeteira inimitável, e uma inspiração, que nunca se exauria. A arte de Faustino Xavier de Novaes encanta precisamente pela sua naturalidade, pela sua pureza e por um fundo de bondade, que a toca de claridade e de beleza.

Este livro, agora trazido á luz e que admiravelmente concorre para a grandèza dum notavel homem de lètras tão imperfeitamente conhecido, encerra, de certo, as melhores páginas de quantas produziu esse espirito fecundo eternisado em algumas composições de primeira ordem. Nunca a sua graça, a sua jovialidade e a sua inspiração esplendêram com mais brilho.

A obra recomenda-se ainda por um longo estudo que o snr. visconde de Sanches de Frias faz de Faustino Xavier de Novaes, num primoroso resumo crítico e analítico das obras e da vida do poeta. A personalidade esthética e social do autôr da «Ignez d'Horta» é magistralmente traçada em trêchos magníficos e preciosamente documentados. Como trabalho biográfico e de crítica, esse estudo é mo-

delar, e põe mais uma vez em destaque o nome consagrado do snr. visconde de Sanches de Frias, a quem as nossas lêtras devem serviços valiosos e inolvidáveis. Não cabe numa simples notícia de jornal uma análise completa a êsse estudo, que é sobêrbo e que vem rehabilitar uma excelsa memória de poeta: mas a sua leitura ofereceu-nos horas consoladoras de repouso, e deu-nos a visão nitida do grande talento do biografado.

Diario da Tarde
Pôrto

O abreviado espaço entre o aparecimento da *Ignex de Horta* e a impressão das *Memórias Literárias* não permite maior número de apreciações, que muitas se esperam de perto e longe.

ERRATAS

PAG. LIN.

- 34 22 — reputações farfalhudas — leia-se — reputações
farfalhudas.
- 40 12 — o que não privou — leia-se — o que o não privou.
- 144 20 — paternalmente — leia-se fraternalmente.
- 166 2 — anôjo — leia-se — arrôjo.
- 298 17 — hisótria — leia-se — história.
- 309 3 — astro indomavel — leia-se — astro indomavel.
-

INDICE

	PAG.
As nossas <i>Memórias</i>	7
Candido de Figueiredo	9
João Pereira da Costa Lima	35
Matos Moreira	94
Sebastião Pereira da Cunha	102
José Maria Corrêa de Frias	140
D. Thomaz de Mello	149
Pedro Ivo	182
O. médico Ayres.	189
José Simões Dias	198
I — Os escritôres e a glória	198
II — Castilho e a bôa linguagem	202
III — Traços biográficos	206
IV — Curso teológico. Prêgação e casamento.	212
V — Em Elvas. Trabalhos literários	218
VI — Em Lisbôa e Viseu	222
VII — Ainda a época de Viseu	226
VIII — Simões Dias e nós	229
IX — Em Lisbôa	233
X — As <i>Peninsulares</i>	235
XI — Solitário e triste	251
XII — Revisão das <i>Peninsulares</i>	255
XIII — Doença e morte	258
Faustino Xavier de Novaes	266

VIDA E OBRAS

I — Primeiros tempos. Edições poéticas	266
II — Feição típica. Emigração	275
III — No Rio de Janeiro. Desventura doméstica. Desastre comercial	280
IV — Desolação. Um affecto maternal. Tentativas literárias	287
V — Um livro em prosa. Elevada classificação do poeta	292
VI — Carta a Camilo. Desânimo. Último livro.	299

SECÇÃO BIBLIOGRÁFICA E CRÍTICA

	PAG.
VII — Colaboração jornalística	303
A Vêspa do Parnaso	303
Poesias	305
Novas poesias	307
Scenas da Foz	311
Manta de Retalhos	311
Cartas de um Roceiro	317
Poesias Póstumas	320
Um neto de Faublas	325
Ignêz d'Horta	327

ÚLTIMA ÉPOCA. NECROLOGIA. HONRAS PÓSTUMAS

VIII — Enfermidade e morte	335
Sessão fúnebre	342
A Semana Ilustrada	343
Uma ode de M. de Assiz	346
Palavras de Carlos Montoro	347

NOTAS SUPLEMENTARES

I — Bibliografia	354
II — Dois inéditos em verso	355
III — Um inédito em prosa	358
IV — Faculdade creadôra	360
V — Poesias não coligidas. A Arthur Napoleão. Fragmento. A minha mãe	362
VI — Mais inéditos	371
VII — Parte anedótica	374
VIII — Família Rodrigues.	378
IX — Irmãos de Novaes	379
X — Por último	381

APÊNDICE

Opiniões públicas e particulares	387
--	-----

Obras do mesmo autôr

- Jovita*, poemeto, com uma carta do doutôr Velho da Silva e o retrato da heroína — Rio de Janeiro — 1867 — *Exgotado*.
- A Mulher*, sua infância, educação e influência social — obra crítico-doutrinária — Pará — 1878.
- Jorge de Aguiar*, drama, fundado sôbre o *Remorso Vivo* — Pôrto — 1878.
- O sêlo da roda*, drama, extraído do notavel romance de Pedro Ivo — Pôrto — 1878.
- Horas Perdidas*, coleção de poesias, 2.^a edição ilustrada — Lisbôa — 1897.
- Uma viagem ao Amazonas*, noções verdadeiras da fauna, flora, costumes e lendas gentílicas do grande rio, sôb ligeira forma romântica, obra luxuosa e ilustrada, com gravuras de página, por Bordallo Pinheiro, Casanova, H. Pedrôso e Manuel de Macedo — Lisbôa — 1883.
- Maria de Frias*, memórias biográficas e páginas íntimas, edição comemorativa e particular — Lisbôa — 1884.
- Notas a lapis*, passeios e digressões peninsulares, revista crítica e amena de viagens e visitas a lugares, cidades, paisagens e monumentos de Portugal e Espanha — Lisbôa — 1886.
- Quadros á penna*, contos e narrativas, precedidas da biografia do poeta e filólogo dr. Candido de Figueiredo — Pôrto — 1891.
- O Senhor de Fôios*, romance característico — Lisbôa — 1894.
- Pombeiro da Beira*, memória histórica, descritiva, crítica e ilustrada — 2.^a edição volumosa — Lisbôa — 1899.
- O Poeta Garcia*, Brás Garcia Mascarenhas, autôr do *Viriato Trágico*, drama histórico em 5 actos, precedido de largo estudo genealógico, biográfico e bibliográfico — Lisbôa — 1901.
- Memórias literárias*, apreciações e críticas de autôres e livros — o presente volume.

A entrar no prélo

Ersília ou Os amôres de um poeta, romance.

Em elaboração

Horas crepusculares, poesias.

Quadros e lêtras, histórias e romancêtes.

PQ
9051
S3

Sanches de Frias, David
Correia
Memórias literárias

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 14 013 1